



JOSH MCDOWELL

Autor do best-seller *Evidências que Exigem um Veredicto*

EVIDÊNCIAS DA RESSURREIÇÃO

O que isso Tem a Ver com o seu Relacionamento com Deus

SEAN MCDOWELL

EVIDÊNCIAS DA RESSURREIÇÃO

O que isso Tem a Ver com o seu Relacionamento com Deus

JOSH McDOWELL

EVIDÊNCIAS
DA
RESSURREIÇÃO

O que isso Tem a Ver com o seu Relacionamento com Deus

SEAN McDOWELL

Traduzido por Degmar Ribas

1ª Edição



Rio de Janeiro
2011

Todos os direitos reservados. Copyright © 2011 para a língua portuguesa da Casa Publicadora das Assembleias de Deus. Aprovado pelo Conselho de Doutrina.

Título do original em inglês: *Evidence for the Resurrection Regal, Ventura, Califórnia, EUA*

Primeira edição em inglês: 2009

Tradução: *Degmar Ribas*

Preparação dos originais: *Verônica Araujo*

Revisão: *Daniele Pereira*

Adaptação de capa, projeto gráfico e editoração: *Oséas F. Maciel*

CDD: 239 – *Apologética cristã*

ISBN: 978-85-263-0762-2

eISBN: 978-85-263-1233-3

As citações bíblicas foram extraídas da versão Almeida Revista e Corrigida, edição de 1995, da Sociedade Bíblica do Brasil, salvo indicação em contrário.

Para maiores informações sobre livros, revistas, periódicos e os últimos lançamentos da CPAD, visite nosso site: <http://www.cpad.com.br>.

SAC — Serviço de Atendimento ao Cliente: 0800-021-7373

Casa Publicadora das Assembleias de Deus

Caixa Postal 331

20001-970, Rio de Janeiro, RJ, Brasil

1ª edição: 2011

*Ao meu filho, Scottie.
Eu te amo e tenho muito orgulho de você!*

Sean McDowell

SUMÁRIO

Introdução: A Ressurreição de Cristo — A Única Esperança do Mundo

PARTE I

A Necessidade Humana da Ressurreição

1. Como as Coisas Ficaram tão Confusas?
2. Estamos Condenados?
3. O Incrível Amor de Deus
4. A Solução para o nosso Dilema

PARTE II

O Significado Pessoal da Ressurreição

5. A Libertação do Temor da Morte
6. As nossas Esperanças e os nossos Desejos Serão Satisfeitos
7. A Restauração de todas as Coisas
8. A nossa Nova Vida Começa agora

PARTE III

Evidências Sólidas em Favor da Ressurreição

9. É Verdade? É Digno de Crédito?
10. A Confirmação da História
11. As Narrativas dos Milagres Minam a Credibilidade?
12. Evidências a Favor da Confiabilidade de Documentos
13. As Discrepâncias Minam a Confiabilidade Histórica?
14. Fatos Cruciais sobre a Crucificação de Cristo
15. Fatos Cruciais sobre o Sepultamento de Cristo

16. Fatos da Ressurreição que Devem Ser Considerados
17. Esforços para Refutar a Ressurreição
18. Refutando as Teorias do Sepulcro Vazio
19. A Evidência Circunstancial

Conclusão: E agora, o que Fazer?

Notas

Sobre os Autores

Introdução

A RESSURREIÇÃO DE CRISTO — A ÚNICA ESPERANÇA DO MUNDO

Imagine que um extraterrestre inteligente venha de algum lugar do espaço para visitar o nosso planeta e passe alguns anos percorrendo o globo terrestre. O propósito da sua visita é aprender sobre nós, investigar a nossa história e fazer observações sobre as condições da vida na Terra. Mas imagine, também, que os guias humanos desse extraterrestre deliberadamente o impeçam de ter contato com cristãos e lhes ocultem todas as informações sobre o cristianismo e todos os dados sobre a história cristã. O que esse extraterrestre observaria e o que concluiria de suas observações?

Ele percorreria a América e a Europa Ocidental e veria culturas em declínio e sociedades fragmentadas, em que as pessoas buscam os seus próprios interesses egoístas. Testemunharia as pessoas se saturando de prazer e diversão, enquanto ignoram as necessidades humanas e a pobreza crescente ao seu redor, deixando de ter bons relacionamentos e afundando cada vez mais na imoralidade. Veria grandes mansões, em condomínios fechados, cujos habitantes ignoram as favelas gigantescas dominadas pelo desamparo, pela pobreza e pela imundície. Veria uma taxa de criminalidade crescente e o aumento da desonestidade em todas as camadas da sociedade. Veria o consumo desenfreado de drogas e incontáveis homicídios em todas as cidades.

Viajando à África, o extraterrestre passaria por nações onde grandes quantidades de pessoas famintas, incluindo crianças, morrem todos os dias, enquanto os líderes das nações enriquecem com corrupção e avareza. Encontraria nações inteiras em que os jovens estão sendo destruídos por doenças epidêmicas, particularmente a AIDS. No Oriente Médio, veria a repressão assassina às religiões, a opressão e tortura às mulheres, e lutas entre líderes tribais em culturas saturadas com uma riqueza incrível obtida com o

petróleo. No Extremo Oriente, encontraria mais governos tirânicos, repressão e genocídio em massa. Na Índia, encontraria uma pobreza abjeta e um desamparo imposto por um cruel sistema de castas, impedindo o movimento de ascensão social.

Ao estudar a história passada do nosso planeta, o nosso visitante extraterrestre rapidamente detectaria um ciclo repetitivo na história do mundo: o nascimento de nações; crescimento com esperança idealista; desenvolvimento de grandes leis, artes e bem-estar de seus cidadãos; e então a deterioração, com a riqueza levando à fragmentação egoísta, corrupção e declínio, até que a sociedade finalmente sucumbe em ruína. O extraterrestre veria esse padrão repetido várias vezes em todas as grandes civilizações do passado e do presente — Egito, Suméria, Assíria, Babilônia, Pérsia, Grécia, Roma, os bizantinos, Inglaterra e América. Veria guerras contínuas, grandes e pequenas, que custaram a vida de um número incontável de pessoas e a destruição de sociedades nas gerações futuras. Veria epidemias que repetidas vezes se espalharam pelos continentes, varrendo imensas porcentagens da população. Veria o ódio e o genocídio em massa repetidos em tiranos como Stalin, Hitler e líderes tribais africanos.

Sem dúvida, o nosso visitante extraterrestre não veria nenhuma esperança para este planeta. Ele perceberia uma falha corruptora no coração humano, que faz com que esses padrões funestos se repitam várias e várias vezes, até que os humanos se destruam ou o sol esfrie. Ele embarcaria em sua nave e retornaria ao seu próprio planeta, sacudindo a cabeça negativamente diante do fatal desamparo e desesperança do nosso mundo.

Na realidade, nós não precisamos convidar um extraterrestre para demonstrar a desesperança do nosso planeta sem o cristianismo. Nós fizemos isso somente por causa do efeito dramático. Poderíamos igualmente observar o mundo através dos olhos dos muitos incrédulos que também consideram a dor, a destruição e as tragédias da vida na Terra como um ciclo sem saída de uma existência sem significado. Por exemplo, considere este comentário que uma jovem incrédula postou em uma página ateia da internet:

Estou confusa... Sempre acreditei que a ciência seria a cura para todos os meus problemas, mas não sei se posso continuar vivendo sem a vida eterna. Acho que terei que encontrar uma maneira de passar por essa existência sem significado. Apenas gostaria de conhecer alguém que pudesse me mostrar o caminho para a vida eterna. Se a ciência não pode

me dar as respostas, então quem pode, ou o que pode!? *suspiro* Não parece que existe um poder maior que dá propósito às nossas vidas? Bem, a ciência diz que não existe... então não existe.¹

Você vê, então, todo o problema em uma casca de noz. Se a vida, como a entendemos, neste planeta assolado pela desgraça, é tudo o que existe, então a existência é, realmente, sem importância e sem sentido, e é preciso, como essa jovem diz, “encontrar uma maneira”, ou um caminho. Ela percebe que há algo que faria com que tudo tivesse sentido: a vida eterna. Ela esperava que a ciência encontrasse uma maneira para que os seres humanos vivessem para sempre, mas acabou percebendo que a ciência não pode fazê-lo. Ela desejava que houvesse algum tipo de poder superior que lhe assegurasse a vida eterna, pois somente uma vida bem-aventurada sem fim faria com que fizesse sentido esta atual existência perturbada.

Muitos encontraram consolo neste mundo perturbado, sonhando com sociedades atuais onde reinam a paz e a boa vontade, onde a vida está cheia de significado, sentido e propósito, onde não existam a dor e a morte, e o futuro se estende para sempre. Todos nós conhecemos os seus nomes — Atlantis, Arcádia, Utopia, Eldorado e até mesmo Camelot, onde, por um breve e reluzente momento, tudo é exatamente como deveria ser. Mas na mente dos desesperançados muitos desses sonhos são apenas desejos. Não existe essa sociedade perfeita. Até mesmo a história de Camelot, que pode ter sido verdadeira, mostra a futilidade de tais sonhos.

Na história de Camelot, o rei Artur e seu conselheiro, Merlin, iniciam um novo reino, onde uma pessoa honraria a outra, ajudando os pobres, resgatando os presos, levantando os abatidos, administrando justiça e misericórdia, e existindo em paz e harmonia. Mas pouco depois que o reino está estabelecido, aparecem as falhas fatais: a luxúria, a única fraqueza no nobre Lancelot; a maldade e a inveja, o câncer no coração do pária Mordred. Assim, cai Camelot, roída de dentro para fora, por essas falhas fatais, dando-nos um retrato de cada civilização que já existiu, ou que irá existir, nesta Terra.

A Última Grande Esperança da Humanidade

Em certo ponto da história, houve um grupo de crentes que confiavam em alguém que, segundo acreditavam com fervor, transformaria verdadeiramente o mundo, para sempre. Alguns judeus devotos pensavam que um homem chamado Jesus era o Messias — o libertador que romperia a sua escravidão opressiva sob os romanos e estabeleceria um reino permanente e verdadeiramente piedoso na terra. O seu profeta Isaías havia profetizado, nos antigos textos judeus, que o Messias viria e restauraria todas as coisas a um paraíso, onde não haveria mais lutas, opressão, temor ou morte (veja Is 11; 35). Toda a terra seria, outra vez, um jardim imaculado, onde todos viveriam juntos, em paz para sempre.

Imagine a terrível condição mental e emocional desse pequeno grupo de discípulos ao ver o Messias, o seu Libertador, dando o último e agoniado suspiro, pendurado para morrer como um criminoso comum, sobre uma cruz romana. Aqui estava o operador de milagres que havia demonstrado que podia comandar a natureza, curar doenças, ressuscitar os mortos e produzir comida, com uma palavra ou um gesto. Eles tinham desistido de tudo para segui-lo. Aqui estava o Rei que eles acreditavam que restabeleceria o reino de Israel. Mas agora, ali estava Ele, pregado a uma cruz. Morrendo. E morrendo com Ele estavam todas as esperanças que eles haviam depositado nEle. Eles devem ter se sentido como a pobre jovem que mencionamos acima. A vida parecia sem sentido. Tudo era desânimo. Não parecia haver saída para a sua existência absurda, nenhum caminho para uma vida eterna e ideal.

Todavia, quem estava pendurado naquela cruz naquele dia, era muito mais do que o destino dos discípulos, ou até mesmo o destino de Israel. Era o destino de toda a raça humana, e a sua esperança de um brilhante amanhã e de uma vida após a morte, que estavam suspensos ali com Cristo. Ele era a última esperança da humanidade. Pois o homem que estava morrendo naquela cruz era aquEle que Deus havia prometido que viria e tiraria toda a humanidade da sua dor e infelicidade, e a conduziria a uma vida eterna de bem-aventurança. Mas agora, com a sua morte, parecia que toda a esperança havia se acabado. A vida eterna era um mero sonho. A morte reinaria para sempre. A esperança do Messias prometido, que livraria a humanidade das cadeias da escuridão, parecia frustrada. O suposto Salvador estava morto, e qualquer esperança de libertação havia sido sepultada com Ele.

A Maior Surpresa do Mundo

Maria Madalena foi uma mulher leal a Cristo até o fim. Ele havia expulsado sete demônios que estavam nela, e a partir daquele momento ela o seguiu agradecida e sinceramente. Ela cooperou financeiramente com o seu ministério, e acreditou que Ele era aquele que Deus havia escolhido para trazer a paz eterna ao mundo. Ela havia estado debaixo da cruz e testemunhado a injusta e cruel execução do seu Senhor, e agora a sua vida estava em total confusão e agitação. Ela era uma das pessoas mais devotas entre as que seguiam Jesus, e vê-lo desonrado trouxe-lhe uma tremenda angústia.

Depois que os soldados romanos proclamaram que Jesus estava morto, eles o desceram da cruz e entregaram o corpo a um rico oficial judeu, para que fosse sepultado em um sepulcro novo. Maria deixou a cena deprimente decidida a visitar o sepulcro, depois de concluído o sepultamento. Na manhã de domingo, bem cedo, ela foi ao sepulcro, e ali teve outro contratempo. Não apenas Jesus havia sido morto injustamente, mas também, para sua inquietação, Maria viu que o sepulcro estava aberto e o corpo havia desaparecido. Temendo que alguém tivesse roubado o corpo de Jesus, ela correu até Pedro e João, dois dos seus discípulos, e lhes contou o que vira. Em total incredulidade, os dois homens foram rapidamente ao sepulcro, para verificar a história de Maria.

Quando chegaram, viram o invólucro das faixas e dos lençóis do sepultamento ainda intacto, mas o corpo não estava em lugar nenhum. Amedrontados e confusos, os dois discípulos voltaram para casa. Porém Maria ficou por último. Ela olhou para trás, para o sepulcro, pela última vez, e o que viu a maravilhou: dois homens, vestidos de branco brilhante, ao lado do sepulcro.

— Por que choras? — os anjos perguntaram.

— Porque levaram o meu Senhor — respondeu ela — e não sei onde o puseram (Jo 20.13).

Quando se virou, Maria viu algo ainda mais notável: Jesus estava em pé, diante dela, vivo! Mas, estranhamente, em vez de reconhecê-lo, ela o confundiu com um jardineiro. Nunca saberemos por que ela não o reconheceu. Talvez os seus olhos estivessem cheios de lágrimas. Talvez ainda estivesse escuro. Talvez ela nem mesmo tivesse olhado para o seu rosto. Ou talvez Deus simplesmente impedisse que ela compreendesse quem Ele era. Jesus fez-lhe a

mesma pergunta que os anjos:

— Mulher, por que choras?

Ainda sem ter a menor ideia de com quem estava falando, ela disse, suavemente: “Senhor, se tu o levaste, dize-me onde o puseste, e eu o levarei” (Jo 20.15). Maria estava confusa e perturbada. Ela amava muito a Jesus, e desejava prestar seus respeitos finais.

Mas, em um momento de notável ternura, Jesus a chamou pelo nome:

— Maria! — disse Ele.

— Mestre! — clamou ela, quando repentinamente o reconheceu. Ela correu para junto dEle, abraçando-o, em êxtase e alegria (veja Jo 20.16).

Jesus estava diante de Maria, vivo, saudável e bem, porque a morte não pôde deter o Messias prometido. Deus o ressuscitou, para que cumprisse a sua missão e trouxesse a vida eterna a um mundo enfermo e moribundo.

Por que a Ressurreição de Cristo É Crucial

Quando Cristo estava na cruz, parecia que tudo fora perdido. A morte havia vencido. Mas depois de três dias no sepulcro de um homem rico, Jesus apareceu, vivo novamente. A notícia era tão chocante que os discípulos se recusaram a crer, até que Ele se apresentou diante deles pessoalmente e permitiu que tocassem as suas feridas com as suas próprias mãos. Então Jesus fez uma declaração surpreendente para os seus discípulos: no futuro, eles também teriam corpos ressuscitados, como o dEle. Corpos que nunca se deteriorariam, envelheceriam ou pereceriam. Eles perceberiam a única grande esperança que traria significado a uma existência que, não fosse por isso, seria sem sentido. Eles teriam uma nova vida, sem morte ou dor, na presença de um Deus amoroso, para sempre.

Esta é a grande esperança que o cristianismo oferece a um mundo desesperançado — uma vida após a morte, com Deus, sem dor e sofrimento, e cheia de alegria ilimitada. Esta, como explicaremos de maneira mais detalhada mais adiante, é a exata maneira como a Bíblia descreve o céu. O céu é um lugar de bem-aventurança e felicidade inimaginável. É um lugar de êxtase e satisfação. Quando chegarmos ao céu, todos nós diremos: “Foi para isso que fomos criados!” A Bíblia se refere à vida após a morte com expectativa e alegria. Os cristãos esperam ansiosamente pelo dia em que todas as lágrimas serão enxugadas. Essa crença no céu não é uma mera ideia, uma falsa promessa, destinada a fazer com que nos sintamos bem em um mundo desesperançado, como Utopia, Arcádia ou Eldorado; é uma crença edificada sobre a evidência sólida como a rocha. Nós exploraremos essa evidência na terceira seção deste livro.

Quando considerarmos a nossa dor e as nossas lutas atuais sob a luz da vida eterna no céu, então seremos capazes de transcender as nossas circunstâncias, aparentemente desesperadoras. Podemos nos sentir encorajados com as palavras que Jesus proferiu quando o momento da sua morte aproximava-se dEle: “No mundo tereis aflições, mas tende bom ânimo; eu venci o mundo” (Jo 16.33). É útil que nos lembremos, durante as provações difíceis, de que a nossa própria ressurreição está muito próxima.

A Promessa da Ressurreição

“Mas”, você pode perguntar, “o que a ressurreição de Cristo significa para mim? Muito bem, Ele afirma ter ressuscitado dos mortos. Isso é assombroso, se for verdade, mas, em última análise, e daí? O que a morte e a ressurreição de um homem, há dois mil anos, têm a ver comigo agora, no século XXI?”

A promessa da ressurreição é esta: O que aconteceu com Cristo pode acontecer conosco. Como Ele, nós morreremos, mas a sua ressurreição é uma promessa de que a morte não é o fim. A sua ressurreição é o protótipo da nossa. Ele abriu o caminho para a vida eterna através da morte, e Ele nos diz que podemos seguir os seus passos, com a sua mão nos guiando por todo o caminho. A ressurreição nos dá a esperança de um futuro glorioso, sem dor e livre da morte. Os sonhos do paraíso, Arcádia, Utopia, Eldorado e Camelot podem ser realizados em toda a sua perfeição imaginada. Os nossos sonhos mais bizarros de paz, amor e harmonia podem se realizar.

Sabemos que este capítulo o deixa com todos os tipos de perguntas sobre o significado da ressurreição. Por que ela era necessária? Para começar, por que este mundo está tão estragado? Se a ressurreição supostamente deve solucionar os problemas do mundo, por que ainda lutamos com a dor, o sofrimento e a morte? E quanto a todas as minhas esperanças pessoais? Elas serão perdidas quando eu morrer e me encontrar no céu? Os meus relacionamentos serão rompidos para sempre? E quanto ao céu? Com base no que ouviu falar sobre ele, você pode não estar ansioso para ir para lá. É realmente como os retratos e as descrições populares sobre ele? Serei realmente eu no céu, ou serei absorvido em Deus, e perderei o meu ser consciente? E as perguntas realmente importantes? Como posso ter certeza de que tudo isso é verdade? Como posso ter certeza de que a ressurreição realmente aconteceu? Como posso saber que este não é apenas outro sonho ilusório?

Nós o encorajamos a continuar a leitura. O propósito deste livro é ajudá-lo a encontrar as respostas para essas perguntas cruciais e importantes.

PARTE I

A NECESSIDADE HUMANA DA
RESSURREIÇÃO

COMO AS COISAS FICARAM TÃO CONFUSAS?

No filme “O Júri”(*Runaway Jury*), baseado no famoso livro de John Grisham, certa manhã Jacob Wood se despede de sua família e vai trabalhar no seu escritório de advocacia, no centro da cidade. Ele pede um conselho à sua secretária, sobre um bom presente de aniversário para o seu filho. Ele espera ansiosamente uma noite divertida com a sua família, na celebração do aniversário do seu filho. Mas os planos de Jacob não serão cumpridos. Naquela manhã, um atirador enlouquecido invade o escritório e o mata.

Jacob Wood, como todos nós, havia construído para si mesmo uma vida, esperando encontrar alegria, felicidade, segurança, amor e sentido no mundo, por meio da família e da vocação. Mas em um breve momento, tudo desmoronou. A sua vida terminou. Em um instante, sua esposa se tornou uma viúva, seu filho, um órfão, e todos os seus planos terminaram.

Isso acontece todos os dias. As pessoas tentam construir uma boa vida, mas os seus planos são destruídos. Frequentemente com a morte, como no caso de Jacob Wood, porém ainda com mais frequência por eventos inesperados, que atiram uma chave de fenda nas nossas engrenagens cuidadosamente integradas, provocando uma interrupção em nossos melhores planos. Isso já aconteceu a todos nós. Já aconteceu a você, e acontecerá novamente. Todos nós enfrentamos temores inesperados, dores, desapontamentos e tragédias. Praticamente cada um de nós lida com alguma forma de sofrimento que não desaparece: uma lembrança de infância não curada, um relacionamento estremecido ou rompido, um problema físico, um sonho interrompido. Em algum momento, os sorrisos se convertem em carrancas, e o riso dá lugar ao pranto. A felicidade e a saúde repentinamente se convertem em dor e

sofrimento. Todos nós, em algum momento, experimentamos a perda de um ente querido. Embora alguns possam ter mais dores e arrependimentos do que outros, ninguém pode escapar aos inevitáveis sofrimentos e cicatrizes que a vida neste planeta certamente trará.

Até mesmo a Terra sente a dor excruciante da aflição e da morte. Ela geme sob a tensão de um mundo amaldiçoado pelo pecado: tornados e furacões destroem a vida e a propriedade, rios transbordam de suas margens para se tornar forças de destruição, e a amistosa brasa de uma fogueira em um acampamento se transforma em um inferno devastador na floresta, consumindo plantas, animais e lares. Os animais mansos, que antes perambulavam em harmonia pela terra, agora atacam brutalmente uns aos outros para sobreviver e proteger o seu território. Montanhas entram em erupção, cuspidas cinzas vulcânicas. Terremotos derrubam edifícios. O sol resseca os campos, trazendo a seca, a destruição e mais morte.

Enquanto lutamos para ter uma boa vida, em meio a toda essa dor, sofrimento e destruição, alguma coisa dentro de nós diz: “Nada disso faz sentido”. Podemos ver toda a beleza da terra, sentir as alegrias do amor e a satisfação da realização, e sentir que, em alguma parte, algo não está correto sobre a maneira como as coisas funcionam nesta terra. Há tanta beleza e tanto bem que nós nos perguntamos se não há algum tipo de significado por baixo de toda a dor e ruína que vemos e sentimos. Ao lado de tornados, furacões e incêndios florestais, vemos a majestade dos montes, a glória generosa dos crepúsculos, as amplas vistas das campinas e a maravilha assombrosa dos mares revoltos. Testemunhamos o intrincado equilíbrio da natureza, e experimentamos as alegrias da amizade, família e interação social, e dizemos a nós mesmos: “Há tanto bem neste mundo, por que ele tem de ser estragado por toda a dor, tragédia e morte que nos seguem incessantemente?”

O Ideal da Criação

A dor, a tragédia e a morte que nos perturbam não estavam presentes na criação original de Deus. A beleza que vemos na natureza, a alegria que sentimos nos relacionamentos afetivos, a satisfação que sentimos no trabalho bem feito e o prazer que sentimos de tantas maneiras são indicações de como era o mundo quando Deus o criou. Os relacionamentos não estavam contaminados pelo orgulho, luxúria, avareza ou ciúme. A natureza era completamente benigna — não havia tempestades destrutivas, nem secas, nem incêndios florestais. O trabalho era recompensado com realização e satisfação, e a Lei de Murphy não existia para frustrar os nossos esforços. A morte, a dor e a doença não existiam. A terra estava em um estado de completa perfeição, onde tudo funcionava da maneira como deveria, e a alegria e o amor perfeitos eram a ordem do dia.

Sabemos que, para muitas pessoas, o parágrafo acima parece um sonho louco e idealista — uma fantasia da nossa própria imaginação, que é simplesmente boa demais para ser verdade. Mas nós pensamos, nos nossos melhores momentos, quando podemos ver, nos vestígios da bondade que ainda é abundante no nosso mundo, que algum ser benevolente deve ter formado tudo isso. E um ser poderoso o suficiente para inventar o prazer, o amor, a felicidade e a alegria certamente teria o poder de impedir os males que agora infectam a criação. Como explicamos isso? Como podia tudo ser perfeito e livre de sofrimento, como no mundo que descrevemos acima, e então degenerar no mundo cheio de dor e assolado pela morte em que vivemos agora?

Para responder, vamos examinar rapidamente a natureza do mundo, como Deus o criou. Na narrativa da criação, apresentada no primeiro capítulo do livro de Gênesis, Deus construiu o mundo, a natureza e a vida neste planeta em um processo de seis etapas, começando com a matéria e prosseguindo com a luz, a terra, os peixes e os animais terrestres. Finalmente, no último dia, Ele criou os humanos, na forma do primeiro casal, Adão e Eva, homem e mulher.

Estes protótipos humanos eram singulares, em meio a toda a criação, pelo fato de que somente eles foram criados à imagem de Deus. Isso significava que possuíam várias características que não estavam presentes nas outras criaturas de Deus. Eles ficavam em pé na vertical; tinham mãos que usavam como ferramentas para moldar o seu meio ambiente; possuíam a razão, a

autoconsciência e a capacidade de escolher o seu próprio destino. A principal diferença, no entanto, era o fato de que o homem e a mulher estavam imbuídos com o Espírito do próprio Deus. Enquanto os animais tinham o instinto como seu mecanismo controlador, os humanos tinham o Deus do universo habitando em suas vidas, orientando os seus passos e dirigindo as suas decisões.

Isso significava que o homem e a mulher eram representantes de Deus na terra. Eles eram os representantes de Deus, os seus agentes, que receberam a responsabilidade e o poder de governar a terra, em lugar de Deus, cuidar dos animais e do meio ambiente, bem como administrar perfeitamente o seu próprio comportamento. Eles eram senhores da terra, governando toda a natureza — incluindo a sua própria natureza humana — pelo poder do próprio Deus que vivia dentro deles.

Assim, naturalmente, as coisas iam bem na terra. Tudo funcionava de acordo com o propósito para o qual havia sido criado, de acordo com a ordem que Deus desejava, porque o homem e a mulher governavam tudo com uma mão benéfica, orientada pelo próprio Deus que vivia neles.

O seu primeiro impulso será pensar que o arranjo para Adão e Eva não era, essencialmente, melhor do que o dos animais. Sim, eles estavam sob a orientação de Deus, e não sob a direção do instinto intrínseco, mas, de qualquer forma, estavam sob alguma orientação. Pode parecer que eles não eram livres. Mas vamos explicar que não era este o caso. Adão e Eva eram completamente livres. Nós observamos, acima, que um atributo que distinguia os humanos dos animais era o fato de que eles eram livres para decidir o seu próprio destino. E a escolha era simples. Tudo o que eles tinham de fazer era dizer a Deus que saísse de suas vidas, e Ele o faria. Então eles estariam livres de Deus, não mais sob a sua orientação e direção, e desta maneira livres para conduzir a vida da maneira que desejassem.

Seria uma escolha tola, porém, porque Deus designou os humanos explicitamente para que fossem habitados por Ele, e para que governassem toda a criação pelo seu poder. Como Ele os designou desta maneira, toda a sua felicidade, alegria, prazer e satisfação eram o resultado de funcionar da maneira como lhes havia sido designado. Você percebe, Deus amou profundamente o homem e a mulher, e desejou que eles sentissem grande alegria e prazer. Ele lhes deu tudo o que era possível para aumentar a sua alegria e prazer: todas as visões, sons, aromas e sabores da criação, bem como todo o êxtase e os sentimentos associados com o amor, eram para o prazer dos homens.

Como Deus os amava profundamente, e lhes deu a terra para a sua alegria, Adão e Eva amaram a Deus profundamente também. Ele era o seu principal deleite. E para tornar as coisas ainda melhores, o Deus que eles amavam profundamente não era uma divindade distante, mas um ser caloroso e pessoal que vivia dentro deles, em um relacionamento de profunda intimidade, em todos os momentos de cada dia. As coisas não poderiam estar organizadas de melhor maneira para o casal humano. Escolher o seu próprio caminho, separando-se de Deus, e desta maneira perdendo a sua orientação, e a consciência direta e íntima do seu contínuo amor, teria sido a coisa mais imprudente e temerária que eles poderiam ter feito.

Esta era a situação quando Deus criou os céus, a terra, os animais e os primeiros humanos. Tudo estava em perfeita ordem, porque o próprio Deus governava tudo, pela intermediação disposta de seus amados seres humanos. A dor, a tragédia, a ruína e a morte nunca poderiam invadir esse mundo, enquanto Adão e Eva permanecessem no seu relacionamento de amor com Deus.

Como as Coisas Deram Errado

Pode ser que Adão e Eva nunca tivessem saído daquele relacionamento de amor com Deus se não fossem enganados e tentados para fazer isso. Mas o Inimigo de Deus, a quem conhecemos como Satanás, invadiu o mundo perfeito de Adão e Eva, enganou a mulher para que ela deixasse o amor de Deus, e ela, por sua vez, tentou o homem a fazer o mesmo. Eles decidiram seguir o seu próprio caminho, em vez do caminho de amor que Deus havia preparado para eles.

Sem dúvida, eles não consideraram as devastadoras consequências de sua decisão. Como resultado de sua decisão, tudo mudou no seu mundo, e não foi para melhor. Tendo lhes dado a liberdade de escolher o seu caminho, Deus honrou a sua escolha. Ele saiu de suas vidas, de modo a não interferir com a independência e a liberdade que eles haviam escolhido. Mas sem Deus em suas vidas, repentinamente sentiram falta do poder e da sabedoria para exercer a sua incumbência de reinar sobre a natureza. Como resultado, a natureza ficou fora de controle, desequilibrada. Tempestades, terremotos e desastres não mais podiam ser evitados. O solo não mais respondia abundantemente ao arado, e as ervas daninhas, a ferrugem, a podridão, bactérias malignas e parasitas infestavam tudo. Os animais que antes serviam amorosamente ao homem e à mulher agora fugiam deles e até mesmo os atacavam, por medo e fome. A dor e a morte se tornaram características permanentes do ambiente.

Até mesmo a natureza humana ficou fora de controle. Com o Espírito amoroso de Deus residindo neles, Adão e Eva tinham vivido em harmonia, não apenas com a natureza, mas também um com o outro. O seu próprio relacionamento sempre havia sido amoroso. Mas depois que eles rejeitaram a Deus e escolheram o seu próprio caminho, até mesmo a harmonia doméstica terminara. O homem e a mulher não mais foram capazes de controlar suas próprias naturezas, e o egoísmo, o orgulho e a luxúria entraram em cena, causando disputas, desentendimentos e sofrimento, contaminando até mesmo o mais íntimo dos relacionamentos.

Este evento — a decisão do primeiro casal humano de rejeitar a Deus e recorrer a si mesmos como a sua própria autoridade — é chamado pecado. Nós pensamos no pecado como ocorrendo em muitas variedades, desde o pequeno, aparentemente insignificante ato de dirigir a 120 quilômetros por hora onde o limite é de 110, até o pecado horrivelmente aterrador do

assassinato em massa. E, na realidade, os pecados vêm em muitas variedades e em muitos graus de gravidade. No entanto, há uma coisa em comum a todos os pecados, desde o menor até o mais grave. Todos os pecados se originam daquele impulso original de Adão e Eva, de seguir o seu próprio caminho, e não o de Deus. Todos os *pecados*, desde o excesso de velocidade até o assassinato em massa, derivam do fato do *pecado* — que é simplesmente a rejeição do caminho proposto por Deus, para seguir um caminho escolhido pelo próprio indivíduo.

A consequência de todos os pecados é o caos, a dor, a tragédia, a destruição e a morte, simplesmente porque a separação de Deus nos deixa sem o poder e a sabedoria para cumprir a função para a qual fomos criados, de impor a ordem benevolente de Deus sobre a criação. Essa redução da condição humana, de sua magnífica criação, exercendo o poder e a influência de Deus, a criaturas impotentes procurando orientação em suas próprias existências vazias, é normalmente chamada “a Queda”. A Queda assinalou a decadência da humanidade, da perfeição criada para o mundo trágico, perturbado e governado pela morte, que conhecemos hoje.

Se o propósito de Satanás, ao seduzir o casal humano, era trazer o caos fatal à criação de Deus, ele parece ter sido bem-sucedido. Tudo o que ele precisava era que esse primeiro casal se afastasse de Deus, e então todos os seus descendentes nasceriam na sua condição caída — separados de Deus, pelo livre-arbítrio de seus primeiros pais, Adão e Eva.

Uma vez que Deus é a origem de toda a vida, estar separado dEle significa a morte. Adão e Eva condenaram, não apenas a si mesmos, mas também a todos os seus descendentes, com a sua livre escolha de rejeitar a Deus e se tornar a sua própria autoridade. Como nos diz Paulo, “como por um homem [Adão] entrou o pecado no mundo, e pelo pecado, a morte, assim também a morte passou a todos os homens, por isso que todos pecaram” (Rm 5.12). Com a Queda de Adão e Eva, a morte entrou no mundo perfeito de Deus e condenou toda a humanidade.

Por que Deus não Pode simplesmente Ignorar o nosso Pecado?

Se Deus realmente nos ama, como Ele diz nos amar, por que deixou que o pecado se colocasse entre Ele e nós? Ele é Deus, afinal, e é TodoPoderoso, não é? Ele pode fazer tudo o que quiser, não pode? Por que Ele não pode simplesmente esquecer que pecamos e nos salvar, assim mesmo?

À primeira vista, esta parece ser uma pergunta razoável, mas quando examinamos a situação mais a fundo, percebemos que ela tem problemas. A resposta tem a ver com os conceitos parecidos de justiça e santidade. Em primeiro lugar, vamos falar sobre a justiça.

Todos nós estamos aquém dos padrões perfeitos de Deus. Uma vez que Ele é o governante moral do universo, não pode considerar com indiferença as infrações aos seus padrões perfeitos. Nós podemos ser capazes de fazer isso, quando ofendemos uns aos outros, mas Deus não pode, porque tolerar alguma coisa inferior à perfeição, no seu universo perfeito, seria uma ofensa contra a justiça perfeita. Seria uma afronta se um juiz deixasse de administrar justiça no seu tribunal. Imagine um juiz que, depois de ouvir um caso envolvendo um brutal assassinato e estupro, decide deixar o culpado em liberdade, porque desejava agir de maneira amorosa! O que a família da vítima pensaria do fato de o juiz ignorar um crime tão escandaloso? Naturalmente, eles clamariam por justiça. Permitir que o assassino ficasse em liberdade seria banalizar o ato brutal e fazer pouco da vida perdida do ente querido. Em que tipo de mundo viveríamos, se cada juiz decidisse “agir com amor e bondade” e perdoar crimes, em vez de administrar a justiça? Nós podemos lhe assegurar que você não gostaria desse mundo.

Deus é o governante moral do mundo. Ele é o juiz do universo — Ele é o Rei supremo. As suas leis não são arbitrárias, mas derivam do seu próprio caráter e natureza, e nos são dadas para nos tornar mais semelhantes a Ele. Basicamente, todas as leis de Deus são para o nosso próprio bem. Ele criou os humanos, sabe o que nos faz funcionar, e como podemos alcançar o melhor desempenho e a maior felicidade. As suas leis funcionam como um manual de instruções do fabricante e de manutenção. Se obedecermos a elas, chegaremos muito mais perto de ser o que Deus desejava que fôssemos, e colheremos a alegria, a satisfação e a realização que resultarão disso.

Deus é verdade, e as suas leis são justas. Em seu apelo para que Deus

salvasse Sodoma e Gomorra da destruição que Ele planejava, Abraão clamou: “Longe de ti que faças tal coisa, que mates o justo com o ímpio; que o justo seja como o ímpio, longe de ti seja. Não faria justiça o Juiz de toda a terra?” (Gn 18.25).

Naturalmente, Abraão não tinha perfeito entendimento da situação em Sodoma. Deus sabia que não havia nenhum justo em Sodoma além de Ló e sua família, a quem Ele pretendia salvar. Mas a questão é: Abraão fez uma declaração correta — Deus, como governante e juiz de toda a terra, é obrigado, pelo seu próprio caráter, a fazer o que é certo, e isso significa administrar justiça de maneira apropriada e exata.

O pecado desperta a ira de Deus. Não é que Ele perca irracionalmente a paciência porque os seus planos para um mundo perfeito foram arruinados. Não há nada impulsivo, aleatório ou caprichoso em Deus; Ele não é malévolos nem vingativo. A sua ira não é irracional nem misteriosa. Ele é completamente íntegro e controlado. A sua ira é sempre provocada pela iniquidade e pela destruição que ela traz aos seres criados, aos quais Ele ama profundamente.

A segunda razão por que Deus deve reagir ao pecado é porque Ele é santo. Na verdade, o atributo de santidade é aplicado a Deus mais do que qualquer outro atributo na Bíblia. Muitas pessoas interpretam mal o significado da santidade. Elas tendem a pensar que se trata de ser excessivamente religioso, a ponto de estar, de certa maneira, sem contato com a realidade cotidiana. Ou, mais negativamente, pensam na santidade como ser um pouco fanático e religiosamente acima das pessoas comuns. Mas o verdadeiro significado de santidade não é nada semelhante a isso. A santidade de Deus é simplesmente incompatível com o pecado. Os olhos de Deus são puros demais para contemplar o mal, e como Ele é perfeito, não pode tolerar injustiças ou transgressões (veja Hc 1.13).

Como Deus é santo, não pode considerar o pecado com indiferença. Ele julga os pecadores porque o seu caráter perfeito o exige. A Bíblia usa algumas frases para indicar por que Deus deve fazer isso: Em primeiro lugar, Deus é *provocado pelo pecado*. A Bíblia nos diz que Ele se irava quando ídolos ou deuses estrangeiros eram colocados antes dEle na vida do seu povo (veja Dt 32.16,21). Isso simplesmente quer dizer que a natureza perfeita de Deus faz com que Ele reaja violentamente à injustiça. Ele não pode tolerar a idolatria, a imoralidade ou a injustiça. Se o fizesse, não poderia ser chamado de bom. Ele não seria santo.

Em segundo lugar, nós lemos que *a ira de Deus se acende* pelos pecados da

humanidade (veja 2 Rs 13.3). Juízes 3.8 diz: “a ira do Senhor se acendeu contra Israel”. Da mesma maneira como os nossos olhos ardem quando olhamos para o sol, há alguma coisa, na natureza de Deus, que faz com que a sua ira se acenda ao ver o mal. Como Deus é santo, Ele simplesmente não pode reagir ao pecado de qualquer outra maneira.

Como Deus é santo e justo, sempre fará o que é correto. Ele não pode ignorar as nossas transgressões, pois é obrigado a fazer o que é correto. O teólogo inglês Michael Green observou que “se Deus simplesmente perdoasse, sem nenhum custo a ninguém, isso seria pura indiferença. Seria ignorar qualquer distinção entre o certo e o errado. Seria dizer que o que é certo não importa, e que o mal é uma questão de indiferença”.¹

Assim, como você pode ver, o pecado de Adão e Eva, e a sua queda resultante, deixaram toda a humanidade em um grave dilema. Eles deram as costas a Deus, e Ele, na sua santidade e justiça, teve de proferir um justo e santo julgamento contra eles. Esse julgamento foi a morte. Não há vida para os que se afastam da fonte de vida, e isso é o que toda a humanidade fez com o pecado. Trataremos mais detalhadamente desse dilema no capítulo seguinte.

ESTAMOS CONDENADOS?

No capítulo anterior, apresentamos o dilema cósmico do homem. Os seres humanos, originalmente, foram criados perfeitos e colocados em um mundo perfeito. A vida deles estava em harmonia com Deus, com a natureza, com os animais e entre eles. Toda a sua existência era cheia de alegria, livre de dor e sem morte. Eles foram criados para ser os representantes de Deus, governando a terra; e para lhes dar o poder e a sabedoria para realizar essa tarefa, Ele colocou o seu Espírito Santo dentro deles, dando-lhes um relacionamento íntimo de amor com o Deus do universo.

Mas o primeiro homem e a primeira mulher rejeitaram a Deus, e decidiram se estabelecer como seus próprios deuses. Esse ato foi o primeiro pecado. Adão e Eva descobriram que, depois que pecaram uma vez, ficaram presos ao pecado, como um vício. Eles não conseguiram deixar de pecar, e transmitiram esse terrível desejo de satisfazer o ego a todos os seus descendentes. Agora, todos nós pecamos; e se formos deixados à nossa própria sorte, não teremos a capacidade de encontrar o nosso próprio caminho na vida, ou de voltar a nos unir a Deus, a quem rejeitamos.

Se você está entre os muitos que pensam que o pecado é exagerado pela igreja, tudo o que você precisa fazer é olhar à sua volta no mundo de hoje, e você poderá ver claramente que a humanidade perdeu a sua capacidade de orientar o seu próprio caminho para uma vida de satisfação e alegria. Vamos tomar um momento e examinar a evidência que claramente exhibe o resultado da Queda da humanidade na vida das pessoas hoje em dia. Como muitos de vocês sabem, eu (Josh) tenho um interesse particular pela nossa juventude. Passei grande parte do meu ministério trabalhando com jovens, e estou muito alarmado e entristecido pela tendência dos jovens de hoje em aderir à perspectiva predominante da cultura ocidental. Creio que a persistente

tendência dos nossos jovens de se afastar dos valores piedosos é uma das mais fortes evidências que temos da nossa condição caída e da nossa necessidade de resgate da maldição do pecado.

A Crise na Perspectiva da nossa Mocidade

A crise entre os jovens de hoje é alarmante. De acordo com um estudo recente, 20% dos jovens do colegial consideraram o suicídio durante o ano passado, ao passo que 8% disseram que tentaram suicídio no mesmo período de tempo. Vinte por cento dos jovens são solitários, 25% não se sentem realizados na vida e aproximadamente 50% dizem que estão estressados.¹ Muitos jovens lutam com a depressão, sentimentos de solidão e rejeição. De acordo com muitos especialistas em cultura jovem, a “privação relacional” é uma das principais características das gerações jovens na atualidade.

O especialista em ministério para a juventude, o Dr. Chap Clark passou um ano no mundo dos adolescentes de hoje. Ele investigou as tendências dos jovens, passou algum tempo se relacionando pessoalmente com os jovens e atuou como professor substituto em uma escola de Los Angeles, em um esforço para entender a cultura contemporânea dos adolescentes. Ele registrou as suas observações em seu livro *Hurt: Inside the World of Today's Teenagers*. Ao descrever esta geração de jovens, Clark diz: “Todos os estudantes com quem conversei reconheceram que a solidão é uma experiência dominante... Os adolescentes hoje são, como um conjunto, indescritivelmente solitários”.² Como resultado desse vazio relacional na vida de muitos adolescentes, Clark diz: “Cada jovem que cresceu na América do Norte está a apenas um evento ou catástrofe da queda no que muitos chamariam de perigo”.³ Até mesmo os nossos melhores jovens foram profundamente influenciados pela nossa cultura não relacional, secular e veloz. *Todo* jovem que cresce hoje é suscetível aos aspectos negativos e perigosos dessa cultura.

Muitas páginas na internet, blogs, videogames, filmes e músicos exploram as lutas dos adolescentes. Livros chocantes e videogames retratam mundos sombrios onde reinam a violência e o ódio. Os músicos e os filmes contemporâneos expressam o medo e a ansiedade que sentem muitos adolescentes. Alguns creem que esses meios de entretenimento criam desesperança, autodestruição e violência com relação aos outros. Quer isso seja ou não verdade, não se discute que essas coisas se aproveitam desses sentimentos.

Basta passar um pouco de tempo com os jovens, e você verá, em primeira mão, o vazio que assola tantos deles. Desde tenra idade, eles absorvem a mensagem cultural de que a vida é uma busca feroz de gratificação individual

e sucesso, exigindo boa aparência, dinheiro e concessão moral, de maneira extraordinária. Eles deixam de ter qualquer sentimento de contexto, comunidade e propósito mais elevado. Não é de surpreender que tantos deles estejam tomando antidepressivos, remédios para a Síndrome de Déficit de Atenção, entre outros. Muitos escondem a sua tristeza em distúrbios alimentares, no álcool ou em relacionamentos sexuais sem propósito. Na pressa em suprir os nossos jovens de tudo, nós nos esquecemos de responder a uma pergunta básica: *Para que é a vida?*

A crise da nossa juventude nos mostra, de uma maneira mais clara do que qualquer outra coisa, que vivemos em um mundo caído, onde Deus foi esquecido. A vida dos jovens mostra que vivemos em um mundo que abandonou a esperança em qualquer coisa além do amanhã, um mundo que está separado de Deus e tenta desesperadamente encontrar o seu próprio caminho, tateando no escuro, esperando encontrar algum apoio que lhes dê alguma sensação de segurança. É um mundo que demonstra a falta de propósito e orientação em que cai a humanidade quando rejeita a Deus em favor de fazer “o que é certo para mim”. O pecado de Adão e Eva reverbera ruidosamente na nossa cultura.

A Missão Confusa na Vida

Quando eu (Sean) pergunto aos meus alunos o que os seus pais mais desejam para a vida deles, a resposta típica é “felicidade”. Para descobrir o que eles querem dizer com “felicidade”, eu lhes peço que imaginem uma cena com pessoas felizes, e me digam o que essas pessoas estão fazendo. Normalmente eles imaginam pessoas *se divertindo*. Para eles, divertir-se é rir, jogar videogames e ir a festas. Raramente algum adolescente menciona ajudar os outros, desenvolver amizades profundas ou cultivar um relacionamento com Deus — coisas que trazem a verdadeira felicidade, por causa da sua conexão com um propósito maior na vida.

Um dicionário recente define felicidade como “uma experiência prazerosa ou satisfatória”.⁴ Observe como a felicidade está conectada aos sentimentos, e, mais especificamente, aos sentimentos *prazerosos*. Na cultura de hoje, a felicidade é equiparada a se sentir bem, que é o objetivo supremo da maioria dos jovens. Segundo o apresentador de programas de entrevistas de rádio, Dennis Prager, muitos jovens creem na equação $F = nD$, ou a experiência da felicidade é igual ao número de experiências divertidas.⁵ Embora não haja nada de errado com a satisfação prazerosa propriamente dita, deveríamos estar profundamente preocupados com os jovens que identificam a busca de prazer como sua missão na vida. E é exatamente isso que eles estão fazendo. Para muitos adolescentes, a “boa vida” consiste em sentir-se bem — mental, física e emocionalmente — e em comprar coisas caras que lhes deem prazer.

A Geração do “Eu”

A geração dos jovens de hoje, com menos de 35 anos, nunca conheceu um mundo que coloque o dever antes do ego. Para esta geração, o indivíduo sempre vem em primeiro lugar, e a virtude número um é sentir-se bem consigo mesmo. Para as gerações anteriores, o dever e a responsabilidade substituíam as necessidades e os desejos individuais. O sacrifício dos desejos pessoais pelo bem maior era considerado uma virtude. Isso não é mais verdade para os jovens de hoje.

Hoje, os jovens crescem em uma cultura que pressupõe que eles devem se sentir bem consigo mesmos, que são especiais e que devem buscar os seus próprios sonhos pessoais. Apenas observe os testes de milhares de jovens no programa de calouros *American Idol* [*Ídolos*], que, apesar de sua falta de talento, estão convencidos de que são os próximos astros. A sílaba “My” [meu] em MySpace também é muito significativa.

Seja você mesmo, acredite em si mesmo, expresse-se. Você, você, você!!! Tudo tem a ver com o ego e com o indivíduo. Você percebe a conexão entre a ênfase no indivíduo e o pecado de Adão e Eva? É basicamente o mesmo pecado — a rejeição do amor e da orientação de Deus, em favor de buscar os próprios desejos e estabelecer o próprio caminho. A juventude de hoje nos apresenta um retrato claro de alienação do Deus que é a única fonte de amor, vida e satisfação.

Tão poderosa tem sido essa mudança cultural do grupo para o indivíduo, que até mesmo o exército a acompanhou. Em 2001, o seu lema passou a ser “Um exército de uma pessoa”. Em outras palavras, eles não mais atraem recrutas com base em se unir a um grupo coletivo que sacrifica as necessidades individuais pelo bem maior da sociedade. Agora eles devem encorajar os jovens a se alistar porque isso lhes fará algo, como indivíduos.

A explosão de tatuagens e a natureza variada da dança estão, ambas, profundamente conectadas com esta grande tendência cultural em direção à individualidade. Em vez de ser meras tendências de moda, as tatuagens são frequentemente um meio de autoexpressão. Elas permitem que o indivíduo expresse externamente uma realidade interior. Na mente de muitos jovens, as tatuagens são um meio de expressar individualidade. De igual maneira, para gerações anteriores, a dança envolvia habilidade, costumes e regras gerais de conduta, que ajudassem os parceiros a se mover juntos de maneira mais

harmoniosa. A dança era uma expressão romântica e estilizada da unidade sintetizada com o parceiro. Mas hoje a dança envolve basicamente a expressão individual de forma livre, com apenas regras sociais mínimas. O mais importante é não se submeter à harmonia mútua, mas expressar a individualidade.

O mantra desta geração poderia ser: *Faça o que for necessário para se sentir bem consigo mesmo, porque isso é o mais importante do mundo*. Essa falsa noção de felicidade, como satisfação prazerosa, está custando muito caro aos jovens de hoje. O apologista cristão J. P. Moreland propõe uma pergunta muito pertinente: “Se a felicidade tem um sentimento interno de diversão ou satisfação prazerosa, e se é o nosso principal objetivo, onde colocaremos o nosso foco, durante o dia todo? O foco está em nós, e o resultado será uma cultura de indivíduos absortos em si mesmos, que não conseguem viver por algo maior do que nós mesmos”.⁶ Aos olhos de muitos jovens, a escola, o trabalho, os esportes, a igreja e até mesmo Deus existem como meios de trazer felicidade pessoal e satisfação.

Em seu livro *Soul Searching*, Christian Smith observa que a maior parte dos jovens considera Deus como um terapeuta cósmico que existe para satisfazer as necessidades *deles*, em vez de entenderem que o propósito que deveriam ter precisaria consistir em amar a Deus e às outras pessoas. Smith conclui: “Até onde pudemos discernir, aquilo em que muitos jovens parecem crer é que a religião tem a ver com Deus atendendo aos desejos autoritários e sentimentos das pessoas... a religião é essencialmente um instrumento que as pessoas usam para obter o que desejam”.⁷

Ironicamente, quando as pessoas se concentram principalmente no seu próprio prazer, a vida se torna vazia e frequentemente o resultado é a depressão. Conforme o especialista em felicidade, Dr. Martin Seligman, as pessoas nascidas após a Segunda Guerra Mundial vivenciaram dez vezes mais depressão do que qualquer geração anterior.⁸ A razão: Elas começaram a ter um foco no indivíduo. Hoje em dia, os jovens crescem completamente com essa ênfase e, como resultado, vivenciam níveis ainda mais altos de depressão.

Hoje em dia, os jovens têm muitas vantagens que as gerações anteriores desconheciam: a internet, o telefone celular, viagens mais cômodas e mais baratas, melhoria na assistência médica, melhor educação, menos trabalho físico, oportunidades melhores, direitos iguais, e, para a maioria, a liberdade de fazer as suas próprias escolhas. Mas o problema, para muitos, é que não

têm nada em que se concentrar, além de si mesmos. Esta geração foi treinada para se concentrar no indivíduo, às custas de um propósito maior na vida.

A nossa Necessidade de Esperança

A condição dos nossos jovens, hoje em dia, nos apresenta um claro retrato de como a Queda afetou a humanidade. A vida sem Deus é uma vida de foco no indivíduo e falta de propósito. É uma vida de busca desesperada de significado e satisfação, sem encontrá-los, porque nós fomos criados para encontrar o verdadeiro significado, satisfação e amor somente em conexão com o Deus que nos criou. Sem essa conexão, estamos condenados à vida de busca sem propósito que vemos na cultura de hoje. Estamos condenados a seguir as nossas próprias trilhas tortuosas a incontáveis becos sem saída, em busca de algo que nunca conseguiremos encontrar sozinhos.

O estado da nossa juventude hoje é um exemplo de quão desesperadamente todos nós precisamos de esperança. A vida vivida segundo os padrões do próprio indivíduo e buscando a própria satisfação significa contínua alienação de Deus e persistente frustração com a falta de significado, propósito e realização. A resposta para todos — jovens e adultos, de igual maneira — é adotar uma perspectiva bíblica com uma missão que nos ajudará a suportar as dificuldades da vida. Uma perspectiva bíblica simplesmente significa ver a vida verdadeiramente da perspectiva de Deus. Significa entender a verdade da nossa condição desesperadora sem Deus, e tomar providências para realinhar a nossa vida, de acordo com o seu caráter e o verdadeiro significado da verdade universal.

O filósofo J. P. Moreland explica:

É por isso que a verdade é tão poderosa. Ela nos permite cooperar com a realidade, seja espiritual seja física, e aproveitar o seu poder. Quando aprendemos a pensar corretamente a respeito de Deus, dos ensinamentos específicos das Escrituras, da alma ou dos outros aspectos importantes de uma perspectiva cristã, somos colocados em contato com Deus e com essas realidades. E desta maneira obtemos acesso ao poder que está disponível para que vivamos no reino de Deus.⁹

Os jovens e os adultos, de igual maneira, precisam compreender claramente que Deus os está chamando para ver a vida da sua perspectiva, e devem se unir a Ele, em uma missão que literalmente define o seu destino eterno.

Abandonar a confiança em si mesmo e alinhar-se de acordo com a verdade de Deus pode trazer uma transformação poderosa, que é mais do que igual aos desafios atuais que todos enfrentamos na cultura ímpia de hoje.

Mas a grande pergunta é: Como encontramos o caminho de volta para Deus? Nós nos separamos dEle, e Ele honrou essa escolha, deixando-nos sozinhos, extirpados da fonte de vida e nos debatendo como uma galinha sem cabeça, sem direção ou esperança. E estamos condenados a permanecer nessa condição desesperadora, a menos que o próprio Deus abra um caminho para que voltemos para junto dEle. Como estamos submetidos ao julgamento de sua perfeita justiça, e uma vez que Ele é santo demais para tolerar o pecado na sua presença, como podemos nós, que estamos viciados no pecado, voltar às suas boas graças? Não podemos fazer isso, a menos que Ele nos mostre o caminho. Sem que Ele nos estenda a mão e solucione o nosso dilema fatal, estamos perdidos.

Mas, graças a Deus, Ele fez exatamente isso. Ele nos estendeu a mão e nos mostrou o caminho de saída da nossa perdição. Nos dois capítulos seguintes, examinaremos como Ele providenciou o caminho para que voltássemos para junto dEle e superássemos a maldição da Queda.

O INCRÍVEL AMOR DE DEUS

Até este ponto do livro, exploramos como as coisas deviam ser, como acabaram chegando à bagunça que vivemos agora e a maldição que desceu sobre a humanidade, quando rejeitamos Deus em favor do indivíduo. Nós concluímos o capítulo anterior mostrando como o nosso afastamento de Deus nos coloca em uma posição desesperadora, a menos que o próprio Deus nos ofereça uma solução. Nós somos culpados de trazer a contaminação do pecado ao seu universo perfeito, de causar dor e ruína à sua criação e a nós mesmos. Deus, na sua justiça e santidade perfeitas, não pode ser chamado de bom se permitir que o pecado permaneça neste universo. Por isso, nós, os agentes do pecado, estamos sob a condenação do seu julgamento perfeito. Nós somos culpados, e merecemos a condenação. Este é o nosso dilema.

Nós não nos damos conta, mas Deus também enfrentou um dilema. (Pelo menos, é um dilema, para a limitada mente humana.) Estranhamente, Ele não quis nos condenar. Embora o pecado que nós carregávamos fosse como um vírus contagioso, que acabaria infectando toda a criação, se não fosse erradicado deste planeta, Ele não quis nos infligir a condenação que tínhamos merecido ao nos tornar criaturas contaminadas pelo pecado. No entanto, como afirmamos neste livro, a sua santidade — a sua bondade e justiça perfeitas — não lhe deram escolha, senão lidar com a contaminação do pecado que havíamos trazido ao seu universo. Este foi o dilema de Deus. O nosso pecado tinha de ser condenado, mas Ele não queria nos condenar.

A pergunta natural é: Por que Deus não queria nos condenar? Nós tínhamos lhe dado um tapa no rosto, rejeitando o seu presente maravilhoso de uma vida perfeita, em um mundo perfeito. Tínhamos rejeitado o seu amor — o mais profundo e mais gratificante amor que um ser humano poderia vivenciar. Tínhamos rejeitado o seu relacionamento íntimo conosco — um

relacionamento tão íntimo que Ele viveria em nós pessoalmente, partilhando conosco a sua sabedoria e o seu poder para que fôssemos os seus regentes sobre a criação. Ele nos deu tudo isso, e nós atiramos isso de volta a Ele, e nos separamos, para seguir o nosso próprio caminho tortuoso, rumo a lugar nenhum, procurando alguma orientação no nosso próprio vazio. Sim, nós que, sem Deus, não temos o discernimento e a sabedoria para decidir corretamente que passo devemos dar a seguir. Depois de rejeitar a Deus desta maneira, por que Ele ainda deveria se preocupar conosco? Por que Ele não diria, simplesmente: “Já vão tarde! Se isso é o que eles pensam de tudo o que Eu lhes dei, não merecem o meu tempo ou a minha energia”. Por que Ele não liberou um par de relâmpagos ali mesmo, no Éden e não reduziu o casal ingrato a dois montes de cinzas?

Nós encontramos a resposta no fato de que Deus amava o casal que havia criado. Não é que Ele precisasse de nós para satisfazer alguma falta de amor em si mesmo. A essência da existência de Deus é uma unidade íntima de três personalidades, unidas pela contínua interação de amor. No entanto, na sua infinita capacidade de amar, Ele amou profundamente o homem e a mulher que havia criado, e o poder desse amor não diminuiu pela queda deles.

Embora nós, humanos, não sejamos infinitos, conseguimos entender esse amor, até certo ponto, porque o compartilhamos, embora com uma capacidade mais limitada. Como Deus, nós nos alegramos em ter outras criaturas vivas ao nosso redor, com as quais repartir o nosso afeto. Embora os casais recém-casados estejam profundamente apaixonados e em total envolvimento um com o outro, quase todos desejam filhos. Eles desejam expandir o seu amor, para incluir outros como eles mesmos, a quem “criam segundo a sua própria imagem”, gerando e criando. Eles se alegram com esses pequenos pacotes de alegria que trazem ao mundo, para amar, apreciar, proteger e criar até a maturidade.

Nós, pais, nos alegramos em nossos filhos. E o que é surpreendente é que Deus se alegra, da mesma maneira, com os humanos que criou. Como uma mãe se alegra com o sorriso de seu bebê, Deus se alegra com o amor de suas criaturas humanas. Ele amou Adão e Eva com incrível paixão e obteve grande prazer do seu relacionamento com eles (veja Pv 11.20). Esse íntimo e alegre relacionamento entre Deus e a humanidade, com o amor fluindo continuamente nas duas direções, era a sua intenção, não meramente para o primeiro casal, mas para toda a humanidade, durante todos os tempos. Ele nos criou para a sua alegria, e nos criou para que nos alegrássemos nEle.

Mesmo quando os nossos filhos se desviam do caminho que lhes indicamos, e erram, nós continuamos a amá-los. Podemos lamentar o que eles fizeram, mas a nossa tristeza mostra que nós nos preocupamos e nos interessamos por eles, apesar de suas escolhas voluntárias. Naturalmente, às vezes ouvimos falar de pais que renegam e rejeitam seus filhos por causa de seus erros, mas, mesmo nesses casos, a dor e a tristeza permanecem no coração dos pais, mostrando que, apesar de sua demonstração de ira e rejeição, o amor ainda está intacto, mesmo que amargo e suprimido.

Nesse contínuo amor pelos nossos filhos, nós refletimos a natureza amorosa de Deus. Embora a Queda tenha tornado todos os humanos inimigos naturais de Deus, Ele ainda nos amava. Por mais assombroso que isso pode parecer, Ele não conseguiu suportar a ideia de nos perder (veja Jo 3.16). Ele examinou o futuro que havia planejado para a raça humana, e a ideia de que você e eu pudéssemos não existir na sua presença, por toda a eternidade, partiu seu coração. Apesar do fato de que a humanidade o havia rejeitado, esse seu amor assombroso não podia suportar a ideia da nossa destruição. Ele nos queria de volta. Assim, Ele se recusou a aceitar a decisão de Adão e Eva de rejeitá-lo como a última palavra, e nos procurou. Ele imaginou uma solução que nos salvasse da nossa própria loucura.

O Incrível Amor de Deus

Há outra razão por que o Deus da Bíblia age de maneira amorosa com a sua criação. Não é necessariamente por qualquer virtude ou amabilidade do objeto amado; é simplesmente porque a sua natureza é amar. As Escrituras nos dizem que “Deus é amor” (1 Jo 4.8 – ARA). A própria natureza e caráter de Deus é amor. Deus age com amor, não porque sejamos adoráveis ou mereçamos amor, mas simplesmente porque Ele é amor. E o amor de Deus não consiste meramente de sentimentos calorosos de afeto ou atos benevolentes de bondade. O seu amor é um amor real, ativo e resistente, que deseja o melhor para nós, em todas as circunstâncias.

Essa ideia pode ser difícil de aceitar, para algumas pessoas. Com desastres pessoais, pobreza mundial, inundações, incêndios nas florestas, terremotos, terrorismo, tortura, doenças, morte e o acúmulo de dor durante os séculos, muitos de nós se perguntam: Se Deus realmente é amoroso, por que Ele permite uma tragédia tão terrível e flagrante? O cristianismo não oferece respostas gentis para essa difícil pergunta, mas nos assegura do amor de Deus e do seu cuidado pela sua criação. Na verdade, as Escrituras fazem grandes esforços para nos fornecer evidência do amor de Deus, evidência que estamos prestes a explorar nos capítulos seguintes deste livro. Quando tivermos certeza do amor de Deus, saberemos que podemos confiar nEle. E quando estivermos dispostos a confiar nEle, Ele nos ajudará a transcender a dor e as dificuldades que encontramos neste mundo caído.

Uma das primeiras evidências da profundidade do amor de Deus foi dada a Adão e Eva, logo ali, no Éden, quando eles estavam diante de Deus, enfrentando o julgamento pelo seu pecado. Depois de dizer a eles toda a dor e agonia que teriam de suportar, como resultado de haverem se afastado dEle, Ele então fez o primeiro anúncio do seu plano de salvá-los do seu mergulho de cabeça para a morte. Em Gênesis 3.15, ouvimos Deus dizer à serpente que atraiu Eva ao pecado: “E porei inimizade entre ti e a mulher e entre a tua semente e a sua semente; esta te ferirá a cabeça, *e tu lhe ferirás o calcanhar*” (ênfase minha). Essa profecia deu à humanidade a primeira indicação de que Deus tinha um plano para resgatar da morte a mulher, seu esposo e a sua descendência. Ela lhes dizia que um descendente da mulher viria ao mundo, um dia, e esmagaria a cabeça de Satanás, destruindo para sempre o poder da morte que ele infligiu sobre a raça humana. No processo, esse descendente

seria ferido — isto é, o seu calcanhar seria atingido, mas a ferida não seria fatal.

Essa profecia enigmática foi o primeiro pronunciamento da intenção de Deus de salvar a humanidade, mas Ele tinha feito esse plano muito antes. Em 1 Pedro 1.19,20, lemos: “com o precioso sangue de Cristo, como de um cordeiro imaculado e incontaminado, o qual, na verdade, em outro tempo, foi conhecido, ainda antes da fundação do mundo, mas manifestado, nestes últimos tempos”. Aqui vemos a verdadeira profundidade do amor de Deus por nós. Mesmo antes que nós pecássemos, Ele nos amava tanto que já havia planejado uma maneira de nos salvar, se caíssemos. E esse plano envolvia um imenso sacrifício por parte de Deus. Ele pretendia levar a punição pelo pecado sobre si mesmo, enfrentar a morte face a face e derrotar o seu poder sobre nós de uma vez por todas. Ele seria gravemente ferido no processo, mas sairia vitorioso sobre Satanás.

Assim, você pode ver que entender o significado do amor começa olhando para o caráter de Deus, e não consultando um dicionário. E, em particular, devemos nos concentrar na cruz de Cristo, onde Deus fez a demonstração suprema do seu amor por nós. Em 1 João 3.16 (ARA) está escrito: “Nisto conhecemos o amor: que Cristo deu a sua vida por nós; e devemos dar nossa vida pelos irmãos”. Em nenhum lugar o amor de Deus é mais bem demonstrado do que na morte de Jesus, onde Ele voluntariamente aceitou a penalidade que nos era devida pelo nosso pecado de rejeitar a Deus. Como 1 João 4.10 (ARA) diz: “Nisto consiste o amor: não em que nós tenhamos amado a Deus, mas em que ele nos amou e enviou o seu Filho como propiciação pelos nossos pecados”.

Às vezes, nós nos esquecemos do quanto estamos completamente perdidos sem Deus; não há nada que possamos fazer para solucionar esse dilema. Mas Deus, ao enviar o seu Filho, pagou a dívida pelos nossos pecados, para que pudéssemos voltar ao relacionamento com Ele. Enviar o seu Filho para enfrentar a morte foi um ato de amor puro e imerecido, pois Deus não tinha nenhuma obrigação de estender a mão a nós. Ele fez isso livremente e sem obrigação, simplesmente porque Ele nos amava. Não há *nada* que Deus não fizesse para provar o seu amor por nós. Deus não poderia ter pago um preço maior do que dar o seu próprio Filho para sofrer a maior de todas as agonias e morrer por nós.

O amor de Deus não pode ser entendido meramente pela análise ou à distância. Como uma boa dança ou um belo crepúsculo, o amor de Deus

somente pode ser conhecido pela participação nele. O amor é percebido no relacionamento, o que significa que o amor de Deus somente pode ser compreendido no contexto de um relacionamento pessoal de confiança. Não é suficiente permanecer como espectadores passivos da história de Deus no mundo. Se desejarmos verdadeiramente vivenciar o seu amor, devemos estar dispostos a aplicar a sua verdade à nossa vida hoje.

Amar Significa Dar-se

Vamos explorar, por um momento, a profundidade do amor de Deus por nós. Frequentemente, expressamos amor dando presentes àqueles com quem temos algum relacionamento. Às vezes, esses presentes têm um significado real, e às vezes podem ser maus substitutos para o amor real, como quando um pai ocupado derrama brinquedos e presentes sobre os filhos, mas não se envolve profundamente na vida deles. Não há presente maior que podemos dar a alguém do que oferecer a nós mesmos. Por mais valiosos que sejam os presentes tangíveis, eles não se comparam à oferta da nossa presença. Ralph Waldo Emerson, o grande escritor, entendia essa verdade tão bem como qualquer outra pessoa. Ele disse: “Um presente é uma desculpa para *não* dar a si mesmo”. E esse dar a si mesmo é exatamente o que Deus fez por nós quando nos enviou o seu Filho, Jesus Cristo.

Cristo não foi meramente um presente externo, Ele não foi um anjo ou um animal, ou um terceiro, mas foi o Filho eterno do Pai, que é um com Deus na sua existência essencial. Ao dar o seu Filho, Deus estava dando a si mesmo. Por isso, Paulo diz: “A vida que agora vivo na carne vivo-a na fé do Filho de Deus, o qual me amou e se entregou a si mesmo por mim” (Gl 2.20). John Stott astutamente observa:

Se Deus tivesse nos enviado um homem, como havia enviado os profetas a Israel, nós teríamos sido gratos. Se Ele tivesse enviado um anjo, como enviou a Maria, na anunciação, nós teríamos considerado isso um grande privilégio. Mas, em qualquer dessas opções, Ele nos teria enviado um terceiro, uma vez que os homens e os anjos são criaturas criadas por Ele. Mas ao nos enviar o seu próprio Filho, eternamente gerado pela sua própria existência, Ele não estava enviando uma criatura, um terceiro, mas dando a si mesmo.¹

Deus deu *a si mesmo* como a oferta para a salvação da humanidade. A enorme importância disso não pode ser ignorada. Pois como Deus Pai poderia ter demonstrado o seu amor pela sua criação se tivesse enviado outra pessoa à terra? Isso não serviria. Uma vez que a essência do amor é dar a si mesmo, então, quando o Deus de todos os universos se deu à humanidade, Ele

demonstrou o maior e mais assombroso ato de amor da história. Paulo observou: “Aquele que nem mesmo a seu próprio Filho poupou, antes, o entregou por todos nós, como nos não dará também com ele todas as coisas?” (Rm 8.32). E Jesus disse: “Porque Deus amou o mundo de tal maneira que deu o seu Filho unigênito, para que todo aquele que nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna” (Jo 3.16). Cada ato de amor na história empalidece, em comparação com o “dom inefável” de Deus, o seu Filho (2 Co 9.15).

O valor de um presente de amor é avaliado de duas maneiras: o que o presente custa a quem o dá, e o grau de merecimento que se considera que o destinatário tenha. Muitos jovens apaixonados encherão a pessoa amada com presentes caros, muito mais caros do que têm condições de pagar, por causa do seu amor sacrificial. Jacó trabalhou 14 anos por Raquel, por causa do seu amor por ela. Deus pagou o preço mais caro que poderia pagar por nós: Ele enviou o seu único Filho, para morrer por nós. Ele não poderia ter pago um preço mais alto. Ele deu tudo o que podia dar, por aqueles que não mereciam nada. Como diz Romanos 5.8, foi assim que Deus mostrou o seu grande amor por nós — “em que Cristo morreu por nós, sendo nós ainda pecadores”.

Amar Significa Desistir do Poder

Deus demonstrou claramente o seu poder ao mundo durante os tempos do Antigo Testamento, criando o universo, destruindo Sodoma e Gomorra, trazendo as pragas ao Egito, dividindo o mar Vermelho e operando outros assombrosos milagres. Mas há dois mil anos, quando desejou que o seu amor fosse plenamente revelado, Ele deixou de lado o seu poder. Jesus deixou de lado o poder que assombraria os homens e os levaria à submissão, e veio a nós em humildade. Filipenses 2.6-8 diz:

Sendo em forma de Deus, não teve por usurpação ser igual a Deus. Mas aniquilou-se a si mesmo, tomando a forma de servo, fazendo-se semelhante aos homens; e, achado na forma de homem, humilhou-se a si mesmo, sendo obediente até à morte e morte de cruz.

Deus se humilhou tanto, que foi levado à morte pelas suas próprias criaturas. As pessoas que Ele criou para amar, e para que o amassem, zombaram dEle, cuspiram nEle e o torturaram. Eles clamaram e pediram que Jesus demonstrasse o seu poder, para se salvar, mas Ele recusou. Ele recusou porque a cruz não era o lugar para o poder; *era o lugar para a demonstração do seu amor*. Para o nosso mundo, o caminho de Jesus parece loucura. O poder é o que realmente importa. Os impotentes não valem nada. Mas Jesus ignorou todas as tentações ao poder, e demonstrou a natureza do amor genuíno, com a sua morte. O amor genuíno é caracterizado pela atitude de assumir riscos, de maneira ilimitada e abnegada, sem uma garantia de sucesso, e uma vulnerabilidade que pode ser facilmente ferida. Foi exatamente isso o que Deus fez quando deu o seu Filho; Ele se fez vulnerável à possibilidade de que os seus humanos amados o rejeitariam.

Talvez a maior demonstração da força de Deus veio quando Ele esteve disposto a abrir mão do seu ilimitado poder, e sofrer. Philip Yancey capta a importância desse ato:

O espetáculo da cruz, o evento mais público da vida de Jesus, revela a vasta diferença entre um Deus que prova quem é por meio do poder, e um que prova quem é por meio do amor. Outros deuses, os deuses romanos,

por exemplo, desejavam adoração: na época em que Jesus viveu, alguns judeus foram assassinados, por não se inclinarem diante de César. Mas Jesus Cristo nunca exigiu que ninguém cresse nEle. Ele preferiu agir pela atração, tirando a atenção que as pessoas tinham em si mesmas, e atraindo-as a Ele.²

Pela morte de Jesus na cruz, podemos conhecer a Deus de uma maneira mais íntima. Michael Green observa:

A força do Leão de Deus é o sacrifício do Cordeiro de Deus. O amor abnegado está agora no trono do universo, e é a chave para a compreensão da história e do destino humanos. ... O Calvário exhibe a atitude de Deus para com os pecadores de toda a eternidade. Não há nada mais fundamental, em todo o universo, do que o amor abnegado de Deus. Esta é a base da esperança cristã.³

Deus não é apenas o poderoso criador do universo; Ele é o Pai entristecido, que anseia pelo retorno de seu filho pródigo. E foi na cruz que o amor de Deus foi mais bem demonstrado.

Isso deve ser como boas-novas para todos nós, particularmente hoje, quando uma baixa autoestima parece afligir tantas pessoas. Apesar do entusiasmo em afirmar a autoestima, muitas pessoas são entorpecidas por profundos sentimentos interiores de inferioridade. A nossa sociedade, cheia de pressão, coloca tanta ênfase na aparência externa, no poder, no fluxo de caixa e na popularidade, que quem quer que não esteja à altura em todas as categorias sente-se diminuído. Com frequência nos sentimos amados apenas quando realizamos o que se espera de nós. O amor incondicional parece quase incompreensível para a maioria das pessoas. Não é de admirar que tantas pessoas, hoje em dia, lutem com o seu valor próprio.

Esses sentimentos de baixa autoestima e falta de valor são desnecessários, porque Deus demonstrou o nosso valor para Ele, por meio da sua disposição em enviar o seu Filho para morrer pelos nossos pecados. É como se Deus estivesse dizendo: “Eu o amo tanto que não há nada que Eu não fizesse para ter um relacionamento contigo. Você tem infinita importância para mim. Eu o criei à minha imagem, e desejo conhecê-lo, da mesma maneira como desejo que você me conheça. Você vale mais para mim do que os lírios do campo, os

montes cobertos de neve e os peixes do mar. O meu amor por você é ilimitado. Eu acredito em você. Desejo ser parte da sua vida, e desejo que você vivencie a imensa importância que Eu atribuo a você, e o infinito amor que tenho por você”. Este é um resumo do quanto você vale. Você nunca pode se considerar não amado ou sem valor. Você é a pessoa muito amada do Deus e Criador do universo.

Muitas pessoas pensam que eu (Josh) fui atraído a Jesus pela evidência histórica em favor da sua morte e ressurreição, a sua divindade e a confiabilidade das Escrituras. Mas não é este o caso. Foi o seu amor, que me foi exibido em primeira mão na vida de alguns cristãos. Não foram fatos lógicos a respeito de Cristo que fizeram com que eu compromettesse a minha vida a Ele; foi o coração amoroso de Cristo, que se estendeu em misericórdia para estabelecer um relacionamento comigo.

Você percebe, a evidência histórica convenceu a minha mente de que o Jesus que viveu há dois mil anos tinha que ser o único Deus verdadeiro. Mas foi o seu amor que se apoderou do meu coração e me levou a entregar a minha vida a Cristo. Foi o amor de Deus que me atraiu a Ele. Deus disse: “Com amor eterno te amei; também com amável benignidade te atraí” (Jr 31.3).

Nos dois capítulos a seguir, mostraremos como o incrível amor de Deus o levou à solução suprema, para nos restaurar a um relacionamento com Ele, e demonstraremos que é por causa da morte e ressurreição de Cristo que podemos saber que o nosso relacionamento de amor com Deus continuará depois da morte.

A SOLUÇÃO PARA O NOSSO DILEMA

No capítulo anterior, explicamos o amor profundo que Deus tem por nós, e mostramos como isso o levou a se sacrificar, morrendo na cruz. Obviamente, a sua morte sacrificial tinha de ter um propósito definido. Se um homem for mergulhar em um lago gelado e se afogar, gritando à sua namorada, sentada à margem, quando submergia pela terceira vez: “Estou fazendo isso porque amo você”, nós não pensaríamos nesse homem como um grande apaixonado, mas um grande tolo. A menos que a sua namorada estivesse se afogando e o mergulho do homem no lago pudesse salvá-la, esse sacrifício próprio não teria nenhum propósito de salvação.

No capítulo anterior, explicamos como o amor profundo que Deus tem por nós o levou a se sacrificar, morrendo na cruz. Mas obviamente a sua morte tinha de ter significado, pelo fato de que, de alguma maneira, cumpria o propósito definido de nos salvar, ou teria sido um mero ato de loucura. Assim, as perguntas naturais são: Como o sacrifício de Deus nos salvou? Como a sua morte e ressurreição propiciaram uma solução para o dilema mortal do homem? Neste capítulo, apresentaremos os atos de salvação de Deus como um processo de duas etapas, começando com a sua morte na cruz e culminando com a sua ressurreição dos mortos.

Etapa 1: O Sacrifício de Cristo

O incrível amor de Deus por nós e a satisfação da sua exigência por justiça podem ser vistos na crucificação de Cristo em uma cruz romana na Judeia do século I (veja Rm 5.8). Como observou John Stott: “A cruz pode ser vista como uma prova do amor de Deus somente quando é vista, ao mesmo tempo, como prova da sua justiça”.¹ Nós demonstramos, no capítulo anterior, como o sacrifício de Cristo demonstra o amor de Deus. Agora explicaremos rapidamente como ele também satisfaz a sua exigência de justiça perfeita, e isso nos dirá como a sua morte nos salvou.

Nós vimos que, como Deus é bom e justo, deve fazer alguma coisa com respeito ao pecado. Como nós, humanos, somos a parte culpada, que contamina o seu mundo perfeito com o vício do pecado, a justiça exige que soframos a punição pelo pecado, que é a morte (Rm 6.23). Deus nos resgatou, agindo como nosso substituto e assumindo, em nosso lugar, a morte que nós merecíamos.

O que Cristo fez por nós foi, de alguma maneira, como o sacrifício de Sidney Carton pelo nobre Charles Darnay no romance histórico de Charles Dickens, *Um Conto de Duas Cidades*. Carton conseguiu entrar às escondidas na cela da prisão do Darnay condenado, e conduzir secretamente à liberdade o nobre condenado. Então, quando chegou o momento em que os carcereiros deviam levar Darnay à guilhotina, foi Carton que recebeu a sua morte. Ou, para esclarecer o conceito ainda mais, com um novo exemplo, o sacrifício de Jesus é, de alguma maneira, semelhante à de um juiz que condenou a sua própria filha a pagar uma multa de 200 dólares por excesso de velocidade. A jovem não tinha o dinheiro, e como resultado a lei estipulou que ela devia passar três dias na prisão. O juiz, obrigado pelo seu cargo a administrar justiça, mas não querendo que a sua filha amada fosse submetida aos maus tratos dos companheiros de cela, desceu do tribunal, removeu seu manto e pagou a multa pela jovem. Ele pagou a punição, e ela ficou em liberdade. A justiça foi satisfeita, mas o amor prevaleceu, libertando a culpada da condenação.

Esses exemplos nos apresentam um retrato do que Cristo fez por nós. A sua morte na cruz era a morte que deveríamos ter tido. Os pecados pelos quais Ele morreu eram os nossos. A culpa que Ele carregou era a nossa. E uma vez que

Ele pagou o preço, a justiça agora está satisfeita, e podemos ficar em liberdade. Como o apóstolo Paulo nos diz: “Levou ele mesmo em seu corpo os nossos pecados sobre o madeiro, para que, mortos para os pecados, pudéssemos viver para a justiça; e pelas suas feridas fostes sarados” (1 Pe 2.24). E mais adiante ele escreve: “também Cristo padeceu uma vez pelos pecados, o justo pelos injustos, para levar-nos a Deus; mortificado, na verdade, na carne, mas vivificado pelo Espírito” (1 Pe 3.18). Paulo afirma o conceito, quando escreve: “Àquele que não conheceu pecado [Jesus], [Deus] o fez pecado por nós; para que, nele, fôssemos feitos justiça de Deus” (2 Co 5.21).

Cristo assumiu a nossa culpa, e pagou a penalidade. Portanto, estamos livres da culpa, e livres da condenação que o nosso pecado trouxe sobre nós.

Como resultado, Deus agora pode nos livrar da penalidade do pecado, e nos tratar como se fôssemos absolutamente inocentes. Como nos diz Paulo, “para que, assim como o pecado reinou na morte, também a graça reinasse pela justiça para a vida eterna, por Jesus Cristo, nosso Senhor” (Rm 5.21).

Assim, podemos ver como a encarnação e a morte de Cristo demonstram o amor de Deus e também a sua justiça: “A misericórdia e a verdade se encontraram; a justiça e a paz se beijaram” (Sl 85.10). Deus é amoroso e justo. A morte de Cristo pagou a penalidade legal pelo pecado e removeu a barreira que o pecado havia colocado entre Deus e nós.

Por que Tinha de Ser Jesus?

O propósito supremo da morte de Cristo era reconciliar os humanos rebeldes com o Deus amoroso que os criou. Em qualquer reconciliação, o mediador deve representar, com justiça, os dois lados. Por esta razão, Jesus Cristo é o mediador perfeito entre Deus e a humanidade. Por quê? Porque Cristo *era Deus, em carne humana*. Ele era Deus e também homem. Ele era plenamente Deus, desde toda a eternidade, e se tornou plenamente homem, quando nasceu de Maria, em Belém.

Por que Deus teve de se tornar humano? Nós mencionamos anteriormente que a punição pelo pecado é a morte. Deus, sendo eterno em natureza, não pode morrer. Para morrer a morte física que trouxemos a nós mesmos com o nosso pecado, Cristo teve de se tornar humano. Há também outra razão por que Ele tinha de ser humano: foram os humanos que haviam se rebelado contra Deus, e haviam infringido as suas leis e decretos, desta maneira se separando da sua presença. Como os humanos haviam ofendido a Deus, um humano tinha de pagar o preço da sua reconciliação com Deus. O problema, como as Escrituras deixam claro, é o fato de que os nossos pecados nos contaminaram de tal maneira que não conseguimos agradar a Deus sozinhos. Nenhum humano pode se qualificar para pagar pelos pecados de toda a humanidade, porque cada humano tem os seus próprios pecados pelos quais pagar. É como se o juiz, do nosso exemplo acima, estivesse falido e não tivesse o dinheiro para pagar pela multa de sua filha. Uma terceira pessoa era imprescindível, para fornecer os recursos necessários. Como diz Paulo: “Todos se extraviaram e juntamente se fizeram inúteis. Não há quem faça o bem, não há nem um só” (Rm 3.12). E como nenhum de nós faz o bem que Paulo menciona, nenhum de nós tem a bondade necessária para pagar pelos pecados de outras pessoas.

O nosso sacrifício substituto teve de ser Deus, pois somente Ele tem a perfeição imaculada necessária. Cristo teve de ser, ao mesmo tempo, divino e humano, para que a sua morte pagasse adequadamente o preço pelos nossos pecados. A única maneira de que isso funcionasse era se Deus se tornasse humano, na pessoa de Cristo, como nosso substituto para a execução.

Para resumir, o sacrifício de Cristo, a sua saída do céu e a sua descida a uma terra confusa e perturbada para sofrer e morrer por nós, mostra-nos a plena expressão do amor e da justiça de Deus na cruz. Deus desejou restaurar o seu relacionamento conosco. Mas porque Ele é o governante justo e moral

do universo, não poderia meramente ignorar as nossas transgressões e permitir que vivêssemos como pecadores, contaminando a nós e à sua criação perfeita. Era necessária uma punição — uma penalidade que pudesse compensar o pecado humano e satisfazer um Deus infinitamente justo. O pecado que adquirimos teria de ser removido antes que pudéssemos retornar ao relacionamento com Ele. Em vez de nos infligir essa punição, Ele cometeu o ato supremo de amor: enviou o seu próprio Filho para que se tornasse Deus em carne humana e morresse por nós. Se Deus, em Cristo, não tivesse pago o preço pelos nossos pecados, satisfazendo a sua justiça perfeita, não poderíamos ter sido justificados. Por causa da sua morte, agora estamos diante dEle como se estivéssemos sem pecado. E como Ele agora nos pode ver sem pecado, o nosso relacionamento com Ele pode ser restaurado.

Etapa 2: A Ressurreição — A Essência da Fé Cristã

A morte sacrificial de Cristo, ainda que seja crucial na nossa reconciliação com Deus, é incompleta, por si só. A sua morte era absolutamente necessária para lidar com o problema do pecado e remover a nossa culpa; todavia, um passo a mais era necessário para nos restaurar à vida e nos permitir vivenciar a plenitude do amor de Deus. Esse passo é a ressurreição de Cristo. Sem a ressurreição, o processo da nossa restauração a Deus ficaria incompleto. Haveria a punição, e a justiça seria satisfeita, mas as portas da prisão da morte ainda não nos seriam abertas. Vamos explicar isso. Nos capítulos anteriores, comparamos o pecado a um vício. Depois que Adão e Eva pecaram, a compulsão para gratificar a si mesmos e satisfazer todos os desejos permaneceu incrustada em seu ser. Em suas cartas, o apóstolo Paulo refere-se a essa tendência interior como a nossa “carne”. Em Romanos 7.18, ele escreve: “Eu sei que em mim, isto é, na minha carne, não habita bem algum; e, com efeito, o querer está em mim, mas não consigo realizar o bem”. Adão e Eva transmitiram essa natureza pecadora interior aos seus descendentes, o que significa que cada ser humano é afligido por ela.

Embora a morte de Cristo removesse a nossa culpa e pagasse o preço pelo nosso pecado, foi o que poderíamos chamar de uma solução “legal” que satisfaz a justiça de Deus. A morte de Cristo permitiu que Deus nos visse como se não tivéssemos culpa, e removesse de nós a punição pelo pecado. Mas ela não lidou com o problema prático dessa carne pecadora, que todos possuímos — sim, até mesmo nós, que aceitamos o sacrifício de Cristo como nosso, e que tivemos a culpa e a punição removidas de nossa vida. Ainda temos essa carne pecadora herdada de Adão incrustada em nós. E até que ela seja tratada de maneira permanente, não importa o afínco com que tentemos seguir os caminhos de Deus e fazer a sua vontade, continuaremos a lutar contra essa natureza pecadora, e com frequência cairemos novamente em algum pecado, apesar da nossa decisão de não fazê-lo.

Infelizmente, essa natureza pecadora não pode ser melhorada, e não pode ser removida. Há uma única maneira de nos livrarmos dessa carne pecadora: ela deve ser morta. O problema é que ela está tão incrustada em nós que a única maneira de matar a carne pecadora é matar o pecador que a possui. É por isso que, apesar do perdão que obtivemos de Deus, pela morte de Cristo,

ainda temos de morrer fisicamente. A morte é a única maneira de nos livrar dessa carne pecadora incrustada.

Isso nos traz para a importância vital da ressurreição de Cristo. A sua ressurreição dos mortos completa o processo da nossa reconciliação com Deus. Considerando que a sua morte removeu a culpa e pagou o preço pelo pecado, ainda que isso fosse tudo o que Ele tivesse feito, ainda estaríamos presos à imperfeição de nossa carne pecadora, o que nos levaria à morte. E a morte terminaria com a nossa existência física para sempre. Mas a ressurreição de Cristo nos diz que a nossa morte não precisa ser o fim para nós. A sua ressurreição também pode ser nossa.

É assim que funciona: Quando Deus nos redime, Ele aceita o sacrifício de Cristo para remover a nossa culpa pelo pecado, e nos reivindica como seus, embora ainda tenhamos a carne contaminadora do pecado. Ele permite que nós temporariamente “tomemos emprestada” a perfeição de Cristo e nos considera como se fôssemos verdadeiramente sem pecado, sem nenhum erro ou imperfeição. Permite que tomemos emprestada essa perfeição porque sabe que a ressurreição de Cristo nos propiciou uma maneira permanente de nos livrar da contaminação do pecado e voltar a obter a verdadeira perfeição que Ele desejou para nós na criação. Então, quando morremos fisicamente, a nossa carne contaminada também morre. Ele nos dá, então, novos corpos — magníficos, gloriosos e perfeitos, como os de Adão e Eva — completamente livres da contaminação do pecado. Agora, perfeitos como deveríamos ser, seremos colocados em uma terra renovada, para começar de novo a vida como companheiros íntimos de Deus, desfrutando a sua amorosa comunhão e habitados pelo seu Espírito Santo.

Isso é o que a ressurreição de Cristo nos mostra. A morte física é inevitável. Ela é necessária para nos separar da contaminação do pecado. Mas a ressurreição de Cristo demonstra que podemos ressuscitar outra vez. Jesus é o pioneiro, aquele que derrotou a morte na cruz (“Está consumado”, Jo 19.30), e, por causa dEle, podemos viver em novos corpos, que devem durar para sempre.

Na obra *The Incredible Rumor*, um romance curto que eu (Josh) escrevi com Thomas Williams, usamos um exemplo em que comparamos Cristo a um vigoroso nadador:

Pense na morte como um rio frio e profundo. Imagine que Satanás nos deixasse inválidos, de modo que não pudéssemos nadar, e então nos

lançasse nesse rio. Todos nós estaríamos condenados. Mas veio um gigante, poderoso demais para que Satanás o aleijasse. Ele podia nadar maravilhosamente. Ele se ofereceu para nos carregar pelo rio, de modo que montamos às suas costas, nos seguramos a ele, e ele mergulhou. O peso era grande, e ele afundou nas profundezas. Satanás esperou que ele se afogasse, mas, para sua surpresa, o nadador apareceu do outro lado do rio, trazendo-nos consigo. É isso o que são a morte e a ressurreição de Jesus.²

“Mas”, você pode perguntar a si mesmo, “como a morte e a ressurreição de uma pessoa podem pagar o preço e derrotar a morte para toda a raça humana?” Segundo o apóstolo Paulo, a morte entrou na raça humana pelos pecados de um homem, Adão. Se o pecado entrou no mundo por um homem, então também pode ser derrotado pelo ato virtuoso de um homem. E foi exatamente o que aconteceu. Por causa da morte e ressurreição de Jesus, todos nós podemos receber uma nova vida. Jesus não lidou apenas com o pecado; Ele derrotou o Diabo. Ele realmente aniquilou a morte, destruindo o seu poder sobre nós.

Por causa da ressurreição de Cristo, a morte perdeu o seu aguilhão. Paulo grita, com ar de desafio: “Onde está, ó inferno, a tua vitória? Onde está, ó morte, o teu aguilhão?” Naturalmente, não há resposta. Então Paulo grita outra vez, e agora com ar de conquista: “Mas graças a Deus, que nos dá a vitória por nosso Senhor Jesus Cristo” (1 Co 15.55,57). Como a morte perdeu a sua capacidade de nos fazer danos, ela perde a sua capacidade de aterrorizar.

Jesus disse, triunfante: “Eu sou a ressurreição e a vida; quem crê em mim, ainda que esteja morto, viverá; e todo aquele que vive e crê em mim nunca morrerá” (Jo 11.25,26). Como John Stott declarou, de maneira tão apropriada: “Jesus é a ressurreição dos crentes que morrem, e a vida dos crentes que permanecem vivos”.³

Se Jesus realmente ressuscitou dos mortos na história, como indica a evidência em que nos aprofundaremos mais à frente, então podemos ter confiança de que, um dia, ressuscitaremos também da nossa própria morte. O sepulcro vazio de Jesus é uma promessa de que os nossos relacionamentos irão continuar, e que compartilharemos a vitória de Cristo sobre a morte.

A Importância Vital da Ressurreição

O fato histórico da ressurreição é a fundação da fé cristã. Não é um artigo opcional de fé — é *a* fé! A ressurreição de Jesus Cristo e o cristianismo sobrevivem ou caem juntos; um não pode ser verdadeiro sem o outro. A fé na verdade do cristianismo não é meramente fé na fé — na nossa, ou na de qualquer outra pessoa — mas é a fé no Cristo ressuscitado da história. Sem a ressurreição histórica de Jesus, a fé cristã seria um mero placebo. A adoração, a comunhão, o estudo da Bíblia, a vida cristã e a própria igreja seriam exercícios inúteis ou fúteis se Jesus não tivesse ressuscitado dos mortos, literal e fisicamente. Sem a ressurreição, podemos perfeitamente nos esquecer de Deus, da igreja, e deixar de seguir as regras morais e dizer: “Comamos e bebamos, que amanhã morreremos” (1 Co 15.32). Por outro lado, se Cristo ressuscitou dos mortos, então Ele está vivo neste exato momento, e podemos conhecê-lo pessoalmente (veja 1 Co 15.4). Os nossos pecados são perdoados (veja v. 3), e Ele destruiu o poder da morte (veja v. 54). Além disso, Ele promete que também seremos ressuscitados algum dia (veja v. 22). Podemos confiar nEle, porque Ele é soberano sobre o mundo (veja v. 27). Ele nos dará a vitória definitiva (veja v. 57) e tem um plano para a nossa vida (veja v. 58).

A ressurreição tem sido o foco da igreja, desde a sua origem. O livro de Atos, no Novo Testamento, narra a história do princípio da igreja cristã e ilustra isso muito bem:

- No primeiro capítulo, os onze apóstolos estavam tentando encontrar um substituto para Judas. Um critério para a escolha de um apóstolo era que “se faça conosco testemunha da sua ressurreição [de Jesus]” (At 1.22).
- Em Atos 2.23,24, Pedro faz o seu primeiro sermão, no dia de Pentecostes. O tom do sermão foi “A este [Jesus] que vos foi entregue pelo determinado conselho e presciência de Deus, tomando-o vós, o crucificastes e matastes pelas mãos de injustos; ao qual Deus ressuscitou, soltas as ânsias da morte, pois não era possível que fosse retido por ela”.
- No segundo sermão de Pedro, ele diz: “Mas vós negastes o Santo e o Justo e pedistes que se vos desse um homem homicida. E matastes o

Príncipe da vida, *ao qual* Deus ressuscitou dos mortos, *do que* nós somos testemunhas” (At 3.15).

Em suas cartas, Paulo se refere à ressurreição de Jesus 53 vezes. Muitos desses textos declaram a supremacia da ressurreição, a certeza que ela nos dá de nossa própria ressurreição física, ou as duas coisas. Ele enfatiza a importância da ressurreição na sua Epístola aos Tessalonicenses: “Porque eles mesmos anunciam de nós qual a entrada que tivemos para convosco, e como dos ídolos vos convertestes a Deus, para servir ao Deus vivo e verdadeiro e esperar dos céus a seu Filho, a quem ressuscitou dos mortos, *a saber*, Jesus, que nos livra da ira futura” (1 Ts 1.9,10, ênfase minha).

O acadêmico inglês N. T. Wright explica como é importante a ressurreição para a vida da igreja:

Não há nenhuma forma do cristianismo primitivo, de que tenhamos conhecimento — embora haja algumas que foram inventadas por acadêmicos engenhosos — que não afirme, no seu cerne, que depois da vergonhosa morte de Jesus, Deus o ressuscitou novamente à vida. Já nos tempos de Paulo, os nossos mais antigos registros escritos, a ressurreição de Jesus não é apenas um artigo de fé em separado. Ela está entrelaçada na própria estrutura da vida e da mentalidade cristãs.⁴

Até mesmo Gerd Ludemann, um acadêmico ateu que criticou severamente os Evangelhos pelo seu conteúdo espiritual, reconhece a importância da ressurreição para o cristianismo, e explica: “A ressurreição de Jesus é o ponto central da religião cristã... evidentemente, tudo depende, de maneira muito simples, do evento da ressurreição de Jesus”.⁵ Podemos discordar desse ateu, com respeito ao fato da ressurreição, mas ele acertou em cheio, com respeito à sua importância.

Dizer que Jesus, os seus primeiros apóstolos e a igreja cristã colocaram significativa ênfase na ressurreição de Jesus é expressar o assunto de maneira branda. Tudo o que Jesus ensinou e tudo aquilo segundo viveu dependiam da sua morte e ressurreição. Todas as promessas e profecias da Bíblia dependiam da ressurreição. Toda a história do plano de Deus, de restaurar o seu relacionamento com os homens e mulheres, depende da ressurreição. Não é exagerar os fatos dizermos que a ressurreição de Jesus é o evento mais

importante da história do mundo. A sua vida e a minha dependem da ressurreição.

Embora a ressurreição de Jesus seja muito *mais* do que um fato histórico, não é nada *menos* que isso. Como mostraremos mais adiante neste livro, existem evidências comprovadas e convincentes de que a ressurreição realmente aconteceu.

PARTE II

O SIGNIFICADO PESSOAL DA RESSURREIÇÃO

A LIBERTAÇÃO DO TEMOR DA MORTE

É comum para os humanos temerem a morte. Jó a descreveu como “o rei dos terrores” (Jó 18.14). Não só é extremamente difícil imaginar que deixamos de existir, é realmente aterrorizador. Nós somos o centro do nosso próprio universo. A nossa existência consciente é o nosso próprio ponto de referência. Embora saibamos, em nossa mente, que algum dia a morte virá, é difícil, para nós, aceitar essa assustadora realidade.

Como uma sociedade, frequentemente nos escondemos da realidade da morte. Como os antigos egípcios, que procuravam desarmar a morte, preservando os mortos, nós gastamos pequenas fortunas tentando aumentar a nossa juventude, esperando manter a foice cruel o mais distante possível. Porém, mesmo diante da morte, confiamos em todos os tipos de pequenos recursos para manter a realidade da morte “sob controle”. Agentes funerários pintam os nossos corpos, e os vestem de maneira elegante e os colocam em “confortáveis” caixões, para suavizar o amargo impacto daquilo que realmente aconteceu. Muitas pessoas simplesmente se recusam a pensar na morte, ou mesmo a falar sobre ela. Mesmo quando falamos sobre a morte, usamos eufemismos para suavizar ou disfarçar a dura realidade. Nós preferimos palavras como “faleceu”, “dormiu” ou “partiu para estar com o Senhor”.

Por que, exatamente, tememos a morte? Vamos sugerir seis razões:¹

1. *A morte é misteriosa e desconhecida.* É normal temer o desconhecido. Casar-se, mudar-se para uma nova cidade ou fazer um novo investimento são coisas que podem trazer certa apreensão, porque não sabemos exatamente o que esperar delas. Mas a morte tem um mistério maior do que qualquer outra coisa; ela é o maior de todos os desconhecidos. Depois de entrar nesse domínio, ninguém nunca retornou

para nos contar sobre ele. É algo que nunca poderemos verdadeiramente entender, a menos que a vivenciemos.

2. *Temos de enfrentar a morte sozinhos.* Se todos nós pudéssemos ir e enfrentar em grupo os mistérios desconhecidos da morte, talvez fosse mais fácil suportar a ideia da morte. Mas não podemos fazer isso. Nós devemos viajar sozinhos nessa noite escura.
3. *Somos separados dos nossos entes queridos.* Nós nos perguntamos se os nossos relacionamentos podem continuar depois desta vida. Será que encontraremos outra vez os nossos entes queridos?
4. *As nossas esperanças e os nossos sonhos pessoais não se realizarão.* Quando morremos, os nossos objetivos morrem conosco. Não podemos continuar a construir os nossos sonhos. A morte encerra os nossos melhores planos.
5. *A morte apresenta a possibilidade de sermos aniquilados.* Nós tememos que a morte possa significar o fim de tudo. Depois da nossa morte, continuaremos a existir?
6. *A morte é inevitável.* Mesmo com os avanços científicos de hoje, que prolongam a duração da nossa vida, todos nós morreremos. Até mesmo Matusalém, o patriarca do Antigo Testamento que viveu quase mil anos, acabou sucumbindo à morte. A Bíblia nos fala de algumas pessoas que foram trazidas dos mortos, mas todas elas, exceto Cristo, morreram outra vez. Ninguém pode escapar à inevitabilidade da morte.

A morte não só é inevitável e assustadora, mas às vezes chega repentinamente, de maneiras que nunca poderíamos ter previsto. Essa incerteza pode ser debilitante, até mesmo para os crentes em Jesus. Apesar da sua crença, eles ainda lutam com a dor emocional da morte. Nós lamentamos profundamente a perda dos nossos entes queridos, embora não lamentemos como as pessoas sem esperança do futuro. Embora a Bíblia nunca prometa a libertação completa dos aspectos emocionalmente difíceis da morte, lemos que a vitória sobre o terror completamente paralisante da morte está ao nosso alcance. A espera pelo céu não nos livra das apreensões sobre os aspectos desconhecidos da morte, mas pode ajudar a minimizar o temor que a morte

traz, inserindo-o em um contexto maior e vendo-o de uma nova perspectiva. Entender verdadeiramente a doutrina bíblica da ressurreição tem o benefício adicional de nos libertar do temor debilitante da nossa jornada final ao campo desconhecido.

Encontrando a Perspectiva Correta

Eu (Sean) frequentemente peço aos meus alunos que imaginem dois alunos da última série do Ensino Médio que não passam no vestibular da faculdade que desejam cursar. Um dos alunos fica terrivelmente aborrecido por uma semana ou mais, ao passo que o outro fica preocupado apenas durante um dia. Supondo que a aprovação no vestibular da faculdade fosse igualmente importante para ambos, por que um deles ficou mais aborrecido do que o outro? A resposta é que um deles se deixou abater. Ele tinha uma filosofia de vida que permitia que as suas circunstâncias diárias controlassem o seu nível de felicidade. Como muitas pessoas, ele acreditava que os eventos o tornassem uma pessoa feliz ou infeliz. As suas emoções melhoravam ou pioravam, com relação às coisas boas ou más que lhe acontecessem. Ele não percebia que as suas emoções negativas resultavam quase que unicamente da sua perspectiva na vida — a sua visão de mundo. Poucas pessoas percebem o pouco que as circunstâncias têm a ver com a sua felicidade. Muito mais importante é a maneira como reagimos às nossas circunstâncias. E a nossa reação está sempre baseada na nossa perspectiva. Ter uma perspectiva celestial sobre a vida pode trazer uma vigorosa força que nos permite viver acima das nossas circunstâncias imediatas.

Poucas pessoas parecem perceber que a ressurreição de Jesus é a pedra fundamental para um ponto de vista que nos proporciona a perspectiva apropriada para toda a vida. Isso inclui a nossa perspectiva sobre a morte. A ressurreição deixa claro que, não importando quão devastadores sejam os nossos desapontamentos, lutas e problemas, eles são apenas temporários. Não importa o que lhe aconteça, não importa a profundidade da tragédia ou da dor que você enfrenta, não importa como a morte persegue você e os seus entes queridos, a ressurreição lhe promete um futuro de bem imensurável.

A morte de amigos e entes queridos são causas naturais para pesar, e a perspectiva da nossa própria morte também é naturalmente assustadora. Mas se esses eventos lançam a nossa vida em desespero, é simplesmente porque permitimos que as nossas circunstâncias atuais controlem o nosso equilíbrio emocional e mental e, como resultado, moldem o curso de nossa vida. Um aspecto fundamental de ter uma perspectiva celestial sobre a vida é o alinhamento apropriado de nossos pensamentos, substituindo pensamentos inexatos e desencorajadores por verdadeiros e encorajadores. A chave é ser

“transformados pela renovação do nosso entendimento” (Rm 12.2) com a perspectiva celestial de Paulo: “Porque para mim tenho por certo que as aflições deste tempo presente não são para comparar com a glória que em nós há de ser revelada” (Rm 8.18).

A dor é um elemento inevitável da morte, até mesmo para os cristãos mais fortes. O próprio Jesus chorou com a morte de Lázaro (veja Jo 11.35). Apesar disso, Paulo instrui os crentes para que concentrem os seus pensamentos em verdades eternas, e não em suas dificuldades momentâneas. Esse foco pode diminuir a nossa dor atual, e nos dar forças para suportar o sofrimento. Naturalmente, isso não quer dizer que chegaremos ao lugar onde a morte não nos será incômoda, pois a morte ainda é o grande inimigo. Mas nós não temos que temer a morte de uma maneira paralisante. Leia 2 Coríntios 4.8-17, e observe alguns dos contrastes que Paulo apresenta entre o presente e o futuro:

Presente	Futuro
O nosso corpo atual está em declínio (vv. 10,11).	Teremos um corpo eterno (vv. 10,12).
As nossas dificuldades são temporárias (v. 17).	O céu é eterno (v. 17).
Sentimos dores, no presente (vv. 8-11).	A glória eterna será incomparável (vv. 15,17).

A Estratégia para Confrontar a Morte

Em seu livro *The Risen Jesus and Future Hope*, o Dr. Gary Habermas nos oferece três passos práticos para que a ressurreição de Jesus nos ajude a confrontar corajosamente o temor da morte.² Esses passos não são meros exercícios acadêmicos, mas soluções para a vida real, que o auxiliaram pessoalmente a suportar a morte prematura de sua esposa, vitimada pelo câncer. Eles incluem: internalizar a verdade da vida eterna, transferir o nosso padrão de pensamento para uma perspectiva celestial e substituir pensamentos temerosos sobre a morte por verdadeiros, quando estivermos ansiosos. Vamos examinar rapidamente esses três passos.

Passo 1: Interiorizar a Verdade da Vida Eterna

Eu (Sean) falei recentemente a uma igreja, no sul da Califórnia, sobre o tema “A ressurreição de Jesus: fato ou ficção?”. Durante o período de perguntas e respostas que se seguiu à minha palestra, um rapaz chamado Brian perguntou-me como poderia crer de maneira mais firme na vida após a morte. Em primeiro lugar, eu lhe disse que ele deveria examinar de maneira mais abrangente a evidência histórica em favor da ressurreição de Jesus, pois a ressurreição demonstra a sua vitória sobre a morte. A ressurreição rompe a barreira da morte, entre o céu e a terra, permitindo que o céu entre no presente. Sugeri a Brian que ele determinasse se a evidência em favor da ressurreição era convincente. Como o caso em favor da ressurreição de Jesus se compara com os eventos na vida de outros personagens históricos antigos? Ele deveria examinar a evidência e ponderar os fatos cuidadosamente. Sugeri que esse exame provavelmente fortaleceria a sua crença na vida após a morte.

Mas, às vezes, não é suficiente simplesmente conhecer um fato histórico, pois os fatos históricos, isolados, podem parecer distantes. Também encorajei Brian a encontrar maneiras de internalizar a verdade da ressurreição, tornando-a pessoal — uma parte central da sua vida. Isso pode ser feito por meio de oração, meditação, ou passando algum tempo com pessoas que creem firmemente na ressurreição. A ressurreição é tão essencial para a nossa fé que não podemos deixá-la de lado. Nós devemos tomar uma decisão sobre a sua verdade, e implantá-la profundamente nas nossas crenças e ações.

Passo 2: Transferir o nosso Padrão de Pensamento para uma Perspectiva

Celestial

Em 1952, Florence Chadwick aceitou o desafio de nadar da ilha Catalina até a costa do continente, na Califórnia. Tendo sido a primeira mulher a atravessar a nado o Canal da Mancha, ida e volta, ela estava confiante de que também poderia vencer esse desafio. O dia estava frio e enevoado, e ela mal podia ver os barcos que a acompanhavam. Embora ela estivesse completamente exausta, sua mãe a encorajava a continuar, dizendo-lhe o quanto estava próxima à praia. Finalmente, em total exaustão, ela exigiu que a tirassem da água e a pusessem no barco. Quando entrou no barco, percebeu que não faltava nem mesmo 800 metros para que chegasse à praia. No dia seguinte, em uma entrevista à imprensa, ela declarou: “Tudo o que eu conseguia ver era a neblina... Creio que se tivesse conseguido ver a praia, teria conseguido concluir a travessia”.³ Ter a perspectiva correta sobre o futuro pode transformar a maneira como vivenciamos o presente. Para os cristãos, o nosso destino futuro é o novo céu e a nova terra. Manter o foco em nosso destino final nos dá forças enquanto lutamos em meio à neblina.

Paulo ensinava constantemente a importância de transferir os pensamentos, das dificuldades atuais à glória futura. “Pensai nas coisas que são de cima”, pedia ele, “e não nas que são da terra” (Cl 3.2). A ideia original contida na palavra grega, traduzida como “pensai”, diz respeito a uma jornada ou busca filosófica. É a mesma palavra usada por Lucas para descrever como “o Filho do Homem veio *buscar* e salvar o que se havia perdido” (Lc 19.10, ênfase minha). De acordo com Randy Alcorn, “É uma investigação diligente, ativa, obcecada”.⁴

Isso não é algo que fazemos naturalmente; envolve um esforço consciente para ver o mundo através de lentes celestiais. Em vez de se concentrarem no trabalho penoso e diário de viver, Paulo deseja que os seus ouvintes dirijam os seus pensamentos a um ponto de extrema vantagem eterna. Essa mudança na perspectiva nos permite transformar completamente as nossas experiências no presente. Pedro convida os crentes a aplicar essa perspectiva ao sofrimento e à perseguição (veja 1 Pe 5.9,10) e Jesus exorta os seus seguidores a aplicá-la à ansiedade (veja Mt 6.19-34), bens materiais (veja Mt 16.26) e até mesmo à morte (veja Mt 10.28).

Você percebe o que isso significa? Significa que você pode viver acima das suas circunstâncias. Você pode reter o sentido e a alegria na vida, mesmo quando as coisas não vão bem. O seu equilíbrio mental e emocional não está enraizado no que acontece a você, mas na eterna e confiável certeza de que o

Deus que o ama fará com que você atravesse a dificuldade, e irá ressuscitá-lo a uma nova vida, sem dor e sem morte.

Passo 3: Substituir os nossos Pensamentos Temerosos

A ansiedade e a tensão com relação à morte podem nos impedir de viver livremente no presente. Paulo lidou com isso em Filipenses 4.6-9. Ele instruiu os seus ouvintes: “tudo o que é verdadeiro, tudo o que é honesto, tudo o que é justo, tudo o que é puro, tudo o que é amável, tudo o que é de boa fama, se há alguma virtude, e se há algum louvor, nisso pensai”. Paulo desafiou os seus ouvintes a substituir os seus pensamentos temerosos e ansiosos por pensamentos verdadeiros. Também os encorajou a praticar esse processo até que se tornasse um hábito.

Identificar o nosso modo de pensar equivocado e corrigi-lo com a verdade pode ser uma experiência libertadora e edificante. Isso pode nos ajudar a ter a mente de Cristo, em vez de uma mente conformada com os padrões assustadores deste mundo, e vivenciar o poder da ressurreição no presente. Não é uma mera lavagem cerebral, mas um processo pelo qual podemos incrustar em nossa vida a verdade histórica da ressurreição de Jesus. Falar com você mesmo, com declarações esclarecedoras como “A morte não é o fim, mas uma etapa no processo de restauração do meu relacionamento com Deus e os outros”, é um exemplo de como a linguagem do lado esquerdo do cérebro pode ajudá-lo a acalmar a ansiedade do lado direito. O foco nos fatos de que “eu não estou sozinho neste processo” e “Deus já derrotou a morte” pode assumir o lugar dos pensamentos internos de medo, ansiedade e desespero. Esse processo pode nos preparar para vivenciar a paz de Deus, mesmo em meio à mais angustiada das provações.

Outro método é argumentar com a verdade contra as nossas ansiedades e temores. Por exemplo, é imensamente útil nos lembrarmos de que este mundo não é tudo o que existe, que os relacionamentos que são preciosos para nós continuarão depois da morte, e que venceremos a morte, como Jesus. Quando o medo nos assola, devemos nos concentrar no que sabemos que é verdade. O Dr. Habermas explica: “Como podemos substituir o nosso temor da morte por pensamentos edificantes? Uma maneira é identificar as nossas crenças equivocadas, argumentar contra elas, e substituí-las por pensamentos verdadeiros. Enquanto a verdade nos liberta, a mentira sempre escraviza”.⁵

Quando João Batista estava lutando com a sua fé na prisão, Jesus respondeu lembrando-o de verdades essenciais que *ele já conhecia*. Dois dos discípulos

de João Batista vieram até Jesus para perguntar-lhe se Ele era verdadeiramente o Messias. Jesus respondeu-lhes, dizendo: “Ide e anunciai a João o que tendes visto e ouvido: os cegos veem, os coxos andam, os leprosos são purificados, os surdos ouvem, os mortos ressuscitam e aos pobres anuncia-se o evangelho” (Lc 7.22). Jesus responde a João com a prova de que Ele era o escolhido, incluindo a sua capacidade de ressuscitar os mortos. João pôde confiar em Jesus durante as suas lutas, porque sabia que Ele tem todo o poder sobre a vida e a morte.

Uma abordagem cognitiva pode ser muito útil para combater o temor da morte. Lembrarmos a nós mesmos daquilo que sabemos a respeito de Jesus é algo que pode nos dar confiança de que as suas promessas que ainda não vivenciamos — como a sua promessa de nos ressuscitar dos mortos — também são confiáveis. Nós deduzimos a validade da promessa da certeza do que sabemos ser verdade.

A Ressurreição Demonstra a Derrota da Morte

A morte não foi o fim de Jesus, e a sua ressurreição mostra que ela não precisa ser o fim para nós. A Páscoa é boas-novas, porque proclama, todos os anos, a verdade de que Jesus está vivo — Ele venceu a morte!

O poder da ressurreição está em uma classe particular. Ao ressuscitar Jesus dos mortos, Deus fez o que não podemos fazer: Ele venceu o poder da morte. Embora possamos temer o processo da morte, a morte, propriamente dita, não deve ser temida. A ressurreição do Cristo crucificado fornece a esperança de que Deus, e não a morte, controlará o nosso destino.

Segundo muitos autores do Novo Testamento, a ressurreição de Jesus fornece a certeza de que os crentes também ressuscitarão dos mortos. Considere as palavras de Paulo: “Mas a nossa cidade está nos céus, donde também esperamos o Salvador, o Senhor Jesus Cristo, que transformará o nosso corpo abatido, para ser conforme o seu corpo glorioso, segundo o seu eficaz poder de sujeitar também a si todas as coisas” (Fp 3.20,21). O mesmo sentimento foi professado por Lucas (veja At 4.2) e João (veja 1 Jo 3.2). A ressurreição de Jesus dota o crente com uma perspectiva celestial no presente e com a promessa de vida eterna no futuro (veja 1 Pe 1.3,4).

Aliviando o Temor da Morte

Encerrando este capítulo, vamos examinar novamente as seis razões por que tememos a morte, e que apresentamos anteriormente, mostrando de modo sucinto como a ressurreição acaba com esses temores.

1. A Morte É Misteriosa e Desconhecida

Sim, é misteriosa e desconhecida, mas depois da ressurreição de Jesus, sabemos algo sobre ela que não poderíamos ter sabido antes. Ela não é permanente. Cristo passou por ela, e Ele abriu um caminho que podemos seguir. Parte do mistério foi removida, porque agora temos pegadas para seguir, que sabemos que nos conduzirão à nova vida.

2. Temos de Enfrentar a Morte Sozinhos

Embora, da nossa perspectiva, possa parecer que temos de passar sozinhos pela morte, agora sabemos que isso é uma ilusão. Cristo está ali para nos guiar enquanto passamos por ela. O mais familiar de todos os salmos declarou que não estamos sozinhos na morte: “Ainda que eu andasse pelo vale da sombra da morte, não temeria mal algum, porque tu estás comigo; a tua vara e o teu cajado me consolam” (Sl 23.4). A morte e a ressurreição de Jesus nos mostram que essa promessa não é vazia. Cristo realmente entrou na escuridão da morte, e espera por nós, para nos fazer passar em segurança.

3. Somos Separados dos nossos Entes Queridos

A ressurreição aplaca também esse temor. Como Deus venceu a morte, por intermédio de Jesus Cristo, os nossos relacionamentos de amor continuarão depois da morte. Essa crença não é um resultado de uma mera fé cega; ela está enraizada em fatos. Da mesma maneira como o relacionamento de Jesus com Maria continuou depois da sua morte (como mostra o encontro que ela teve com Ele, junto ao sepulcro), também os nossos relacionamentos de amor continuarão. Jesus disse ao criminoso arrependido, na cruz ao lado da sua: “Em verdade te digo que hoje estarás comigo no Paraíso” (Lc 23.43). Quando Jesus retornar, haverá uma “reunião” no ar com os seus seguidores. E depois disso, nós estaremos com o Senhor e os nossos entes queridos para sempre (veja 1 Ts 4.17). A morte pode nos separar temporariamente dos nossos entes queridos, mas a ressurreição de Cristo voltará a nos reunir. Jesus é “Senhor

tanto dos mortos como dos vivos” (Rm 14.9), e nem mesmo a morte “nos poderá separar do amor de Deus, que está em Cristo Jesus, nosso Senhor” (Rm 8.39).

Os nossos relacionamentos não somente continuarão depois da morte; eles serão completamente transformados. Apocalipse 21.4 descreve o que Deus fará no novo céu e na nova terra: “Deus limpará de seus olhos toda lágrima, e não haverá mais morte, nem pranto, nem clamor, nem dor, porque já as primeiras coisas são passadas”. Toda a inveja, a competição, a ira e o ressentimento terão se acabado. Nós seremos livres, como Jesus, para amarmos uns aos outros verdadeiramente, e vivenciar o amor uns dos outros.

4. As nossas Esperanças e os nossos Sonhos Pessoais não se Realizarão

A ressurreição também acaba com esse temor. Na realidade, seria mais exato dizer que, no céu, todas as nossas esperanças e os nossos sonhos se realizarão.

C. S. Lewis sugeriu que o verdadeiro desejo por trás de todos os desejos é estar com Deus e amá-lo, e que cada desejo que sentimos terá o seu legítimo cumprimento na nossa nova vida. Isso é declarado na parábola bíblica dos talentos, em que um senhor confia a três servos os seus bens, quando parte em viagem (veja Mt 25.14-30). Dois dos homens desenvolvem e expandem esses bens para o seu senhor, e no retorno dele são recompensados com governo sobre cidades. A aplicação é clara. As nossas esperanças e os nossos sonhos derivam das capacidades que Deus nos deu. Nós trabalhamos para desenvolvê-los nesta vida. Quando morrermos e ressuscitarmos para uma vida nova no céu, nós, que desenvolvemos esses bens, receberemos responsabilidades ainda maiores, para continuar a usar e desenvolver o que Deus nos confiou.

Esse conceito é confirmado na frase que encontramos em 2 Timóteo 2.12 e Apocalipse 20.6, onde lemos que “com ele reinaremos”. O céu não é um lugar de ociosidade e monotonia. Ele está cheio de responsabilidades que exigirão os nossos talentos, habilidades e criatividade.

5. A Morte Apresenta a Possibilidade de Sermos Aniquilados

Grande parte do que escrevemos até agora neste livro mostra, claramente, que após a morte existe vida em abundância para os que morrem crendo e confiando em Cristo. Para ter confiança de que isso é verdade e não meramente um sonho esperançoso, devemos examinar com cuidado a

evidência de que existimos após a morte. E essa evidência, como veremos na última parte deste livro, é esmagadora em favor da ressurreição de Jesus, há dois mil anos, em Jerusalém. Paulo disse:

Mas, agora, Cristo ressuscitou dos mortos e foi feito as primícias dos que dormem. Porque, assim como a morte veio por um homem, também a ressurreição dos mortos veio por um homem. Porque, assim como todos morrem em Adão, assim também todos serão vivificados em Cristo. (1 Co 15.20-22)

6. A Morte É Inevitável

É verdade que a morte é inevitável e que ninguém pode escapar a ela. Mas, como mostramos neste capítulo, a inevitabilidade da morte não é necessariamente uma razão para temê-la. Sim, ela virá, mas nós mostramos que passaremos por ela e sairemos em segurança nos braços de Jesus, no outro lado. Assim, sobre a morte podemos dizer alegremente o que o apóstolo João disse, em Apocalipse 22.20, o penúltimo versículo de toda a Bíblia: “Vem, Senhor Jesus”.

AS NOSSAS ESPERANÇAS E OS NOSSOS DESEJOS SERÃO SATISFEITOS

Uma das mais poderosas verdades que a ressurreição de Jesus nos revela é que o céu é um lugar real, que espera por nós depois da morte. A história deste mundo caído culminará com a criação de um novo céu e uma nova terra, onde as pessoas ressuscitadas viverão em um universo ressuscitado, com o Jesus ressuscitado. A morte não é o fim; na realidade, é o início. É a porta de entrada para a vida eterna.

Você já dedicou algum tempo para realmente refletir a respeito dessa verdade? Quando morreremos, estaremos eternamente com o nosso Criador! Você não se emociona só de pensar nisso? Você espera ansiosamente o dia em que esta vida terminará e você entrará na presença de Deus para sempre, sem nenhum dos efeitos dolorosos do pecado? Francamente, muitas pessoas não sentem essa expectativa positiva do céu. Se você é uma delas, pode ser que, como muitos, você traz em sua mente uma imagem equivocada de como é o céu.

Isaac Asimov, o escritor de ficção científica, expressou a atitude que muitos têm sobre o céu, quando escreveu: “Eu não acredito na vida após a morte, de modo que não tenho de passar toda a minha vida temendo o inferno, ou, mais ainda, temendo o céu. A despeito de quaisquer que sejam as torturas do inferno, penso que a monotonia do céu deve ser ainda pior”.¹ Mark Twain, o amargo e velho agnóstico, expressou sentimentos similares no seu ataque ao cristianismo na obra publicada postumamente *Letters from the Earth*. Ele notou que homens e mulheres na terra passam todo o seu tempo buscando prazeres a respeito dos quais estão convencidos de que estarão completamente ausentes no céu. E então, por outro lado, eles afirmaram esperar por um céu

onde pudessem passar toda a eternidade fazendo coisas pelas quais não tinham interesse nem aptidão enquanto estavam na terra. Poucos, na terra, compareciam à igreja ou cantavam, ele observou. Poucos tocavam um instrumento musical, e poucos se associavam com membros de outras raças. Mas afirmavam desejar ir para um céu cheio de adoração perpétua, música perpétua, e relacionamentos perpétuos de amor com todas as raças e culturas. Observe como Twain resumiu a estranha atitude dos homens com relação ao céu: “Não há uma única característica nele que o homem realmente valorize. O céu consiste — completa e inteiramente — de diversões pelas quais ele não se interessa aqui na terra, mas tem a certeza de que terá no céu”.²

Infelizmente, uma visão similar da vida após a morte é comum, até mesmo entre os cristãos. A nossa visão do céu é frequentemente limitada a um culto religioso demorado, monótono e sem inspiração. Ou muitos, influenciados por desenhos animados e piadas, veem o céu como um lugar onde passearemos entre nuvens com longas vestes brancas, enquanto tocamos harpas. Nós admitimos que essas imagens do céu não são atraentes. De alguma maneira, a nossa imagem do céu se tornou grotescamente distorcida, e a perspectiva da vida após a morte não capturou a nossa imaginação, nem transformou a nossa vida.

Eu (Sean) perguntei recentemente aos meus alunos o que eles fariam se tivessem apenas três dias de vida antes de morrer e ir para o céu. Como eles passariam esses poucos dias restantes? As respostas incluíram saltos de paraquedas, viajar, surfar e (naturalmente) sexo. Propus, então, uma pergunta simples: “Então, vocês pensam que pode haver prazeres e experiências nesta vida, que se vocês não tiverem antes de morrer, os perderão completamente, porque eles não existem no céu?” Todos os estudantes responderam que sim, exceto dois. A perspectiva do céu os desanimava e desapontava. Ela simplesmente não capturava a sua imaginação, e eles temiam a ideia de ir para lá. Poderia acontecer a mesma coisa conosco?

Essa falta de perspectiva eterna prepara os nossos jovens para o desencorajamento e o pecado. Muitos deles pensam que, se não tiverem agora determinados prazeres, a sua oportunidade estará perdida e eles nunca os terão. Assim, uma vez que Deus os perdoará, por que não gratificar os seus desejos? Eles acham que encontrarão prazer e satisfação nessas atividades que lhes serão negadas no céu. Adotam essa atitude porque, juntamente com um imenso número de adultos, trazem na mente uma imagem equivocada de como o céu é na realidade.

Como o Céu realmente É?

Em seu provocativo livro *Heaven*, Randy Alcorn demonstra que uma visão não-bíblica do céu se infiltrou profundamente na igreja. Na realidade, ele diz que algumas das mentiras favoritas de Satanás são sobre o céu, pois ele sabe que, se realmente entendêssemos a realidade do céu, isso transformaria radicalmente a nossa vida.³ A verdade sobre o céu nos daria uma perspectiva eterna com a qual considerar o mundo atual, e nos daria muito mais determinação e coragem para viver de maneira verdadeiramente piedosa, aqui e agora.

Com frequência, somos ensinados a “espiritualizar” o novo céu e a nova terra, com uma interpretação não-física. Agora, precisamos ter cuidado com o nosso uso dessa palavra, “espiritualizar”, e a sua variante, “espiritual”. Essas palavras são usadas de tantas maneiras diferentes que podem facilmente ser interpretadas de maneira equivocada. É frequente que, quando as pessoas dizem que algo é “espiritual”, querem dizer não-físico. Isso causou um conceito equivocado tão disseminado, que conduziu à ideia de que a criação física de Deus é, de alguma maneira, inferior às coisas verdadeiramente espirituais, que, na mente delas, incluem o céu. Muitos também acreditam que no céu nós seremos espirituais, o que, para eles, significa que não teremos corpos verdadeiramente substanciais. Essa interpretação leva a uma divisão não escritural entre o substancial e o espiritual, fazendo com que muitos pensem que somente o espiritual é bom e o físico é temporário, descartável e, de alguma maneira, mau.

Uma ressurreição não-substancial é como um arco-íris sem cor. É uma contradição! Quando o apóstolo Paulo descreve a nossa própria ressurreição, ele diz:

Porque a trombeta soará, e os mortos ressuscitarão incorruptíveis, e nós seremos transformados. Porque convém que isto que é corruptível se revista da incorruptibilidade e que isto que é mortal se revista da imortalidade. E, quando isto que é corruptível se revestir da incorruptibilidade, e isto que é mortal se revestir da imortalidade, então, cumprir-se-á a palavra que está escrita: Tragada foi a morte na vitória (1 Co 15.52-54).

Paulo não nos diz aqui que seremos espíritos sem corpo. Na realidade, ele nos diz o oposto. Teremos corpos — corpos reais, mas eles serão glorificados e imortais. Não mais estarão sujeitos aos ataques de doenças, velhice e morte, e nunca morrerão. Eles serão corpos incorruptíveis. Serão corpos perfeitos em cada detalhe, assombrosamente belos, imensamente fortes, completamente saudáveis e insensíveis aos efeitos do avanço da idade e da morte.

O livro de Apocalipse apresenta a nova terra e um novo céu como um lugar real onde Deus e o seu povo vivem juntos. Em Apocalipse 21, João fala que vê uma terra recriada, e enquanto observa, ele vê a cidade santa de Deus descendo à terra. Então João diz:

E ouvi uma grande voz do céu, que dizia: Eis aqui o tabernáculo de Deus com os homens, pois com eles habitará, e eles serão o seu povo, e o mesmo Deus estará com eles e será o seu Deus. E Deus limpará de seus olhos toda lágrima, e não haverá mais morte, nem pranto, nem clamor, nem dor, porque já as primeiras coisas são passadas. (Ap 21.3,4)

Você consegue ver o quadro todo? Nós ressuscitaremos em um corpo glorificado para viver em um novo céu e uma nova terra, onde Deus descerá para viver conosco.

Como será essa nova terra? O mundo em que vivemos agora nos oferece um vislumbre das alegrias e dos prazeres que teremos ali. Randy Alcorn explica: “Durante toda a nossa vida, estivemos sonhando sobre a nova terra. Sempre que vemos alguma beleza na água, nos ventos, nas flores, nos animais, no homem, na mulher ou na criança, obtemos uma rápida visão do céu. Como o Jardim do Éden, a Nova Terra será um lugar de felicidade, beleza de tirar o fôlego, relacionamentos satisfatórios e alegria pessoal”.⁴ Nós não viveremos em um ambiente estéril, nem flutuaremos em meio a incontáveis nuvens, sem ter nada para fazer. Nós viveremos em uma terra completamente nova, livre de tempestades, terremotos, secas, inundações ou outros desastres.

O Céu como Casa

O céu é descrito como *casa*. Depois de uma longa viagem pela estrada, há alguma coisa que pareça mais atraente do que ir para casa? Dormir em nossa própria cama, uma refeição feita em casa e a comunhão com a família e os amigos são algumas das maiores alegrias na vida. Quando Jesus falou de sua morte iminente, falou de nos preparar uma *casa* com o seu Pai, no céu (veja Jo 14.2). Entender o céu é compreender o significado real de lar. Sem dúvida, muitas pessoas tiveram uma vida difícil no lar. Mas o nosso verdadeiro lar no céu terá todos os bons aspectos de um lar perfeito, aumentados muitas vezes, e nenhum dos maus. Será um lugar ao qual nós sentiremos que pertencemos, e sempre pertencemos.

O Céu como Comunidade

Haverá uma *comunidade* no céu. Sem a presença do pecado, nós estaremos livres para ser mais relacionais do que somos agora. O céu não é como o Nirvana budista, onde as pessoas perdem as suas personalidades individuais quando são engolidas em um estado impessoal de existência, como as gotas de água no mar. Nós manteremos a nossa individualidade, incluindo as nossas identidades, lembranças, sentimentos, que serão usados para a glória de Deus e para o bem da comunidade maior.

A nova Jerusalém no céu é frequentemente descrita como uma cidade, e de extrema beleza (veja Hb 12.22; Ap 21.2). As cidades são cheias de habitantes, ruas, edifícios, eventos culturais, diversões, esportes e outras reuniões da comunidade. Se a nova Jerusalém não tivesse essas características que definem uma cidade, por que as Escrituras tão frequentemente se referem a ela como uma cidade? O céu terá os aspectos positivos da cidade, menos o crime, a pobreza, poluição e a corrupção que estragam as cidades no nosso mundo atual. Retratar uma comunidade tão bela será dar um grande passo, imaginando o mundo que Deus está planejando criar como resultado da morte e ressurreição de Jesus Cristo.

O Céu como Descanso

O céu é descrito como um lugar de *descanso*. Uma das razões por que iremos descansar é porque serviremos a Deus no céu. Sim, haverá trabalho no céu! Se você achar que é confuso dizer que descansaremos porque trabalharemos, deixe-me explicar. O melhor tipo de descanso não é a falta de atividade, imposta a nós como resultado da exaustão; o melhor tipo de descanso é a atividade que nos revigora, porque a consideramos estimulante e satisfatória. Quando nos afastamos do trabalho para ir às montanhas ou à praia, voltamos revigorados, não porque não fizemos nada, mas porque fizemos coisas com que nos divertimos. Nós fizemos caminhadas, escalamos montes, surfamos, nadamos, pescamos, praticamos esportes aquáticos. Essas atividades não nos esgotaram; elas nos rejuvenesceram e nos deram energia. É a mesma coisa quando você está trabalhando em alguma atividade que realmente quer fazer, e gosta de fazer. O tempo passa, o dia termina, e você mal pode crer que já é hora de parar. Você não está exausto, porque a sua criatividade lhe deu energia e você desfrutou cada minuto do seu trabalho.

Nós ficamos exaustos no nosso trabalho porque frequentemente temos que fazer algo de que não gostamos. Ou há problemas de um tipo ou de outro — falhas, interrupções no trabalho, problemas a solucionar, conflitos a responder, obstáculos repetidos e difíceis de transpor. O trabalho é exaustivo e não é agradável, mas nós o realizamos porque precisamos fazê-lo.

O nosso trabalho no céu será repousante, porque ele se encaixará perfeitamente em nós. Será exatamente aquilo para o que estamos equipados, e o que apreciamos fazer. E não haverá nenhuma das pressões que sentimos no trabalho hoje em dia. Não haverá prazos difíceis, colaboradores estressados ou competição amarga. As coisas não poderão dar errado. A Lei de Murphy terá sido repelida. Nós nos sentiremos plenamente satisfeitos porque trabalharemos de uma maneira apropriada com a maneira como Deus designou cada um de nós. Seremos livres para trabalhar para o benefício de Deus, dos outros e de nós mesmos.

Você se sente verdadeiramente satisfeito como pessoa? Já sentiu o poder de servir verdadeiramente outras pessoas? Isso é apenas um pequeno vislumbre de como será o trabalho quando estivermos no céu. E como resultado da nossa obra no céu sentiremos o descanso mais agradável e mais tranquilo que se possa imaginar.

O Céu Satisfará todos os Desejos

O desejo não realizado é uma fonte de grande infelicidade. Talvez os livros mais tristes que lemos tenham sido aqueles do amor não correspondido, em que um homem ou uma mulher ama profundamente e deseja se casar com o objeto do seu afeto, mas esse desejo é frustrado pelas circunstâncias, rejeição ou a morte. Sabendo que o desejo não satisfeito traz grande infelicidade, as religiões panteístas do oriente consideram o desejo maligno. A essência dessas religiões é livrar-se de todo desejo, de modo que não mais se deseje nada, realmente. Eles esperam alcançar um estado em que não tenham desejo algum, de coisa alguma, e somente então podem deixar esta vil existência e se tornar um com o seu deus não pessoal, e deixar de existir como indivíduos conscientes.

Que triste existência oferece o panteísmo! Como é trágico ver o mundo e a nossa própria existência como se fossem tão perversos e miseráveis a ponto de pensar que o objetivo desta vida é escapar completamente dessa existência. O cristianismo oferece exatamente o oposto. Para os cristãos, toda a criação é boa. Tudo foi criado por um Deus amoroso que deseja um relacionamento com a humanidade e nos criou para viver com Ele, em êxtase e alegria para sempre. Os nossos desejos nos foram dados para que possamos vivenciar a alegria que Ele destinou a nós. Antes da Queda, o nosso desejo supremo era o próprio Deus, e o relacionamento com Ele era a fonte de nossa maior alegria. O mal está conosco, porque um perverso invasor tentou os nossos primeiros pais, para que saíssem da vontade de Deus. E a partir de então, os nossos desejos se voltaram para o nosso interior, e nós os usamos, essencialmente, para satisfazer a nós mesmos.

Mas apesar da invasão do mal, que traz confusão, ruína e dor a toda existência, o bem imbuído na criação permanece. E Deus tomou providências assombrosas para erradicar o mal e restaurar o bem.

Nós desejamos o bem naturalmente, porque o bem foi destinado a nós. O desejo do bem, se interpretado de maneira apropriada, e visto de uma perspectiva cósmica, nos leva a desejar o Deus que nos deu o bem e que quer que vivenciemos apenas o bem para sempre. Assim, para o cristão, o desejo não é mau. O desejo do bem é correto e apropriado. O desejo do bem deve nos levar a desejar Deus, como Adão e Eva, originalmente. Deus é a fonte de toda alegria e todo bem.

O nosso problema com o desejo é que, enquanto vivemos neste mundo caído, é fácil que nos confundamos sobre o que é realmente bom. Nós podemos desejar coisas boas, mas por causa da nossa condição de caídos, os nossos desejos desenfreados podem nos fazer utilizar mal o bem que Deus oferece. Podemos nos tornar impacientes em ter o que é bom, e agarrá-lo antes do que deveríamos. Podemos usar o bem que desejamos de maneira errada. Somos propensos a desejar excessivamente determinado bem (avareza), ou desejar o bem que pertence a outra pessoa (inveja), ou desejar ter boa aparência (orgulho), ou desejar o bem unicamente pelo prazer egoísta que ele nos traz, sem considerar a correspondente responsabilidade ou cuidado com os outros (luxúria).

Mas cada desejo que temos possui uma satisfação legítima. Deus não nos deu nenhum desejo ilegítimo. Nós os tornamos ilegítimos quando os usamos de maneira errada, como mencionamos acima. Todos os desejos são feitos para serem satisfeitos, no céu ou no próprio Deus.

Vamos tratar desta pergunta que permanece no fundo da sua mente, mas que você pode estar hesitante em perguntar. Haverá sexo no céu? O sexo certamente é a mais prazerosa das experiências físicas, e ainda mais prazerosa porque está conectada com o amor profundo e a procriação. Mark Twain observou que os homens dariam praticamente qualquer coisa por uma oportunidade de ter sexo, e então se virariam e diriam que esperam ansiosamente ir para o céu, onde acreditam que o sexo não existe. Mas é verdade que o sexo não existirá no céu? A Bíblia responde a essa pergunta; não existirá. Sabemos que haverá profundas delícias no céu, muito além de qualquer coisa que podemos ter hoje. C. S. Lewis explica em que sentido o sexo é um sinal de uma satisfação ainda maior do desejo que está relacionado ao sexo, que será plenamente satisfeito no céu:

Penso que a nossa situação atual pode ser como a do menino que, ao ouvir que o ato sexual era o maior prazer físico, imediatamente pergunta se é possível comer chocolate ao mesmo tempo. Ao receber a resposta, “Não”, ele poderia considerar a abstinência de chocolate como a principal característica da sexualidade. Em vão você lhe diria que a razão por que os amantes, em seus arrebatamentos carnavais, não se importam com chocolates, é porque eles têm algo melhor em que pensar. O menino conhece chocolate: ele não conhece a coisa positiva que o exclui. Nós estamos na mesma posição. Nós conhecemos a vida sexual.

Mas não conhecemos, exceto em vislumbres, a outra coisa que, no céu, não deixará espaço para o sexo.⁵

Aqui está do que devemos lembrar. Podemos não ser capazes de imaginar tudo sobre a nossa existência ressuscitada no céu, mas disto podemos ter a certeza absoluta: Deus nos criou para sermos felizes. Ele criou a terra para o nosso deleite e felicidade. Tudo o que foi criado será restaurado. Por nos amar tão profundamente, Ele quer que experimentemos toda a felicidade que Ele planejou para nós originalmente, quando nos criou para o seu amor.

No próximo capítulo, veremos exatamente como Deus pretende restaurar toda a criação ao seu ideal original.

A RESTAURAÇÃO DE TODAS AS COISAS

As histórias tornam a vida interessante e compreensível. Nós contamos histórias a grupos e a indivíduos, a fim de criar significado para as nossas vidas e explicar as nossas experiências. As histórias, mesmo que fictícias, não são meros exercícios para entretenimento. As boas histórias destilam realidade, tornando-a compreensível, e permitem que examinemos o cerne de nossas atividades e descubramos o seu significado maior. O enorme sucesso dos filmes de *O Senhor dos Anéis* aponta para o anseio humano de que as nossas histórias pessoais façam parte de uma história maior. Nós desejamos uma missão na vida, partilhada com companheiros, que valha cada sacrifício e dificuldade que possamos ter de suportar.

As histórias moldam a nossa perspectiva e a nossa identidade. Antes de enviar a praga de gafanhotos contra Faraó, Deus fez com que Moisés soubesse da importância de contar histórias para a formação da identidade de uma cultura: “[Eu fiz isso] para que contes aos ouvidos de teus filhos e dos filhos de teus filhos as coisas que fiz no Egito e os meus sinais que tenho feito entre eles; para que saibais que eu sou o Senhor” (Êx 10.2).

Normalmente, é difícil entender uma história antes de chegar ao seu final. O fim combina todas as pistas, indicações, segredos, malentendidos, mistérios e eventos que não pareceram fazer sentido quando aconteceram.

Deus escreveu a história da humanidade. Ele considerou o livrearbítrio que deu aos personagens da história, e quando parecia que Adão e Eva tinham arruinado a história na primeira página, Deus simplesmente ajustou o enredo e adicionou eventos para possibilitar o final feliz que havia pretendido originalmente. Para nós — os personagens que se encontram em algum ponto da trama que ainda está por ser concluída — a história pode nem sempre fazer sentido. Nem sempre podemos ver como o capítulo em que estamos tem

relação com a maneira como o livro supostamente terminará.

Por exemplo, entendemos que, em um grande capítulo anterior ao nosso, a ressurreição de Cristo derrotou Satanás e venceu a maldição do pecado. Mas nós ainda sentimos os efeitos do pecado em nossa própria vida, e os efeitos dos pecados de outras pessoas. Isso pode fazer com que nos perguntemos: “Se Deus derrotou o pecado, por que, então, ainda sofro tanto? Por que tenho de suportar esta agonia se o pecado está derrotado, e Deus está verdadeiramente no controle? Por que essas tragédias ainda acontecem? Por que tenho de sofrer tanto?” Às vezes, nós nos sentimos como Davi, quando fugiu do rei Saul para salvar a sua vida.

Com a minha voz clamei ao Senhor; com a minha voz ao Senhor supliquei. Derramei a minha queixa perante a sua face; expus-lhe a minha angústia. Quando o meu espírito estava angustiado em mim, então, conheceste a minha vereda. No caminho em que eu andava, ocultaram um laço. Olhei para a minha direita e vi; mas não havia quem me conhecesse; refúgio me faltou; ninguém cuidou da minha alma. (Sl 142.1-4)

Como Davi, todos nós sentimos dor e desapontamento e, como ele, nos perguntamos por que Deus permite que soframos tão profundamente — em especial agora, depois que a ressurreição de Cristo derrotou o pecado e Satanás, as causas de todos os nossos problemas.

A resposta a essa pergunta nem sempre é clara para nós, porque ainda estamos no meio da história e para nós é difícil compreendê-la. Mas há respostas, e trataremos de algumas delas neste capítulo. No entanto, antes que possamos entender por que ainda devemos suportar sofrimento, apesar da vitória de Cristo, precisamos entender o escopo completo da missão de Deus para o mundo.

A Missão de Deus para o Mundo

Uma resposta para o nosso sofrimento atual é o fato de que a vitória de Deus sobre Satanás ainda não está completa. Paulo nos diz que a intenção suprema de Deus é restaurar todas as coisas ao seu desígnio original, e estabelecer o Reino de Deus em toda a sua perfeição, em uma terra recém-criada. Essa é a sua missão suprema para o mundo. Como escreve Paulo:

A mesma criatura será libertada da servidão da corrupção, para a liberdade da glória dos filhos de Deus... E não só ela, mas nós mesmos, que temos as primícias do Espírito, também gememos em nós mesmos, esperando a adoção, a saber, a redenção do nosso corpo. (Rm 8.21-23)

É óbvio que a missão de Deus não está completa porque nós ainda não nos unimos a Ele, libertados “da servidão da corrupção”, para a “liberdade da glória” dos filhos de Deus. O cumprimento dessa promessa permanece no futuro. Deus fez um concerto com Abraão de que o Messias (que é o nome judeu para Cristo) viria para realizar a missão de que Paulo fala aqui. Ele prometeu transformar esta terra, bem como os nossos corpos, de volta ao seu estado perfeito, que foi planejado originalmente. A sua próxima pergunta, então, poderia ser, uma vez que Jesus já havia realizado a obra necessária para fazer com que tudo isso acontecesse: Por que isso não aconteceu? Por que somos deixados aqui, em um mundo infestado pelo pecado, ainda lidando com a dor, tragédia, deterioração e morte?

Aqui está uma resposta: Em sua Carta aos Romanos, Paulo nos diz por que Deus está adiando a vitória final: “Porque não quero, irmãos, que ignoreis este segredo (para que não presumais de vós mesmos): que o endurecimento veio em parte sobre Israel, até que a plenitude dos gentios haja entrado” (Rm 11.25).

Você percebe a resposta neste versículo? Deus está permitindo que haja tempo suficiente para que um grande número de pessoas tenha a oportunidade de se submeter a Cristo. Uma vez que os judeus, de modo geral, rejeitaram a Cristo, Ele compensará o número com não-judeus, ou convertidos gentios (veja a parábola da grande ceia em Lc 14.16-24). Ele espera que esses convertidos ajudem a possibilitar a vitória final. Ele está levantando um exército de cristãos para que participem com Ele do processo de derrotar o pecado e endireitar o mundo. Tudo tem a ver com a tarefa que recebemos quando fomos criados. Deus nos deu a responsabilidade exaltada de ser

senhores da terra. Ele disse a Adão e Eva: “Frutificai, e multiplicai-vos, e enchei a terra, e sujeitai-a; e dominai sobre os peixes do mar, e sobre as aves dos céus, e sobre todo o animal que se move sobre a terra” (Gn 1.28). Deus nos criou para que fôssemos seus agentes na terra, seus governantes, aqueles que ajudam a dar forma a ela. Nós não levamos esse trabalho a sério, fugimos da nossa responsabilidade e transtornamos o mundo que deveríamos governar e do qual deveríamos cuidar, contaminando-o com os nossos pecados. Mas Cristo, com a sua morte e ressurreição, tornou possível a renovação da nossa vida e também da terra. Você pode se perguntar por que, com todo o seu poder, Deus se importa conosco, humanos desajeitados, para cumprir os seus propósitos? Por que Ele não diz uma palavra e faz tudo? Aqui está a resposta: Ele não deseja violar aquilo para que nos criou, intrometendo-se em nosso território e fazendo o nosso trabalho em nosso lugar. Somos criados para ser os seus agentes no cuidado com o mundo, e essa responsabilidade ainda nos pertence. Apesar da Queda, ainda temos a responsabilidade que recebemos na criação de ser os seus regentes na terra e fazer a nossa parte, para alcançar a restauração que a sua ressurreição tornou possível. Por isso, Ele permite que o mundo permaneça na sua condição caída atual, para que participemos com Ele da restauração de todas as coisas.

O Espírito e o Corpo

Como Deus irá operar em nós para realizar a sua missão de restauração? Paulo nos diz: “Há um só corpo e um só Espírito, como também fostes chamados em uma só esperança da vossa vocação” (Ef 4.4). Essa passagem nos diz que o Deus de restauração nos deu o seu próprio poder para realizar a sua missão. Ele nos deu outra vez o que deu a Adão e Eva no princípio — o seu Espírito Santo. Pouco depois que Deus criou o corpo de Adão, “soprou em seus narizes o fôlego da vida” (Gn 2.7), o que indica que Deus pôs em sua criação humana o seu próprio Espírito. O poder do Espírito de Deus no homem e na mulher lhes deu o poder para ser regentes de Deus na terra, fazendo a sua vontade e conservando a terra como Ele a tinha criado. Quando a humanidade caiu, o homem e a mulher perderam aquela íntima conexão com Deus, e assim perderam a capacidade de agir como governantes eficazes na terra de Deus.

No dia de Pentecostes, no entanto, Deus concedeu, novamente, o seu Espírito à sua criação. Ele se tornou disponível para viver dentro de cada um de nós, dando-nos o poder para realizar a vontade de Deus na terra. Mas mesmo com o poder do Espírito Santo de Deus em nossas vidas, nós continuamos lutando com um problema que Adão e Eva não tiveram. A natureza pecadora que herdamos da sua queda está embutida em nosso ser, até que morramos e sejamos ressuscitados. Mesmo com o Espírito de Deus em nós, essa natureza de pecado não permitirá que atuemos da maneira perfeita e eficaz que Adão agiu. Estamos em meio a campos de batalha, em que a natureza pecadora e o Espírito Santo de Deus combatem pelo controle da nossa vida. Precisamos de mais ajuda para seguir o Espírito de Deus do que Adão e Eva precisaram.

Deus idealizou uma maneira de nos dar essa ajuda sem invadir o nosso território e usurpar a nossa responsabilidade como seus regentes. Ele nos deu a Igreja, que Paulo chama de Corpo de Cristo. A Igreja é composta de homens e mulheres que escolhem pertencer a Deus, retornar para junto dEle, aceitar o seu Espírito e se engajar com Ele na sua missão de restabelecer o seu Reino eterno, primeiramente no coração de homens e mulheres, e depois em um céu e uma terra recriados. Na sua igreja, nós obtemos forças, uns dos outros, que nos ajudam a seguir o Espírito de Deus e vencer a batalha interna contra a nossa natureza pecadora. Nós ensinamos uns aos outros, ajudamos uns aos outros,

encorajamos e apoiamos uns aos outros, e capacitamos uns aos outros a manter a coragem diante da adversidade. A Igreja, a comunidade de Deus formada por aqueles que seguem a Cristo, deve se unir, como a sua expressão visível, para espalhar a mensagem do seu evangelho e o seu amor. “Assim nós, que somos muitos, somos um só corpo em Cristo, mas individualmente somos membros uns dos outros” (Rm 12.5).

Se alguma mensagem deve ressoar com esta geração, é esta. Os nossos jovens desejam uma comunidade de pessoas que sintam que fazem parte umas das outras e se apoiem, afetuosamente, umas às outras. Elas desejam fazer parte de uma história que é maior do que as suas vidas individualmente. Uma jovem escreveu para mim (Sean) um poema, depois de me ouvir falar em autoestima. Intitulado “The Mask” [A Máscara], o poema diz que o rosto sorridente que muitas pessoas a veem usar — os olhos que brilham, a voz que soa feliz — é apenas uma máscara. Ela diz que está perdida, confusa e amedrontada, e embora tenha amigos, não se sente parte de nenhum grupo ou lugar. No seu último verso, ela diz que no dia em que sentir que realmente faz parte de algum lugar, ela deixará de fingir, e deixará de usar a máscara.

Nesse poema queixoso, vi o desejo de ter uma comunidade de amor diante da qual ela pudesse ser autêntica e ter uma sensação genuína de fazer parte de algum lugar e de ser aceita. Para que os jovens (e adultos) sobrevivam na sua fé, eles não somente devem estar equipados com uma perspectiva bíblica, mas também sentir que são parte de uma comunidade de crentes que apoiam uns aos outros e têm uma missão em comum na vida. O Deus da restauração nos deu exatamente isso: o seu corpo unificado (uma comunidade de crentes) em que uns ajudam os outros para que todos se engajem na sua missão de alcançar um mundo perdido e fazer com que os demais conheçam o seu poder por meio da ressurreição, para restaurar a vida como Deus desejou que ela fosse. Essa é a missão emocionante; devemos dirigir os nossos jovens para que se engajem nela.

A ressurreição de Cristo foi o primeiro passo no plano de Deus de restaurar todas as coisas. A sua ressurreição mostra o seu poder de nos ressuscitar e nos restaurar à nova vida. Além disso, a sua vitória sobre a morte demonstra o seu poder de superar os efeitos da morte que agora devastam o planeta, e restaurá-lo à perfeição que Ele demonstrou no Éden. É por isso que a ressurreição de Cristo é absolutamente crucial para a humanidade.

Devemos ajudar os nossos jovens, não somente a entender o significado de restauração da ressurreição de Cristo, mas também a perceber que ela é um

fato histórico objetivamente verdadeiro. Existe, é claro, evidência convincente em favor da ressurreição de Jesus, que examinaremos na seção final deste livro. À medida que os nossos jovens vierem a compreender a realidade da missão de restauração de Deus, e o fato de que o Cristo ressuscitado tem o poder necessário para terminar com todo o sofrimento e a morte, ficaremos convencidos de que eles desejarão fazer parte da proclamação dessa mensagem.

Enfrentando as Dificuldades com Alegria

Nós poderíamos repreender os discípulos de Cristo por pensar que Ele não sabia o que estava fazendo, quando se dirigiu voluntariamente à sua execução. Cristo tentou dizer a eles que ressuscitariam, mas eles não absorveram a ideia. Sem dúvida, isso parecia algo muito distante. Eles estavam no meio da história, e embora Ele lhes contasse o final, eles não conseguiram entendê-la.

Para nós, não é difícil ver o fim agora. Nós conseguimos compreender que Deus estava no controle de toda a situação que envolvia a morte de Cristo, porque conhecemos o restante da história — que Ele ressuscitou o seu Filho da sepultura. Agora nós sabemos que a morte torturadora do Filho de Deus foi a salvação para a raça humana. Mas apesar de saber disso, frequentemente temos a mesma dificuldade que os discípulos originais de Cristo tiveram. Nem sempre é fácil confiar no que nos é dito que é verdade. A experiência interfere com a fé, e as emoções nublam o conhecimento. Nem sempre é tão fácil como pensamos exibir confiança quando estamos no meio da história, lidando com a dor, as provações ou a tragédia — mesmo quando sabemos que a trama se resolverá. É difícil ter um espírito de gratidão, coragem e otimismo, a menos, é claro, que vivamos segundo a perspectiva de que o nosso Deus amoroso é soberano e que Ele, na realidade, fará com que tudo trabalhe para o nosso bem.

Em Romanos 8, o apóstolo Paulo nos dá várias noções úteis que nos permitem reter a nossa fé e viver alegremente, apesar das nossas circunstâncias, que não são perfeitas. Em primeiro lugar, ele diz: “Nós mesmos, que temos as primícias do Espírito, também gememos em nós mesmos, esperando a adoção, a saber, a redenção do nosso corpo” (v. 23). Aqui Paulo deixa claro que o otimismo não vem de negar a nossa dor atual. A nossa esperança otimista vem do que ele nos diz a seguir: “O Espírito ajuda as nossas fraquezas... E sabemos que todas as coisas contribuem juntamente para o bem daqueles que amam a Deus, daqueles que são chamados por seu decreto” (vv. 26, 28).

Paulo não está dizendo que tudo o que acontece neste mundo, amaldiçoado pela morte, seja algo bom. A morte não é boa. A dor não é boa. A tristeza, o pesar e o sofrimento não são bons. No entanto, confiando em Deus, não apenas como o nosso Salvador, mas também como o nosso Senhor soberano, que faz bem todas as coisas, podemos estar confiantes de que Ele fará com que todas

as coisas operem juntas tanto para o nosso bem, como para a sua glória. Até mesmo as coisas más que nos acontecem trarão bons resultados. A nossa confiança e convicção em um Deus que nos ama, além de palavras, e que faz com que todas as coisas, até mesmo as tragédias, trabalhem juntas para o bem, pode produzir em nós um espírito de gratidão, coragem, otimismo e alegria diante da vida — e da morte.

A fé em um Deus soberano nos leva além de uma perspectiva humana sobre a vida, para uma perspectiva eterna. O próprio apóstolo Paulo era um exemplo vivo dessa mentalidade eterna. Ouça o seu coração de gratidão, nesta carta inspirada por Deus à igreja de Corinto. Observe como a esperança da ressurreição lhe deu um sentimento de coragem e otimismo, mesmo em meio a tempos difíceis:

Em tudo somos atribulados, mas não angustiados; perplexos, mas não desanimados; perseguidos, mas não desamparados; abatidos, mas não destruídos; Por isso, não desfalecemos; mas, ainda que o nosso homem exterior se corrompa, o interior, contudo, se renova de dia em dia. (2 Co 4.8,9,16)

Que admirável abordagem aos problemas da vida! Paulo não fugia das dificuldades, nem vivia negando a dor que elas causavam. Ele reconhecia o seu sofrimento e considerava as provações da vida de uma perspectiva eterna, sabendo que o Deus de toda consolação estava ali para diminuir o seu sofrimento (veja 1 Co 2.3,4). Ele confiava em um Deus soberano que faria com que tudo trabalhasse em conjunto para o bem — o Deus da restauração que havia prometido endireitar todas as coisas no futuro. A fé de Paulo em um Deus que tinha tudo sob controle lhe permitia ver as dificuldades desta vida como produzindo “um peso eterno de glória mui excelente” (2 Co 4.17).

Graças à ressurreição, estamos destinados a viver para sempre em novos corpos, sobre uma nova terra, uma existência que será tão prazerosa que “As aflições deste tempo presente não são para comparar com a glória que em nós há de ser revelada”. Nós estamos “esperando a adoção, a saber, a redenção do nosso corpo” (Rm 8.18,23).

No futuro do cristão, “Deus limpará de seus olhos toda lágrima, e não haverá mais morte, nem pranto, nem clamor, nem dor” e “ali nunca mais haverá maldição contra alguém; e nela estará o trono de Deus e do Cordeiro”

(Ap 21.4; 22.3). Nós temos, à nossa espera, “uma herança incorruptível, incontaminável e que se não pode murchar, guardada nos céus para [nós]” (1 Pe 1.4). Cada um de nós que crê em Jesus está destinado a ter as suas lutas, sofrimentos e morte transformados em bênçãos, alegria e vida eterna. Esta é a promessa que esperamos ardentemente no nosso futuro — a promessa da ressurreição: se suportarmos fielmente as nossas provações e mostrarmos o amor e o cuidado de Deus ao mundo, seremos ressuscitados como Jesus, para viver em corpos belos e perfeitos, em uma terra primitiva, semelhante à que Ele criou para Adão e Eva.

Por meio da ressurreição, Cristo nos diz: “Confie em mim. Eu estou vivo, e no controle de todas as situações. Eu tomarei as suas lutas e as converterei em bênçãos. Tomarei os seus sofrimentos e os converterei em alegrias. Tomarei até mesmo a sua morte física e a transformarei em vida eterna. Como Eu posso fazer isso? Eu sou o Senhor soberano e Todo-Poderoso do universo, que pode fazer todas as coisas, e que faz com que tudo trabalhe em conjunto para o bem dos que amam a Deus e são chamados de acordo com o seu propósito para eles. Por isso, confie em mim, não importa o que aconteça”. E é a ressurreição que respalda a sua promessa e nos dá a confiança de que ela é absolutamente verdadeira.

O grande pregador D. L. Moody contou, certa vez, a história de uma jovem de 15 anos, chamada Jennifer, que entendia essa verdade. Por causa de um incidente repentino e chocante, ela ficou completamente paralisada de um lado do corpo e quase cega. Um dia, enquanto estava impotente na cama, ela ouviu o médico da família falando aos seus pais, no canto do quarto: “Pobre criança, certamente ela já viu os seus melhores dias”. Felizmente, Jennifer crê na ressurreição de Jesus Cristo. Ela tinha confiado em Jesus quando as coisas iam bem na sua vida, e sabia que podia confiar nEle agora. Rapidamente, ela respondeu: “Não, doutor, os meus melhores dias ainda estão por vir, quando verei o Rei na sua beleza”.¹

A esperança de Jennifer, como a nossa, está na ressurreição. Ela percebia uma verdade absolutamente profunda: algum dia, o seu corpo seria transformado, e ela não mais sofreria. Toda a sua tristeza e dor seriam convertidas em êxtase e alegria! Ela se agarrava firmemente à verdade de 2 Coríntios 4.17: “Porque a nossa leve e momentânea tribulação produz para nós um peso eterno de glória mui excelente”.

A vida de Jennifer se estragou no meio da trama, mas ela conservava a esperança e a alegria, porque sabia como a história iria terminar, e tinha

absoluta confiança no Autor. Ela vivia alegremente na realidade presente, porque se conservava expectante do que sabia que iria lhe acontecer quando ressuscitasse em um corpo novo, restaurado, perfeito e belo, como aconteceu com Cristo.

A história deste mundo caído termina quando entramos no glorioso futuro que Deus nos está preparando. O próprio Jesus prometeu isso: “Pois vou preparar-vos lugar. E, se eu for e vos preparar lugar, virei outra vez e vos levarei para mim mesmo, para que, onde eu estiver, estejais vós também” (Jo 14.2,3).

A nossa tarefa é viver agora, na realidade da história completa, e não encarar o presente cheio de dor como a realidade verdadeira. Na ressurreição, Deus venceu o pecado e a morte. Toda a dor e a angústia que sentimos como resultados da Queda ainda estão ativas, mas serão derrotadas no final. Nós somos convidados a participar dessa derrota, expandindo agora o Reino de Deus na terra, fazendo a sua vontade, vivendo de acordo com os seus princípios, mostrando aos outros o caminho, levando-os a conhecê-lo, e demonstrando a sua natureza de modo que muitos mais possam vir a conhecê-lo e se unir ao poderoso exército de Deus. Esse exército, que conhecemos como a Igreja, marchará para a vitória final sobre o nosso Inimigo supremo, e viverá em êxtase com Deus na glória restaurada do Éden, para sempre.

Esta é a promessa suprema da ressurreição.

Cumprindo a nossa Missão de Restauração

Nas últimas décadas, a América se tornou uma nação pós-cristã. No passado, as instituições formadoras da cultura na América — educação, entretenimento, governo, os meios de comunicação — foram profundamente influenciados pela ética judaico-cristã. Até mesmo muitos não crentes tinham conhecimento do enredo básico da Bíblia e tinham respeito pela influência que os cristãos tinham na cultura. Este não mais é o caso. O mundo ao nosso redor mudou radicalmente. Os valores que formam a visão dos jovens e a cultura como um todo não mais são predominantemente judaico-cristãos. Na realidade, os valores culturais dominantes são agora anticristãos. Poucos jovens entendem o enredo da Bíblia e o que ele significa para as suas vidas. Na verdade, a sua visão é, em grande parte, formada pela abordagem da espiritualidade, uma abordagem inclusiva, letárgica, que tudo aceita e que marca os nossos tempos pós-modernos.

É por isso que devemos nos considerar missionários para os incrédulos, especialmente para as gerações mais jovens, e participar, com Deus, da sua restauração ao seu Reino. Quando os missionários chegam a uma nova cultura, eles estudam essa cultura, ouvem as pessoas e tentam entender seus valores. Eles passam algum tempo conhecendo os indivíduos e construindo pontes relacionais. Eles fazem perguntas como: “Em que eles creem?”, “Como pensam?”, “Qual é a noção que têm do cristianismo, se é que têm alguma?” Os missionários não adotam a perspectiva da cultura estrangeira, mas procuram entender as pessoas, para encontrar uma abertura para o evangelho.

Em João 17, Jesus orou: “Não peço que os tires do mundo, mas que os livres do mal... Assim como tu me enviaste ao mundo, também eu os enviei ao mundo” (vv. 15,18). A sua oração não era para que criássemos uma subcultura cristã focada internamente, mas que fôssemos o sal e a luz para o nosso mundo. O sal torna o alimento mais atraente, e a luz é uma força orientadora que atrai as pessoas. Jesus nos está chamando — à sua igreja — para que sejamos os seus pés e as suas mãos de amor para os outros, e para que lhes contemos sobre a sua vitória sobre o mal e a nova vida que virá. Que missão incrível!

Há muitas percepções negativas em relação à igreja, especialmente entre as gerações mais jovens. Em *They Like Jesus but Not the Church* [Eles gostam de Jesus, mas não da Igreja], o pastor Dan Kimball relaciona seis percepções

comuns que as gerações mais jovens têm da igreja cristã.

1. A igreja é uma religião organizada, com uma programação política.
2. A igreja é crítica e negativa.
3. A igreja é dominada pelos homens, e oprime as mulheres.
4. A igreja é homofóbica.
5. A igreja declara, arrogantemente, que todas as religiões são erradas.
6. A igreja está cheia de fundamentalistas, que interpretam toda a Bíblia literalmente.²

David Kinnaman, presidente do Barna Research Group, chegou a conclusões similares em seu recente livro *unChristian: What a Generation Really Thinks About Christianity* [Não-Cristãos: O que uma Geração realmente Pensa sobre o Cristianismo]. Pessoas não-cristãs tiveram que descrever se percebiam as igrejas cristãs como ambientes de amor, onde as pessoas se sentiam incondicionalmente amadas e aceitas, independentemente de sua aparência ou do que faziam. Infelizmente, apenas uma pessoa em cinco consideravam a igreja desta maneira. E quanto às suas percepções dos cristãos, Kinnaman disse: “Apenas uma pequena porcentagem dos não-cristãos acreditam firmemente que os títulos ‘respeito, amor, esperança e confiança’ descrevam o cristianismo”.³

Em uma cultura dominada por um meio muito inamistoso com a causa cristã, a melhor maneira de superar esses conceitos equivocados é por meio dos relacionamentos. Se nós, como cristãos, não construirmos relacionamentos genuínos com os não-crentes, eles continuarão a ser desencaminhados pelos estereótipos populares e errôneos de como são os cristãos.

O mundo é um campo missionário, e Deus nos chama para que sejamos os seus embaixadores pessoais nele. A nossa missão é dizer às pessoas, como Maria disse, que Jesus ressuscitou e oferece a esperança de que nós também ressuscitaremos para uma nova vida. Mas a nossa missão não é meramente pregar essa verdade: é viver e demonstrar o exemplo de Cristo de amor sacrificial, uns com os outros e com o mundo exterior. Nós estamos de acordo com Dan Kimball quando escreve: “A menos que estejamos criando culturas na nossa igreja, em que as pessoas se vejam como missionárias, em seus mundos cotidianos, a menos que desafiemos os cristãos a deixar a bolha cristã, somente as vozes mais altas, frequentemente negativas, serão ouvidas. Nós podemos deixar de ser considerados críticos e negativos, e passar a ser vistos

como agentes positivos”.⁴

Não podemos gritar essa mensagem a distância. Na verdade, devemos ir ao mundo, onde as pessoas estão. Devemos seguir o exemplo de Jesus, que era conhecido como amigo dos coletores de impostos e pecadores, e construía relacionamentos com as pessoas que se sentiam alienadas da igreja. Jesus não anunciou meramente o Reino de Deus; Ele demonstrou a sua realidade, alimentando os pobres, curando os doentes e servindo aos marginalizados. Kinnaman assim explicou:

Eu acredito que parte da razão por que os cristãos são conhecidos como não-cristãos é o fato de que a igreja perdeu a sua capacidade e a sua disposição de amar e aceitar as pessoas que não fazem parte do clube “de dentro”. Essa incapacidade está drenando o vigor da nossa fé. Nós dizemos que amamos os de fora, mas, em muitos casos, mostramos amor apenas se for nos nossos próprios termos, se eles estiverem interessados em vir à nossa igreja, ou se respeitarem o nosso modo de vida.⁵

Para a Igreja Primitiva, a crença na ressurreição significava mais do que apenas esperar pela vida futura — pelo fim da história. Na verdade, a sua convicção na ressurreição fazia com que eles participassem, promovendo a trama, sendo agentes da restauração de Deus e reivindicando o mundo atual para o seu Reino. Embora eles estivessem em menor número, confiavam em um Deus poderoso. Eles reivindicavam o mundo para Deus, por meio de ações e crenças. Se desejamos ser fiéis a Jesus, como podemos fazer menos do que isso?

A NOSSA NOVA VIDA COMEÇA AGORA

Quando morreu o comediante Chris Farley, um artigo na revista *Rolling Stone* revelou alguns fatos sobre a sua atormentada vida. Embora Chris fosse um comediante talentoso, a sua vida interior tinha conflitos terríveis. Ele tinha muito medo de multidões, o que era uma das causas para o seu comportamento selvagem. Era um tipo de cortina de fumaça, um disfarce, para esconder o seu temor. Ele tinha medo de que os seus filmes não fizessem sucesso. Tinha medo de que, se perdesse peso, deixaria de ser engraçado. Tinha medo de que nunca encontraria uma mulher que o amasse como ele era, e com quem pudesse ter filhos, o que ele desejava mais do que tudo na vida. E, infelizmente, como declarou o artigo, “Ele tinha medo de que [os seus pecados] selassem o seu destino após a morte”.¹ Como muitas pessoas hoje em dia, Chris estava carregado de culpa.

Hoje, a nossa tendência é evitar o assunto da culpa. Em vez de assumir responsabilidade pessoal pelo que fazemos de errado, encontramos maneiras de culpar a nossa sociedade, os nossos genes ou alguma outra coisa que não nós mesmos. “A maneira como fui criado me fez fazer isso”, ou “Foi assim que fui criado”, dizemos com frequência quando evitamos as responsabilidades pelos nossos vícios, escolhas e falhas.

A maneira como lidamos com a culpa deriva da nossa visão de mundo. Se não cremos que os humanos são criados à imagem de Deus, com liberdade para escolher o que é certo e errado, negaremos a culpa. Se não somos criados, então somos meras máquinas acidentais, reagindo a estímulos e forçadas a seguir qualquer que seja a reação que o nosso cérebro mecanicamente nos oriente a seguir. Se não existe Deus, então não existe certo ou errado, e a escolha moral não tem sentido, porque a moralidade não tem sentido. Portanto, a culpa não pode existir.

Quando uma sensação de culpa persiste, apesar dessas crenças, muitos buscam um terapeuta, que descartará a aflição como meros “sentimentos de culpa”, e dirá que são normais, e que tudo está bem. Para escapar a seu persistente sentimento de culpa, algumas pessoas mergulham no prazer, tentando esquecer quaisquer pensamentos de responsabilidade para com Deus ou os outros. Outras pessoas tomam o caminho oposto, e redobram seus esforços morais, tentando se livrar da culpa, tendo melhor comportamento. Muitos se consolam, comparando-se a outras pessoas. Não importa o que você faça, sempre é possível encontrar alguém que fez algo pior, o que nos permite dizer: “Bem, pelo menos eu não sou tão mau como *ele*”.

Quando se trata de culpa, está claro que há “um elefante no quarto”. Não é, pelo menos, possível que tenhamos sentimentos de culpa porque sejamos realmente *culpados*? Se os humanos pecaram (e está claro que pecaram), e se são responsáveis pelos seus pecados (e realmente são), então a explicação para os nossos sentimentos de culpa é simples. Nós nos sentimos culpados porque *somos* culpados. Não há outra solução para os sentimentos de culpa, além de reconhecer o nosso pecado, reconhecer a nossa responsabilidade e admitir que estamos errados.

As Escrituras deixam claro que todas as pessoas infringem as leis morais de Deus. “Porque todos pecaram e destituídos estão da glória de Deus” (Rm 3.23). Cada homem e mulher que já viveu fez muitas coisas erradas. Todos nós tivemos pensamentos e atitudes errados, e fizemos más escolhas. O profeta Jeremias disse: “Enganoso é o coração, mais do que todas as coisas, e perverso; quem o conhecerá?” (Jr 17.9). Jesus disse: “Porque do interior do coração dos homens saem os maus pensamentos, os adultérios, as prostituições, os homicídios, os furtos, a avareza, as maldades, o engano, a dissolução, a inveja, a blasfêmia, a soberba, a loucura. Todos estes males procedem de dentro e contaminam o homem” (Mc 7.21-23).

O problema central, então, é o coração humano. Se afirmarmos que não temos pecado, estaremos nos enganando, e chamando Deus de mentiroso. Nós nos rebelamos contra Deus e infringimos as suas leis, não alcançamos os seus padrões; nós negamos o seu amor, nós o rejeitamos em nossas vidas. *Nós somos verdadeiramente culpados*. E até que encontremos uma solução para a nossa culpa, continuaremos atolados em uma vida sobrecarregada com sentimentos negativos com os quais é difícil lidar.

Nos tempos do Antigo Testamento, os israelitas tinham de oferecer sacrifícios de animais, para pagar pela sua culpa, para que Deus os pudesse

aceitar. Embora o sangue de animais pudesse limpar as pessoas da contaminação ritual (veja Hb 9.13), ele nunca poderia remover completamente o pecado (veja Hb 10.4). E uma vez que ele era incapaz de remover o pecado, “Nunca, pelos mesmos sacrifícios que continuamente se oferecem cada ano, pode aperfeiçoar os que a eles se chegam” (Hb 10.1).

Deus sabia disso, naturalmente, mas Ele tinha um propósito ao fazer com que as pessoas pagassem por seus pecados com sacrifícios de sangue. Como nos diz o autor da Carta aos Hebreus, esses sacrifícios são “a sombra dos bens futuros e não a imagem exata das coisas” (10.1). Em outras palavras, o sistema antigo era apenas um arranjo temporário. A satisfação definitiva viria pelo sacrifício do Filho de Deus, que se ofereceu pessoal e voluntariamente pelos pecados de toda a humanidade. Jesus lidou com o pecado e a sua culpa, “uma vez, oferecendo-se a si mesmo” como sacrifício pelos pecados daqueles que se arrependem (Hb 7.26,27).

Jesus foi o sacrifício perfeito pelos nossos pecados (veja Hb 9.14). Por quê? Porque Ele era sem pecado e sem culpa — Ele não tinha nenhuma imperfeição. Ele não era culpado de nada, o que o tornava capaz de pagar o preço pela nossa culpa.

A Culpa e a Lei

A razão básica por que sentimos culpa é o fato de que sentimos que não estamos à altura. Cada um de nós tem, em seu coração, uma sensação de lei moral que nos diz qual é o comportamento correto (veja Rm 2.15). Além disso, muitos de nós somos ensinados moralmente, de forma direta por meio de sermões ou da Escola Dominical, ou de forma indireta pelas leis e expectativas da sociedade, de modo geral. Quando o nosso comportamento não corresponde ao comportamento correto em nosso coração, ou ao que absorvemos dos ensinamentos ou dos exemplos, ouvimos essa voz incômoda que chamamos de consciência, que nos diz que não estamos à altura do padrão de comportamento que sabemos ser o correto. Essa sensação de não estar à altura de um padrão é o que produz a nossa culpa.

Muitas pessoas, até mesmo cristãos de boas intenções, lidam com essa culpa tentando “ser bons” com um esforço ainda maior, ou fazer um trabalho melhor ao obedecer às leis de Deus. Elas estudam a Bíblia, tentam se esforçar ao máximo para entender todas as regras e leis e então lutam, com toda a sua habilidade, para obedecer a elas. O resultado sempre é frustração. Não importa o quanto tentemos, nós, humanos, não conseguimos obedecer perfeitamente a todas as leis. Quanto mais tentamos, mais óbvio se torna esse fato. E quanto mais consciência temos da lei e da nossa incapacidade de obedecer a ela, maior se torna a nossa culpa. Tentar ser bom obedecendo às leis de Deus é um círculo vicioso, sem saída.

Assim, se não podemos obedecer às leis de Deus, por que Ele as deu a nós? Uma resposta é que nós as recebemos para o nosso próprio bem, para nos mostrar como o organismo humano deve funcionar. A lei nos mostra como devemos viver, de uma maneira que nos trará a maior felicidade, alegria, saúde e amor, e nos permitirá refletir o caráter de Deus. Mas quando descobrimos que não podemos viver de acordo com essas leis, elas começam a nos parecer limitadoras e tirânicas. Elas nos restringem e nos tornam infelizes. Parecem nos manter presos em uma caixa e nos impedir de vivenciar toda a liberdade de que os nossos amigos não cristãos parecem desfrutar. Quando consideramos as leis de Deus dessa maneira, elas nos roubam a nossa liberdade.

Então, perguntamos outra vez, por que Deus nos deu leis às quais é impossível obedecer? Outra resposta é que elas revelam a nossa natureza

pecadora — a nossa incapacidade de seguir a Deus — e, como resultado, mostram que estamos condenados, por não conseguirmos ser o que Deus nos criou para que fôssemos. Como disse Jesus: “Sede vós, pois, perfeitos, como é perfeito o vosso Pai, que está nos céus” (Mt 5.48). O que Ele quis dizer não é que nós podemos realmente ser perfeitos, mas exatamente o oposto, que, por esforços humanos, exclusivamente, nunca poderemos alcançar a perfeição. As leis de Deus nos mostram esse fato com clareza. Nós comparamos o nosso comportamento ao comportamento que as suas leis prescrevem, e vemos que não estamos à altura. A nossa incapacidade em obedecer à sua lei nos mostra que somos menos do que aquilo que Deus nos criou para ser. Nós fomos criados para ser como Ele — perfeitos — mas não somos. Por isso, sentimos-nos culpados. E essa culpa não é meramente um sentimento; ela é absolutamente real. Nós nos sentimos culpados porque somos culpados. O pecado nos separou do Deus perfeito do universo, que nos criou para que fôssemos como Ele. O pecado destruiu as nossas vidas.

O nosso Relacionamento com Deus

As boas-novas da ressurreição de Cristo são de que a culpa não mais precisa nos torturar e que o nosso relacionamento com Deus pode agora ser restaurado. Graças à sua morte e ressurreição, *não mais vivemos sob o poder da lei*. Cristo nos redimiou da necessidade de sermos perfeitos, suportando a punição pela nossa incapacidade de obedecer à lei. Por isso, “nenhuma condenação há para os que estão em Cristo Jesus” (Rm 8.1). Ele recebeu a punição, para que nós pudéssemos ser perdoados. Se confiarmos na morte e ressurreição de Cristo, não mais carregaremos a culpa pelos nossos pecados. Não mais devemos nos sentir culpados, porque não mais somos culpados. Ele assumiu a nossa culpa como sua, e pagou a punição por ela.

A ressurreição de Cristo demonstrou que nenhum pecado é terrível demais e impossível de ser perdoado. Embora Ele carregasse, sobre as suas costas ensanguentadas, cada pecado que cada um de nós já cometeu, Deus ainda o ressuscitou dos mortos. Até mesmo o pior dos nossos pecados foi levado ao sepulcro e ali ficou, para sempre. Embora todos nós tenhamos feito coisas terríveis em nossa vida, o sepulcro vazio de Jesus significa que não estamos condenados; nós podemos ser perdoados.

Um estudante veio falar comigo (Sean) sobre o seu vício em pornografia pela internet, um vício que muitos jovens têm hoje. Ele estava profundamente envergonhado pela sua incapacidade de se controlar. Tremendo visivelmente, ele me olhou nos olhos e disse: “Consigo controlar todas as áreas da minha vida, exceto esta. Estou tão envergonhado”. Eu o incentivei a abraçar a graça de Deus e perceber que ele não tinha de obedecer à lei sozinho — e, na verdade, não conseguiria fazer isso.

Naturalmente, estar livres da culpa que nos foi imposta pela lei não quer dizer que não mais devemos obedecer aos mandamentos de Deus, mas quer dizer que fomos tornados legalmente perfeitos, pelo sacrifício de Cristo, e não pela nossa obediência à lei. Aceitar o que Cristo fez por nós deveria nos levar a desejar a obediência em vez da rebelião. Quando realmente compreendermos o significado do que Cristo fez por nós na cruz, nos encheremos de gratidão. É um coração grato procura agradar, e não ferir ou se esconder.

É somente quando de fato nos humilharmos e percebermos a nossa impotência que Deus poderá realmente nos fortalecer. Paulo disse: “Porque,

quando estou fraco, então, sou forte” (2 Co 12.10). Cristo conquistou o poder do pecado e o poder do Diabo. Estamos livres da lei, e podemos sentir pessoalmente o perdão de Deus, em primeira mão, e viver uma nova vida, livres da culpa e capacitados pela ressurreição de Cristo.

Como sentimos o poder da ressurreição? As Escrituras nos ensinam que a morte e a ressurreição de Cristo liberaram o Espírito Santo de Deus a voltar para a vida dos crentes (veja Jo 7.39). É esse Espírito que habita nos crentes que lhes dá a força para derrotar vícios e hábitos autodestrutivos, para que possam viver verdadeiramente uma nova vida, livres da culpa e da condenação do pecado. Paulo diz:

Se o Espírito daquele que dos mortos ressuscitou a Jesus habita em vós, aquele que dos mortos ressuscitou a Cristo também vivificará o vosso corpo mortal, pelo seu Espírito que em vós habita. De maneira que, irmãos, somos devedores, não à carne para viver segundo a carne, porque, se viverdes segundo a carne, morrereis; mas, se pelo espírito mortificardes as obras do corpo, vivereis. (Rm 8.11-13)

Esta é a essência da nossa nova vida em Cristo. Vivemos em um mundo caído, em que frequentemente somos feridos pelo pecado; mas podemos viver acima de tudo isso, confiantes na promessa demonstrada pela ressurreição, de que o poder que o pecado tinha sobre nós foi derrotado. Agora vivemos em um relacionamento restaurado com Deus, e com o seu Espírito Santo em nós, participamos da vitória suprema. Vivemos nossa própria vida, livres da culpa e cheios de alegria. E podemos viver a nossa nova vida com liberdade agora mesmo.

A presença do Espírito Santo em nossa vida significa que não mais pecamos? Não, ainda precisamos combater o obstáculo da natureza pecadora que herdamos de Adão. Essa natureza pecadora às vezes fará com que ignoremos a voz do Espírito e ouçamos, em vez dela, a nossa voz interna, que declara os seus desejos e nos afasta da vontade de Deus (veja Rm 7.14-25). Quando caímos em atos de pecado, no entanto, não quer dizer que o Espírito Santo nos deixa e está tudo acabado para nós. Deus, na sua misericórdia amorosa, compreende as nossas fraquezas, e enquanto desejarmos segui-lo, odiar os nossos pecados e nos voltarmos para Deus com arrependimento, Ele honra o nosso desejo, perdoa os nossos pecados e permanece conosco.

Embora pequemos, nunca nos é negada a oportunidade de viver a plenitude da vida cristã. Quando voltamos o nosso coração novamente para Deus, Ele estende a mão e nos abraça com seus braços amorosos, restaurando-nos outra vez ao nosso relacionamento com Ele. Foi o que Jesus fez depois que Pedro o negou três vezes. E foi o que Jesus fez também por nós. Somos seus filhos, e Ele nos ama profundamente. Por isso Paulo diz: “Assim que já não és mais servo, mas filho; e, se és filho, és também herdeiro de Deus por Cristo” (Gl 4.7). Esta é a nova vida que Deus oferece — a nova vida que podemos ter nEle, apesar do nosso pecado e de nossa rebelião anterior contra Ele.

A Comunidade da Ressurreição

A igreja é, essencialmente, a comunidade da ressurreição, uma comunidade em que podemos viver a nova vida do Espírito. Enquanto a ressurreição nos promete uma vida nova e perfeita no futuro, Deus nos ama demais para nos deixar sozinhos, combatendo a dor, a culpa e a solidão da nossa vida atual. É por isso que Ele nos dá uma comunidade de pessoas, que se amam, umas às outras, da maneira como Ele nos ama — uma comunidade de ajuda, apoio e encorajamento mútuos. Quando a comunidade de Cristo vive no poder da ressurreição, nós nos tornamos os agentes transformadores de Deus, uns para os outros, e para um mundo destruído e ferido.

Infelizmente, a igreja nem sempre viveu de acordo com o exemplo que Jesus lhe deu. Algumas vezes a igreja foi um agente de repressão, hipocrisia e alienação. Nós lamentamos a dor que foi causada em nome de Cristo. Se você foi ferido por pessoas que afirmam ser seguidores de Cristo, então realmente sentimos muito. Mas também cremos firmemente que a Igreja tem sido a maior comunidade de bondade que este mundo já viu. Deus criou a Igreja para que fosse suas mãos e seus pés, para trazer cura ao nosso mundo ferido. Quando realmente vive de acordo com o plano de Deus, a Igreja pode ser um incrível agente de transformação para indivíduos e sociedades. Vamos examinar rapidamente como a Igreja realiza essas funções.

A Igreja É uma Comunidade de Esperança

Enquanto Jesus estava na terra, “Deus estava em Cristo reconciliando consigo o mundo” (2 Co 5.19). Agora Cristo está em nós, e Paulo diz que Deus “pôs em nós a palavra da reconciliação. De sorte que somos embaixadores da parte de Cristo, como se Deus por nós rogasse” (2 Co 5.19,20). Ele deseja nos envolver no seu ministério, para trazer as pessoas até Ele, especialmente em tempos de adversidade e dificuldade. Paulo prossegue dizendo que não devemos “dar escândalo em coisa alguma, para que o nosso ministério não seja censurado” (2 Co 6.3). Deus não apenas nos ajuda a realizar o nosso propósito, tornando-nos cada vez mais como Cristo, mas também atrai pessoas para junto dEle, por nosso intermédio. Porque “se amarmos uns aos outros, Deus permanece em nós, e o seu amor é, em nós, aperfeiçoado” (1 Jo 4.12).

Com frequência, parecemos cumprir essa missão de maneira mais eficaz quando estamos enfrentando tempos de crise, sofrimento ou perseguição. A maioria de nós consegue demonstrar amor, alegria, paz e paciência quando o vento está a favor e estamos navegando a toda velocidade, mas quantas pessoas demonstram gratidão, coragem e otimismo em meio a uma tempestade? Quando nos vem a tragédia, quando estamos sofrendo, quando somos maltratados e ainda temos alegria, as pessoas percebem-na. Foi isso o que levou o Dr. Francis Collins, um dos principais e mais ilustres geneticistas de nossa nação, e antigo líder do Projeto Genoma Humano, a considerar o cristianismo. Em 1976, durante a sua residência médica, Collins ficou assombrado pela serenidade de alguns de seus pacientes mortalmente enfermos. Ele decidiu investigar as evidências em favor da existência de Deus. O livro que o convenceu foi *Cristianismo Puro e Simples*, de C. S. Lewis, em particular o argumento de Lewis a favor de Deus sobre a evidência da lei moral. Enquanto a evidência convenciu a sua mente, a esperança dos crentes sofrendores atraía o seu coração. O brilhante cientista se tornou crente em Cristo.²

Deus o preenche você tão completamente com alegria e bênção durante as suas aflições, que você realmente fica agradecido pelas provações pelas quais está passando. E quando as pessoas veem como você é corajoso e otimista durante os seus tempos difíceis, são atraídas a Cristo, como foi o Dr. Collins. O falecido sacerdote católico romano Henri Nouwen afirmou que alguns dos momentos mais felizes de sua vida foram os momentos de grande dor

emocional e física, quando era forçado a clamar a Deus e confiar nEle como a sua fonte de esperança e alegria.³

Sendo o Corpo de Cristo, devemos viver essa esperançosa realidade e torná-la conhecida ao mundo exterior.

Um dos nossos heróis é um jovem chamado Steve Sawyer. Hemofílico de nascimento, Steve foi infectado com o vírus HIV no início dos anos 1980, durante uma transfusão de sangue. Diante de tal condenação à morte, Steve deixou a faculdade e começou a viajar por todo o mundo, dizendo aos jovens que eles podiam conhecer pessoalmente a Deus, e encarar a eternidade com confiança e esperança. Nunca nos esqueceremos de quando ouvimos Steve dizer que agradecia sinceramente a Deus pela sua doença, porque, sem ela, ele não teria uma plataforma tão poderosa para apresentar Jesus. Steve disse: “Se eu tive de ter essa doença que está me matando para que uma só pessoa entenda que pode ter um relacionamento com Cristo, então valeu a pena. Diante da eternidade, isso é tudo o que importa”.⁴ Steve compreendia verdadeiramente a esperança que o nosso Salvador crucificado oferece ao nosso mundo destruído e ferido.

A Igreja É uma Comunidade de Perdão

A comunidade amish de Nickel Mines, da Pensilvânia, nunca se esquecerá da tragédia de 2 de outubro de 2006. Charles Roberts, pai de três filhos, e não amish, entrou na única sala da escola amish, ordenou que os meninos saíssem, e abriu fogo contra as meninas. Ele atirou em 10 meninas, das quais cinco morreram, e depois cometeu suicídio.

Depois da tragédia, o mundo ficou petrificado, não somente pelo crime, propriamente dito, mas também pelo mistério do perdão que veio tão rapidamente por parte dos crentes amish. Donald Kraybill, especialista na seita amish, explicou que esse perdão “não era uma aberração. Ao falarem a uma pessoa, os amish diriam que o perdão é o ensinamento mais importante de Jesus”.⁵ Os amish percebem que o seu próprio perdão foi comprado por um preço — a cruz de Cristo. Como resultado, eles oferecem misericordiosamente o perdão aos outros.

N. T. Wright capta a razão por que o perdão é uma característica tão essencial para a comunidade cristã: “Na verdade, devemos ser pessoas perdoadoras no presente porque esta é a vida que receberemos no futuro”.⁶ A criação será fisicamente restaurada, sem os efeitos destrutivos do pecado. De igual maneira, os nossos corpos, mentes e naturezas morais também serão renovados.

Como crentes em Jesus Cristo, a nossa responsabilidade é estender a graça de Deus às pessoas, ser exemplos vivos do amor e do perdão de Cristo. As pessoas precisam ver a maneira misericordiosa e terna como Ele tratou os que estavam em pecado. As pessoas precisam ver os esforços que Jesus fez para que pudéssemos nos reconciliar com Deus. A nossa tarefa é ajudar as pessoas a deixar de se concentrar nos seus enganos para aceitar o amor e o perdão de Deus.

Quão seriamente Deus considera o perdão? Jesus disse: “Se perdoardes aos homens as suas ofensas, também vosso Pai celestial vos perdoará a vós. Se, porém, não perdoardes aos homens as suas ofensas, também vosso Pai vos não perdoará as vossas ofensas” (Mt 6.14,15). É impossível deixarmos de perdoar aqueles que se arrependem de algo que fizeram contra nós, e andarmos em um relacionamento com Deus.

A Igreja É uma Comunidade de Amor

Vivemos em uma era marcada, em grande parte, pelo isolamento, pelo vazio e pelo sofrimento. Há duas causas principais para a solidão que muitos sentem hoje em dia: a tecnologia e a ausência dos pais. A nossa era presenciou avanços tecnológicos sem precedentes, que beneficiaram muito o nosso mundo. Mas, infelizmente, essas mesmas invenções causaram muita solidão, desconectando as pessoas de Deus e umas das outras. As pessoas passam muito mais tempo diante de seus computadores, ouvindo música, jogando videogames e navegando pela internet do que em relacionamentos cara a cara. Em *Generation Me*, a Dra. Jean Twenge afirma que, por causa da tecnologia, “nós estamos mal nutridos, por comer uma dieta sem nutrientes, de mensagens instantâneas, e-mails e telefonemas, em vez do alimento verdadeiro da interação viva e interpessoal”.⁷

Em gerações anteriores, as pessoas viam muita televisão. Isso podia não ser bom, mas pelo menos era algo que normalmente as pessoas faziam *juntas*. Agora, muitos jovens assistem, ouvem e interagem com o computador, *sozinhos*, sem a supervisão e a responsabilidade de outros membros da família. A jornalista Marya Mannes observou, apropriadamente: “Quanto mais as pessoas são alcançadas pela comunicação em massa, menos elas se comunicam umas com as outras”.⁸

A fonte mais profunda de solidão, no entanto, não se deve aos avanços tecnológicos, mas à ausência de pais. O maior problema no mundo de hoje não é a ameaça do terrorismo, a violência desenfreada ou a pobreza global. O maior problema que o mundo enfrenta hoje é a falta de pais amorosos envolvidos na vida de seus filhos. Os filhos de pais ausentes ou negligentes crescem sem ter o profundo e abrangente amor que cada pessoa deseja.

Há aproximadamente 170 alusões bíblicas à paternidade de Deus, que é um pai amoroso, apaixonadamente interessado na vida de cada um dos seus filhos. Um relacionamento com Deus pode preencher o vazio deixado pela negligência de um pai terreno. Mas a única maneira para que eles sintam o amor paternal de Deus é por intermédio de pessoas da igreja, que podem transmiti-lo em seus relacionamentos. Uma maneira eficaz de expressar esse amor aos jovens é fazer de nossa casa um lugar aberto e convidativo, onde os jovens desejem ficar. É uma maneira poderosa para que os jovens de lares destruídos vejam relacionamentos bíblicos modelados em ação e recebam

também orientação com amor.

O amor de Deus não somente deve ser modelado em casa e dentro dos muros da igreja, mas também deve ser levado ao nosso mundo. A fé bíblica sempre é traduzida em amar e servir aos que estão à nossa volta. João diz: “Meus filhinhos, não amemos de palavra, nem de língua, mas por obra e em verdade” (1 Jo 3.18). Jesus demonstrou esse amor durante toda a sua vida. Ele tocou os intocáveis, amou os que não eram possíveis de amar e se aproximou dos inacessíveis. Chorou por causa do mal, reagiu com ira à injustiça e sempre tinha tempo para os negligenciados. Ele via além das aparências externas e amava as pessoas de maneira adequada às suas verdadeiras necessidades. Jesus deseja que amemos os nossos inimigos, abençoemos os que nos perseguem e, finalmente, derrotemos o mundo com o tipo de amor que Ele nos mostrou na cruz. Esse amor abnegado deve ser a fundação de todos os relacionamentos, na igreja e também fora dela.

Uma igreja de Montana, que foi atacada por vândalos, arrecadou “cestas de amor”, com cartões e outros itens para enviar aos três adolescentes suspeitos de invadir o edifício, quebrar janelas, esvaziar um extintor de incêndio e roubar dinheiro e equipamentos eletrônicos. Jason Reimer, um pastor dessa igreja disse: “O juiz lhes infligirá as devidas consequências; mas como uma congregação, nós queremos lhes estender amor e misericórdia. Muitos de nós, quer frequentássemos a igreja quer não, já estivemos no lugar deles, e fizemos algumas escolhas muito ruins. Mas Deus nos perdoa”.⁹ Eles queriam ter certeza de que os jovens vândalos tivessem uma amostra do amor de Deus.

N. T. Wright capta a ideia de como o amor abnegado deve ser um sinal característico e distinto da igreja cristã: “O chamado do evangelho é para que a igreja *implemente* a vitória de Deus no mundo, *por meio de amor com sofrimento*. A cruz não é apenas um exemplo a ser seguido; é uma realização a ser executada, posta em prática”.¹⁰ A cruz mostra como nós, na igreja, devemos amar uns aos outros.

Vivendo no Céu Agora

Paulo se refere à ressurreição de Jesus 53 vezes, em suas cartas. Muitos desses textos declaram a supremacia da ressurreição, a certeza que ela nos dá da nossa própria ressurreição física futura, ou as duas coisas. Mas seis dessas referências são a experiência atual da ressurreição na vida do crente (veja Rm 6.4; Ef 2.6; Fp 3.10; Cl 2.12; 3.1). Em outras palavras, a ressurreição não é meramente um evento no passado ou uma promessa no futuro; é uma realidade atual a ser vivida em nossa vida e em nossos relacionamentos. Embora Paulo escreva para estabelecer e defender a veracidade da ressurreição, o seu principal propósito não é simplesmente estabelecer o fato, mas atrair as pessoas para sentir o poder da ressurreição, em primeira mão.

Isso é o que tentamos lhe mostrar neste capítulo. A nova e abundante vida de certeza e vitória sobre o pecado é mais do que apenas uma promessa que espera por nós no futuro. Você pode começar a viver essa vida ressurreta agora mesmo. Nós não conseguimos nos livrar dos problemas, da dor e do pecado agora — embora isso esteja, na realidade, no nosso futuro. Mas podemos começar a viver acima da influência debilitadora dessas aflições pelo poder do Espírito Santo de Deus em nossa vida. Podemos ter uma vida de alegria e comunhão nos relacionamentos com os membros da igreja que compartilham da nossa esperança. Podemos viver esse tipo de vida na presença daqueles que precisam conhecer a Jesus, influenciando-os para que se tornem parte da vitória de Deus sobre o mal e da restauração do seu ideal da criação. Você pode começar a viver essa vida nova agora mesmo, simplesmente dando as costas ao seu passado dominado pelo pecado, e colocando-o nas mãos de Deus.

PARTE III

EVIDÊNCIAS SÓLIDAS EM FAVOR DA
RESSURREIÇÃO

É VERDADE? É DIGNO DE CRÉDITO?

Recentemente eu (Sean) fui o orador convidado em um acampamento de jovens para estudo da Bíblia, no norte da Califórnia. Durante toda a semana, desafiei os estudantes a usar a mente para considerar a declaração de que Jesus é o único meio de salvação (veja At 4.12).

No fim da semana, algumas das opiniões que tive por escrito dos participantes me chocaram. Uma jovem resumiu os meus ensinamentos com as seguintes palavras: “Nós gostamos de suas histórias, mas esta é apenas a *sua* verdade. Não quero julgá-lo, mas tenho uma verdade diferente”. A reação dela provavelmente não deveria ter me surpreendido, uma vez que a maioria dos nossos jovens (81%) adotou a interpretação de que “toda verdade é relativa ao indivíduo e às suas circunstâncias”.¹ A atitude comum, com relação à religião e moralidade é: “O que é verdade para você pode não ser verdade para mim”. Muitos jovens que afirmam ser cristãos não compreendem que as Boas-Novas de Jesus é a verdade que lhes dá a *única* esperança de salvação, e a *única* oportunidade de um relacionamento com o Deus vivo que criou o universo.

Christian Smith demonstra que, para a juventude de hoje, “a própria ideia de verdade religiosa é atenuada, transferida de noções mais antigas, realistas e universalistas, de convicções da verdade objetiva a versões mais personalizadas e relativas de ‘verdade para mim’ e ‘verdade para você’.”² Smith diz que ouvimos os jovens proclamar: “Quem sou eu para julgar?” ou “Se funciona para eles, tudo bem”. Muitos jovens veem a verdade de forma pragmática, como qualquer tipo de obra em suas vidas, em vez de defender a visão clássica da verdade como aquilo “que corresponde à realidade”. Se o lema hedonista de Hugh Hefner: “Se lhe der prazer, faça” caracterizou os anos 1960, o clamor do relativismo caracteriza a juventude de hoje e um número

crescente de adultos: “Se funciona para você, está certo”.

A Verdade Dividida

Por que as pessoas acham que podem escolher crenças religiosas como se estivessem escolhendo downloads de filmes ou de iTunes? Nancy Pearcey explica que a cultura secular contemporânea traçou uma linha divisória entre o sagrado e o secular, atribuindo a religião, a moralidade e o entendimento “particular” ao domínio sagrado e subjetivo, e a ciência e o conhecimento “público” ao domínio secular e objetivo. “Em resumo”, escreve, “a esfera particular está inundada de relativismo moral... a religião não é considerada uma verdade objetiva à qual nos *submetemos*, mas apenas uma questão de gosto pessoal, que escolhemos...”³ As declarações religiosas e morais são consideradas questão de preferência pessoal, em vez de declarações inteligentes sobre o mundo real.

Como resultado dessa divisão cultural, as pessoas foram treinadas para separar a sua crença em Deus de suas vidas diárias — conservar as suas crenças sobre Deus no campo particular e subjetivo, e não considerá-las como verdade objetiva. Elas recorrem ao conhecimento real e objetivo quando tratam com o lado “secular” da vida, onde uma incapacidade de observar os fatos reais pode ter consequências imediatas e tangíveis. Essa separação é revelada mais claramente na maneira como os jovens priorizam a espiritualidade.

Um recente estudo realizado pelo Harvard University Institute of Politics [Instituto de Política da Universidade de Harvard] revelou que 72% dos alunos consideravam a religião “relativamente” ou “muito” importante em suas vidas.⁴ Isso, a princípio, pode parecer um sinal de vigor espiritual; mas quando os entrevistadores perguntaram aos alunos o que os estimulava, com quais questões emocionantes eles lidavam e quais experiências ou rotinas pareciam mais importantes em suas vidas, as respostas revelaram o oposto. Em vez de falar sobre as suas identidades, crenças ou práticas religiosas, a maior parte dos adolescentes falou sobre os amigos, as suas contas em MySpace, música, interesses românticos e outros assuntos pessoais. Walt Mueller, especialista em cultura da juventude, conclui:

Muitos que têm uma fé cristã bíblica e mais ortodoxa adotaram-na como algo que praticam de tempos em tempos, e não durante o tempo todo. Em vez de integrar a sua fé a toda a sua vida, eles vivem uma fé desintegrada,

que apenas toca partes selecionadas de quem eles são. Consequentemente, as crenças que eles declaram ter podem ser mantidas em separado da maneira como consideram a autoridade e reagem a ela, a maneira como se comportam em relacionamentos e encontros amorosos, quem eles são, como estudantes ou atletas, e assim por diante.⁵

Depois de entrevistar centenas de estudantes por toda a nação, Christian Smith concluiu: “O que as nossas entrevistas quase nunca encontraram entre os adolescentes foi uma visão de que a religião convoca as pessoas a adotar uma obediência à verdade, independentemente das consequências ou recompensas pessoais”.⁶ Considere o que uma adolescente disse sobre as pessoas que expressam visões opostas de Deus:

A (Adolescente): Não pude dizer nada. É a opinião deles. Eu tenho a minha própria opinião.

E (Entrevistador): Você está certa?

A: Ah, não sei. Eu não tenho ideia, mas...

E: Existe uma resposta certa ou uma resposta errada, no que diz respeito a Deus?

A: Não existe uma resposta certa.

E: Por que não?

A: Não existe uma resposta errada. Por se tratar de Deus, não podemos provar; é simplesmente aquilo em que você acredita.⁷

A atitude dessa jovem com relação à verdade não é incomum; ela simplesmente reflete a atitude que têm muitos jovens e um número crescente de adultos hoje em dia. N. T. Wright observou uma profunda ironia na nossa perspectiva cultural sobre a verdade: “A verdade está sendo atacada por todos os lados, mesmo com a nossa insistência cada vez maior sobre a verdade, em termos de manter registros e de fazer verificações”.⁸ Como resultado, um dos maiores obstáculos que enfrentamos em nosso ministério é uma visão distorcida da verdade. Paulo nos adverte de que as pessoas perecerão por não amarem a verdade (veja 2 Ts 2.8-10). A menos que consigamos reconstruir as fundações da verdade entre os nossos jovens, eles serão “levados em roda por todo vento de doutrina, pelo engano dos homens...” (Ef 4.14).

As Pessoas realmente se Importam com a Verdade hoje em dia?

O subjetivismo pós-moderno afetou o modo de pensar das gerações atuais, a ponto de corrermos o risco de perder a noção da verdade propriamente dita. Muitas pessoas, hoje em dia, expressam dúvidas quanto à verdade ser real, ou, se for real, se realmente pode ser conhecida. Apesar dessa depreciação pós-moderna da verdade, Aristóteles disse que todo o mundo deseja conhecer a verdade. Profundamente enraizada, em algum lugar em nosso coração, está a consciência, talvez adormecida, de que a verdade é uma fundação necessária para a vida. Com frequência ignoramos ou negligenciamos o fato de que o que quer que as pessoas possam dizer sobre a verdade, inevitavelmente elas organizam suas vidas ao redor do que acreditam ser, em última análise, verdade. Elas têm um sentido de verdade, latente e funcional, mas a noção que têm sobre o que *é* a verdade sofre, pelos conceitos equivocados que inadvertidamente adotaram da nossa cultura.

Dan Kimball, pastor da Vintage Faith Church, em Santa Cruz, Califórnia, reforçou essa ideia em seu livro, *The Emerging Church*:

Percebo que as gerações que estão surgindo não se opõem, na realidade, à verdade e à moral bíblica. Quando as pessoas percebem que você não tem apenas uma opinião dogmática, devido à fé cega, e que você não está atacando as crenças de outras pessoas apenas por medo, elas se tornam notavelmente abertas à discussão inteligente e amorosa sobre escolha e verdade.⁹

Embora as pessoas, hoje em dia, sejam claramente descartadas por aqueles que, com arrogância, pensam ter todas as respostas, descobrimos que *os jovens reagem de maneira positiva a alguém que possa, com amor, conduzi-los à verdade.*

É aqui que a apologética entra em cena. A apologética, a defesa da fé, sofre muito hoje em dia pela negligência e pelo repúdio, por causa da rejeição geral à verdade que descrevemos acima. O propósito da apologética cristã *não* é meramente vencer uma discussão, mas mostrar que as crenças que defendemos e mantemos a respeito de Deus, Cristo e da sua morte e ressurreição são fatos

objetivos, em que as pessoas devem crer, simplesmente por serem verdadeiros, de modo literal. Elas realmente aconteceram, em um espaço e tempo históricos, identificados de maneira específica.

Mais do que nunca, precisamos seguir o conselho de Pedro e dar às pessoas motivos honestos para crer na verdade que coincide com a realidade. Mas devemos fazer isso com gentileza, mansidão e respeito. Hoje em dia, as pessoas precisam de uma apologética para a ressurreição de Jesus, tanto quanto em qualquer período da história (veja 1 Pe 3.15).

Esclarecendo a Confusão sobre a Verdade

Como, então, podemos ajudar as pessoas a ver que a ressurreição de Jesus é uma realidade objetiva e simplesmente não pode ser verdadeira para uma pessoa e falsa para outra? Certa vez, eu (Sean) conduzi a seguinte experiência com meus alunos. Coloquei diante deles um vidro com bolas de gude, e perguntei: “Quantas bolas de gude há no vidro?” Eles responderam com diferentes palpites: 221, 168, e assim por diante. Então, depois de lhes dizer o número correto, 188, perguntei: “Qual de vocês está mais próximo da verdade?” Todos concordaram que 168 foi o palpite mais próximo. E todos concordaram que o número de bolas de gude era uma questão de um fato objetivo, e não determinado pela preferência pessoal.

A seguir, distribuí doces a todos os alunos e perguntei: “Qual sabor é o correto?” Como seria de se esperar, todos pensaram que essa pergunta não fazia sentido, porque cada pessoa tinha uma preferência que era a correta para si mesma. “É isso mesmo”, concluí. “O sabor correto tem a ver com as preferências da pessoa. É uma questão de opinião subjetiva ou preferência pessoal, e não um fato objetivo”.

Em seguida, perguntei: “As declarações religiosas são como o número de bolas de gude em um vidro, ou são uma questão de opinião pessoal, como a preferência pessoal por um doce?” A maioria dos alunos concluiu que as declarações religiosas pertencem à categoria da preferência por um doce. Então abri a porta para que discutíssemos as declarações objetivas do cristianismo. Destaquei que o cristianismo está baseado em um fato histórico objetivo — a ressurreição de Jesus. Lembrei-os de que, embora muitas pessoas possam rejeitar a ressurreição histórica de Jesus, ela não é o tipo de declaração que pode ser “verdadeira para você, mas não para mim”. Ou o sepulcro estava vazio, no terceiro dia, ou estava ocupado — não há meio termo. Antes que alguém possa compreender o poder de transformação da ressurreição de Jesus, é preciso que perceba que é uma questão de um fato objetivo, e não de preferência pessoal.

A Importância da Argumentação na Determinação de uma Crença Religiosa

Outro desafio que enfrentamos na cultura pós-moderna é o ceticismo sobre a razão como um meio de encontrar a verdade. Não é que as pessoas sejam incapazes de argumentar. Na realidade, todos nós argumentamos, todos os dias. Você argumenta com o seu chefe sobre o motivo por que você deveria ter um aumento de salário. As crianças argumentam com os pais para irem para a cama mais tarde. Uma esposa argumenta com o esposo sobre o motivo por que eles precisam de móveis novos. Todos os dias, nós tomamos importantes decisões — comprar um carro novo, encontrar um companheiro(a), investir no mercado de ações. Se ignorarmos as evidências em todos os aspectos da vida e basearmos essas decisões em uma fé cega, os resultados podem ser custosos. No entanto, hoje em dia, as pessoas frequentemente relutam em crer que a razão possa levar a um conhecimento genuíno sobre Deus.

Se usarmos a razão e argumentação, e insistirmos nas evidências, quando abordamos as decisões diárias de nossa vida, por que deveríamos descartar essas ferramentas quando se trata das nossas convicções religiosas? Não deveríamos fazer isso, absolutamente! Na verdade, considerando os riscos, deveríamos ser ainda mais cuidadosos ao tomar as nossas decisões religiosas. Nunca deveríamos aceitar as crenças religiosas com uma “fé cega”, mas com evidências dignas de crédito.

Embora a nossa capacidade de argumentação seja profundamente influenciada por nossas emoções e nossos antecedentes, nós fomos criados, à imagem de Deus, com a capacidade de verdadeiramente entender a sua revelação para o mundo (veja Rm 1—2). A razão, ou argumentação, é um dos meios que Deus escolheu para se dar a conhecer ao povo. O testemunho bíblico está baseado na premissa de que as pessoas — apesar de sua condição de pecado — podem ter crenças sinceras e fidedignas sobre Deus. Diz o apóstolo João: “Não vos escrevi porque não soubésseis a verdade, mas porque a sabeis, e porque nenhuma mentira vem da verdade” (1 Jo 2.21). Em Atos 2.36, Paulo diz: “Saiba, pois, com certeza, toda a casa de Israel que a esse Jesus, a quem vós crucificastes, Deus o fez Senhor e Cristo”. Paulo aplicou a razão e argumentação de maneira excelente. Todas as vezes que ele usava a palavra “pois”, e o fazia frequentemente, ele tinha acabado de expor uma premissa, e estava passando a uma conclusão fundamentada na razão. O

raciocínio e a argumentação eram um método essencial que ele usava para trazer as pessoas a crenças fidedignas e genuínas. Atos 17.2 diz: “E Paulo, como tinha por costume, foi ter com eles e, por três sábados, disputou com eles sobre as Escrituras”. Jesus também acreditava na importância da argumentação. Ele frequentemente debatia com os líderes religiosos da sua época, apresentando evidências de que Ele era o eleito de Deus (veja Jo 5; Mt 22).

O professor James W. Sire desenvolveu um exercício que é uma ferramenta excelente para ajudar as pessoas a entender a importância da argumentação.¹⁰ Para começar, o líder da classe conduz uma “tempestade de ideias” com a sua classe, pedindo que ofereçam palpites sobre os motivos por que as pessoas creem da maneira como creem. A classe reage tipicamente com múltiplas razões — pais, tradição, Escrituras, amigos, meios de comunicação, conforto, esperança, temor, consistência e assim por diante. Depois que os alunos apresentam uma extensa lista de motivos, o líder classifica as suas respostas em quatro categorias — psicológica, sociológica, religiosa e filosófica. As suas respostas podem ser similares às do quadro abaixo.¹¹

Sociológica	Psicológica	Religiosa	Filosófica
Pais	Conforto	Escrituras	Consistência
Amigos	Paz de espírito	Pastor	Coerência
Sociedade	Significado	Sacerdote	Integridade
Cultura	Propósito	Guru	(melhor explicação)
	Esperança	Meio canalizador	
	Identidade	Igreja	

A seguir, o líder pergunta quais dessas razões para a fé são válidas, e passa algum tempo verificando cuidadosamente cada resposta. Logo fica claro que as razões sociológicas, psicológicas e religiosas são problemáticas — os pais, os amigos, os pastores e culturas inteiras podem estar equivocados. As crenças de conforto podem ser falsas, e às vezes até mesmo prejudiciais, no decorrer do tempo.

A importância desse exercício está no fato de que ele mostra que as pessoas utilizam a verdade como o critério de avaliação. Elas percebem que as

Escrituras e as autoridades religiosas somente são dignas de crédito se os seus ensinamentos forem genuínos e fidedignos. O objetivo é fazer com que as pessoas compreendam como é importante a argumentação para descobrir a verdade, e então se perguntem: “Como podemos determinar se alguma coisa é verdade?”

Com esse exercício em mente, agora vamos considerar a evidência em favor do Jesus histórico. É aqui que a experiência filosófica, científica, histórica e até mesmo pessoal pode ter uma função. Ele realmente viveu? Ele morreu da maneira registrada nos Evangelhos? Ele ressuscitou de maneira sobrenatural há dois mil anos, como afirmam a Bíblia e os cristãos? E, o que é mais importante, vale a pena confiar em Jesus, sim, confiar a Ele a minha vida atual e o meu destino eterno?

Como alguém pode encontrar as verdadeiras respostas a essas perguntas? Um historiador crítico verificaria a veracidade dos registros das testemunhas, confirmaria a morte de Jesus por crucificação, verificaria os procedimentos para o sepultamento, e confirmaria as narrativas do sepulcro vazio e o fato de que Jesus foi visto vivo no terceiro dia. A seguir, seria sensato considerar cada possível explicação alternativa para o evento. Neste ponto, seria o caso de buscar outras evidências que corroborassem o evento, e então chegar a uma conclusão apropriada. Parece interessante? Espere, então, porque na próxima seção deste livro é exatamente isso que faremos.

Qual É a Importância de a Ressurreição Ser Verdade?

Para preparar o cenário a fim de examinar as evidências na próxima seção, vamos pensar um pouco para entender por que é tão importante que Jesus realmente tenha ressuscitado dos mortos.

Como dissemos anteriormente neste livro, vivemos em um mundo cheio de dor, tragédia, conflito, doença e morte. Nós nos perguntamos por que é assim. Como suportamos isso? Temos um anseio inesgotável de encontrar sentido em toda a confusão que vivenciamos. Cada um de nós tem um forte desejo de conhecer as respostas às mais profundas questões da vida. É por isso que houve tal proliferação de líderes espirituais, messias, gurus e profetas na história humana, todos afirmando que poderiam responder às nossas mais profundas dúvidas — Maomé, Platão, Buda, Gandhi, Krishna, Joseph Smith, o Reverendo Sun Myung Moon e Shirley MacLaine. À primeira vista, Jesus parece estar na mesma categoria dessas pessoas, como outro fundador de uma religião particular, em busca de respostas para as questões que confundem a vida.

Com uma análise mais atenta, no entanto, fica evidente que Jesus é o único personagem religioso na história que transcende a esse grupo. O que Ele oferece é realmente bastante diferente de uma mera maneira de viver em um mundo perturbado, ou uma corrente filosófica para lidar com a vida. Embora Jesus realmente ofereça isso, Ele oferece algo qualitativamente diferente de todos os demais. Ele não oferece uma simples maneira de suportar; Ele oferece as respostas reais aos nossos mais profundos anseios. *Nós ansiamos por amor verdadeiro.* Nenhuma outra religião lhe falará de um Deus que é tão apaixonado por você que deixou o céu para vir a esta terra confusa e transtornada, e morrer por nós, para que pudesse estar conosco para sempre. *Nós ansiamos por aceitação incondicional.* Nenhuma outra religião oferece um Deus que nos ama tanto que nos aceita como somos, com o pecado e tudo o mais, e ainda morreu para nos tornar puros o suficiente para que vivamos com Ele para sempre (veja Rm 5.8). *Nós também ansiamos por entendimento íntimo.* Nenhuma outra religião oferece um Deus que veio à terra e se tornou um de nós, de modo que pudesse realmente passar pelo que nós passamos e nos entender intimamente (veja Hb 2.18). E neste mundo, em que todos os relacionamentos estão estragados e talvez até mesmo destruídos pelos

conflitos, separações ou morte, *nós ansiamos por relacionamentos de amor permanentes e contínuos*. Nenhuma outra religião oferece um Deus que nos dá uma maneira de nos relacionarmos com Ele pessoalmente e para sempre, em um estado de alegria e amor eternos.

Há muitas declarações de que existem muitos deuses, mas somente um Deus se importou o suficiente para se tornar homem e morrer por nós. Dos 99 nomes para Alá, no islamismo, nenhum deles é Pai ou Amor. Buda não veio e nem habitou pessoalmente em seus discípulos. Nenhuma outra religião, além do cristianismo, nos falará de um Deus que ama tanto o seu povo a ponto de suportar a dor infernal na cruz para que o conheçamos pessoalmente.

O Deus do cristianismo não oferece meramente uma maneira de lidar com o mal no mundo e escapar dele, caindo no esquecimento. O cristianismo oferece uma solução real para o nosso problema da morte e o nosso anseio por uma vida de amor para sempre. Está claro, o cristianismo está incomensuravelmente acima de todas as religiões. É a única religião que nos oferece a satisfação para os mais profundos desejos do nosso coração. Na verdade, é a única religião verdadeira em existência. Todas as demais são pobres tentativas de apresentar uma solução para o nosso problema, são corrupções do cristianismo ou religiões incompletas que não oferecem nenhuma esperança verdadeira.

Agora, vamos chegar ao “X” da questão. A ressurreição de Jesus é a chave para todas as promessas do cristianismo. Nenhuma das promessas de vida eterna com um Deus amoroso terá qualquer significado a menos que a ressurreição realmente tenha ocorrido. O cristianismo é apenas outra história bonita de esperança, sem substância nenhuma, a menos que Cristo realmente tenha morrido e ressuscitado do sepulcro para derrotar a morte e demonstrar que, por meio dEle, nós podemos fazer a mesma coisa. Falando francamente, o cristianismo é inútil, a menos que a ressurreição seja objetivamente verdadeira — um evento real, que de fato aconteceu em determinada época e em um lugar identificável na história do mundo.

O Cristianismo: A Única Religião Verdadeira

Nenhuma outra religião respalda as suas declarações com evidências tão notáveis como as que encontramos com respeito à exatidão histórica do cristianismo. E isso é absolutamente crucial para a nossa crença, porque nos proporciona uma base para a argumentação que nos conduz à verdade. Se a ressurreição realmente ocorreu em um espaço e um tempo históricos, então todas as outras religiões e filosofias para lidar com a vida estão aquém das expectativas. Isso não quer dizer que as outras religiões sejam inteiramente falsas em tudo o que ensinam. Muitas religiões oferecem profundas noções sobre a vida. Mas isso quer dizer que, com respeito a questões essenciais — a natureza de Deus, a salvação e a vida após a morte — o cristianismo é singularmente verdadeiro.

Percebemos de forma plena o quanto é politicamente incorreto que digamos que o cristianismo é a única religião verdadeira e que Jesus Cristo é o único caminho para Deus. A verdade é que foi o próprio Jesus que fez essa declaração em primeiro lugar! Na cultura de tolerância de hoje, essa declaração é denunciada como arrogante e exclusiva, pois indica que todas as outras religiões são erradas. Mas nós repetimos a declaração de Cristo, com confiança, porque cremos, com convicção, que Ele é quem disse que era. É esta verdade — que Cristo é Deus — que pode revolucionar a nossa cultura, e em particular transformar os nossos filhos, que estão rapidamente caindo na armadilha de tolerância pós-moderna.

Cerca de 1 em cada 2 adolescentes protestantes conservadores (48%) e 6 em 10 jovens de modo geral (60%) acreditam que muitas religiões podem ser verdadeiras.¹² Seria bom se todos pudessem estar certos, mas, como a razão simples e o bom senso básico nos dizem, não é possível que todas as religiões possam ser verdadeiras em suas crenças essenciais. Pela sua própria natureza, a verdade é exclusiva. Embora todas as religiões pudessem ser erradas, não é logicamente possível que todas elas sejam corretas quando as suas declarações diferem, de uma para a outra, de maneira tão radical. Ou estão todas erradas, ou somente uma é correta. Considere o quadro a seguir:

	Crenças a respeito de Deus	Crenças a respeito da salvação	Atitude com relação a outras religiões
--	-----------------------------------	---------------------------------------	---

Budismo	Não existe Deus	Esclarecimento	Falsas
Hinduísmo	Muitos deuses	Reencarnação	Todas verdadeiras
Islamismo	Alá	Os cinco pilares	Falsas
Judaísmo	Yahweh	A Lei	Falsas
Cristianismo	Trindade	Graça	Falsas

O que esse quadro mostra claramente é que todas as religiões não são iguais, e nem todas apontam para Deus. Na verdade, as religiões diferentes nem mesmo afirmam ser iguais. Cada religião tem a sua própria noção específica sobre quem é Deus (ou não é), e como se pode alcançar a salvação.

Os cristãos frequentemente são atacados hoje por afirmar que apenas o cristianismo é verdadeiro e que somente Cristo é o caminho para Deus. No entanto, os cristãos não são o único grupo que afirma ter a verdade. Observe, no quadro acima, as atitudes de cada religião com relação às outras. Quatro das cinco religiões são exclusivas. Elas creem que todas as outras religiões são falsas. É simplesmente errado dizer que o cristianismo é a única religião intolerante. Cada grupo religioso (incluindo os ateus e agnósticos) acredita estar correto.

Na verdade, o cristianismo não é nada exclusivo. É a mais inclusiva das religiões. Todos os que creem são convidados para Cristo. Diferentemente do culto ao deus Mitra, que aparentemente excluía as mulheres, ou o mormonismo, que antigamente excluía os negros do sacerdócio, a mensagem de Jesus sempre foi para *todos*.

Colossenses 3.11 diz que nessa nova vida, “não há grego nem judeu, circuncisão nem incircuncisão, bárbaro, cita, servo ou livre; mas Cristo é tudo em todos”. Cristo não faz distinção entre os humanos — Ele morreu e ressuscitou, para que todas as pessoas pudessem ter um relacionamento pessoal com o Deus vivo.

O cristianismo não exclui ninguém que deseje crer, mas o próprio Cristo oferece o único caminho para a reconciliação com Deus. Como explica o filósofo Stephen Davis, “A ressurreição de Jesus, então, é a prova decisiva de Deus de que Jesus não é apenas um grande professor religioso entre todos os grandes professores religiosos na história. É o sinal de Deus de que Jesus não é um charlatão religioso entre todos os charlatães religiosos do mundo. A ressurreição é a maneira de Deus apontar para Jesus e dizer que *Ele* é aquele

em quem você deve crer. *Ele* é o nosso Salvador. Somente *Ele* é Senhor.”¹³ A ressurreição foi uma maneira prática para que Deus pudesse demonstrar toda a verdade do que Ele havia dito sobre Jesus, no seu batismo: “Este é o meu Filho amado, em quem me comprazo” (Mt 3.17). Se você é um investigador honesto da verdade do cristianismo, a ressurreição de Jesus é o lugar certo por onde começar.

Assim, você pode ver por que é tão crucial saber se a ressurreição é um fato real e histórico. É a chave para todo o cristianismo, e confirma, para o mundo inteiro, que Jesus é o Senhor de tudo. O apóstolo Paulo, que viu o Jesus ressuscitado, escreveu que Ele foi “declarado Filho de Deus em poder, segundo o Espírito de santificação, pela ressurreição dos mortos” (Rm 1.4). É por isso que o evangelho de Jesus é considerado Boas-Novas. Se Jesus realmente é Deus em carne humana, então Deus é como Jesus. Isso significa que Deus não é remoto, arbitrário ou irreal. Ele é um Deus que nos ama e que veio à terra para que pudéssemos conhecê-lo de uma maneira pessoal.

A ressurreição de Jesus responde a uma das nossas mais insistentes perguntas: A morte é o fim? A ressurreição responde a essa pergunta com um sonoro NÃO! A morte não é o fim. Algum dia, estaremos em um lugar de amor e alegria, além da nossa imaginação. Isso nos traz de volta à pergunta crucial que exige uma resposta: É realmente verdade? A ressurreição realmente aconteceu? Os autores do Novo Testamento nos encorajam a tomar uma decisão com respeito à resposta para essa pergunta e nos incentivam a aceitar a verdade que eles sabem ser real: a ressurreição foi um evento factual.

É importante que você determine, sozinho, a resposta a essa pergunta. Isso não é meramente um exercício intelectual a realizar, e então continuar a sua vida como antes. Encontrar a resposta correta poderá transformar a sua vida. A questão para você não é simplesmente se as declarações de Jesus Cristo são verdadeiras. Embora essa questão seja de máxima importância, a questão mais importante diz respeito a como você reagirá a essa verdade. Você irá crer e confiar no Jesus ressuscitado? Você procurará nele as respostas e orientações nesta vida? Você cairá de joelhos, como Tomé caiu ao ver o Jesus ressuscitado, e clamará “Senhor meu, e Deus meu” (Jo 20.28)?

Para responder a essas perguntas, nós o convidamos a considerar cuidadosamente as evidências que apresentamos nos capítulos a seguir.

A CONFIRMAÇÃO DA HISTÓRIA

O objetivo das duas primeiras partes deste livro foi apresentar o significado relacional da ressurreição. Não pode haver significado relacional, no entanto, a menos que a ressurreição de Cristo tenha ocorrido como um evento histórico real.

Alguns afirmam que o evento histórico real da ressurreição não é o que é importante para a vida cristã. O que é importante, pensam eles, é o exemplo que Cristo nos deu para seguir, e que vivamos como se a ressurreição fosse verdade. De acordo com esse ponto de vista, se o sepulcro estava ou não vazio no terceiro dia é irrelevante. O que é importante é que Cristo ressuscitou pessoalmente em nossas vidas — que nós tenhamos a nossa própria “fé na Páscoa”.

No entanto, cremos que é, na realidade, pela morte histórica e pela ressurreição literal de Jesus Cristo que Deus julgou adequado possibilitar a salvação da raça humana. Se os eventos históricos não foram verdade, pode haver duas importantes consequências. Em primeiro lugar, a iniquidade humana não foi levada a sério. É pela vida, morte e ressurreição de Jesus que Deus venceu o pecado e derrotou a morte. Se esses eventos não aconteceram, então, como diz Paulo, “é vã a vossa fé, e ainda permaneceis nos vossos pecados” (1 Co 15.17).

Em segundo lugar, não mais temos a possibilidade de restaurar o relacionamento perdido da humanidade com Deus. A importância da morte e ressurreição de Cristo é o fato de que ela remove a barreira de pecado entre a humanidade e Deus, e mostra um futuro em que a morte será derrotada, e nós nos reuniremos a Ele em um novo ambiente original de paz e amor. Parte da importância da história dos eventos é o fato de que podemos ver o amor e o perdão de Deus, de forma concreta. Deus não nos revela meramente as

verdades sob forma escrita; Ele as revela pessoalmente, por intermédio de seu Filho, Jesus. Deus não se limitou a nos revelar o caminho para o céu, Ele abriu o caminho com a sua morte e ressurreição. A sua morte e ressurreição torna possível a nossa vida futura com Ele.

O propósito desta seção, portanto, é apresentar as evidências em favor da ressurreição crível, como um evento real na história. Nós esperamos que as três seções deste livro permitam que você possa “conhecê-lo, e a virtude da sua ressurreição, e a comunicação de suas aflições, sendo feito conforme a sua morte” (Fp 3.10).

Como declaramos na seção anterior, a ressurreição de Cristo deve ser examinada pelo mesmo critério usado no exame de qualquer outro evento na história. A fé da Igreja Primitiva se baseava nas experiências das pessoas que observaram eventos verificáveis no domínio dos fatos. Por exemplo, Lucas diz:

Tendo, pois, muitos empreendido pôr em ordem a narração dos fatos que entre nós se cumpriram, segundo nos transmitiram os mesmos que os presenciaram desde o princípio... pareceu-me também a mim conveniente descrevê-los a ti... por sua ordem, havendo-me já informado minuciosamente de tudo desde o princípio... para que conheças a certeza das coisas de que já estás informado. (1.1-4)

A intenção cuidadosa de Lucas foi relatar fatos históricos reais.

Wolfhart Pannenberg, professor de teologia sistemática na Universidade de Munique, esteve basicamente interessado na relação entre fé e história. Esse brilhante acadêmico diz: “Se a ressurreição de Jesus ocorreu ou não, é uma questão histórica, e a questão histórica neste ponto é inevitável. E, assim, a questão deve ser decidida no nível do argumento histórico”.¹

O filósofo Stephen Davis observa: “Parece claro — na realidade, axiomático — que se a ressurreição de Jesus realmente ocorreu, então é um fato sobre o passado. E se a palavra *história* for interpretada como *os eventos que ocorreram no passado real, e que os historiadores se esforçam para descobrir*, então a ressurreição de Jesus foi um evento na história”.²

William Lane Craig explica:

A hipótese da ressurreição é, ao mesmo tempo, verificável e falsificável:

verificável, provando a historicidade do sepulcro vazio, as aparições e a origem do Caminho cristão; falsificável, quer refutando as verdades expressas acima, quer apresentando explicações naturalistas para esses fatos. Na realidade, eu deveria chegar ao ponto de dizer que não há um único evento nas narrativas da ressurreição que não seja, *a princípio*, historicamente verificável ou falsificável.³

Em outras palavras, o sepulcro vazio, o lençol de linho, as aparições de Jesus e a remoção da grande pedra são apenas ideias na mente ou são eventos na história. Assim, é necessário que haja a investigação histórica para determinar o que realmente aconteceu naquela Páscoa.

O Conhecimento Histórico É realmente Possível?

Antes de examinar a evidência histórica em favor da ressurreição, precisamos tratar desta pergunta preliminar: É mesmo possível determinar exatamente o que aconteceu no passado? Na cultura pós-moderna de hoje, com frequência se diz que o conhecimento do passado é impossível, uma vez que as pessoas que escreveram as narrativas históricas estavam influenciadas e tinham os seus próprios interesses políticos ou religiosos. Uma vez que não podemos visitar pessoalmente o passado para determinar o que aconteceu, como afirmam muitos críticos, não temos nenhuma certeza do que aconteceu. Essa teoria da história, que permeia muitas de nossas escolas públicas e universidades, é chamada *relativismo histórico*. Essa teoria, se verdadeira, excluiria uma investigação histórica sobre a ressurreição de Jesus, uma vez que seríamos incapazes de obter um retrato exato dos eventos.

É importante ter em mente que o objetivo da investigação histórica é a probabilidade, e não a certeza matemática. Embora seja verdade que nenhum historiador pode ter a certeza absoluta, não se pode concluir que é impossível conhecer a história. Escreve o historiador Richard Evans: “Nenhum historiador realmente crê na veracidade *absoluta* daquilo que está escrevendo, mas simplesmente na sua veracidade *provável*, que eles fizeram o máximo para estabelecer, seguindo as regras usuais de evidência”.⁴

Vamos considerar brevemente quatro acusações feitas com frequência pelos relativistas históricos e verificar a sua viabilidade:

1. *Não é possível conhecer os fatos históricos porque eles não podem ser observados diretamente.* Embora seja verdade que os fatos históricos não podem ser “observados”, ainda assim podem ser conhecidos com uma grande dose de probabilidade. Na realidade, há muitas coisas que os cientistas acreditam que existem porque deduzem a sua existência, e não porque as observem diretamente. As partículas subatômicas (prótons, nêutrons e elétrons) não podem ser observadas diretamente, mas podem ser deduzidas de equações e resultados de laboratório. Os dinossauros não foram observados diretamente, mas a sua existência é deduzida de ossos e outras evidências.

2. *Não é possível conhecer os fatos históricos porque existe predisposição*

ou subjetivismo por parte da pessoa que escreveu o relato original. Pelo simples fato de que um historiador é tendencioso, não significa que o seu relato seja falso; pode ser que ele tenha registrado os eventos corretamente. Na realidade, muitas vezes autores tendenciosos apresentaram os relatos históricos mais exatos de determinados eventos. Foi dito que os cientistas também são suscetíveis à predisposição, mas isso não os levou a concluir que os seus próprios relatos de resultados experimentais não são confiáveis. Em condições ideais, desejaríamos que os autores não fossem tendenciosos, mas eles também devem ter interesse suficiente em um tópico para desejar escrever sobre um assunto. No caso dos discípulos, embora eles fossem tendenciosos, está claro que estavam interessados em narrar a verdade. Isso é mais evidente na sua disposição em seguir os fatos, mesmo que os lançasse em uma luz negativa.⁵ N. T. Wright observa: “É necessário afirmar, de maneira muito contundente, que descobrir que um autor particular tem uma ‘tendência’ não nos diz nada sobre a importância da informação que ele apresenta. Isso apenas nos sugere que tenhamos ciência da tendência (e também da nossa própria, nessa questão), e avaliemos o material de acordo com tantas fontes quanto possível”.⁶

3. *Não é possível conhecer os fatos históricos porque os historiadores são naturalmente condicionados pela cultura em que vivem.* Embora seja verdade que a perspectiva de um historiador será influenciada pelas hipóteses de sua cultura, isso também é válido para *qualquer* campo de conhecimento. Se não é possível conhecer alguma coisa porque foi narrada por uma pessoa “culturalmente condicionada”, então todo o conhecimento seria impossível, porque não existe nenhuma pessoa que não seja culturalmente condicionada para narrar os fatos de modo objetivo. Uma vez que temos algum conhecimento, não devemos ser completamente condicionados por nossa cultura.
4. *Não é possível conhecer os fatos históricos porque os relatos históricos são baseados em evidências fragmentadas e em fatos seletivos.* Mas, outra vez, todos os campos de conhecimento têm as mesmas limitações: eles também são baseados em evidências parciais, e suas teorias são construídas por pessoas que foram seletivas sobre os fatos a considerar. Michael Licona observa: “Uma vez que, na maioria dos casos, os dados

nos chegam fragmentados, é impossível obter uma narrativa abrangente ou até mesmo completa. Assim, os historiadores não esperam relatos completos do passado, mas narrativas que são parciais e inteligíveis. Os historiadores buscam um relato adequado dos dados onde o puderem obter, mesmo que não em um sentido abrangente”.⁷

Embora o relativismo histórico seja uma filosofia popular, não há razão suficiente para concluir que o conhecimento histórico seja impossível. A respeito da cognoscibilidade da história, o Dr. Norman Geisler concluiu:

Mas não podemos rejeitar toda a história sem que tenhamos alguma posição pessoal sobre a história. A declaração de que “O passado não pode ser conhecido objetivamente” é, em si mesma, uma declaração objetiva sobre o passado. Assim, a posição contrária à cognoscibilidade da história se autodestrói.⁸

Concluimos, então, que os fatos da história são conhecíveis, objetivamente, com evidências suficientes, e assim fazemos a nossa investigação histórica da ressurreição.

As Evidências Suficientes Necessárias

A evidência em favor da morte e ressurreição de Jesus deve ser considerada com mente aberta, honesta e justa. Embora nós também tenhamos as nossas próprias noções preconcebidas e conclusões sobre o assunto, não devemos permitir que elas influenciem a investigação. Que as evidências falem por si mesmas. Escreve o historiador Ronald Sider: “Temos o direito de exigir boas evidências de um suposto evento ao qual não vivenciamos, mas não devemos julgar a realidade pela nossa experiência limitada. E eu sugeriria que temos boas evidências em favor da ressurreição de Jesus de Nazaré”.⁹

O historiador Ethelbert Stauffer fornece sugestões adicionais sobre a investigação histórica:

O que nós (como historiadores) fazemos quando vivenciamos surpresas que são contrárias a todas as nossas expectativas, talvez as nossas convicções, e até mesmo todo o entendimento da verdade do nosso período? Nós dizemos, como um grande historiador costumava dizer nesses casos: “Certamente é possível”. E por que não? Para o historiador crítico, nada é impossível.¹⁰

O historiador Philip Schaff acrescenta: “O propósito do historiador não é construir uma história a partir de noções preconcebidas, e ajudá-la conforme o seu próprio gosto, mas reproduzi-la, com base nas melhores evidências, e deixar que ela fale por si mesma”.¹¹

Se alguém for julgar a historicidade de Jesus, deverá fazê-lo com a mesma imparcialidade com que julga a historicidade de qualquer outro personagem da história. O falecido Dr. F. F. Bruce, professor na Universidade de Manchester, na Inglaterra, declarou que “a historicidade de Cristo é tão axiomática para um historiador não tendencioso quanto a historicidade de Júlio César. Não são os historiadores que propagam as teorias do ‘Cristomito’.”¹²

O que estamos estabelecendo aqui é a confiabilidade histórica das Escrituras, e não a sua inspiração. Embora o leitor possa chegar à conclusão de que as Escrituras são inspiradas, essa conclusão não deve necessariamente examinar a vida, a morte e a ressurreição de Jesus como um evento histórico.

Nós repetimos: A confiabilidade histórica das Escrituras deve ser testada pelos mesmos critérios pelos quais todos os documentos históricos são testados, e enquanto essa investigação é conduzida, qualquer tendência ou predisposição contrária a ocorrências sobrenaturais ou inspiração não deve enevoar a objetividade do investigador.

AS NARRATIVAS DOS MILAGRES MINAM A CREDIBILIDADE?

Observamos que muitos acadêmicos rejeitam a exatidão histórica do Novo Testamento com base no fato de que os textos bíblicos registram milagres. De acordo com a perspectiva desses críticos, não é possível a ocorrência de milagres, e por isso os relatos bíblicos sobre Jesus, as suas obras, o seu nascimento de uma virgem e a sua ressurreição não podem ser historicamente exatos. Também indicamos que um historiador verdadeiro deixará de lado as suas tendências ou influências e perspectivas e permitirá que apenas a evidência indique se a narrativa é histórica. E apresentamos os princípios aceitos para determinar a validade da evidência. Mas percebemos que, quando a evidência é contrária a perspectivas que contêm uma tendência antissobrenatural, a tendência normalmente supera a conclusão óbvia exigida pela evidência. Os críticos que defendem, de modo obstinado, uma perspectiva puramente naturalista, que exclui todas as possibilidades de milagres, poderão construir teorias complicadas ou manipular datas para fazer com que a evidência histórica se enquadre na sua tendência.

Para não sermos acusados de permitir que a nossa própria tendência influencie a nossa visão da história, vamos fazer uma pausa neste capítulo e considerar a questão dos milagres. É possível que os críticos tenham um caso convincente? Os milagres são improváveis demais para que possamos crer neles? Se uma narrativa histórica parece respaldar um evento milagroso, devemos suspender a nossa afirmação sobre ele e procurar uma explicação alternativa? Ou é possível que o preconceito contra os milagres não tenha base?

Antes de mais nada, devemos considerar a possibilidade dos milagres antes

que possamos examinar abertamente a evidência em favor da ressurreição. Se os milagres são impossíveis em si mesmos, então a ressurreição não poderia haver ocorrido, e devemos procurar alguma explicação naturalista dos eventos que parecem afirmá-la. Mas se concluirmos que os milagres são, pelo menos, *possíveis*, então podemos estar abertos a seguir a evidência sem preconceitos.

Ao fazer este estudo, seria bom que tivéssemos em mente duas importantes considerações, enfatizadas pelo acadêmico especialista em Novo Testamento, o Dr. Craig Blomberg:

Existe um sentimento intuitivo com que até mesmo o mais devoto crente deve compartilhar a tensão que o cético sente quando a questão é a credibilidade das histórias de milagres. Além disso, até mesmo a pessoa aberta à possibilidade dos milagres poderá não crer em histórias estranhas relacionadas ao sobrenatural.¹

Em outras palavras, quando ouvimos sobre um evento que parece contrário às operações comuns das leis da natureza, naturalmente levantamos a nossa guarda. Não queremos ser ludibriados e aplicamos corretamente rígidos padrões de avaliação antes de acreditar em um relato de qualquer coisa diferente da maneira como a natureza opera — de acordo com padrões definidos e previsíveis.

A Definição de Milagre

A nossa primeira tarefa é definir exatamente o que é um milagre. O Dr. Richard Purtill, professor de filosofia na Universidade Western Washington define um milagre como “um evento em que Deus temporariamente faz uma exceção à ordem natural das coisas, para mostrar que Ele está agindo”.² Observe que, pela sua definição, um milagre verdadeiro deve ter cinco qualificações:

Em primeiro lugar, a exceção à ordem natural é *temporária*. A ressurreição de Jesus dos mortos é um evento excepcional, que ocorreu uma única vez, que de maneira nenhuma afeta a nossa certeza sobre a uniformidade geral da natureza.

Em segundo lugar, o evento é uma *exceção* ao curso natural dos eventos. A ressurreição de Jesus é um evento sobrenatural, que não acontece no curso normal da natureza.

Em terceiro lugar, para que haja um evento milagroso, é necessário conservar uma crença na *ordem natural das coisas*. Não se pode reconhecer um evento que não está de acordo com as leis da natureza, a menos que se conheça e creia nas leis constantes da natureza. Você pode reconhecer a ressurreição como um milagre, apenas se concordar que, no curso normal dos eventos, os mortos permanecem mortos. Se a natureza fosse caótica e imprevisível, então os milagres não poderiam ser comparados com o que esperamos naturalmente.

Em quarto lugar, um milagre deve ser o resultado *do poder de Deus*.

Em quinto lugar, os milagres são sinais da ação de Deus, momentaneamente sobrepujando as operações normais da natureza.

Para resumir, poderíamos dizer que um milagre é um evento causado por um ato direto de Deus, em que as leis da natureza são temporariamente suspensas, para realizar um propósito para o qual as leis da natureza seriam inadequadas.

Desafiando a Possibilidade dos Milagres

Mesmo quando um evento se encaixa em todos os cinco elementos do critério do Dr. Purtill, normalmente ele é rejeitado como sendo histórico, por causa de uma atitude moderna e predominante que conhecemos como “dor de cabeça de Hume”. A “dor de cabeça de Hume” está enraizada no argumento do filósofo escocês do século XVIII, David Hume, de que a crença pode ser justificada pela probabilidade, e que a probabilidade se baseia na uniformidade ou consistência da natureza. A natureza sempre se comporta de determinada maneira, diz Hume, por isso é provável que ela sempre se comporte dessa maneira. Com base nessa probabilidade, Hume conclui que as exceções às leis da natureza são tão infinitamente improváveis a ponto de serem efetivamente impossíveis. As leis imutáveis da natureza superam qualquer evidência que pudesse ser oferecida para um milagre. Em outras palavras, qualquer coisa que seja singular à experiência humana normal — como um milagre — deve ser, de acordo com a remanescente de Hume, imediatamente rejeitada.

Por exemplo, o que é mais provável, que as testemunhas da ressurreição de Cristo estivessem enganadas, ou que Jesus tivesse ressuscitado dos mortos? De acordo com a abordagem rigidamente naturalista de Hume, a resposta é óbvia, mesmo sem considerar a evidência, porque ele acredita que as leis de probabilidade nos dizem que os milagres simplesmente não podem acontecer.

Embora cheguem à sua conclusão por meio de uma filosofia diferente, os cientistas naturalistas também rejeitam qualquer possibilidade de milagres. Muitos deles rejeitam os milagres imediatamente, por causa do princípio científico, conhecido como *naturalismo metodológico*. Segundo o naturalismo metodológico, a ciência deve se restringir unicamente a causas naturais cegas e a leis não perturbadas da natureza. Ou seja, a ciência deve ser confinada a explicações exclusivamente naturalistas. Como consequência, as declarações de milagre devem ser excluídas desde o princípio. Os naturalistas metodológicos não necessariamente supõem que a natureza é tudo o que existe, mas, pela segurança da investigação científica, é preciso recorrer apenas a causas naturais. Eles creem que o universo é um sistema fechado em que nenhum elemento sobrenatural pode intervir. De acordo com um naturalista, cada evento — passado, presente e futuro — deve ter sempre uma explicação natural. Esse ponto de vista exclui completamente a intervenção do

sobrenatural, e significa que qualquer evidência que aponte para uma ocorrência sobrenatural deve ser falsa, interpretada de maneira equivocada, ou ter outra explicação, além da aparente. Não importa qual é o evento, ou quão forte seja a evidência em favor dele, essa atitude dita que o milagroso sempre deve ser rejeitado, mesmo apesar da evidência.

Para exemplificar como as pessoas naturalistas pensam e reagem, eu (Josh) fui convidado para proferir uma palestra em uma aula de filosofia. O professor era o chefe de todo o departamento de filosofia da universidade. Depois que eu apresentei evidências literárias e históricas em favor da divindade de Cristo, o professor começou a me atacar com perguntas hostis e acusações a respeito da ressurreição. Ele não acreditava que o evento havia acontecido, e tentava me fazer parecer hesitante e estúpido, por crer nele. Depois de cerca de 10 minutos, um aluno interrompeu e fez ao professor uma pergunta muito perspicaz.

— O que o senhor acha que aconteceu naquela Páscoa?

— Eu não sei o que aconteceu — respondeu o professor — mas não foi uma ressurreição!

— A sua resposta é o resultado do exame das evidências? — retrucou o aluno.

— Não! — respondeu o professor. — É por causa da minha percepção filosófica.

O homem era altamente preconceituoso, mas pelo menos era honesto! Muitos que negam a ressurreição se escondem por trás da desculpa comum da pseudociência, em um esforço para legitimar a sua filosofia naturalista. A conclusão desse professor não era o resultado de cuidadoso exame dos fatos; era uma conclusão feita apesar dos fatos. Essa é a atitude que muitas pessoas adotam, com respeito aos milagres, e especificamente o da ressurreição. Eles não estão dispostos a considerar a evidência porque — como Hume — acreditam simplesmente que os milagres não acontecem.

As Limitações de Hume

Embora David Hume tenha causado um profundo impacto na história da religião e filosofia, hoje em dia os acadêmicos concordam, de modo geral, que ele exagerou no seu caso. O filósofo Anthony Flew, mesmo quando ainda era um proeminente ateu, acreditava que a argumentação de Hume era deficiente.³ Nós simplesmente não podemos descartar a possibilidade dos milagres antes de examinar a evidência. Se o fizermos, não relevaremos nada além de um simples preconceito.

O acadêmico do Novo Testamento e filósofo, Dr. Norman Geisler, apontou duas das falhas fatais da argumentação de Hume:

Hume fala de experiência “uniforme” contra os milagres, mas isso parece pressupor algo que não é verdadeiro, ou, caso contrário, é uma alegação especial. Isso pressupõe algo que não é verdadeiro, se Hume considerar que sabe, antecipadamente, que todo o campo da experiência é uniforme, olhando para a evidência em favor da uniformidade. Pois como alguém pode saber que todas as experiências possíveis irão confirmar o naturalismo, a menos que tenha acesso a todas as experiências possíveis, incluindo as futuras? Se, por outro lado, Hume simplesmente quer dizer, com *experiência uniforme*, as experiências escolhidas *de algumas* pessoas, então isso é uma alegação especial. Pois há outros que afirmam ter vivenciado milagres. Por que o testemunho destes deveria ser inferior ao dos outros, que falam de uniformidade?⁴

Outro problema grave com o argumento de Hume é o fato de que simplesmente não é científico determinar o resultado de uma investigação antes de examinar os fatos. Para demonstrar o problema, considere a seguinte história verdadeira. Quase no fim do século XVIII, o mundo ocidental encontrou, pela primeira vez, o ornitorrinco, animal que tem um bico como o de um pato. O ornitorrinco, que era original da Austrália, tinha pelos por todo o corpo, tinha o tamanho de um coelho e pés de pato. No entanto, ele punha ovos, e se reproduzia como um réptil! Quando a pele de um ornitorrinco foi trazida pela primeira vez à Europa, despertou assombro completo. Era um mamífero ou um réptil? O ornitorrinco parecia tão bizarro que — apesar da

evidência física da pele e do testemunho das testemunhas — muitos londrinos o descartaram, como um truque.

Somente depois que um ornitorrinco prenhe foi morto e trazido a Londres para que observadores o estudassem com seus próprios olhos, as pessoas começaram a crer. Até que isso acontecesse, alguns dos maiores pensadores se recusaram a aceitar a existência do ornitorrinco, e outros duvidaram das declarações singulares sobre a sua fisiologia. O problema, de acordo com o apologista Ross Clifford, era que “ele não estava de acordo com a visão de algumas pessoas sobre como o mundo funcionava, por isso elas o rejeitaram, e chegaram ao seu veredicto, *embora o peso da evidência dissesse o contrário*”.⁵

A reação das pessoas à história do ornitorrinco é similar à maneira como muitos reagem à ressurreição. Muitos não estão dispostos a considerar a evidência em favor da ressurreição, porque este evento não se encaixa na sua visão de mundo. Naturalmente, essa reação revela uma falha de objetividade, permitindo que preconceitos e ideias preconcebidas subjuguem a razão, na consideração de *evidências*. Até mesmo o ateu Michael Goulder, um crítico incondicional de elementos sobrenaturais na história da ressurreição, diz: “Não deveríamos excluir os ‘milagres’ como explicações de eventos assombrosos”.⁶ Em outras palavras, deveríamos considerar a evidência antes de determinar o veredicto.

Outro problema importante com a crítica de Hume aos milagres é o fato de que ela diz que sempre deveríamos acompanhar as probabilidades e nunca crer no improvável. Até mesmo um principiante é capaz de reconhecer o erro nesse modo de pensar. Embora muitos resultados tendam a favorecer as probabilidades, será que estamos em uma posição de dizer que *nunca* deveríamos crer em outras coisas? Seguindo essa corrente de pensamento, não deveríamos nunca crer que uma pessoa teve nas mãos um royal flush,⁷ uma vez que as probabilidades contra esse evento são $0,15 \times 10$ (à quinta potência negativa). No entanto, ocasionalmente aparece um royal flush em alguma mão. As probabilidades contra ganhar na loteria normalmente são de milhões contra um, no entanto alguém ganha. De acordo com Hume, mesmo que você teve na mão um royal flush ou um bilhete de loteria vencedor, isso não justifica que você creia que isso é verdade. Mas, com certeza, é perfeitamente racional crer que um evento improvável pode ocorrer, pelo menos de modo ocasional. As pessoas sensatas consideram o peso das probabilidades, mas, em última análise, baseiam a sua crença nos fatos.

Em vez de concluir, antes que haja investigações suficientes, que os milagres são impossíveis — ou que os milagres com certeza acontecem — devemos assumir um terreno neutro, que admita que os milagres podem ou não ocorrer. A seguir podemos examinar a evidência objetivamente, e ver onde ela nos leva.

Nós Vivemos em um Universo Fechado?

Como explicamos acima, muitas pessoas descartam os milagres, porque acreditam que todo o universo é um sistema fechado, que opera unicamente pela lei natural, onde não pode haver influências sobrenaturais. No entanto, depois de Newton, devemos deixar espaço para o imprevisível, o inesperado e o incalculável. A física quântica revela estruturas elementares no universo que, a esta altura, desafiam todas as explicações. Isso levou várias pessoas a abrir a mente para considerar possibilidades mais amplas. Como observou o professor C. Stephen Evans, “Na nossa situação pós-moderna, não temos bons motivos para supor que o mundo natural seja um sistema mecânico fechado”.⁸

Mesmo durante a época de Newton, aceitar o milagroso nunca foi considerado inerentemente não-científico. Os que defendem a possibilidade dos milagres não negam a validade da regularidade da natureza. As pessoas que creem em milagres sempre supuseram que o mundo opera por leis naturais previsíveis. Na realidade, essa suposição de que o mundo é como a ciência o descreve é necessária, antes que um milagre possa ser identificado como tal. Um evento pode ser um milagre apenas se for uma exceção à maneira como todos sabemos que o mundo funciona normalmente. Se não crêssemos em um universo que funciona segundo leis científicas, tudo o que acontecesse seria de igual modo aleatório e imprevisível, e a palavra *milagre* não teria sentido. Na verdade, muitos cientistas modernos realmente creem na possibilidade de milagres. Em sua imensa obra, *A Marginal Jew*, John Meier relaciona um número significativo desses homens e mulheres.⁹

O Dr. Craig Blomberg explica a posição dos que defendem a validade da lei científica e também a existência de milagres.

Apesar de todos os maravilhosos progressos da física, ninguém ainda conseguiu provar se Deus, como tradicionalmente concebido pelos judeus e cristãos, existe, porque Ele não poderia ocasionalmente suspender ou transcender as regularidades da natureza, normalmente fixas... a ciência física hoje parece muito mais aberta para a possibilidade de Deus do que esteve durante gerações.¹⁰

Norman Geisler explica a questão do seguinte modo:

A crença em milagres não destrói a *integridade* da metodologia científica, apenas a sua *soberania*. Ela diz, na realidade, que a *ciência* não tem soberania para explicar todos os eventos como naturais, mas somente os que são regulares, repetíveis e/ou previsíveis.¹¹

O filósofo William Lane Craig observou:

A ciência não pode proibir eventos impossíveis na história, nem nos forçar a assimilar eventos anômalos à lei natural. A filosofia não pode excluir a ocorrência nem a identificação de um milagre. Por isso, enquanto a existência de Deus for possível, parece que a possibilidade de que esses eventos sejam causados por Deus não pode ser excluída. O historiador deveria, como princípio metodológico, buscar, em primeiro lugar, as causas naturais; mas quando não é possível encontrar nenhuma causa natural que explique, de maneira plausível, os dados, e uma hipótese sobrenatural se apresenta como parte do contexto histórico em que o evento ocorreu, então não parece ser ilícito escolher a explicação sobrenatural.¹²

Os milagres são impossíveis apenas se supusermos que Deus não existe. Sem uma prova absoluta de ateísmo, é preciso estar aberto à possibilidade de que Deus tenha intervindo diretamente no mundo, e assim também evidenciar que Ele de fato fez isso.

As Limitações do Método Científico

Na era científica moderna, não é incomum que as pessoas creiam que nada pode ser confirmado como verdadeiro, a menos que possa ser provado cientificamente. Os estudantes constantemente perguntam: “Você pode provar a ressurreição cientificamente?”

Provas científicas, com base na observação por repetição, mostram que alguma coisa é um fato com a repetição do evento na presença da pessoa que questiona o caso. Estabelece-se um ambiente controlado, o experimento é realizado, são feitas observações, são obtidos os dados e hipóteses são empiricamente verificadas ou falsificadas.

Uma vez que a eficácia da ciência depende de que ela seja capaz de coletar dados a partir da observação contínua dos testes de uma hipótese, o método científico moderno, embora altamente eficaz em determinada esfera, é gravemente limitado. Ele é aplicável apenas a eventos ou fatos passíveis de repetição. É lamentável que o respeito moderno pela ciência tenha levado as pessoas a supor, equivocadamente, que o método científico pode ser usado para determinar toda a verdade. Ele não pode, e nunca pôde. Ele nem mesmo se aplica a todos os campos científicos, como a geologia ou a biologia evolutiva. Os eventos históricos, pela sua própria natureza, ocorrem apenas uma vez no tempo, e não são passíveis de repetição. Não podemos provar cientificamente que Aníbal cruzou os Alpes porque não podemos fazer com que ele se erga da sepultura, convoque o seu exército, treine novamente os seus elefantes e repita o evento. Mas isso não nos dá motivos para considerar a disciplina histórica como uma ciência “fraca”. Muitas pessoas racionais creem nos fatos da história, porque temos outros métodos válidos para determinar a sua veracidade.

Sendo um evento singular na história, a ressurreição de Jesus Cristo está fora do domínio do método científico. A impossibilidade de repetir o evento em um ambiente controlado não impossibilita a sua realidade. Ela pode ser determinada pelas ferramentas exclusivas e eficazes de investigação e validação histórica. O método científico é inválido, como ferramenta, para todos os tipos de provas.

Será que realmente Sabemos alguma Coisa?

As pessoas frequentemente dizem: “As únicas coisas que podemos *saber*, com certeza, são o que a ciência nos diz que é verdade”. Essa sentença é o que os filósofos chamam de uma declaração *autodestrutiva*, porque ela contradiz a si mesma. Outros exemplos de sentenças autodestrutivas são “Não há sentenças, em nosso idioma, com mais de três palavras”, ou “Não existem verdades”. A primeira sentença se contradiz a si mesma, porque é um exemplo de uma sentença em português com mais de três palavras. A segunda sentença é autodestrutiva porque, se fosse correta, seria exemplo de uma verdade.

De maneira similar, a sentença “As únicas coisas que podemos saber, com certeza, são o que a ciência nos diz que é verdade”, é autodestrutiva, porque essa declaração não pode ser provada pela ciência. Essa declaração é um exemplo de algo considerado como verdade, mas que se sabe estar fora do domínio da ciência.

Há muitos caminhos pelos quais podemos adquirir conhecimento. Podemos conhecer as coisas por meio do testemunho de outras pessoas. Na realidade, muitas coisas que conhecemos (ou cremos conhecer) são baseadas no testemunho de outras pessoas. Também podemos conhecer as coisas por meio da memória e introspecção, bem como pelas diferentes disciplinas necessárias para o conhecimento de assuntos como filosofia, história, matemática e leis. Embora a ciência seja uma disciplina crucial para a determinação da verdade, é simplesmente falso supor que é o único caminho pelo qual podemos obter acesso à verdade.

Fato, não Fábula

A partir dos textos de Rudolph Bultmann, o acadêmico especializado em Novo Testamento, muitas pessoas creram que os contemporâneos de Jesus eram ingênuos, primitivos e propensos a crer facilmente em mitos e impossibilidades naturais. Elas supõem que, nos tempos antigos, pré-científicos, as pessoas não conseguiam distinguir entre fato e fábula, realidade e fantasia. As investigações, no entanto, revelam um tremendo exagero com respeito à ingenuidade dos homens e mulheres do século I. Na verdade, uma simples leitura do Novo Testamento poderia ter dissipado esse erro. Os autores do Novo Testamento frequentemente atribuem um grande valor à crença com base em fatos irrefutáveis.

O apóstolo Pedro proclamou: “Porque não vos fizemos saber a virtude e a vinda de nosso Senhor Jesus Cristo, seguindo fábulas artificialmente compostas, mas nós mesmos vimos a sua majestade” (2 Pe 1.16). O apóstolo Paulo advertiu às pessoas, “nem se dêem a fábulas ou a genealogias intermináveis” (1 Tm 1.4). Então, há José, o esposo de Maria. Quando ele descobriu que ela estava grávida, decidiu cancelar o casamento, apesar da sua alegação de que havia sido cheia do Espírito Santo de Deus. Por quê? Porque ele sabia como funciona a natureza. Ele sabia de onde vêm os bebês, e, para ele, a declaração de Maria era uma louca fantasia. Esse homem não tem culpa. Mas então, quando o próprio Deus disse a verdade a José, ele soube que havia ocorrido um milagre, e se dedicou a Maria e seu filho.

Embora, no século I, os homens não tivessem o conhecimento das leis da natureza que temos hoje, sabiam que os cegos normalmente continuam cegos. É por isso que ficaram assombrados quando Jesus curou o cego. Eles disseram: “Desde o princípio do mundo, nunca se ouviu que alguém abrisse os olhos a um cego de nascença” (Jo 9.32).

Eles também sabiam que *os mortos normalmente continuam mortos*. O brilhante sermão de Paulo no Areópago, na Grécia (veja At 17.1634), mostra que a ressurreição era tão difícil de compreender para o povo do mundo antigo como é hoje.

Também havia Tomé, conhecido por muitos hoje em dia como “o incrédulo Tomé”. Quando os discípulos lhe disseram que tinham visto Jesus vivo, a sua resposta foi algo como “Olhem aqui, não é todo dia que alguém ressuscita dos mortos; preciso de alguma evidência”. A sua exigência foi bastante enfática:

“Se eu não vir o sinal dos cravos em suas mãos, e não puser o dedo no lugar dos cravos, e não puser a minha mão no seu lado, de maneira nenhuma o creerei” (Jo 20.25). Aqui não há nenhuma culpa primitiva por ignorância.

Quando Jesus se apresentou a Tomé, disse: “Põe aqui o teu dedo e vê as minhas mãos; chega a tua mão e põe-na no meu lado; não sejas incrédulo, mas crente”. Depois de sentir os ferimentos de Jesus, Tomé respondeu: “Senhor meu, e Deus meu!” (vv. 27,28).

O Dr. Gregory Boyd, professor de teologia em Bethel College, conclui: “Muitos estudiosos argumentaram que a noção de que os autores antigos eram muito crédulos e desinteressados na exatidão histórica — incapazes de distinguir adequadamente os fatos da ficção, a realidade do mito — é simplesmente não defensável em face das evidências”.¹³

A Investigação Histórica Necessária

O Dr. Wolfhart Pannenberg, professor de teologia sistemática na Universidade de Munique, observa: “A decisão sobre a questão da ressurreição de Jesus, como um evento na história da humanidade é... uma questão de um exame puramente histórico da tradição cristã antiga, e de uma avaliação especificamente histórica, não de uma determinação anterior”.¹⁴ Em outras palavras, devemos fazer a nossa pesquisa histórica, e permitir que a determinação se baseie exclusivamente na evidência, e não em alguma noção pré-concebida, ou uma tendência contra ocorrências sobrenaturais. O Dr. John Warwick Montgomery, escrevendo sobre os que ainda aderem ao conceito da natureza como um sistema fechado (onde todos os eventos devem ter uma explicação natural), diz:

Desde Einstein, nenhuma pessoa moderna tem o direito de excluir a possibilidade de eventos por causa de um conhecimento anterior da “lei natural”. A única maneira que temos de saber se um evento *pode* ocorrer é ver se o fato *realmente* ocorreu. O problema dos milagres, então, deve ser solucionado no campo da investigação histórica, e não no campo da especulação filosófica.¹⁵

O Dr. William Lane Craig observa:

Hume confunde os campos da ciência e história. No campo da ciência, a experiência geral da humanidade nos permitiu reformular certas leis que descrevem o universo físico. O fato de que os mortos não ressuscitam é um padrão observado, de modo geral, em nossa experiência. Mas na melhor das hipóteses, isso apenas mostra que a ressurreição é naturalmente impossível. Isso é uma questão de ciência. Mas não mostra que um evento que é naturalmente impossível não tenha realmente ocorrido. Isso é uma questão de história... Se a evidência histórica torna razoável crer que Jesus ressuscitou dos mortos, então é ilegítimo suprimir esta evidência porque todos os outros homens sempre permaneceram em suas sepulturas.¹⁶

O testemunho da história parece ser consistente — os mortos continuam mortos. Quando os bilhões de esqueletos na história são contrastados com a ressurreição, e não se considera nenhuma outra evidência, a consistência da ciência natural parece pesar contra a ressurreição. Michael Licona observou, no entanto, que “o que a ciência demonstrou é que uma pessoa não irá ressuscitar dos mortos por *causas naturais*. Mas isso não se aplica à ressurreição de Jesus, uma vez que nós não estamos afirmando que Jesus retornou à vida naturalmente. Os autores do Novo Testamento declararam que foi Deus que ressuscitou Jesus dos mortos”.¹⁷

Em seu artigo, “History and Miracles”, o Dr. Frank Beckwith observa três fatores que mostram que a história é uma ferramenta viável para o exame das declarações dos milagres.¹⁸ Em primeiro lugar, a história pode examinar os fatos relativos a um suposto milagre, sem tratar de seus agentes sobrenaturais. Embora os historiadores possam não ter um interesse nas implicações teológicas da ressurreição de Jesus, isso não significa que a investigação histórica é incapaz de tratar de algum aspecto do suposto evento milagroso. A investigação histórica ainda pode examinar a ocorrência dos eventos reais, independentemente do agente que causou os eventos ou o significado por trás deles. Em segundo lugar, os crentes podem estar em posição de detectar os agentes sobrenaturais por trás de um suposto milagre. Quando a história determina os fatos e esses fatos não parecem estar de acordo com a natureza, outros especialistas, que não historiadores, podem usar proveitosamente os fatos para determinar o significado.

Em terceiro lugar, e provavelmente a mais importante indicação de que a investigação histórica é um meio viável de examinar as declarações de milagres, é o fato de que os que se opõem aos milagres implicitamente supõem a aplicabilidade da investigação histórica aos milagres, sempre que tentam refutar a sua ocorrência. Nós vimos isso recentemente no filme do Discovery Channel, *The Lost Tomb of Jesus* [O Sepulcro Perdido de Jesus]. A conclusão que traz a suposta descoberta dos ossos de Jesus é a de que a ressurreição foi uma farsa. Ao adotar essa hipótese, os críticos estão sugerindo que os milagres podem ser investigados com as ferramentas da história. Isso promove ainda mais o nosso argumento de que a investigação histórica é vital para determinar se as ocorrências milagrosas no Novo Testamento são válidas.

Informações Básicas e Antecedentes para a Investigação Histórica

Richard Swinburne, professor emérito de filosofia na Universidade de Oxford ressaltou a importância das informações básicas e antecedentes ao investigar um suposto milagre. Ele diz:

Qualquer evidência de que existe um Deus e, em particular, a evidência de que existe um Deus de um tipo que se poderia esperar que interviesse ocasionalmente na ordem natural, será a evidência que nos levará a esperar violações ocasionais às leis da natureza. E qualquer evidência de que se possa esperar que Deus intervenha de determinada maneira será a evidência que respaldará a evidência histórica de que Ele o fez.¹⁹

Se Deus realmente existe, é razoável esperar que, em algum ponto, Ele intervenha na história. Assim, ao investigar um milagre como a ressurreição, é importante considerar a evidência antecedente em favor da existência de Deus. (Embora este livro não apresente evidência independente em favor da existência de Deus, os leitores interessados podem desejar considerar alguns dos recursos listados nas notas ao fim do livro.)²⁰

William Lane Craig conclui: “Enquanto a existência de Deus for possível, então é igualmente possível que Ele tenha agido de maneira singular em determinado ponto na história, e neste caso a questão simplesmente passa a ser se tal evento realmente aconteceu. Mas então é uma questão de evidência, e não de princípio, como sustentou Hume”.²¹ Devemos considerar a evidência e estar abertos à possibilidade de que um milagre realmente tenha ocorrido na ressurreição de Jesus.

EVIDÊNCIAS A FAVOR DA CONFIABILIDADE DE DOCUMENTOS

O Novo Testamento representa a fonte histórica principal para informações sobre a ressurreição. Como o Novo Testamento faz declarações sobre a intervenção divina nas questões humanas, muitos críticos, durante os séculos XIX, XX e XXI, abandonaram a objetividade e atacaram a confiabilidade dos documentos que respaldam a autenticidade do Novo Testamento. Esses críticos têm alguma base para o seu ataque, além da sua dúvida de que o milagre possa ocorrer? Vamos examinar, muito rapidamente, dois critérios comumente aceitos para a avaliação de documentos históricos.

O primeiro critério é quão cronologicamente próximo dos eventos que descrevem esses documentos eles foram escritos. Naturalmente, quanto mais próximo do evento, mais provável que o documento seja autêntico. Há menos tempo para que a lembrança deixe de ser confiável, e mais oportunidade de corroboração de outros que testemunharam os mesmos eventos.

O segundo critério para autenticação de documentos antigos é quão confiáveis são as cópias dos documentos originais. Obviamente, o Novo Testamento, como o temos hoje, não foi traduzido em uma única etapa, dos manuscritos originais, escritos diretamente pelas mãos dos seus autores. Não existem mais *todos* os manuscritos originais que Mateus, Marcos, Lucas, João, Paulo e Pedro escreveram há tanto tempo. O Novo Testamento está baseado em cópias desses manuscritos originais — não somente cópias, mas cópias de cópias, durante um período de quase dois mil anos. Logicamente, quanto mais cedo tiver sido feita a cópia, e quanto mais cópias estiverem disponíveis, melhor poderá ser a autenticação do original.

A confiabilidade das cópias pode ser confirmada, em grande parte, por um grande número de cópias. Quanto mais cópias tivermos de um manuscrito antigo, mais possível será comparar as cópias e determinar a forma exata do documento original.

Para avaliar o Novo Testamento pelo primeiro critério — quão cronologicamente próximos dos eventos que descrevem esses documentos foram escritos — alguns historiadores os avaliaram pelos padrões definidos pelo sistema judicial dos Estados Unidos. O princípio de “documento antigo” contido nas Regras Federais de Evidência (as diretrizes a respeito das evidências usadas em tribunais dos Estados Unidos) permite que a autenticação de um documento seja feita pela demonstração de que o documento: (1) está em tal condição que não desperte suspeitas a respeito de sua autenticidade; (2) estava em um lugar onde, se autêntico, provavelmente estaria; e (3) já existe há vinte anos ou mais no momento em que é apresentado.¹ Como os documentos antigos que respaldam o Novo Testamento se enquadram nesses padrões?

O Dr. John Warwick Montgomery, professor aposentado de direito e ciências humanas, na Universidade de Luton, Inglaterra, comenta a aplicação da regra de “documento antigo” aos documentos do Novo Testamento: “Esta regra, aplicada aos registros do Evangelho e reforçada pela crítica inferior (textual) respeitável, estabeleceria a competência em qualquer tribunal”.² Similarmente, Pamela Binnings Ewen, sócia da prestigiosa empresa internacional de direito, Baker and Botts, conclui que “os Evangelhos são documentos da idade requerida, que vêm da custódia apropriada e são isentos de aparições suspeitas. Eles satisfazem todas as exigências para autenticação, segundo as regras de evidência”.³

F. C. Bauer, juntamente com outros críticos, supôs que as Escrituras do Novo Testamento não haviam sido escritas até o fim do século II d.C. Ele acreditava que esses textos se originavam, basicamente, de mitos ou lendas que haviam se desenvolvido durante o extenso intervalo entre a época da vida de Jesus e a época em que esses relatos foram escritos. No final do século XIX, no entanto, descobertas arqueológicas confirmaram a exatidão dos manuscritos do Novo Testamento. Descobertas de manuscritos antigos em *papiros* preencheram a lacuna entre a época de Cristo e os manuscritos existentes, de uma data posterior.⁴

Como resultado dessa evidência indiscutível, William Albright, o primeiro arqueólogo bíblico do mundo, disse: “Já podemos dizer, enfaticamente, que

não mais há nenhuma base sólida para datar nenhum livro do Novo Testamento com data posterior a 80 d.C., duas gerações completas antes da data entre 130 e 150, fornecida pelos críticos mais radicais do Novo Testamento da atualidade”.⁵ Essas descobertas aumentaram muito a confiança dos estudiosos na autenticidade da Bíblia.

Coincidindo com as descobertas de *papiros*, uma abundância de outros manuscritos veio à luz em outras descobertas arqueológicas. O Dr. John A. T. Robinson, conhecido por desempenhar um importante papel no movimento “Death of God”, foi um dos mais conhecidos críticos ingleses ao sobrenaturalismo da Bíblia. Robinson aceitou o consenso tipificado pela crítica alemã de que o Novo Testamento foi escrito muitos anos depois da época de Cristo, no final do século I. Mas como “pouco mais do que uma piada teológica”, ele decidiu investigar os argumentos sobre a datação posterior de todos os livros do Novo Testamento, um campo em grande parte adormecido desde a virada do século.

Os resultados assombraram o Dr. Robinson. Ele disse que, em virtude da “preguiça” dos acadêmicos, da “tirania das suposições não verificadas” e da “cegueira quase voluntária” de autores anteriores, grande parte da argumentação passada sobre a qual se baseava a crítica bíblica era indefensável. Ele concluiu que o Novo Testamento é a obra dos próprios apóstolos, ou de contemporâneos que trabalhavam com eles, e que todos os livros do Novo Testamento, incluindo o Evangelho de João, tinham de ter sido escritos antes de 64 d.C.

Robinson data o Evangelho de Mateus entre 40 e 64 d.C., o de Marcos entre 45 e 60 d.C., o de Lucas entre 57 e 64 d.C., e o de João entre 40 e 64 d.C. Se isso estiver correto, significaria que um ou dois dos Evangelhos poderiam ter sido escritos já sete anos depois da morte de Cristo. No máximo, os Evangelhos foram todos escritos entre testemunhas oculares e contemporâneos dos eventos. Robinson desafiou os seus colegas para que tentassem provar que ele estava errado. Se os acadêmicos reabrissem a questão, afirmou ele, os resultados forçariam que fossem refeitas “muitas introduções — e, em última análise, teologias — do Novo Testamento”.⁶

O famoso historiador romano Colin Hemer mais recentemente ofereceu importante apoio em favor das conclusões de Robinson. Ele argumentou, de maneira persuasiva, que o livro de Atos foi escrito entre 60 e 62 d.C. Aqui estão algumas das razões que o levaram a essa conclusão:

1. O livro de Atos é concluído de maneira abrupta, com a prisão domiciliar de Paulo em Roma. A explicação mais plausível é a de que Lucas ainda estava escrevendo na época dos eventos que descrevia. Neste caso, devemos datar o livro de Atos antes de 62 d.C.
2. O livro de Atos registra o martírio de Estêvão (7.54-60) e do apóstolo Tiago (12.1,2), mas nada diz sobre a morte de Paulo e Pedro (meados dos anos 60 d.C.), e Tiago, o irmão de Jesus (aproximadamente 62 d.C.).
3. Relatos da guerra dos judeus contra os romanos (começando em 66 d.C.) e a destruição de Jerusalém (70 d.C.) estão, estranhamente, ausentes do livro de Atos.
4. Não há indicação de deterioração nas relações entre os cristãos e os romanos, durante a perseguição de Nero, no final dos anos 60 d.C.
5. O livro de Atos fala como se os saduceus tivessem uma autoridade proeminente em Roma. No entanto, depois de 70 d.C., a sua influência política desmoronou.
6. Há detalhes específicos que poderiam ter sido conhecidos apenas por um investigador contemporâneo, como Lucas, que viajou muito. Esses detalhes incluem títulos exatos de oficiais, identificação de unidades militares e informações sobre rotas importantes.⁷

Como mostram essas observações, o livro de Atos não registra nenhum evento histórico posterior a 62 d.C., uma forte indicação de que foi escrito aproximadamente nessa época. Hoje em dia, aceita-se amplamente que o mesmo autor escreveu o Evangelho de Lucas e o livro de Atos (veja Lc 1.1-4; At 1.1). Se o livro de Atos foi escrito em 62 d.C., ou antes, e se o Evangelho de Lucas foi escrito antes do livro de Atos, então o Evangelho de Lucas foi escrito no período de 30 anos depois da morte de Jesus. John Wenham argumentou, de maneira persuasiva, que o Evangelho de Lucas foi provavelmente escrito entre 50 e 55 d.C.⁸ Mesmo que essa data anterior não seja aceita, Lucas ainda foi contemporâneo da vida, morte e ressurreição de Jesus.

A evidência interna do relacionamento literário entre Mateus, Marcos e Lucas levou muitos estudiosos a concluir que o Evangelho de Marcos foi escrito antes dos dois outros Evangelhos Sinóticos. Craig Blomberg diz: “Tudo isso constitui um forte caso de que todos os três Evangelhos [Sinóticos] foram compostos no período de trinta anos posteriores à morte de Cristo

(provavelmente 30 d.C.), e em um período de tempo em que as pessoas poderiam verificar a exatidão dos fatos que eles contêm”.⁹ Embora o Evangelho de João seja tipicamente inserido nos anos 90 d.C., ainda está muito mais próximo dos eventos do que os manuscritos de muitas biografias antigas que os historiadores aceitam sem questionar. Por exemplo, os dois mais antigos biógrafos de Alexandre, o Grande — Plutarco e Ariano — escreveram mais de 400 anos depois da morte de Alexandre, em 323 a.C., no entanto os seus textos são aceitos, de modo geral, como confiáveis pelos historiadores.¹⁰

A Autoridade dos Manuscritos Antigos

Agora vamos considerar o segundo tipo de evidência a respeito dos documentos do Novo Testamento: a proximidade das cópias ao manuscrito original, e o número de cópias manuscritas disponíveis. Quanto mais próximas estiverem as cópias do manuscrito original, mais provável será a sua exatidão. Como todos nós sabemos, quando são feitas cópias, é provável que haja erros. Um copista inescrupuloso poderia até mesmo decidir inserir o seu próprio modo de pensar no documento. Um dos critérios essenciais para a confiabilidade das cópias manuscritas é o quanto elas são cronologicamente próximas do documento original. Quanto mais cópias houver disponíveis, mais poderão ser comparadas, e mais próximos poderemos chegar de determinar o conteúdo autêntico do original.

Com respeito à diferença de datas entre a composição original e as cópias existentes, muitas obras antigas têm um intervalo de mais de 700 anos, e o intervalo para algumas obras, como as de Platão e Aristóteles, é o dobro. Por outro lado, há fragmentos do Evangelho de João que datam de 40 a 50 anos depois da composição (*John Rylands Papyri*) e uma cópia quase completa do Novo Testamento de 100 a 150 anos depois da composição original (*Chester Beatty Papyri*). Historicamente falando, as cópias existentes dos livros do Novo Testamento (ou partes dos livros) são assombrosamente próximas dos originais.

Quando eu (Josh) concluí a minha pesquisa sobre confiabilidade bíblica e publiquei a primeira *Evidências que Exigem um Veredicto*, em 1973, pude documentar 14.000 manuscritos, apenas do Novo Testamento. Agora, depois da publicação de *As Novas Evidências que Exigem um Veredicto*, pude documentar aproximadamente 25.000 manuscritos. Esse número de cópias faz com que o Novo Testamento seja, de longe, o texto mais bem documentado da história antiga. A obra concorrente mais próxima é a *Iliada*, de Homero, com 643 cópias manuscritas em existência. Alguns críticos recentes, como Bart Ehrman (*Misquoting Jesus*), afirmaram que há um número excessivo de variações nesses manuscritos para reconstruir o original de maneira confiável. Mas essa conclusão é muito precipitada. Para começar, 80% das variações são simplesmente erros de grafia que são facilmente explicáveis. Embora haja alguns textos menores sobre os quais os acadêmicos do Novo Testamento discordam, *não há variação textual que ameace uma doutrina cristã*

essencial.

A importância do número de manuscritos e a sua proximidade com os documentos originais, autenticando o Novo Testamento, motivaram Sir Frederick Kenyon, considerado um dos maiores arqueólogos de todos os tempos, a escrever:

O intervalo, então, entre as datas da composição original e a mais antiga evidência existente se torna tão pequena, a ponto de ser, de fato, desprezível, e o último fundamento para qualquer dúvida de que as Escrituras nos vieram substancialmente como foram escritas foi agora removido. Tanto a autenticidade como a integridade geral dos livros do Novo Testamento podem ser consideradas como finalmente estabelecidas.¹¹

John A. T. Robinson concluiu: “A riqueza dos manuscritos, e, acima de tudo, o pequeno intervalo de tempo entre a escrita e as mais antigas cópias existentes fazem do Novo Testamento, de longe, o mais comprovado texto de antiga escrita no mundo”.¹² Até mesmo o renomado estudioso Anthony Flew, que recentemente anunciou a sua crença recémcontrada de que Deus existe, concorda com essa declaração.¹³

F. F. Bruce faz a seguinte observação:

A evidência dos nossos textos do Novo Testamento é muito maior do que a evidência em favor de muitos textos de autores clássicos, cuja autenticidade ninguém sequer cogita questionar. E se o Novo Testamento fosse apenas uma coletânea de textos seculares, a sua autenticidade seria considerada, de modo geral, além de qualquer dúvida.¹⁴

Relatos de Testemunhas Oculares

Outra razão para confiar nos registros que o Novo Testamento apresenta de Cristo é o fato de que foram escritos por testemunhas oculares, ou com base em relatos de testemunhas oculares. O historiador Dr. Louis Gottschalk, ao escrever sobre o exame da exatidão de uma fonte, diz: “A capacidade de dizer a verdade se deve, em parte, à proximidade da testemunha ao evento. A palavra *proximidade* é usada aqui em um sentido geográfico e também cronológico”.¹⁵

- 2 Pedro 1.16 diz: “Porque não vos fizemos saber a virtude e a vinda de nosso Senhor Jesus Cristo, seguindo fábulas artificialmente compostas, mas *nós mesmos vimos* a sua majestade” (ênfase minha).
- 1 João 1.1: “[Anunciamos] O que era desde o princípio, o que vimos com os nossos olhos, o que temos contemplado, e as nossas mãos tocaram da Palavra da vida”.
- Os discípulos disseram: “Aos [apóstolos] também, depois de ter padecido, se apresentou vivo, com muitas e infalíveis provas, sendo visto por eles por espaço de quarenta dias...” (At 1.3).
- Atos 2.32: “Deus ressuscitou a este Jesus, do que todos nós somos *testemunhas*” (ênfase minha).
- João diz: “E aquele que o viu testificou, e o seu testemunho é verdadeiro, e sabe que é verdade o que diz, para que também vós o creiais” (Jo 19.35).
- Lucas, o médico, escreveu: “Tendo, pois, muitos empreendido pôr em ordem a narração dos fatos que entre nós se cumpriram, segundo nos transmitiram *os mesmos que os presenciaram* desde o princípio e foram ministros da palavra, pareceu-me também a mim conveniente descrevê-los a ti... por sua ordem... para que conheças a certeza das coisas de que já estás informado” (Lc 1.1-4, ênfase minha).

Ao registrar os eventos da ressurreição, os discípulos seguiram a lei judaica, que lhes ordenava que fossem testemunhas honestas. John Ankerburg e John Weldon explicam da seguinte maneira: “O fato de que os apóstolos constantemente apelassem ao relato de testemunhas oculares é ainda mais crível se considerarmos a sua própria herança judaica singular. Nenhuma religião enfatizou mais a importância da verdade ou do testemunho sincero do

que a religião judaica”.¹⁶Nas Escrituras judaicas, o povo de Deus era constantemente aconselhado a ser sincero. Na realidade, os discípulos sabiam que, se dessem falsos testemunhos, seriam considerados falsas testemunhas contra o próprio Deus, e poderiam ser punidos com a morte (veja Êx 20.16; 23.1; Dt 17.6; 19.15; Pv 19.5,9).

Para respaldar ainda mais o seu testemunho, os apóstolos se recusaram a renunciar as suas crenças a respeito do Cristo ressuscitado, embora enfrentassem uma dura perseguição e o martírio pelas suas crenças. Como disse o cientista e filósofo Blaise Pascal:

A hipótese de que os apóstolos eram desonestos é completamente absurda. Siga-a até o fim, e imagine esses doze homens reunidos depois da morte de Jesus e conspirando para dizer que Ele havia ressuscitado dos mortos. Isso significa atacar todas as forças que havia. O coração humano é singularmente suscetível à inconstância, à mudança, a promessas, a subornos. Um deles tinha apenas de negar a sua história, diante desses atrativos, ou ainda mais, por causa de possíveis aprisionamentos, torturas e mortes, e todos estariam perdidos. Siga até o fim.¹⁷

Os discípulos foram sepultados tendo a convicção de que tinham visto o Jesus ressuscitado. É mais do que justo concluir que podemos confiar em seu testemunho.

A Presença de Testemunhas Oculares Hostis

Outra razão por que não havia lugar para mitos, lendas ou inexatidões nos relatos da vida e dos ensinamentos de Cristo é o fato de que essas narrativas circulavam na presença de pessoas de conhecimento, que eram extremamente hostis ao movimento novo, chamado de cristão.

A respeito da importância das testemunhas oculares hostis, o professor de Direito Dr. John Montgomery observa: “Isso enfatiza a confiabilidade do testemunho da ressurreição de Cristo, que era apresentado na época nas sinagogas — bem aos olhos da oposição, entre inquisidores hostis que certamente teriam destruído o caso do cristianismo se os fatos tivessem sido diferentes”.¹⁸

O apóstolo Paulo afirmou o amplo conhecimento dos relatos da ressurreição de Cristo quando foi trazido diante do rei Agripa e do oficial romano Festo, para defender os seus ensinamentos. Em Atos 26.25,26, Paulo disse: “Digo palavras de verdade e de um são juízo. Porque o rei, diante de quem falo com ousadia, sabe estas coisas, pois não creio que nada disto lhe é oculto; porque isto não se fez em qualquer canto”. Se os eventos eram amplamente conhecidos e até mesmo os hostis à nova fé não podiam refutar os fatos, isso dava aos relatos uma enorme credibilidade.

F. F. Bruce diz, a respeito da importância de que os registros do Novo Testamento sejam escrutinizados por oponentes que utilizam a sua voz: “Se tivesse havido qualquer tendência de se afastar dos fatos, em qualquer aspecto material, a possível presença de testemunhas oculares hostis na audiência teria servido como uma correção adicional”.¹⁹

Os inimigos do movimento cristão estavam preparados para desafiar qualquer discípulo extremamente zeloso que pudesse ter desejado exagerar a história, para fazer com que ela parecesse mais convincente ou atraente. Essas testemunhas hostis estavam prontas a corrigir qualquer distorção das coisas que Jesus fez e ensinou. Observa o teólogo Stan Gundry: “É possível que eles tivessem permitido que falsos testemunhos fossem transmitidos como fatos a respeito da sua vida, que eles também conheciam tão bem? O cristianismo teria se exposto ao ridículo, se tivesse criado tais histórias para se perpetuar”.²⁰

Confirmação Arqueológica

A corroboração adicional para os documentos do Novo Testamento vem da arqueologia. Onde os dados dos Evangelhos podem ser verificados, as descobertas arqueológicas constantemente provaram que os documentos são notavelmente exatos. Louis Gottschalk explica a importância da arqueologia para os documentos do Novo Testamento: “A conformidade ou a concordância com outros fatos conhecidos, históricos [geográficos] ou científicos é frequentemente a prova decisiva da evidência, de uma ou mais testemunhas”.²¹

Sir William Ramsey, um dos maiores geógrafos de todos os tempos, foi aluno da escola histórica alemã de meados do século XIX. Ele estava convencido de que o livro de Atos era um produto de meados do século II d.C. Na sua investigação para fazer um estudo topográfico da Ásia Menor, ele foi forçado a considerar os textos de Lucas como um guia para a sua pesquisa. Como resultado da incrível exatidão do livro, ele inverteu completamente as suas crenças e datou o livro como sendo quase contemporâneo aos eventos que descrevia, em virtude da esmagadora evidência descoberta em sua pesquisa. Ele descobriu que nas referências a 32 nações, 54 cidades e 9 ilhas diferentes, Lucas não cometeu sequer um único engano.²²

Aqui estão apenas alguns exemplos de como a arqueologia confirmou o registro bíblico:

- Durante séculos, não houve nenhum registro do tribunal onde Pilatos julgou Jesus. William Albright mostra que esse tribunal era o tribunal da Fortaleza de Antônia, a sede militar romana em Jerusalém.²³

- O tanque de Betesda, mencionado em João 5.2, agora pode ser identificado “com uma boa dose de certeza, no setor nordeste da cidade velha (a área chamada Bezetha, ou ‘Novo Campo’), no século I d.C., onde restos de sua existência anterior foram descobertos durante escavações realizadas perto da igreja de Santa Ana, em 1888”.²⁴

- Em 1990, foi encontrado em Jerusalém o sepulcro de Caifás, o sumo sacerdote judeu que enviou Jesus a Pilatos, e da sua família.²⁵

O arqueólogo Millar Burrows, de Yale, conclui: “De modo geral, a evidência que a arqueologia nos propiciou, até agora... fortalece a nossa confiança na exatidão com que o texto foi transmitido ao longo dos séculos”.²⁶

Evidências Extrabíblicas

Fontes fora da Bíblia oferecem importante respaldo para a história de Jesus, conforme está registrada nos documentos do Novo Testamento. Embora essas fontes não apresentem os detalhes dos Evangelhos, apresentam poderosa evidência corroborativa do retrato de Jesus exibido nos Evangelhos.

Gary Habermas, especialista no Jesus histórico, afirmou que “fontes antigas extrabíblicas de fato apresentam uma quantidade surpreendentemente grande de detalhes a respeito, tanto da vida de Jesus como da natureza do cristianismo primitivo”.²⁷ Ele observa que, “de modo geral, pelo menos dezessete textos não cristãos registram mais de cinquenta detalhes a respeito da vida, dos ensinamentos, da morte e ressurreição de Jesus, além de detalhes a respeito da Igreja Primitiva”.²⁸

Edwin Yamauchi, professor de história na Universidade de Miami relaciona o que pode ser conhecido a respeito de Jesus, por intermédio apenas de autores não-cristãos:

(1) Jesus era um professor judeu; (2) muitas pessoas acreditavam que Ele realizava curas e expulsava demônios; (3) Ele foi rejeitado pelos líderes judeus; (4) Ele foi crucificado sob Pôncio Pilatos, no reinado de Tibério; (5) apesar de sua morte vergonhosa, os seus seguidores, que acreditavam que Ele ainda estava vivo, se espalharam além da Palestina, de modo que havia multidões deles em Roma em 64 d.C.; (6) todos os tipos de pessoas, das cidades e do campo — homens e mulheres, escravos e livres — o adoravam como Deus, no princípio do século II.²⁹

Evidências das Cartas do Novo Testamento

Embora a maior parte dos detalhes a respeito da vida de Cristo no Novo Testamento esteja registrada nos Evangelhos, os textos de Paulo contêm informações significativas que afirmam e corroboram os eventos na vida de Cristo. Essas cartas são consideradas autênticas, uma vez que foram escritas muito próximas da época de Cristo — enquanto muitas testemunhas da sua vida, morte e ressurreição ainda estavam vivas. As três cartas paulinas, Romanos, 1 Coríntios e 1 Tessalonicenses, provavelmente foram escritas antes que aparecesse qualquer dos Evangelhos.³⁰

O professor Gary Habermas explica a importância das cartas de Paulo para o estudo do Jesus histórico:

Paulo fornece a maior quantidade de detalhes a respeito da última semana da vida de Jesus, falando frequentemente sobre esses eventos, em virtude de sua importância para o Evangelho. Ele fornece detalhes a respeito da Ceia do Senhor, até mesmo citando as palavras que Jesus disse na ocasião (1 Co 11.23-25). Paulo fala frequentemente sobre a morte de Jesus (Rm 4.25; 5.8), especificando a crucificação (Rm 6.6; Gl 2.20) e mencionando como os judeus a instigaram (1 Ts 2.14,15). Ele fala como Jesus foi sepultado, ressuscitou três dias depois, e apareceu a várias pessoas, tanto individualmente como em grupos (1 Co 15.3-8).³¹

Concluimos utilizando as palavras do historiador Paul Johnson:

O que está claro, sem qualquer dúvida, é o fato de que, enquanto no século XIX a tendência da história era lançar dúvidas quanto à veracidade dos registros judaico-cristãos, e minar a fé popular em Deus e no seu Filho, como apresentada na Bíblia, no século XX a história se moveu na direção oposta, e não há sinal de o processo chegar ao fim. Não são agora os homens de fé, são os céticos que têm razão para temer o curso da descoberta.³²

Conclusão: Os Autores do Evangelho Registraram a História Exata

Alguns críticos do Novo Testamento afirmam que as narrativas da vida de Jesus foram escritas tanto tempo depois dos eventos que sem dúvida estavam corrompidas, da mesma maneira como as palavras são distorcidas quando transmitidas oralmente no jogo infantil do telefone sem fio. Assim, alegam, não temos um relato confiável das verdadeiras palavras e da vida de Cristo.

Como mostramos neste capítulo, essa crítica é completamente inválida e está baseada em antigas suposições, que foram refutadas por descobertas manuscritas posteriores. Agora temos razões convincentes para concluir que os relatos do Novo Testamento são excepcionalmente exatos, por causa da extrema proximidade dos manuscritos originais com os eventos reais. William Albright observou que o período entre a vida de Jesus e os registros escritos é “breve demais, para permitir qualquer corrupção apreciável no caráter essencial e até mesmo nas palavras específicas de Jesus”.³³

Mesmo com esse curto intervalo, temos boas razões para crer que os relatos são exatos, e que a informação encontrada nos Evangelhos circulava oralmente com exatidão até o momento em que foi escrita, embora esse período fosse bastante curto pelos padrões da história dos documentos antigos. Uma razão para crer nisso é o fato de que o mundo judeu antigo atribuía imensa importância às habilidades de memorização. A educação elementar era obrigatória para as crianças de 5 a 12 anos. Ela era integralmente baseada na memorização, e concentrava-se em um tema: as Escrituras. Muitos rabinos memorizavam todo o Antigo Testamento, bem como um conjunto considerável de leis orais.

Outro aspecto importante é o fato de que, enquanto os eventos essenciais de uma narrativa e o seu significado não fossem alterados, a transmissão de ideias importantes (não escritas nas Escrituras) podia envolver uma significativa dose de flexibilidade ao contar as histórias. Isso explica por que os Evangelhos Sinóticos têm tais similaridades e diferenças: os autores memorizaram uma considerável quantidade de material, a respeito dos dizeres e dos atos de Jesus, usando seus próprios estilos e vocabulário no processo. O Dr. Craig Blomberg apresenta seis razões por que os autores do Evangelho se sentiam livres para narrar o que Jesus fez e disse em várias formas, enquanto preservavam a verdade da narrativa.³⁴ Observaremos aqui três dessas razões:

1. É provável que uma forma escrita de várias porções do Evangelho seja anterior à aparição da forma final dos três Evangelhos Sinóticos. Este documento hipotético, chamado documento "Q", que é composto de

frases de Jesus, provavelmente foi escrito aproximadamente em 50 d.C. Isso aproxima os textos do Evangelho da época de Cristo.

2. Os rabinos e seus seguidores usavam frequentemente um tipo de estenografia, ou registro em forma abreviada, para registrar informações importantes que desejassem preservar. É provável que os discípulos de Jesus tivessem adotado esse costume ainda quando Ele estava vivo. Mesmo se não adotassem essa estratégia, 80% dos ensinamentos de Jesus estavam em forma de parábolas ou poesias, sendo, deste modo, muito mais fáceis de recordar e memorizar.
3. A essência da liderança apostólica em Jerusalém, que existiu pelo menos em 30-60 d.C., periodicamente "verificava" a história do Evangelho que estava sendo transmitida (At 8.14; 11.1-3; 15.1,2; 21.17-25). Assim, o jogo infantil do telefone não é análogo à transmissão primitiva das informações a respeito de Jesus, porque nesse jogo cada participante tem de decifrar sozinho o significado e transmiti-lo ao participante seguinte. No entanto, na Igreja Primitiva, o centro da liderança atuava como um "centro de controle" na transmissão das palavras e ações de Jesus.

Não é de admirar que tantos estudiosos tenham concluído que o Novo Testamento é o mais bem documentado de todos os textos antigos. Em termos do número e da variedade de documentos e do período de tempo entre os eventos e os escritos, nenhum documento se compara a ele, na sua integridade.³⁵

AS DISCREPÂNCIAS MINAM A CONFIABILIDADE HISTÓRICA?

No capítulo anterior, vimos que a primeira tarefa de alguém que busca a verdade em documentos antigos é deixar de lado todas as ideias pré-concebidas e considerar as evidências em favor da veracidade dos próprios documentos. A nossa próxima pergunta, portanto, é se temos razões para crer que as narrativas bíblicas da ressurreição de Cristo são uma história exata. Elas relatam fatos reais? Elas nos dizem a verdade? Elas são confiáveis?

Provavelmente a objeção mais comum à confiabilidade das narrativas da ressurreição encontradas nos Evangelhos é o fato de que elas se contradizem, e, por isso, não são documentos históricos confiáveis. Por exemplo, os quatro Evangelhos nos dizem que Maria foi a primeira a ver Jesus ressuscitado, ao passo que 1 Coríntios 15.5 nos diz que o apóstolo Pedro foi a primeira testemunha. Marcos diz que as mulheres que foram ao sepulcro para unguir Jesus “viram um jovem assentado à direita, vestido de uma roupa comprida e branca” (16.4,5), Mateus diz que estava ali um anjo com uma veste “branca como a neve” (28.3), e Lucas diz que “pararam junto delas dois varões com vestes resplandecentes” (24.4). Essas narrativas não se contradizem umas às outras, destruindo assim a sua credibilidade?

O Dr. John Feinberg fez uma constatação crucial a respeito da natureza das declarações contraditórias:

Fazer a acusação de contradição não é afirmar simplesmente que duas ideias não se encaixem. Nem significa que, embora elas se encaixem, agora não consigamos ver como, embora possamos ver mais tarde. Nem mesmo significa que Deus sabe que elas se encaixam, embora nós não.

*Mas significa que não há uma maneira possível para que alguém explique como todas as ideias podem ser verdadeiras e não se contradizerem, umas às outras.*¹

Em outras palavras, as declarações podem divergir, e não ser contradições. Pode haver explicações para as diferenças que não minem a verdade de nenhuma das declarações. Portanto, o ônus da prova está naquele que afirma que uma declaração é irreconciliavelmente contraditória.

Raymond Brown, o estudioso do Novo Testamento, explica o significado disso para a acusação de que os Evangelhos se contradizem de modo incorrigível:

Com muita frequência, os comentaristas detectam contradições nas narrativas do Evangelho e supõem que um autor poderia não ter sido responsável pela forma atual do texto ou que o autor combinou diversas fontes, sem reconhecer que elas eram irreconciliáveis. Essa solução não é impossível, mas a probabilidade se inclina em outra direção: A narrativa, na sua forma atual, fez sentido para alguém na antiguidade, e por isso o que parece contraditório aos intérpretes modernos pode não ser verdadeiramente contraditório.²

Embora haja dificuldades nos quatro Evangelhos, os estudiosos não devem ser tão rápidos em supor que são contradições genuínas. Muitos estudiosos agora concordam que o gênero dos Evangelhos é o de biografia antiga greco-romana. Esse gênero permitia aos autores o mesmo tipo de flexibilidade na narrativa que as pessoas empregam tipicamente em suas conversas diárias. Lucas, por exemplo, usa uma técnica chamada “telescópio”, em que o tempo é comprimido para simplificar a narrativa de várias histórias. Especificamente, ele comprime o tempo da ressurreição, as aparições do Cristo ressuscitado e a sua ascensão de uma maneira que poderia dar a impressão de que todos esses eventos tivessem ocorrido no domingo de Páscoa. Mas o Evangelho de João mostra que esses eventos ocorreram durante um período mais longo de tempo. Isso é uma contradição? Não. Na verdade, a compressão usada por Lucas era um recurso estilístico aceitável no gênero das biografias greco-romanas. Afirmar que essas diferenças são uma contradição revela uma ignorância do gênero, em vez de questionar a credibilidade dos Evangelhos.

As Discrepâncias Aparentes não Invalidam a Essência Histórica

Mesmo se as acusações de discrepâncias nas narrativas da ressurreição fossem provadas, o material essencial nos Evangelhos ainda seria historicamente válido.

Considere um exemplo da história clássica: Lívio e Políbio fornecem duas narrativas aparentemente irreconciliáveis da passagem de Aníbal pelos Alpes, para atacar Roma durante a segunda guerra Púnica. Embora os relatos se contradigam, ninguém questiona o fato de que Aníbal realmente realizou essa campanha.³ Mesmo se fosse demonstrado que os Evangelhos realmente se contradizem — o que não foi provado — a essência dos Evangelhos *ainda* seria considerada história confiável.

Harmonização

Embora haja diferenças na maneira como os quatro evangelistas registram a vida de Jesus, há uma notável consistência a respeito dos fatos essenciais.

Em vez de se concentrar nas aparentes inconsistências, a tarefa de um historiador ao estudar qualquer grupo de textos paralelos é ver como eles podem ser harmonizados. É muito frequente que os historiadores que estudam os Evangelhos invertam essa regra e pareçam dedicados a encontrar contradições. Sir Norman Anderson, um personagem internacionalmente respeitado no ramo do Direito que recebeu a oferta de um cargo vitalício no magistério em Harvard, explica:

Não é uma questão de simples bom senso que se faça um esforço razoável para tentar solucionar aparentes inconsistências em qualquer conjunto de evidências, antes de saltar à conclusão prematura de que as testemunhas — ou, na realidade, uma testemunha — nos presenteou com contradições “evidentes” e “irreconciliáveis”?⁴

Uma testemunha pode narrar a verdade sem incluir todos os detalhes e sem mencionar os eventos na ordem cronológica. Alguns autores podem usar a cronologia como seu princípio na organização, ao passo que outros podem organizar o seu material por tópicos. Sem dúvida, você usa os dois métodos

quando lida com o mesmo material em seu computador. Às vezes você examina a sua lista de e-mails segundo as datas, às vezes por assunto e às vezes por remetente? Os fatos contidos em seus e-mails se tornam duvidosos porque são apresentados na tela de diferentes maneiras? Por que não daríamos aos autores do Evangelho a mesma flexibilidade? Embora seja possível que nunca venhamos a conhecer a ordem exata, momento após momento, dos eventos na vida de Jesus, podemos ter confiança na verdade essencial desses eventos, pela consistência dos vários relatos.

John Wenham, em seu livro *Easter Enigma*, oferece uma harmonização plausível dos eventos da ressurreição. Depois de sua cuidadosa investigação dos textos do Evangelho, ele concluiu:

Eu não tinha nenhuma dúvida real de que os autores do Evangelho eram pessoas honestas e bem informadas... mas de maneira nenhuma aceitei a tese de que as narrativas eram corretas, em todos os detalhes. Na realidade, fiquei impressionado em meus primeiros estudos das histórias da ressurreição pela natureza aparentemente irreconciliável das discrepâncias... Lendo tudo o que pude, e estudando cuidadosamente o texto grego, aos poucos vi que muitas peças do quebra-cabeça se encaixavam. Agora parece que essas histórias sobre a ressurreição exibem, de maneira notável, as conhecidas características de narrativa exata e independente, pois de modo superficial elas mostram grande desarmonia, mas um exame mais atento mostra que os detalhes gradualmente se encaixam em seus lugares.⁵

Apesar das diferenças, uma análise mais atenta das narrativas da ressurreição revela uma harmonia oculta. Como observa o filósofo Stephen Davis:

Apesar das diferenças nos detalhes, os quatro evangelistas estão de acordo, a um nível assombroso, no que diz respeito ao que poderíamos chamar de fatos básicos. Todos se unem para proclamar que *bem cedo, no primeiro dia da semana, certas mulheres, entre elas Maria Madalena, foram ao sepulcro: elas o encontraram vazio; elas depararam-se com um ou mais anjos; e lhes foi dito, ou elas descobriram, que Jesus estava vivo. Há também uma assombrosa*

*concordância entre o Evangelho de João e pelo menos um dos Sinóticos em cada um desses aspectos: as mulheres informaram Pedro e/ou outros discípulos a respeito da sua descoberta; Pedro foi ao sepulcro e o viu vazio; o Jesus ressuscitado apareceu às mulheres, e lhes deu instruções para os discípulos.*⁶

É por isso que Craig Blomberg, historiador e filósofo, concluiu que “muitas das acusações foram respondidas adequadamente muitas vezes pelos que escreveram em defesa da confiabilidade e veracidade dos Evangelhos. A grande maioria dos leitores dos Evangelhos Sinóticos [Mateus, Marcos e Lucas] fica espantada, não com as diferenças entre eles, mas com a sua notável similaridade”.⁷

As Aparentes Discrepâncias como uma Evidência Positiva

Advogados, filósofos, historiadores, jornalistas e outros indivíduos descobriram que as aparentes discrepâncias, em vez de diminuir a confiabilidade e veracidade dos Evangelhos, na realidade respaldam a sua confiabilidade. O estudioso britânico N. T. Wright observa que a aparente imprecisão e a característica ansiosa das narrativas do Evangelho na realidade aumentam o seu valor. “É assim”, diz ele, “que um testemunho ocular soa; esta é a maneira de se expressar um testemunho ocular”.⁸

O Dr. Paul Maier conclui que “as variações nas narrativas sobre a ressurreição *tendem a respaldar, em vez de minar, a sua autenticidade*. Elas demonstram que havia várias tradições independentes e derivadas de algum evento que realmente deveria ter acontecido para dar início a elas”.⁹

O jornalista William Proctor demonstra que um princípio básico do jornalismo é o de que os repórteres que cobrem a mesma história devem esperar que as suas interpretações sejam um pouco diferentes, da mesma maneira como acontece com os quatro autores dos Evangelhos. Ele explica:

Esse tipo de diferença nas histórias escritas sobre os mesmos eventos é um fenômeno comum, quando estão trabalhando repórteres dinâmicos e independentes — por várias razões. Em primeiro lugar, nenhum jornalista, não importa quão talentoso seja, pode contar tudo o que acontece em uma situação confusa e tumultuada. Cada um deles automaticamente escolherá os fatos com base no seu discernimento, seus

interesses e suas tendências; como consequência, as histórias finais forçosamente não serão similares. Em segundo lugar, um bom repórter investigará mais a fundo em determinada direção do que outro, que irá explorar em uma direção completamente diferente. Nessa situação, é inevitável que os resultados sejam um pouco diferentes, embora cada relato ainda apresente facetas da mesma história.¹⁰

Proctor conclui que os quatro Evangelhos — por causa da sua total concordância com respeito aos fatos principais, apesar de suas aparentes discrepâncias — representam o melhor tipo de escrita jornalística.

O famoso advogado, Simon Greenleaf, escreveu um cuidadoso exame das testemunhas do Evangelho a partir de uma perspectiva legal. Ele afirmou que “as cópias que foram tão universalmente aceitas e influentes como os quatro Evangelhos teriam sido aceitas como evidências suficientes em qualquer tribunal, sem a menor hesitação”.¹¹

As aparentes discrepâncias nos relatos dos Evangelhos sobre a ressurreição não invalidam a veracidade do evento. Na realidade, confirmam-na. As discrepâncias menores entre os autores não dão ao investigador objetivo e imparcial nenhuma causa para descartar a verdade das narrativas da ressurreição como sendo história confiável.

FATOS CRUCIAIS SOBRE A CRUCIFICAÇÃO DE CRISTO

Vamos começar a nossa investigação histórica com as narrativas e declarações da ressurreição de Cristo, examinando os eventos que culminaram nela. É importante ter um bom entendimento desses eventos antecedentes, porque eles preparam o caminho e proporcionam dados valiosos que são essenciais para a nossa avaliação das narrativas. Assim, neste capítulo vamos examinar os eventos envolvidos na morte de Cristo e as precauções especiais tomadas por aqueles que o crucificaram, para assegurar que a sua morte se realizasse. Como veremos, averiguar o fato histórico da sua morte é um requisito prévio para a nossa convicção sobre a sua ressurreição.

Os Julgamentos de Jesus

Depois de ser traído e preso, Jesus passou por seus distintos interrogatórios antes de enfrentar a crucificação. Um deles foi diante de Anás, o sumo sacerdote ancião (Jo 18.13); outro foi diante de Caifás, o sacerdote nomeado por Roma (Mt 26.57); o terceiro foi diante do conselho judaico, o Sinédrio (Lc 22.66); o quarto foi diante de Pôncio Pilatos, o governador romano (Mt 27.2); o quinto foi diante de Herodes (Lc 23.7); e o sexto foi novamente diante de Pilatos (Lc 23.11-25). No total, houve três julgamentos judeus e três romanos.

Por que todo esse interesse por um único homem? Tanto as autoridades romanas como as judaicas tinham várias preocupações sobre a permanência de Cristo. N. T. Wright apresenta cinco razões convincentes por que as autoridades judaicas desejavam que Ele fosse executado:

1. Muitos dos líderes religiosos consideravam que Jesus era um “falso profeta”, que estava incitando uma rebelião em Israel.
2. Jesus declarava autoridade acima do maior símbolo judeu: o Templo. O Templo era o centro da vida nacional dos judeus, e era considerado o lugar da presença de Deus. Jesus afirmou substituir pessoalmente o papel que o Templo havia desempenhado na vida religiosa dos judeus.
3. Jesus se via como o Messias, o que significava que Ele poderia, potencialmente, se tornar o foco de séria atividade revolucionária.
4. Eles viam Jesus como um risco político, cujos atos poderiam provocar a ira de Roma sobre a nação.
5. E, finalmente, no clímax dos interrogatórios, Jesus se declarou culpado das acusações acima, e então fez também declarações que foram consideradas blasfemas, que o colocavam no mesmo nível e ao lado do Deus de Israel.¹

James Montgomery Boice reduz as acusações a uma razão principal por que as autoridades judaicas desejavam a morte de Jesus:

Nada menos do que seis acusações diferentes haviam sido feitas contra Ele. Em primeiro lugar, Ele havia sido acusado de ameaçar destruir o templo judaico (Mt 26.61). Em segundo lugar, Ele foi acusado de ser um

malfeitor (Jo 18.30). Em terceiro lugar, Ele foi acusado de perverter a nação (Lc 23.2). Em quarto lugar, foi dito que Ele havia proibido os judeus de pagar tributos a César (Lc 23.2). Em quinto lugar, Ele foi acusado de incitar o povo (Lc 23.5). Em sexto lugar, Ele foi acusado de ter se feito rei (Lc 23.2). Aqui estavam seis graves acusações. Mas elas não eram a razão verdadeira para o ódio dos líderes judeus por Jesus, ou o fato de que eles trouxessem o caso contra Ele diante de Pilatos. A acusação verdadeira é o fato de que Ele havia afirmado ser o Filho Unigênito de Deus, o que eles consideraram blasfêmia.²

De acordo com o respeitado acadêmico Raymond Brown, sob a lei judaica a pena de morte era a punição apropriada para as declarações blasfemas de Jesus.³

Enquanto os judeus estavam interessados nas implicações religiosas das ações de Jesus, os romanos estavam muito mais preocupados com a política, a economia e a autoridade de Roma. Eles o crucificaram como um rebelde contrário a Roma. Quando Jesus respondeu à pergunta do governador “És tu o Rei dos judeus?”, dizendo “Tu o dizes”, Ele lhes deu bases para a execução (Mt 27.11). Dizer que Jesus era rei era sugerir que César não era. Embora Jesus tivesse dito “O meu Reino não é deste mundo” (Jo 18.36), é duvidoso que Pilatos tivesse compreendido o que Ele quis dizer. No entanto, a expressão “meu reino” provavelmente chamou a atenção de Pilatos. Quando Jesus afirmou que o seu reino não era deste mundo, Pilatos não podia correr riscos. Se Jesus verdadeiramente era o Rei dos judeus, isso o marcaria, inequivocamente, como inimigo de César. Por isso, Ele deveria morrer.

O juiz Haim Cohn, quando era membro da Suprema Corte de Israel, escreveu um artigo intitulado “Reflections on the Trial of Jesus” [Reflexões sobre o Julgamento de Jesus]. Ele disse: “Não pode haver dúvida de que uma confissão como esta fosse suficiente, na lei romana, para a condenação do réu”.⁴ A punição para esse crime era a morte, e o governador era investido com o direito de proferir a sentença de morte.

O Dr. Craig A. Evans, ilustre professor do Novo Testamento em Acadia Divinity College, a Universidade de Acádia, resume as razões para a crucificação de Jesus: “Jesus forneceu a base para uma sentença de morte, por parte das autoridades judaicas (isto é, blasfêmia punível com a morte) e as autoridades romanas (isto é, traição e sedição)”.⁵ N. T. Wright afirma esta

conclusão: “Os líderes do povo judeu foram, então, capazes de apresentar Jesus a Pilatos como um agitador sedicioso; aos seus contemporâneos judeus (e gerações posteriores do judaísmo rabínico) como um falso profeta e um blasfemo, que procurava fazer com que Israel se desviasse; e, para si mesmos, Ele era um perigoso incômodo político. De todas as formas, Ele tinha de morrer”.⁶

Pôncio Pilatos

Jesus foi acusado de sedição pelos governantes religiosos judeus, e foi trazido para julgamento diante do governador romano, Pôncio Pilatos. Durante anos, a única evidência histórica da existência de Pilatos foi literária, e alguns historiadores duvidaram da sua existência.⁷ Mas em 1961, dois arqueólogos italianos escavaram a cidade portuária mediterrânea de Cesareia, que serviu como capital romana da Palestina. Eles encontraram uma inscrição em latim, que mede 60 x 90 centímetros, e cujos dizeres são: “Pôncio Pilatos, governador da Judeia”. Essa descoberta arqueológica de uma referência histórica a Pilatos confirmou a sua existência e posição.

Todas as evidências disponíveis mostram que Pilatos foi um déspota extremamente cruel e impiedoso. Ele era obstinado, orgulhoso, corrupto, brutal e perverso. Filo registra que Pilatos foi responsável por “incontáveis atrocidades e inúmeras execuções sem um julgamento prévio”.⁸ N. T. Wright observa:

A adoção cristã posterior de Pilatos como um herói, ou até mesmo um santo, está muito distante da sua caracterização nos Evangelhos... Ele era o governador; ele foi o responsável pela morte de Jesus; o ato de lavar as mãos foi um símbolo vazio e desdenhoso, que tencionava indicar que ele podia evitar a responsabilidade por algo que estava completamente na alçada de seu poder. O que emerge dos registros não é que Pilatos desejasse resgatar Jesus porque pensasse que Ele era bom, nobre, santo ou justo, mas que Pilatos queria fazer o oposto do que desejavam os principais dos sacerdotes judeus, porque sempre desejava fazer o oposto do que os principais dos sacerdotes esperavam que ele fizesse.⁹

Finalmente, depois de três julgamentos judaicos e três julgamentos romanos, as autoridades romanas, em conjunto com as romanas, entregaram Jesus para que fosse crucificado. A esta altura, várias “precauções de segurança” foram tomadas para assegurar que Jesus estivesse realmente morto.

A Morte por Crucificação

Os judeus estavam cientes de que Jesus havia predito a sua própria ressurreição. Temendo que os seus seguidores pudessem adotar medidas extraordinárias para fazer parecer que Jesus havia morrido e ressuscitado, eles adotaram precauções igualmente extraordinárias para assegurar que Ele estivesse morto e permanecesse da mesma forma. A primeira dessas precauções foi a morte por crucificação. A morte seria pública, brutal e certa.

A História da Crucificação

Todos os quatro Evangelhos nos falam da morte de Jesus por crucificação (veja Mt 27.35-50; Mc 15.27-37; Lc 23.33-46; Jo 19.23-30). Embora os evangelistas não descrevam o processo com detalhes, muito se pode afirmar com relação à natureza da crucificação, por meio de evidências históricas, literárias e arqueológicas.

A crucificação era um método comum de execução durante os tempos de Cristo. Na realidade, evidências arqueológicas indicam que a crucificação era conhecida no porto de Atenas já 700 anos antes de Cristo. Os romanos não inventaram a crucificação; é provável que eles a tivessem adotado dos fenícios em Cartago.

“Quanto à crucificação pelos judeus”, escreve o acadêmico bíblico Raymond Brown, “uma das mais antigas referências à prática é a execução no início do século I a.C., de 800 prisioneiros, por Alexandre Janeu. Quando os exércitos romanos começaram a interferir na Judeia, a crucificação de judeus passou a ser uma questão de procedimento; por exemplo, o governador da Síria crucificou dois mil judeus, em 4 a.C.”. Brown prossegue dizendo: “No século I d.C., Jesus é o primeiro judeu que *sabemos* que foi crucificado. Sem considerar a crucificação de Jesus, Josefo não registra nenhuma crucificação de judeus, durante a primeira parte da jurisdição romana na Judeia (6-40 d.C.), embora haja ampla comprovação da prática da crucificação durante a segunda parte dessa jurisdição (44-66)”.¹⁰ Está bastante claro que a crucificação era uma prática histórica estabelecida na Judeia durante os tempos de Cristo.

A Brutalidade da Crucificação

Cícero chamou a morte por crucificação de “a mais cruel e medonha das

torturas”, e a “extrema e derradeira punição para um escravo”.¹¹ O grande historiador Will Durant escreveu que “até mesmo os romanos... se apiedavam das vítimas”.¹²

Flávio Josefo, o historiador judeu que foi conselheiro de Tito durante o cerco a Jerusalém, havia observado muitas crucificações, e as chamava de “as mortes mais infelizes”.¹³ Josefo narra que quando os romanos ameaçaram crucificar um dos prisioneiros judeus, toda a guarnição de Macaero se rendeu para obter uma passagem em segurança. A crucificação era tão horrível e degradante que os romanos normalmente excluía os seus cidadãos dessa punição, e a reservavam para escravos ou rebeldes, a fim de desencorajar revoltas. Ela era usada, principalmente, em casos políticos.

“A dor era completamente insuportável”, observa Alexander Metherell, M.D., Ph.D. “Na realidade, era impossível descrevê-la com palavras; foi necessário inventar uma nova palavra: *excruciante*. Literalmente, *excruciante* quer dizer ‘devido à cruz’. Pense nisso: eles precisaram criar uma palavra nova, porque não havia nada no idioma que pudesse descrever a intensa angústia causada durante a crucificação”.¹⁴

O Costume do Açoitamento

Depois que o veredicto de crucificação era proferido pelo tribunal, era costumeiro que o acusado fosse preso a uma estaca no tribunal, despido e então açoitado cruelmente pelos soldados (*lictos*). Os Evangelhos registram que Jesus foi açoitado dessa maneira antes da sua crucificação (veja Jo 19.1; Mt 27.26; Mc 15.15).

O açoite que era tipicamente usado nessas ocasiões, conhecido como *flagrum*, tinha uma haste robusta à qual eram presas longas tiras de couro de comprimentos variáveis. Pedacos pontiagudos de ossos e chumbo eram presos às tiras. Um artigo publicado no *Journal of the American Medical Association* registra:

Como os soldados romanos atingiam repetidas vezes as costas da vítima com muita força, as esferas de ferro podiam causar profundas contusões, e as tiras de couro e os ossos pontiagudos cortavam a pele e os tecidos subcutâneos. Então, à medida que continuava o açoitamento, as lacerações chegavam aos músculos que sustentam o esqueleto e exibiam tiras trêmulas de carne ensanguentada.¹⁵

Sem cuidados médicos, essas lacerações à pele e aos músculos poderiam matar uma pessoa em horas ou em poucos dias.¹⁶

Os judeus eram limitados pela sua lei a 40 chibatadas. Os fariseus, com o seu legalismo obsessivo, limitavam as suas chibatadas a 39, para que, se errassem na conta, não infringissem a sua lei. Os romanos, por outro lado, não tinham essas limitações. Por desgosto ou ira, podiam ignorar a limitação dos judeus, e provavelmente fizeram isso no caso de Jesus.

Na obra *Martírio de Policarpo* lemos: “Pois mesmo quando eles [os cristãos] estavam tão dilacerados pelos açoites que a estrutura interna de sua carne estava visível, as próprias veias e artérias mais internas, suportavam *tão* pacientemente o açoitamento que até mesmo os espectadores sentiam pena e choravam”.¹⁷ Will Durant diz que o açoitamento deixava o corpo como “uma massa de carne inchada e ensanguentada”. Era costume, depois do açoitamento, zombar do indivíduo, e os soldados romanos fizeram isso com Cristo. Eles colocaram um manto púrpura, representando zombeteiramente a realeza, em volta dos seus ombros, e uma “coroa de espinhos” sobre a sua cabeça.

A Coroa de Espinhos

Não se sabe ao certo qual foi o tipo de espinhos usados para fazer uma coroa de escárnio para Jesus. Uma possibilidade é uma planta agora chamada de “espinho-de-Cristo sírio”, um arbusto com aproximadamente 30 centímetros de altura, com dois grandes espinhos pontiagudos e curvados na base de cada folha. Esta planta é comum na Palestina, especialmente na região do Gólgota, onde Cristo foi crucificado.

Outra planta, chamada simplesmente de “espinho-de-Cristo”, é um arbusto anão, com 1,2 a 2,4 metros de altura. Os seus ramos podem ser torcidos facilmente para formar uma coroa, e os espinhos, em pares de diferentes comprimentos, são rígidos como pregos.

Qualquer que tivesse sido a planta usada, os seus espinhos, quando pressionados contra o couro cabeludo, causariam profundas e dolorosas feridas e escoriações, que sangrariam abundantemente, como acontece com os ferimentos no couro cabeludo.

Depois de colocar a coroa de espinhos sobre a cabeça de Jesus, os soldados começaram a zombar dEle, dizendo: “Salve, Rei dos judeus”. Eles também cuspiram e bateram nEle com uma vara antes de levá-lo para ser crucificado.

O Peso da Barra Transversal

Um homem condenado à morte por crucificação tinha de carregar a sua própria barra transversal — a barra horizontal da cruz, chamada *patíbulo* — desde a prisão até o local de sua execução. O patíbulo pesava entre 34 a 45 quilos e era amarrado aos ombros da vítima, o que significava que o peso se apoiava na base do pescoço e na parte superior da espinha — áreas profundamente feridas por causa do açoitamento. Se a vítima tropeçasse e caísse, poderia se machucar gravemente. Ela era incapaz de proteger o seu rosto, uma vez que as suas mãos estavam amarradas.

A Crucificação com Pregos

Ao chegar ao local para a execução, o condenado era pregado ou amarrado com cordas à cruz. Os pregos eram pregados nos pulsos, que eram considerados parte das mãos, nos dias de Jesus, uma vez que as palmas não poderiam suportar todo o peso do corpo. O Dr. Smalhout descreve a dor que resultaria desse procedimento:

Um dos nervos principais, o mediano, passa pela junta do pulso... o prego quase sempre entrava em contato com esse nervo. Tocar ou ferir um nervo é algo que causa a máxima dor possível.¹⁸

E para que os pés fossem perfurados com pregos, as pernas tinham de ser torcidas e forçadas a uma posição dolorosa e não natural.

Muitos questionaram a narrativa histórica do pregar das mãos e dos pés, porque há uma ausência quase que total de evidências desse costume. O Dr. J. W. Hewitt, em seu artigo publicado no *Harvard Theological Review* e intitulado “The Use of Nails in the Crucifixion” [O Uso de Pregos na Crucificação], disse: “Para resumir, é uma quantidade surpreendentemente pequena de evidências de que os pés de uma pessoa crucificada fossem de fato perfurados por pregos”.¹⁹ Ele prossegue, dizendo que as mãos e os pés da vítima eram amarradas com cordas à cruz.

Durante anos, a declaração do Dr. Hewitt foi citada como sendo a última palavra sobre o assunto. A conclusão, portanto, era que o relato do Novo Testamento em que Cristo é pregado à cruz era falso e enganador. A crucificação com o uso de pregos era considerada lendária. Acreditava-se que os pregos teriam atravessado a carne e não poderiam ter sustentado um corpo

na cruz. Então, em junho de 1968, foi feita uma descoberta arqueológica revolucionária. O arqueólogo V. Taaferis, sob a direção do Departamento Israelense de Antiguidades e Museus, encontrou os restos de uma vítima, chamada Yohanan, que havia sido crucificada. O sepulcro em que ela foi encontrada data do século I d.C. Uma espécie de espeto de 17,8 centímetros de comprimento havia sido inserido pelo osso do tornozelo de Yohanan, com pequenos pedaços da cruz de madeira de oliveira ainda presos a ela.

A descoberta, dos tempos de Cristo, fornece sólida evidência arqueológica de que a crucificação com o uso de pregos estava definitivamente em prática na época. Essa declaração não é mais baseada apenas em evidências literárias.

Quebrar as Pernas da Vítima

Os ossos de Yohanan confirmam outra passagem do Novo Testamento: “Foram, pois, os soldados e, na verdade, quebraram as pernas ao primeiro e ao outro que com ele fora crucificado. Mas, vindo a Jesus e vendo-o já morto, não lhe quebraram as pernas” (Jo 19.32,33). O Dr. N. Haas, do departamento de anatomia da Hebrew University e da Haddash Medical School examinou os restos do esqueleto de Yohanan, e concluiu que as suas pernas haviam sido quebradas por um *coup de grace*, um golpe de misericórdia, e que “a percussão, passando pelos ossos já esmagados da panturrilha direita, foi um golpe duro e cruel para a esquerda, por estarem presas à cruz de madeira de extremidades afiadas”.²⁰ Duas outras fontes antigas também mencionam o quebrar das pernas durante a crucificação, o que está em conformidade com a natureza histórica do relato do Novo Testamento.²¹

Como a Crucificação Provoca a Morte

Para entender por que as pernas de uma pessoa crucificada eram quebradas, é necessário entender a crucificação como um meio de execução. Enquanto estava pendurada na cruz, era muito difícil que a vítima respirasse. Para inalar e expirar de maneira apropriada, ela tinha de se levantar, impulsionada por suas mãos e pés, o que lhe causava uma dor terrível. Com o passar do tempo, a vítima ficava tão exausta pelo esforço e pela perda de sangue que não conseguia mais realizar os movimentos para respirar, e se asfixiava.

Se os romanos desejassem apressar a morte da vítima, o método usual de concluir uma crucificação era conhecido como crucifatura, que consistia em quebrar os ossos das pernas com uma clava, para impedir que a vítima se

levantasse para respirar. Depois de quebradas as pernas, a morte da vítima era iminente. As pernas dos dois ladrões que foram crucificados com Cristo foram quebradas, mas as de Cristo não, porque os executores observaram que Ele já estava morto.

Jorrar Sangue e Água

Depois que se observou que Jesus estava morto, um dos executores romanos lhe furou o lado com uma lança, e “logo saiu sangue e água” (Jo 19.34). Essa prática é mencionada no final do século I por Quintiliano, em *Declamationes maiores* 6:9: “Quanto aos que morrem na cruz, o executor não proíbe o sepultamento dos que foram perfurados”. Muitos médicos concordaram que jorrar sangue e água de uma ferida de lança é um sinal assegurado de morte.²² Michael Green, um autor inglês, explica a importância desse fato:

Testemunhas oculares nos contaram que “sangue e água” saíram do lado perfurado de Jesus (Jo 19.34,35). As testemunhas oculares atribuíram, claramente, uma grande importância a isso. Se Jesus estivesse vivo quando a lança perfurou o seu lado, fortes jorros de sangue teriam emergido, com cada batida do coração. Em vez disso, o observador notou a saída de um coágulo vermelho escuro, semissólido, distinto e separado do soro aquoso que o acompanhava. Isso é a evidência da grande coagulação do sangue nas artérias principais, e é uma prova médica excepcionalmente forte da morte. Isso é ainda mais impressionante porque o evangelista não poderia ter comprovado o seu significado com um patologista. O jorro de “sangue e água” da perfuração de lança é uma prova positiva de que Jesus já estava morto.²³

Pilatos exigiu a comprovação da morte de Cristo antes que o corpo pudesse ser entregue a José de Arimateia.²⁴ Ele só permitiria a remoção do corpo da cruz depois que quatro executores tivessem se certificado da morte de Jesus.

A Eficiência Romana nas Execuções

A eficiência da execução por crucificação era muito conhecida nos tempos de Cristo. John Ankerburg e John Weldon concluem:

Na realidade, não se conheciam sobreviventes de crucificações; da

mesma maneira como hoje os homens simplesmente não sobrevivem a pelotões de fuzilamento, à cadeira elétrica, à injeção letal ou à câmara de gás. Como a lei havia decretado a morte do prisioneiro, mesmo que uma primeira tentativa falhasse, os procedimentos eram repetidos, até que ocorresse a morte. A morte por crucificação era quase tão assegurada como por qualquer método moderno de execução; não havia como escapar.²⁵

O Dr. Paul L. Maier, professor de história antiga, escreve:

É verdade, aqui há um caso registrado de uma vítima que foi tirada da cruz e sobreviveu. Josefo, o historiador judeu, que havia ficado do lado romano na rebelião de 66 d.C., descobriu que três de seus amigos estavam sendo crucificados. Ele pediu que o general romano Tito os soltasse, e eles foram imediatamente retirados de suas cruzes. Ainda assim, dois deles morreram, embora aparentemente tivessem estado crucificados somente durante um curto período de tempo. No caso de Jesus, no entanto, houve as complicações adicionais do açoitamento e da exaustão, sem mencionar a grande lança que perfurou a sua caixa torácica e provavelmente rompeu o seu pericárdio. Os romanos eram assustadoramente eficientes nas crucificações: as vítimas *não* escapavam com vida.²⁶

Não devemos ter nenhuma dúvida de que essas precauções de segurança, adotadas pelos romanos para assegurar a morte de Jesus, tenham sido eficientes. Elas funcionaram. Jesus estava definitivamente morto. A história não duvida desse fato, de maneira nenhuma. O Dr. Gary Habermas destaca que há significativas evidências da morte de Jesus com base em fontes não cristãs. Entre elas, se inclui Cornélio Tácito (55-120 d.C.), que muitos consideram como o maior historiador romano da antiguidade; o estudioso judeu Josefo (37-97 d.C.); e o Talmude judeu (70-200 d.C.). Sobre esses textos não-cristãos, Habermas declara: “Muito frequentemente narrada é a morte de Jesus, mencionada por doze fontes. Datadas aproximadamente entre 20 e 150 anos depois da morte de Jesus, essas fontes seculares são relativamente antigas, pelos padrões da historiografia antiga”.²⁷

É por isso que até mesmo estudiosos liberais contemporâneos, como John

Dominic Crossan, afirmam:

A morte de Jesus por execução sob Pôncio Pilatos é tão certa como qualquer coisa histórica pode ser. Pois se nenhum seguidor de Jesus tivesse escrito qualquer coisa durante cem anos depois da sua crucificação, ainda teríamos conhecimento dEle por dois autores que não se incluíam entre os que os apoiavam. Os seus nomes são Flávio Josefo e Cornélio Tácito.²⁸

Com seus grandes esforços para impedir qualquer tipo de declarações posteriores e fraudulentas de que o homem que deveriam matar havia voltado à vida, os inimigos de Cristo fizeram aos investigadores o grande favor de providenciar poderosas evidências da sua morte certa, que, não fosse por isso, não teríamos. O fato de que Jesus foi realmente morto é tão certo como qualquer evento registrado na história.

FATOS CRUCIAIS SOBRE O SEPULTAMENTO DE CRISTO

Muitos céticos se concentraram nos eventos e no ambiente em torno do sepultamento de Cristo para encontrar lacunas ou falhas na afirmação de que Ele ressuscitou dos mortos. Por isso, é importante que examinemos com cuidado os fatos históricos, e confirmemos a sua exatidão e credibilidade. Neste capítulo, vamos examinar as ocorrências pertinentes, os costumes e as precauções especiais adotadas pelos que sepultaram Jesus para se assegurarem de que o seu corpo permanecesse no sepulcro. Como veremos, os oficiais tomaram várias precauções de segurança para impedir que surgisse qualquer história de que Jesus havia voltado dos mortos. Em primeiro lugar, examinaremos os fatos sobre o próprio sepulcro.

Um Sepulcro em Rocha Sólida

Todos os quatro Evangelhos narram que o corpo de Jesus foi colocado em um sepulcro cortado em uma rocha, e uma grande pedra foi rolada para fechar a sua entrada. Mateus, Lucas e João afirmam que era um sepulcro novo e não usado antes (veja Mt 27.60; Lc 23.53; Jo 19.41). Mateus enfatiza que o sepulcro pertencia a José de Arimateia. Com relação a essas duas informações, William Lane Craig observa: “Os dois detalhes são prováveis, uma vez que o corpo de um criminoso condenado contaminaria os corpos de outros membros familiares que estivessem no sepulcro, e José não poderia tomar a liberdade de depositar o corpo de um criminoso em qualquer sepulcro que encontrasse”.¹

Arqueólogos descobriram três tipos diferentes de sepulcros em rocha, usados durante os tempos de Jesus. Craig os descreve:

(1) *kokim* ou túneis perpendiculares aos muros do sepulcro, com cerca de 2 metros de profundidade, três em cada uma das três paredes internas da sepultura, onde o corpo era inserido, a cabeça em primeiro lugar; (2) *acrosalia* ou nichos semicirculares, 75 centímetros acima do piso, e com 60 ou 90 centímetros de profundidade, contendo uma prateleira ou uma espécie de bandeja sobre a qual era colocado o corpo; (3) espécies de assentos em sepulturas, que formam um assento encostado às três paredes do sepulcro, sobre o qual era posto o corpo.²

Craig continua:

O sepulcro de José é descrito como sendo do tipo de assento ou *acrosalia*; esses tipos de sepulcros eram raros nos dias de Jesus, e reservados para pessoas de posição elevada. Mas na realidade eram usados em Jerusalém durante esse período, como atestam os sepulcros do Sinédrio. Perto da Igreja do Santo Sepulcro, local onde, segundo a tradição, estava o sepulcro de Jesus, foram encontrados sepulcros do tipo *acrosalia* dos tempos de Jesus.³

Esses sepulcros eram fechados, cobrindo-se a abertura com uma pedra em forma de disco, com um peso médio de duas toneladas (veja abaixo mais informações sobre a pedra). Cada sepulcro tinha um sulco cortado na rocha diante dele, que funcionava como uma pista para mover a pedra. O sulco era mais profundo imediatamente diante da entrada, e subia para o lado em ângulo. A pedra em forma de disco era colocada na parte superior do sulco, e um bloco era colocado debaixo dela, para impedir que ela rolasse. Quando o bloco era removido, a pedra rolava para baixo, e se alojava diante da abertura.

Quando o corpo de Jesus foi selado em um sepulcro desse tipo, tirá-lo de lá exigiria um esforço extraordinário.

Recentemente, alguns estudiosos questionaram o sepultamento de Jesus por José de Arimateia, da maneira como está registrado nos Evangelhos. John Dominic Crossan, por exemplo, postulou que, de acordo com os costumes da crucificação, o corpo de Jesus teria sido deixado na cruz, após a crucificação, para ser comido por animais selvagens, ou então atirado em uma cova rasa.⁴

Depois de cuidadosa análise, Craig diz o seguinte, sobre o argumento de Crossan:

Estou perfeitamente ciente de que a grande maioria dos críticos do Novo Testamento afirma a historicidade da afirmação do Evangelho de que o cadáver de Jesus foi enterrado em um sepulcro de um membro do Sinédrio judeu, José de Arimateia. Por isso, pergunto-me, desconcertado, por que um proeminente estudioso como Crossan confrontaria o consenso dos acadêmicos com respeito a essa questão... Você pode imaginar o meu desapontamento quando, consultando as obras de Crossan, descobri que ele não tinha nenhuma evidência particular, e muito menos convincente, para essa alegação; na verdade, era apenas um palpite seu sobre o que aconteceu com o corpo de Jesus.⁵

Temos razões cruciais para crermos no sepultamento de Jesus, conforme apresentado nos Evangelhos. Em primeiro lugar, Paulo confirma a história do sepultamento em 1 Coríntios 15.3-5. Há evidência conclusiva de que Paulo se baseou em material anterior à sua escrita, que pode ser datado de três a oito anos depois da morte de Cristo.⁶ Assim, a história do sepultamento pode ser investigada até uma época tão próxima à ocasião da morte de Jesus que o

desenvolvimento de uma lenda é impossível.

Em segundo lugar, a tradição do sepultamento não está rodeada de adornos nem embelezamento. Ela é narrada de maneira simples e direta.

Em terceiro lugar, não existe nenhuma tradição conflitante com a história do sepultamento. Não há documentos antigos que rejeitem a história do sepultamento, da maneira como é apresentada nos Evangelhos.

Em quarto lugar, como poderiam as autoridades judaicas — que haviam tentado, durante tanto tempo, se livrar de Jesus — não prestar atenção ao seu sepultamento? Podemos crer que eles simplesmente ignoravam para onde foi levado o corpo? Em quinto lugar, é altamente improvável que os cristãos tivessem inventado o personagem de José, um membro do tribunal que condenou Jesus. Por que os cristãos primitivos inventariam um herói que era membro do mesmo tribunal responsável pela morte de Jesus?

Raymond Brown conclui: “O fato de que Jesus foi sepultado é historicamente certo... o fato de que esse sepultamento foi feito por José de Arimateia é muito provável”.⁷ T. Robinson, o falecido professor da Universidade de Cambridge diz que o sepultamento de Jesus no sepulcro é “um dos mais antigos e mais bem comprovados fatos sobre Jesus”.⁸

Os Procedimentos para o Sepultamento Judeu

O Novo Testamento deixa perfeitamente claro que o sepultamento de Cristo seguiu os costumes dos judeus. Jesus foi tirado da cruz e coberto com um lençol. Os judeus eram muito rígidos quanto a não permitir que o corpo permanecesse a noite toda na cruz.

O Sepultamento antes do Pôr do Sol

Josefo diz que o costume judaico em Jerusalém antes da queda, em 70 d.C., era remover a pessoa crucificada e sepultá-la antes do pôr do sol.⁹

O *Babylonian Talmud*, os comentários dos judeus sobre as Escrituras, registra: “Se o cadáver ficar [suspenso da cruz] durante a noite, um mandamento negativo é transgredido, pois está escrito, ‘o seu cadáver não permanecerá no madeiro, mas certamente o enterrarás no mesmo dia, porquanto o pendurado é maldito de Deus’”.¹⁰ O corpo era imediatamente transportado ao local de sepultamento — no caso de Cristo, o sepulcro particular de José de Arimateia.

Preparação do Corpo

O Novo Testamento nos diz que dois homens, Nicodemos e José de Arimateia, prepararam o corpo de Cristo para o sepultamento (veja Jo 19.38-43). Para compreender o significado e a importância desse ato, oferecemos a seguinte informação histórica.

Na preparação de um corpo para o sepultamento, os judeus colocavam-no sobre uma pedra na câmara fúnebre. Em primeiro lugar, o corpo era lavado com água morna. O *Babylonian Talmud* registra que era tão importante lavar o corpo para o sepultamento, que os judeus permitiam que isso fosse feito até mesmo no sábado.

A. P. Bender, em um artigo publicado em *Jewish Quarterly Review* registra que, de acordo com os antigos costumes dos judeus:

A cerimônia de lavar o cadáver não deve ser realizada por uma única pessoa, nem mesmo no caso de uma criança. Além disso, o corpo não deve ser movido de uma posição a outra por um número inferior a duas pessoas. O cadáver é colocado sobre uma pedra, com seus pés voltados para a porta, e coberto com um lençol limpo... Agora o corpo é lavado,

da cabeça aos pés, em água morna, e durante esse processo a boca é coberta, para que não entre água nela.¹¹

Bender explica que o processo de lavar era tão completo que as unhas eram limpas e cortadas com um tipo particular de alfinete, e o cabelo era arrumado.

O Uso de Ervas Aromáticas

Era costume, como verificamos no Novo Testamento, preparar o cadáver (depois de lavá-lo) com vários tipos de ervas aromáticas. No caso do sepultamento de Cristo, foram usadas aproximadamente 34 a 45 quilos de ervas. Essa quantidade poderia ser considerada substancial, mas não era excessiva para um líder. Por exemplo, na preparação do corpo de Gamaliel, neto do respeitado acadêmico judeu Hilel e contemporâneo de Jesus, foram usadas aproximadamente 39 quilos de especiarias. Josefo registra que, quando Herodes morreu, foram necessários 500 servos para carregar as suas especiarias.¹²

O Uso do Linho

Depois que todas as partes do corpo estavam arrumadas, o corpo era envolvido em vestes mortuárias, feitas de linho branco. Não poderia haver nem o mais discreto ou menor ornamento no tecido, que também não poderia apresentar nenhuma mancha.¹³ Os lençóis para o sepulcro eram costurados por mulheres. Não eram permitidos nós. Para alguns, isso indicava que a mente do falecido estava “desembaraçada das preocupações desta vida”.¹⁴ Para outros, indicava a continuidade da alma por toda a eternidade. Nenhum indivíduo podia ser sepultado em menos de três vestes separadas.

Neste ponto, as ervas aromáticas, compostas de fragmentos de uma madeira aromática moída e conhecida como aloés, eram misturadas com uma substância viscosa chamada mirra. Começando pelos pés, o corpo era envolto em linho branco, e as ervas misturadas com a mirra viscosa eram colocadas entre as dobras. As pessoas que preparavam o corpo envolviam o torso até as axilas, depois abaixavam os braços do lado de fora do lençol, e então envolviam até o pescoço. Um lençol separado envolvia a cabeça. O invólucro final poderia pesar entre 53 e 54 quilos.

João Crisóstomo, no século IV d.C. comentou que a “mirra usada era uma droga que adere tanto ao corpo que os lençóis mortuários não podiam ser

facilmente removidos”.¹⁵

Precaução de Segurança: A Enorme Pedra

Já mencionamos brevemente a pedra que cobria a entrada dos sepulcros judeus. Agora vamos abordar fatos adicionais sobre o tamanho dessas pedras, uma vez que essa informação será importante mais adiante. Mateus registra em seus textos que uma grande pedra foi rolada contra a entrada do sepulcro. O Evangelho de Pedro, um Evangelho apócrifo do século II, concorda que a pedra era grande. Marcos, em seu Evangelho, diz que a pedra era “muito grande” (16.4). Quão grande era a pedra que foi rolada diante do sepulcro de Jesus?

Depois de uma palestra que eu (Josh) fiz em Georgia Tech, dois professores de engenharia fizeram uma viagem a Israel com outros membros da faculdade. Eles se lembraram dos comentários que eu havia feito sobre o tamanho da pedra. Assim, sendo engenheiros, tomaram o tipo de pedra usado na época de Cristo e calcularam o tamanho necessário para cobrir a entrada do sepulcro.

Posteriormente, eles me escreveram uma carta, detalhando todos os seus cuidadosos cálculos em termos técnicos precisos. Eles disseram que uma pedra desse tamanho deveria ter um peso mínimo de uma tonelada e meia a duas toneladas. Não é de admirar que Mateus e Marcos dissessem que a pedra era extremamente grande.

Poderíamos nos perguntar: “Se a pedra era tão grande, como José conseguiu colocá-la na posição adequada?” A resposta é que ele simplesmente deixou que a gravidade fizesse isso para ele. Como explicamos acima, ela tinha sido mantida no lugar com um peso, colocada em um sulco que descia até a entrada do sepulcro. Quando o peso era removido, a pesada pedra circular rolava à sua posição. Embora fosse fácil rolar a pedra à sua posição, seria necessária uma força humana considerável para removê-la da entrada do sepulcro. A grande pedra teria proporcionado segurança adicional contra a suspeita dos judeus de que os discípulos de Jesus tentariam roubar o corpo dEle.

Precaução de Segurança: A Guarda Romana

Os oficiais judeus entraram em pânico, porque milhares de pessoas se convertiam a Cristo. Para evitar um problema político, era para o benefício de romanos e judeus assegurarem-se de que Jesus fosse removido para sempre. Depois da crucificação, então, os principais dos sacerdotes e os fariseus disseram a Pilatos:

Senhor, lembramo-nos de que aquele enganador, vivendo ainda, disse: Depois de três dias, ressuscitarei. Manda, pois, que o sepulcro seja guardado com segurança até ao terceiro dia; não se dê o caso que os seus discípulos vão de noite, e o furem, e digam ao povo: Ressuscitou dos mortos; e assim o último erro será pior do que o primeiro. E disse-lhes Pilatos: Tendes a guarda; ide, guardai-o como entenderdes. E, indo eles, seguraram o sepulcro com a guarda, selando a pedra. (Mt 27.63-66)

Algumas pessoas argumentam que Pilatos estava dizendo, na realidade: “Vejam, vocês têm a sua polícia do Templo. Levem-nos e tratem de proteger o sepulcro”.

Se era a polícia do Templo que protegia o sepulcro de Jesus, esta unidade não teria se descuidado em seu serviço. Os guardas do Templo eram responsáveis pela proteção dos átrios e das portas do Templo. Uma unidade consistia de dez levitas que eram colocados em guarda, em locais estratégicos ao redor do Templo. Havia 27 dessas unidades, ou um total de 270 homens em serviço.

Os guardas eram exaustivamente treinados, e a disciplina militar da guarda era excelente. Na verdade, à noite, se o capitão encontrasse um membro da guarda adormecido, esse guarda era espancado e queimado com as suas próprias vestes.¹⁶ Um membro da guarda também era proibido de se sentar ou se apoiar em qualquer coisa enquanto estivesse em guarda.¹⁷

No entanto, estamos convencidos de que foi a guarda romana a incumbida de proteger o sepulcro de Cristo. A. T. Robertson, famoso acadêmico grego, diz que a resposta de Pilatos ao pedido dos judeus está no imperativo presente, e pode se referir apenas a uma guarda romana, e não à polícia do Templo. De acordo com ele, Pilatos disse literalmente: “Tomem uma guarda”.

Robertson acrescenta que a forma latina *koustodia*, o termo que Pilatos usou na passagem para designar a guarda que ele autorizava, ocorre já em documentos tão antigos como o *Oxyrhynchus papyrus* (22 d.C.). Esse termo é sempre usado apenas em referência à guarda romana.¹⁸ Pilatos desejava evitar qualquer sabotagem com o sepulcro de Jesus, de modo que é muito provável que ele desejasse que os seus próprios soldados guardassem o sepulcro.

O grande estudioso do Novo Testamento, Raymond Brown, oferece cinco razões por que a guarda era romana:

1. O Evangelho apócrifo de Pedro entende claramente que Pilatos ofereceu

- soldados romanos para proteger o sepulcro.
2. Se os líderes judeus tivessem desejado usar a sua própria polícia do Templo, por que teriam pedido a ajuda de Pilatos?
 3. O uso que Mateus faz da palavra *koustodia* combina com a imagem de um governador romano designando soldados romanos.
 4. Mateus se refere aos guardas como “soldados”, o plural de *stratiotes*. Vinte e dois, entre vinte e seis usos de *stratiotes* no Novo Testamento referem-se a soldados romanos. Em três outras referências (At 12.4,6,18), *stratiotes* se refere aos soldados do rei Herodes Agripa I. O Novo Testamento nunca usa o termo para se referir à polícia do Templo.
 5. Se os guardas fossem judeus, por que teriam de responder ao governador de Roma por deixar de cumprir os seus deveres, como sugere Mateus 28.14?¹⁹

Também digno de nota é o fato de que João narra o envolvimento de uma coorte romana na prisão de Jesus (veja 18.12). Isso deixa claro que as autoridades romanas estavam profundamente interessadas no destino de Jesus. Como observou John Wenham: “É um grande engano subestimar a ansiedade que os seguidores de Jesus causaram às autoridades”.²⁰ A prisão de Jesus por uma coorte romana também abre precedência para a narrativa de soldados romanos designados a autoridades romanas, em casos especiais.

Como diz o Dr. Brown acima, se os sacerdotes tivessem desejado colocar a polícia do Templo para proteger o sepulcro, não precisariam das ordens do governador para fazer isso. O seu pedido indica que desejavam que lhes fosse designada uma unidade de soldados romanos. A confirmação de que este era o caso vem do fato de que os soldados romanos posteriormente foram até os principais dos sacerdotes, em busca de proteção, porque sabiam que eles teriam influência sobre Pilatos: “Se isso chegar a ser ouvido pelo governador, nós o persuadiremos e vos poremos em segurança” (Mt 28.14).

Neste ponto, um crítico poderia dizer: “Veja, os guardas vieram até o sumo sacerdote. Isso mostra que eram a guarda do Templo”. No entanto, o contexto é claro: eles vieram até o sumo sacerdote porque este tinha influência com as autoridades romanas, e apelar a ele era a única maneira possível de salvar os seus pescoços do castigo romano pelo fracasso. Qual foi o seu fracasso? Eles tinham recebido a ordem de proteger o sepulcro de Jesus para impedir que o corpo fosse roubado, e agora o corpo havia desaparecido. Eles contaram ao sumo sacerdote que viram um anjo tão reluzente como um relâmpago descer do

céu e mover a pedra antes que desmaiassem de terror. O sumo sacerdote não podia permitir que essa história fosse conhecida, e por isso subornou os guardas para dizerem que os discípulos de Jesus haviam roubado o corpo enquanto eles dormiam (veja Mt 28.11-15). Esse suborno não teria lógica se esses guardas pertencessem à polícia do Templo. Como o sumo sacerdote era seu superior, uma simples ordem teria sido suficiente. Em vez disso, o sacerdote deu dinheiro aos guardas e lhes assegurou que interviria para salvar suas vidas quando as notícias chegassem a Pilatos.

Alguns objetaram à história dos guardas, com base no fato de que é altamente improvável que os estes tivessem aceitado um suborno das autoridades judaicas. Considerando o que se sabe a respeito dos soldados romanos, dizem que aceitar um suborno parece muito improvável. O fato de que o exército romano tinha uma disciplina notável, no entanto, não torna o suborno implausível, nem mesmo improvável. Na verdade, Tácito fala de um caso em que guardas descuidados dormiram em vigília, e quase permitiram que seu general fosse aprisionado. Para se proteger, eles usaram o comportamento censurável do general (que estava longe de seu posto, dormindo com uma mulher) como escudo. Raymond Brown conclui: “Em outras palavras, barganhas eram possíveis, e não é implausível que Pilatos pudesse ter estado tão disposto quanto os judeus a silenciar a história dos guardas sobre a ressurreição”.²¹

Outros afirmam que os guardas nunca teriam aceitado o suborno porque isso poderia ser o mesmo que aceitar a sua própria sentença de morte. Essa crítica é culpada de *chegar a uma conclusão falsa* porque, para ter alguma força, ela precisa supor que os eventos narrados por Mateus são falsos. Se Jesus não ressuscitou, então seria tolice que eles aceitassem um suborno, porque era provável que seriam executados por permitir o roubo do corpo, algo que foram especificamente incumbidos de impedir. Se a história de Mateus é verdadeira, no entanto, então ir até os judeus e aceitar o suborno pode ter sido a sua maior chance de sobrevivência, pois eles seriam cúmplices dos judeus e dos romanos para encobrir fatos que nenhum deles desejava que se tornassem conhecidos.

O que Era uma Guarda Romana?

Não se deixe enganar pela palavra grega *koustodia* aplicada aos guardas romanos. Neste caso, *custódio* ou guardião não significa alguém que toma conta de um edifício. As famosas legiões romanas eram guardiãs, no sentido

de que eram o instrumento pelo qual César mantinha a custódia de seu vasto império. O vasto Império Romano devia a sua existência e continuidade a esses guerreiros impecavelmente treinados, que estavam entre as maiores máquinas de combate já imaginadas.

A importância do exército romano é enfatizada por Flávio Vegítio Renato. Historiador militar, ele viveu várias centenas de anos depois dos tempos de Cristo, quando o exército romano havia começado a se deteriorar na sua disciplina. Ele escreveu um manual para Valentiniano, o imperador romano, encorajando-o a instilar os métodos de combate ofensivo e defensivo usados pelos romanos durante o século I, quando ainda eram altamente disciplinados. Chamado *The Military Institutes of the Romans*, ainda hoje é um clássico. Vegítio escreveu:

A vitória na guerra não depende inteiramente de números ou mera coragem; somente talento e disciplina a assegurarão. Nós vemos que os romanos deveram... a conquista do mundo a nenhuma outra causa além de seu contínuo treinamento militar, rígida observância de disciplina em seus acampamentos e o cultivo incansável das outras artes de guerra.²²

Em seu livro *Life in the Roman World of Nero and St. Paul*, T. G. Tucker enfatiza que, quando um guarda entra na sua unidade, “precisa fazer um juramento solene de que obedecerá lealmente a todas as ordens de seu comandante supremo, o imperador, representado pelos subordinados do imperador, os seus oficiais imediatos. Esse juramento ele repetirá cada dia primeiro de janeiro, e no aniversário da ascensão do imperador ao trono”.²³

Imagens desdenhosas do sepulcro de Cristo mostram um ou dois guardas com lanças de madeira e saias curtas. Isso é realmente motivo de riso e não poderia estar mais distante da verdade. Muitos recursos excelentes que confirmam a disciplina do exército romano nos dizem que uma unidade da guarda romana tinha 4 a 16 homens. Cada homem era treinado para proteger 1,8 metros de terreno. Os 16 homens, em um quadrado formado por 4 de cada lado, deveriam proteger quase 33 metros e defendê-lo de um batalhão completo.²⁴

Normalmente, uma unidade encarregada de proteger uma área trabalharia dessa maneira: 4 homens eram colocados imediatamente diante do que deviam proteger. Os 12 outros homens dormiam em um semicírculo, diante deles, com

as cabeças apontando para o interior. Para roubar desses guardas o que eles estavam protegendo, os ladrões teriam de passar por cima dos guardas que estavam dormindo. A cada quatro horas, outra unidade de quatro guardas era despertada, e os que haviam ficado acordados iam dormir. Eles faziam esse rodízio o tempo todo.

Como exemplo, o historiador, Dr. Paul Maier escreveu sobre o incidente no livro de Atos, em que Pedro foi aprisionado. “Pedro estaria protegido por quatro batalhões de quatro homens cada, quando aprisionado por Herodes Agripa (At 12), de modo que 16 seria o número mínimo esperado do lado de fora da prisão. Nos tempos antigos, os guardas sempre dormiam em turnos, de modo que teria sido praticamente impossível que um grupo de ataque tivesse passado sobre os homens adormecidos sem despertá-los”.²⁵

Até mesmo Mateus indicou uma força de vários homens, quando escreveu que “*alguns* da guarda, chegando à cidade, anunciaram aos príncipes dos sacerdotes todas as coisas que haviam acontecido” (Mt 28.11, ênfase minha). Assim, tanto a narrativa bíblica como a história independente nos dizem que a unidade militar que protegia o sepulcro de Jesus era um número significativo de homens, todos altamente treinados e disciplinados.

Respostas às Objeções a Respeito da Guarda Romana

Desde que *The Resurrection Factor* foi escrito em 1981, foram feitas algumas objeções básicas quanto à historicidade da guarda romana. Trataremos agora dessas objeções.

Objeção nº 1: Provavelmente a objeção mais comum é a de que a história de Mateus é uma lenda apologética. Com frequência enfatiza-se que a sentença “E foi divulgado esse dito entre os judeus, até ao dia de hoje” (28.15) sugere que o autor estava escrevendo anos antes dos eventos reais, possibilitando, desta maneira, tempo para o crescimento da lenda. No entanto, como já vimos, existe poderosa evidência de que o Evangelho de Mateus foi escrito durante a vida dos que haviam testemunhado os eventos, o que quer dizer que não houve tempo suficiente para o desenvolvimento da lenda.

No entanto, John Wenham, um estudioso bíblico anglicano, disse que a história da guarda “apresenta abundância de improbabilidades em todos os lados: a visita ao governador no sábado, o grande terremoto, o anjo como um relâmpago rolando a pedra, a narrativa aos principais dos sacerdotes, o suborno aos soldados para contar a história de que *havia dormido em serviço* — tudo convida não à crença, mas à incredulidade. E como é

estúpido, tendo introduzido a útil ideia apologética de um sepulcro fortemente guardado, dar um pretexto à oposição, sugerindo que os guardas não haviam feito o seu trabalho! É uma apologética cristã inútil, qualquer que seja a data em que foi escrita, *a menos que seja inegavelmente verdade*”.²⁶

Provavelmente o mais forte argumento em favor da história da guarda (e contrário ao fato de ser uma lenda apologética) está no antigo debate judaico-cristão sobre a ressurreição. William Lane Craig explica:

Pense nas declarações e refutações sobre a ressurreição, que iam de um lado a outro entre os judeus e cristãos no século I. A proclamação inicial dos cristãos foi: “Jesus ressuscitou”. Os judeus responderam: “Os discípulos roubaram o seu corpo”. A isto, os cristãos responderam: “Ah, mas os guardas do sepulcro teriam impedido esse roubo”. Os judeus responderam: “Oh, mas os guardas do sepulcro dormiram”. A isto, os cristãos retrucaram: “Não, os judeus subornaram os guardas para que dissessem que haviam adormecido”. Se não houvesse nenhum guarda, o diálogo teria sido assim: Em resposta à declaração “Jesus ressuscitou”, os judeus diriam: “Não, os discípulos roubaram o seu corpo”. Os cristãos retrucariam: “Mas os guardas teriam impedido o roubo”. Então a resposta dos judeus teria sido: “Quais guardas? Vocês estão loucos! Não havia nenhum guarda!” Mas a história nos diz que não foi isso o que os judeus disseram. Isso sugere que os guardas realmente eram históricos e que os judeus sabiam disso, que é o motivo pelo qual eles tiveram de inventar a absurda história de que os guardas tinham adormecido enquanto os discípulos levaram o corpo.²⁷

É bem provável que os cristãos primitivos criassem uma história sobre uma guarda junto ao sepulcro que muitas pessoas, incluindo as autoridades judaicas, soubessem que era falsa.

Objeção nº 2: Alguns descartam a história da guarda, porque ela aparece em apenas um dos quatro Evangelhos: o de Mateus. Embora seja verdade que Marcos, Lucas e João não mencionam a história, o Evangelho apócrifo de Pedro, provavelmente escrito por volta de 150 d.C., a menciona. É provável que o Evangelho de Pedro registre uma tradição da história da guarda que é independente do Evangelho de Mateus, uma vez que praticamente não há

similaridades nas palavras usadas nas duas narrativas.²⁸ Como a história da guarda foi transmitida por pelo menos duas tradições diferentes, é muito improvável que fosse uma lenda.

Objeção n° 3: Alguns se perguntam por que os judeus colocaram guardas no sepulcro, para começar. O fato de que tenham feito isso indicaria que tinham um entendimento melhor da ressurreição de Jesus em três dias do que os discípulos, o que parece difícil de crer. A guarda, no entanto, não era incomum no exército romano. Quando necessário, os guardas protegiam regularmente o corpo de criminosos executados, em várias províncias romanas.²⁹

Outra possibilidade é a de que os guardas foram colocados no sepulcro para impedir qualquer tipo de roubo ao sepulcro ou outros tumultos potenciais durante a Páscoa. A Páscoa era um período de incrível atividade em Jerusalém — o exército romano não desejaria permitir quaisquer possíveis tumultos durante a festa.

No entanto, a maior possibilidade é o que encontramos em Mateus 27.62-64, quando as autoridades judaicas dizem a Pilatos que desejam a guarda, porque ouviram a predição de Jesus sobre a sua própria ressurreição e temiam que os seus discípulos roubassem o corpo, para dar a entender que a ressurreição realmente tinha acontecido.

John Wenham acredita que essa passagem tem sinais de verdade: “Certamente não há razão por que as autoridades judaicas não tivessem ouvido falar sobre uma ressurreição no terceiro dia... Na busca por evidências herméticas, eles devem ter ponderado sobre cada palavra, e é muito improvável que as palavras de Jesus sobre a sua ressurreição no terceiro dia não tivessem chegado aos seus ouvidos. Assim, é provável que eles de fato temessem as consequências de uma trama bem-sucedida de simular uma ressurreição”.³⁰

A história da guarda romana no sepulcro de Jesus, como mostram essas evidências, tem os sinais de genuína historicidade.

Precaução de Segurança: O Selo Romano

Mateus registra que “seguraram o sepulcro com a guarda, selando a pedra” (Mt 27.66). A. T. Robertson diz que a pedra podia ser selada apenas na presença dos guardas romanos que ficaram incumbidos da proteção ao sepulcro. O propósito deste procedimento era impedir que qualquer pessoa mexesse indevidamente no conteúdo do sepulcro.

Depois que os guardas inspecionaram o sepulcro e rolaram a pedra, colocando-a no lugar, foi estendida uma corda transversalmente à pedra, e presa, dos dois lados, com um selo de barro. Finalmente, os selos de barro recebiam o selo oficial do governador romano.

Um paralelo a isso é visto no livro de Daniel, no Antigo Testamento: “E foi trazida uma pedra e foi posta sobre a boca da cova; e o rei a selou com o seu anel e com o anel dos seus grandes, para que se não mudasse a sentença acerca de Daniel” (Dn 6.17).

Henry Sumner Maine, anteriormente membro da Suprema Corte da Índia e ex-professor de direito civil na Universidade de Cambridge, disse sobre o selo romano: “Na antiguidade, os selos eram considerados como um modo de autenticação”.³¹ Autenticar alguma coisa significa apenas provar que ela é real ou genuína. Como o selo era romano, também verificava o fato de que o corpo de Cristo estava protegido de vândalos por nada menos do que o poder e a autoridade do Império Romano. Quem quer que tentasse mover a pedra teria rompido o selo e incorrido na ira da lei e do poder romano.

Em Nazaré, foi encontrada uma placa de mármore, com uma advertência aos ladrões de sepulcros. Ela estava escrita em grego, e dizia: “Decreto de César. É meu prazer que os sepulcros e as tumbas permaneçam perpetuamente sem serem perturbadas por aqueles que as fizeram para o culto de seus ancestrais, ou filhos, ou membros de sua casa... Fica terminantemente proibido que qualquer pessoa os viole. Em caso de violação, desejo que o criminoso seja sentenciado à pena de morte, sob acusação de violação de sepulcro”.³²

Maier observa: “Todos os decretos romanos anteriores, a respeito de violação de sepulcros, estabeleciam apenas uma elevada multa, e nós nos perguntamos qual teria sido a suposta infração grave que teria levado o governo romano e enrijecer a punição, precisamente na Palestina, e a erigir um aviso sobre isso, especificamente em Nazaré ou seus arredores”.³³ Isso poderia ser uma reação à comoção causada pela ressurreição de Cristo. O Dr.

Norman Geisler conclui:

Uma explicação provável é que Cláudio, tendo ouvido falar sobre a doutrina cristã da ressurreição e o sepulcro vazio de Jesus quando investigava os tumultos de 49 d.C., decidiu não permitir que aparecesse nenhuma narrativa do mesmo tipo. Isso faria sentido, considerando o argumento judeu de que o corpo havia sido roubado (Mt 28.11-15). Esse é um testemunho antigo da forte e persistente crença de que Jesus ressuscitou dos mortos.³⁴

Neste capítulo, apresentamos relatos de eventos envolvidos no sepultamento de Jesus Cristo, observando várias explicações de ceticismo, e dando-lhe a evidência que respalda a forte probabilidade de que os relatos desses eventos eram completamente verdadeiros. Todas as informações deste capítulo e do anterior são preliminares à verificação dos eventos que envolvem a ressurreição de Cristo. Nos capítulos seguintes, nós lhe mostraremos como os eventos que exploramos aqui são cruciais para entender e comprovar o fato da ressurreição.

FATATOS DA RESSURREIÇÃO QUE DEVEM SER CONSIDERADOS

Independentemente daquilo em que cremos sobre Cristo e a sua ressurreição, todos temos de admitir que alguma coisa significativa aconteceu naquela manhã — significativa o suficiente para alterar o curso da história, a ponto de mudar o calendário, de a.C. (antes de Cristo) para d.C. (depois de Cristo, ou, em latim, a.D. *anno domini* — o ano do Senhor).

Esta “alguma coisa” foi tão dramática que transformou completamente a vida de 11 homens, capacitando-os, a partir de então, a suportar maus-tratos, sofrimento e até mesmo a morte. Essa “alguma coisa” era um sepulcro vazio! Um sepulcro vazio a quinze minutos de caminhada do centro de Jerusalém poderia facilmente ser confirmado ou refutado. Narrativas desse sepulcro vazio e das aparições de ressurreição de Jesus Cristo abalaram as bases do pensamento e moldaram o curso da história a partir de então. Obviamente, alguma coisa aconteceu. Alguma coisa importante.

Se você deseja racionalizar e descartar os eventos a respeito de Cristo e da sua ressurreição, precisa lidar com certos aspectos imponderáveis. Na verdade, você pode dizer que tanto os judeus como os romanos se superaram quando tomaram tantas precauções para se certificar de que Jesus estava morto e permanecia na sepultura. O fato de que alguma coisa aconteceu, apesar das precauções de segurança que observamos nos capítulos anteriores — a crucificação, o sepultamento, o selo e a guarda no sepulcro —, tornam muito difícil que os críticos defendam a sua posição de que Cristo não ressuscitou dos mortos.

Vamos considerar essas precauções de segurança novamente, e examinar os fatos subsequentes a respeito delas.

Fato Número 1: O Selo Romano É Rompido

Na manhã de Páscoa, o selo que representava o poder e a autoridade do Império Romano estava rompido. Ninguém nega este fato. As consequências de romper o selo eram severas. O FBI e a CIA do Império Romano eram chamados para encontrar a pessoa ou as pessoas responsáveis. Depois de presos, receberiam severa punição. Os discípulos de Cristo teriam rompido esse selo? Dificilmente! Depois da prisão de Jesus, eles mostraram sinais de covardia e se esconderam. Pedro até mesmo negou que conhecesse Cristo.

Fato Número 2: O Sepulcro Está Vazio

Outro fato óbvio daquela manhã de domingo foi o sepulcro vazio. Ninguém nunca negou que o sepulcro estivesse vazio. É significativo que, depois da ressurreição, os discípulos de Cristo, repentinamente encorajados, não partiram para Atenas ou Roma, para pregar que Ele havia ressuscitado, mas retornaram à cidade de Jerusalém onde, se aquilo que estavam afirmando fosse falso, a sua mensagem seria refutada com facilidade. A declaração de ressurreição não poderia ter sido mantida por um momento em Jerusalém se o sepulcro não estivesse vazio. O Dr. Paul Maier explica:

Onde começou o cristianismo? A esta pergunta, a resposta deve ser: “Um único lugar na terra — a cidade de Jerusalém”. Mas este é o *último* lugar onde ele poderia ter começado, se o sepulcro de Jesus tivesse permanecido ocupado, uma vez que alguém que apresentasse um Jesus morto teria atravessado com uma estaca de madeira o coração de um cristianismo incipiente, inflamado pela sua suposta ressurreição. O que aconteceu em Jerusalém, sete semanas depois da primeira Páscoa, só poderia ter acontecido se o corpo de Jesus, de alguma maneira, tivesse desaparecido do sepulcro de José, pois caso contrário o estabelecimento do Templo, em seu *imbroglio* com os apóstolos, teria simplesmente abortado o movimento, fazendo uma curta jornada ao sepulcro de José de Arimateia e revelando a Prova A. Isso não acontece, porque eles sabiam que o sepulcro estava vazio. A sua explicação oficial para isso — que os discípulos haviam roubado o corpo — era uma admissão de que o sepulcro estava, realmente, vazio.¹

O filósofo Stephen Davis observa: “A proclamação cristã antiga da ressurreição de Jesus em Jerusalém teria sido psicológica e apologeticamente impossível, sem uma segurança segura de um sepulcro vazio... em outras palavras, sem a evidência segura e consensual de um sepulcro vazio, as declarações dos apóstolos teriam estado sujeitas à massiva falsificação pela simples preservação do corpo”.²

As fontes e tradições judaicas, e também as romanas, reconhecem um

sepulcro vazio. Essas fontes vão desde Josefo, o historiador judeu, até uma compilação de textos judaicos do século V, chamada *Toledoth Jeshu*. Maier chama isso de “evidência positiva de uma fonte hostil, que é o tipo mais forte de evidência histórica. Em essência, isso quer dizer que se uma fonte admite um fato decididamente *não* em seu favor, então esse fato é genuíno”.³

Gamaliel, um membro do Sinédrio, apresenta a sugestão de que o movimento cristão era de Deus (veja At 5.34-42). Ele não poderia ter feito isso se o sepulcro estivesse ocupado ou se o Sinédrio tivesse conhecido o paradeiro do corpo de Cristo.

Até mesmo Justino Mártir, em sua obra *Dialogue with Trypho* (escrita por volta de 130 d.C.), narra que as autoridades de Jerusalém enviaram representantes especiais por todo o mundo mediterrâneo, a fim de refutar a história do sepulcro vazio com a explicação de que os seus seguidores haviam roubado o corpo. Esta foi a primeira refutação à declaração de um sepulcro vazio (veja Mt 28.11-15). Por que as autoridades judaicas subornariam os guardas romanos e propagariam a explicação de “corpo roubado” se o sepulcro estivesse ocupado?

O historiador Ron Sider concluiu: “Se os cristãos e seus oponentes judeus concordavam que o sepulcro estava vazio, temos pouca escolha, exceto aceitar o sepulcro vazio como um fato histórico”.⁴ De igual maneira, o Dr. J. P. Moreland observa que “as únicas explicações para a ressurreição de Jesus, de que temos evidência, pressupõem um sepulcro vazio, independentemente de essa explicação ser oferecida por um amigo ou por um adversário do cristianismo. Esta é uma forte evidência de que o sepulcro estava, na realidade, vazio”.⁵

A veneração ritual dos sepulcros dos heróis estava bastante confirmada no mundo antigo da Grécia e Roma.⁶ Pelo menos 50 sepulcros de profetas ou líderes religiosos eram venerados como santuários na Palestina durante a época de Jesus.⁷ Mesmo hoje, é comum que o sepulcro de um importante líder religioso seja venerado como um santuário. Os muçulmanos fazem peregrinações anuais a Meca em honra de Maomé. Os hinduístas e budistas visitam os sepulcros de seus guias espirituais, e os judeus visitam o sepulcro de Abraão, em Hebrom.

Embora o sepulcro de Tiago, o irmão de Jesus, fosse bem conhecido,⁸ ninguém conhece hoje a localização do sepulcro de Jesus. Por quê? O advogado Frank Morrison explica: “Não conseguimos encontrar nos registros

contemporâneos nenhum vestígio de um sepulcro ou santuário que tenha se tornado o centro de veneração ou adoração que contivesse os restos de Jesus. Isso é inconcebível, se tivesse sido seriamente declarado naquela época que Jesus foi, na realidade, sepultado em outro lugar, que não o sepulcro vazio. Os boatos teriam mencionado centenas de supostos lugares onde os restos realmente estariam, e incontáveis peregrinações teriam sido feitas até eles”.⁹

Por que o sepulcro de Jesus não foi venerado como um santuário? J. P. Moreland responde: “A resposta mais razoável deve ser que o corpo de Jesus não estava no sepulcro, e assim o sepulcro não seria considerado um local apropriado para tal veneração”.¹⁰ Sabe-se que quando os cristãos vão ver o local de sepultamento de Cristo, eles vão ver um sepulcro vazio. Há algum outro grupo religioso que faça isso? Alguns objetaram à história do sepulcro vazio afirmando que era o desenvolvimento de uma lenda ou um recurso apologético, em vez de um fato histórico. Stephen Davis responde: “A tradição do sepulcro vazio simplesmente não tem as características que esperaríamos que tivesse se fosse um recurso apologético inventado, destinado a convencer os leitores de que Jesus de fato ressuscitou. Para começar, o sepulcro vazio não tem um papel apologético no Novo Testamento. Longe de ser apresentado como um argumento irrefutável em favor da ressurreição, o sepulcro vazio é retratado, na verdade, como um enigma, um fato desconcertante que ninguém, a princípio, é capaz de explicar”.¹¹

Uma das evidências mais convincentes que mostram que a história do sepulcro vazio não era um recurso apologético nem uma lenda é o fato de que foram mulheres que descobriram que ele estava vazio. Na Palestina do século I, as mulheres tinham uma condição inferior, como cidadãs ou como testemunhas legais. Exceto em raras circunstâncias, a lei dos judeus impedia que as mulheres dessem testemunho em um tribunal. Por que os que desejavam promover o cristianismo teriam inventado uma lenda que envergonharia os discípulos — os proponentes essenciais da nova fé — fazendo com que eles fugissem durante a crucificação, e ainda fazendo com que mulheres se aproximassem corajosamente do sepulcro e dessem o primeiro testemunho de que ele estava vazio? Essa lenda não teria servido ao propósito de promover a causa. O bom senso nos diz que a única razão por que as mulheres são as primeiras testemunhas é porque essa era a verdade. O acadêmico deísta Dale Allison observou: “A descoberta do sepulcro vazio por Maria Madalena e outras mulheres se caracteriza como provável não ficção”.¹²

O Dr. Paul Maier observa, corretamente, que “se os relatos da ressurreição

tivessem sido inventados... *nunca* teriam sido incluídas mulheres na história, pelo menos, não como as primeiras testemunhas”.¹³

Poderíamos perguntar: “Por que essas mulheres foram ao sepulcro, uma vez que a unidade de segurança romana estava guardando o sepulcro?” Isso é bastante simples. As mulheres não sabiam que a guarda romana havia sido posta, e vinham para unguir o corpo de Cristo sobre os tecidos mortuários, com uma mistura de especiarias e perfume. Na sexta-feira, elas haviam observado a preparação do corpo, em uma área fúnebre privada. Elas viviam em Betânia, subúrbio de Jerusalém e por isso não estavam cientes da atitude dos romanos e judeus de instalarem uma segurança extra no local do sepultamento de Cristo (lembre-se de que nessa época não existia a CNN!).

E, finalmente, a história do sepulcro vazio, narrada nos Evangelhos, não se encaixa nos típicos textos lendários. W. L. Craig comenta a respeito da simplicidade da história do sepulcro vazio narrada por Marcos: “As narrativas apócrifas ficcionais do século II contêm todos os tipos de narrativas floreadas, em que Jesus sai do sepulcro em glória e poder, diante dos olhos de todos, incluindo os sacerdotes, as autoridades judaicas e os guardas romanos. Assim se criam as lendas, mas elas não aparecem antes de gerações inteiras depois dos eventos, depois que as testemunhas oculares já estão mortas. Por outro lado, a narrativa de Marcos sobre a história do sepulcro vazio é inflexível na sua simplicidade, e é desprovida de qualquer adorno por parte da reflexão teológica”.¹⁴ A simplicidade da narrativa dos Evangelhos sobre o sepulcro vazio — em comparação com narrativas lendárias — é evidência poderosa em favor da sua autenticidade.

Em seu livro *The Son Rises*, Craig apresenta dez linhas de evidência em favor do sepulcro vazio e mostra como a ressurreição de Jesus é a mais provável explicação. Depois de sua análise histórica, Craig conclui: “Vemos que dez linhas de evidência histórica combinam entre si, para colocar o peso da evidência solidamente a favor do fato histórico de que o sepulcro de Cristo foi encontrado vazio no domingo, depois da sua crucificação e do seu sepultamento”.¹⁵

Até mesmo o respeitado e talentoso historiador Michael Grant, que não é seguidor de Cristo, conclui: “Mas se aplicarmos o mesmo tipo de critério que aplicaríamos a qualquer outra fonte literária antiga, então a evidência é firme e plausível o suficiente para exigir a conclusão de que o sepulcro realmente foi encontrado vazio”.¹⁶

Fato Número 3: A Grande Pedra É Removida

A primeira coisa que impressionou as pessoas que vieram ao sepulcro naquela manhã de domingo foi a posição incomum em que a pedra de uma tonelada e meia a duas toneladas tinha sido colocada diante da entrada. Todos os autores do Evangelho mencionam a remoção da enorme pedra.

Por exemplo, Mateus 27.60 diz que José, “rolando uma grande pedra para a porta do sepulcro, foi-se”. Aqui, a palavra grega para “rolar” é *kulio*. Marcos usou a mesma raiz em seu Evangelho, mas no capítulo 16 ele acrescentou uma preposição para explicar a posição da pedra depois da ressurreição. Em grego, como em inglês, para modificar a direção de um verbo ou intensificá-lo, acrescenta-se uma preposição. Marcos acrescentou a preposição *ana*, que significa “para cima”, ou em direção ascendente. Assim *anakulio* pode significar “rolar alguma coisa para cima, em um curso inclinado”. O uso que Marcos faz desse verbo indica que a nova posição da pedra era sobre uma encosta ou um talude, com relação à sua posição original.

Na verdade, essa pedra estava tão “acima na encosta” que Lucas usou a mesma raiz, *kulio*, mas acrescentou uma preposição diferente, *apo*, que pode significar, de acordo com os léxicos gregos, “uma separação de”, ou “a alguma distância de”. *Apokulio*, então, significa rolar um objeto de outro, afastando-o, de modo que ele “fica separado por alguma distância”. Lucas nos diz que as mulheres viram que a pedra havia sido movida a alguma distância do sepulcro.

Na verdade, a pedra estava em uma posição tão afastada do sepulcro, sobre uma encosta, que João (no capítulo 20 de seu Evangelho) teve que usar um verbo diferente em grego, *airo*, que, de acordo com o dicionário de Arndt e Gingrich, significa “pegar alguma coisa e levá-la embora”.

Aqui está a pergunta que resulta disso: Se os discípulos tivessem vindo e andado na ponta dos pés em volta dos guardas adormecidos, por que teriam movido a pedra de uma tonelada e meia a duas toneladas para cima do talude, afastando-a do sepulcro, em uma posição que parecia como se alguém a tivesse retirado dali? O esforço desnecessário teria sido ruidoso e teria consumido tempo e energia valiosos. Esses soldados teriam que ser surdos para não ouvir uma movimentação desta natureza.

Fato Número 4:

A Guarda Romana se Ausenta, sem Permissão

A guarda romana fugiu. Eles deixaram o local pelo qual estavam responsáveis. Este é um fato muito estranho, que precisa ser explicado.

O Dr. George Currie, que estudou cuidadosamente a disciplina militar dos romanos, narra que a pena de morte era aplicada por várias falhas no dever, como desertar, perder as armas ou deixá-las de lado, informar o inimigo dos planos do exército, recusar-se a proteger um oficial, e abandonar a vigília da noite. Às falhas acima, poderíamos acrescentar “adormecer em serviço”. Se não ficasse claro qual dos soldados havia falhado no dever, então eram lançadas sortes para ver quem seria punido com a morte pela falha dos guardas.

Uma maneira de executar um guarda era despi-lo de suas vestes e queimá-lo vivo, em um fogo iniciado com as vestes. A história da disciplina e segurança romanas testifica o fato de que se o sepulcro não estivesse vazio, os soldados nunca teriam deixado a sua posição. O medo da ira de seus superiores e a consequente pena de morte significava que eles prestavam muita atenção aos mínimos detalhes de seu trabalho.

O Dr. Currie observa: “A punição por deixar um posto era a morte, segundo as leis. O mais famoso discurso sobre a rigidez da disciplina no acampamento é o de Políbio VI. 37, 38, que indica que o medo da punição produzia uma atenção infalível ao dever, em especial nas vigílias noturnas”.¹⁷

O Dr. Bill White, anteriormente responsável pelo Jardim do Túmulo, em Jerusalém, estudou a fundo a ressurreição e os eventos posteriores à primeira Páscoa. White faz várias observações críticas sobre o suborno das autoridades judaicas à guarda romana:

Se a pedra tivesse simplesmente rolado para um lado do sepulcro, como seria necessário para entrar nele, então eles poderiam ser justificados ao acusar os soldados de dormirem em seus postos, e puni-los severamente. Se os homens protestassem que o terremoto quebrou o selo e que a pedra rolou pela vibração, ainda estariam sujeitos à punição por um comportamento que poderia ser considerado covardia. Mas essas possibilidades não correspondem ao caso. Havia alguma evidência

inegável que tornava impossível que os principais dos sacerdotes fizessem qualquer acusação contra a guarda. As autoridades judaicas devem ter visitado o local, examinado a pedra e reconhecido que a sua posição tornava humanamente impossível que os seus homens tivessem permitido a sua remoção. Nenhuma distorção na engenhosidade humana poderia oferecer uma resposta adequada ou um bode expiatório e por isso eles foram forçados a subornar os guardar e tentar silenciar as coisas.¹⁸

Fato Número 5: As Vestes Mortuárias Falam por si Só

Embora não houvesse nenhum corpo no sepulcro de Jesus naquela manhã de domingo, o túmulo não estava literalmente vazio. Ele continha um fenômeno espantoso. Depois de visitar o sepulcro e ver a pedra rolada, as mulheres correram de volta a contaram aos discípulos. Então Pedro e João saíram correndo. João correu mais rápido que Pedro, mas, ao chegar ao sepulcro, não entrou. Em vez disso, ele se abaixou e olhou o interior do sepulcro, e viu algo tão assombroso que imediatamente creu que Cristo de fato havia ressuscitado dos mortos.

Ele olhou para o lugar onde o corpo de Jesus estivera. Ali estavam as vestes mortuárias, *no formato do corpo, ligeiramente murchas e vazias* — como a crisálida vazia do casulo de uma lagarta. Essa visão faria com que qualquer pessoa se tornasse crente! Ele nunca se esqueceu disso.

A primeira coisa que se fixou na mente dos discípulos não foi o sepulcro vazio, mas as vestes vazias — imperturbadas em sua forma e posição. Michael Green observou: “Não é de admirar que eles ficassem convencidos e maravilhados. Nenhum ladrão de sepulturas teria sido capaz de encenar algo tão notável. Nem isso lhe teria passado pela cabeça. Um ladrão simplesmente teria tomado o corpo, as vestes e todo o resto”.¹⁹

Fato Número 6: As Aparições Confirmadas de Cristo

Hoje em dia, poucos estudiosos duvidam que os discípulos pelo menos acreditavam que tinham visto o Jesus ressuscitado. Reginald Fuller afirmou com ousadia que, “poucas semanas depois da crucificação, os discípulos de Jesus vieram a crer que este é um dos fatos indiscutíveis da história”.²⁰ O que fez com que os discípulos tivessem essa fé? Desde o princípio da igreja, ela afirmou que Jesus apareceu pessoalmente aos seus seguidores. Vários fatores vitais são frequentemente ignorados na investigação das aparições de Cristo a indivíduos, depois da ressurreição, e isso levou a algum ceticismo, quanto à validade dessas aparições. Vamos examinar os fatos em favor das aparições de Jesus depois da ressurreição.

O Grande Número de Testemunhas Oculares

Ao estudar algum evento na história, é importante investigar se um número suficiente de pessoas que participaram ou foram testemunhas oculares do evento estavam vivas quando foram publicados os fatos a respeito do evento. Números maiores de testemunhas oculares ajudam a validar a exatidão da narrativa publicada. Por exemplo, se todos testemunharmos um homicídio, e dentro de uma semana o relatório da polícia conste de mentiras e invenções, nós, como testemunhas oculares, poderemos refutar o relatório. Quando um livro é escrito sobre um evento, a exatidão do seu conteúdo pode ser validada se um número suficiente de testemunhas oculares ou participantes do evento estiver vivo quando o livro for publicado.

Um dos mais antigos relatos de uma aparição de Cristo após a ressurreição é feito por Paulo, em 1 Coríntios 15.3-8:

“Primeiramente vos entreguei o que também recebi: que Cristo morreu por nossos pecados, segundo as Escrituras, e que foi sepultado, e que ressuscitou ao terceiro dia, segundo as Escrituras, e que foi visto por Cefas e depois pelos doze. Depois, foi visto, uma vez, por mais de quinhentos irmãos, dos quais vive ainda a maior parte, mas alguns já dormem também. Depois, foi visto por Tiago, depois, por todos os apóstolos e, por derradeiro de todos, me apareceu também a mim, como a um abortivo.”

Praticamente todos os acadêmicos concordam que nesses versículos Paulo registra uma crença antiga, ou tradição, que data de antes da escrita de 1 Coríntios (meados de 50 d.C.). Na realidade, muitos estudiosos que investigaram essa crença datam-na como sendo do período entre três e oito anos após a crucificação de Cristo.²¹

Acredita-se que Paulo tenha recebido essa crença quando visitou Pedro e Tiago, em Jerusalém, três anos depois da sua conversão, que ocorreu entre um e quatro anos após a crucificação de Jesus (veja Gl 1.18,19). É por isso que o historiador Hans von Campenhausen afirma que esse texto “satisfaz todas as exigências de confiabilidade histórica que pudessem ser feitas desse tipo de texto”.²²

Embora alguns argumentem que o credo original não inclui a aparição aos quinhentos, Craig observa que “isso não quer dizer que essas aparições tenham sido menos confiáveis, pois Paulo ainda recebeu a informação sobre elas das primeiras testemunhas, provavelmente durante a sua visita a Jerusalém”.²³

Nesses versículos, Paulo apela ao conhecimento que o seu público tem do fato de que Cristo fora visto por mais de 500 pessoas em uma ocasião. Paulo os lembra de que a maioria dessas pessoas ainda estava viva e poderia ser questionada. Essa declaração é uma declaração tão forte como se poderia esperar encontrar com respeito a algo que aconteceu há dois mil anos.

De igual maneira, C. H. Dodd observou: “Difícilmente poderia haver qualquer propósito em mencionar o fato de que grande parte dos quinhentos ainda está viva, a menos que Paulo esteja querendo dizer ‘As testemunhas estão aqui para ser questionadas’”.²⁴

É por isso que o Dr. Norman Geisler concluiu que a aparição aos 500 “soa como verdade”,²⁵ e William Lane Craig afirma que “é praticamente indiscutível que essa aparição tenha ocorrido”.²⁶ Paulo nunca poderia ter afirmado que Jesus apareceu a 500 testemunhas, tão pouco tempo depois do evento, se realmente não tivesse ocorrido.

Se cada uma dessas 500 pessoas fosse testemunhar em um tribunal, por apenas seis minutos cada uma, incluindo o interrogatório, teríamos um assombroso período de 50 horas de testemunho ocular em primeira mão. Acrescente a isso o testemunho das muitas outras testemunhas, e você bem poderia ter o maior julgamento da história, um julgamento que só demonstraria fatos favoráveis a uma das partes.

A Variedade de Testemunhas e Locais

O segundo fator frequentemente negligenciado na investigação da validade das testemunhas é a variedade de pessoas que viram o Jesus ressuscitado, e a variedade de locais em que o viram. O professor Merrill C. Tenney escreve:

Devemos notar que essas aparições não são estereotipadas. Não há nem duas delas que sejam exatamente iguais. A aparição a Maria Madalena ocorreu no início da manhã; a aparição aos que iam a Emaús, à tarde; e a aos apóstolos, ao anoitecer, possivelmente já depois de escurecer. Ele apareceu a Maria ao ar livre. Maria estava sozinha quando o viu. Os discípulos estavam juntos; e Paulo registra que, em certa ocasião, Ele apareceu a mais de 500 pessoas em uma única ocasião.

As reações também foram variadas. Maria foi dominada pela emoção; os discípulos se amedrontaram. Tomé se comportou como um obstinado incrédulo quando lhe contaram sobre a ressurreição do Senhor, mas o adorou quando Ele se manifestou pessoalmente. Cada ocasião teve a sua própria atmosfera particular e suas próprias características, e revelou alguma qualidade diferente do Senhor ressuscitado.²⁷

De maneira alguma é possível dizer que as suas aparições tivessem sido estereotipadas.

A Inclusão de Testemunhas Hostis

Um terceiro fator crucial para interpretar as aparições de Cristo é o fato de que Ele também apareceu aos que eram hostis à sua ressurreição, ou não estavam convencidos dela. Em um esforço para diluir o impacto esmagador dos relatos das testemunhas oculares, os céticos com frequência afirmam que as suas aparições após a ressurreição foram todas para amigos e seguidores. Apesar da popularidade dessa afirmação, ela é patentemente inverídica.

Nenhum indivíduo informado consideraria que Saulo de Tarso fosse um seguidor de Cristo. Ele desprezava Cristo e perseguia os cristãos, tendo como objetivo erradicar todo o movimento cristão. No entanto, Saulo, cujo nome foi posteriormente alterado para Paulo, tornou-se um dos maiores propagadores do movimento cristão na história. O que poderia explicar essa transformação radical? Nada menos que uma aparição pessoal do Jesus ressuscitado teria sido suficiente para isso (veja 1 Co 9.1; At 22.4-21).

Considere Tiago, o irmão de Jesus. O registro do Evangelho indica que nenhum dos irmãos de Jesus creu nele durante a sua vida (veja Jo 7.5; Mc 3.21-35). Na verdade, eles tentaram atrair Jesus a uma cilada mortal, em uma festividade pública em Jerusalém. Mas posteriormente Tiago se tornou um seguidor de seu irmão, uniu-se ao grupo dos cristãos perseguidos, e veio a se tornar um líder importante na igreja e um de seus primeiros mártires, como confirmam Josefo, Hegésipo e Clemente de Alexandria.²⁸ O que causou tal mudança em sua atitude? A melhor explicação histórica é que Jesus, ressuscitado, também apareceu a Tiago.

É igualmente possível que todos a quem Ele apareceu se tornaram seguidores. Isso talvez explique a conversão de muitos dos sacerdotes de Jerusalém, bem como a dos outros irmãos de Jesus (veja At 6.7; 1 Co 9.5).

O nosso objetivo, neste capítulo, foi mostrar a você que, apesar dos grandes esforços com que os judeus e romanos tentaram assegurar a morte de Cristo, e apesar das minuciosas precauções que tomaram para proteger o seu corpo no sepulcro, vários fatos atestam a conclusão de que Ele retornou à vida e deixou o sepulcro.

Em conclusão, recorreremos a Tom Anderson, antigo presidente da *California Trial Lawyers Association* e coautor da obra *Basic Advocacy Manual of the Association of Trial Lawyers of America*. “Vamos supor que Cristo não tenha ressuscitado dos mortos. Vamos supor que os relatos escritos de suas

aparições a centenas de pessoas sejam falsos. Quero propor uma pergunta. Com um evento tão divulgado, você não acha que é razoável que um historiador, uma testemunha ocular, um antagonista, registrasse, para a eternidade, que havia visto o corpo de Cristo? ‘Ouça, eu vi o sepulcro — não estava vazio! Eu estive ali, Cristo não ressuscitou dos mortos. Na verdade, vi o corpo de Jesus’. É ensurdecador o silêncio da história, com respeito ao testemunho contrário à ressurreição”.²⁹

ESFORÇOS PARA REFUTAR A RESSURREIÇÃO

Muitas teorias foram propostas tentando demonstrar que a ressurreição de Jesus Cristo foi uma fraude. Uma vez que muitos dos fatos com respeito à ressurreição são inegáveis, muitos desses esforços envolveram uma interpretação diferente desses fatos, buscando uma explicação lendária, mítica ou naturalista. Poucos cétricos negam esses eventos essenciais — o julgamento, a crucificação, o sepultamento, os guardas, o selo ou o sepulcro vazio — porque a evidência histórica que respalda esses eventos é muito forte. Eles simplesmente negam que esses eventos significam que um morto voltou à vida. A sua atitude pode ser resumida como “Sim, mas deve haver alguma outra explicação”.

É preciso mais fé para crer em algumas dessas teorias do que para aceitar a explicação que é oferecida no Novo Testamento. Concordamos com John Ankerburg e John Weldon, que dizem: “Quase todas as teorias que foram propostas para explicar o sepulcro vazio, que não incluem a ressurreição de Cristo, são consideravelmente mais difíceis de crer do que a ressurreição propriamente dita”.¹ Na realidade, como veremos, os historiadores cétricos realmente devem ter procurado se tornar anti-históricos, para promover algumas de suas ideias.

Dois Princípios que se Deve Ter em Mente

Ao avaliar as opções com respeito ao que aconteceu naquela primeira Páscoa, é preciso aplicar dois princípios. Em primeiro lugar, as teorias ou explicações alternativas devem levar em conta *todos* os fatos envolvidos com a ressurreição. J. N. D. Anderson, chefe do Institute for Advanced Legal Studies [Instituto para Estudos Avançados em Direito] em Londres, enfatiza que “a evidência deve ser considerada como um todo. É comparativamente fácil encontrar uma explicação alternativa para uma ou outra das diferentes tendências que constituem este testemunho. Mas essas explicações não têm nenhum valor, a menos que se encaixem também nas outras linhas do testemunho. Muitas teorias diferentes, cada uma das quais poderia ser aplicável a parte da evidência, mas que não têm coerência em um padrão inteligível, não podem proporcionar nenhuma alternativa à única interpretação que se encaixa no todo”.²

O segundo princípio a seguir no exame de eventos históricos é não forçar a evidência a uma conclusão pré-concebida, mas deixar que ela fale por si mesma. O historiador Philip Schaff adverte que “o propósito do historiador não é construir uma história com base em noções pré-concebidas e ajudá-la ao seu próprio gosto, mas reproduzi-la com base na melhor evidência e deixar que a evidência fale por si só”.³

Tendo em mente esses dois princípios, vamos examinar as várias teorias alternativas que foram oferecidas como explicações para os eventos envolvidos na ressurreição de Cristo.

Explicação Natural: A Teoria do Mito

Muitos discutem se a ressurreição de Jesus foi um evento real e histórico ou apenas um mito que segue o padrão de vários deuses de fertilidade que “morrem e ressuscitam” de antigas religiões pagãs (por exemplo, Osíris, Adônis, Ísis). Na realidade, muitos professores universitários, autores liberais e céticos da internet afirmaram que a interpretação da Bíblia sobre a morte e ressurreição de Cristo derivou de religiões pagãs “ocultas”.⁴ Os que defendem a teoria de que a ressurreição de Jesus foi tomada emprestada de mitos pagãos com frequência deixam de perceber a base frágil para a teoria. Há cinco argumentos básicos que demonstram a fragilidade dessa teoria:

1. Os supostos muitos “paralelos” entre a doutrina cristã da ressurreição e os deuses pagãos que morrem e ressuscitam são bem exagerados. Os estudiosos frequentemente descrevem os rituais pagãos com uma linguagem que tomaram emprestada do cristianismo. Palavras como “batismo” e “ressurreição” são atribuídas com frequência sem críticas aos atos de divindades pagãs, mesmo quando têm pouca coisa em comum com as crenças cristãs.
2. A cronologia não respalda uma dependência do cristianismo primitivo das religiões ocultas. Muitos estudiosos acreditam que as fontes disponíveis para as divindades pagãs (com algo semelhante a uma história de ressurreição) datam dos séculos II, III e IV d.C., anos depois de concluído o cânon do Novo Testamento.
3. É improvável que Paulo — com seu rígido monoteísmo e suas raízes judaicas — tivesse se baseado em religiões pagãs. Ele advertiu com frequência as primeiras igrejas cristãs contra essa mesma prática.
4. A morte e a ressurreição de Jesus Cristo ocorreram na história, em um momento e lugar historicamente especificados. Por outro lado, as religiões ocultas eram, em essência, não históricas. Elas são retratos atemporais de eventos anuais na natureza, e não eventos especificamente datados que ocorreram de fato.
5. Os paralelos genuínos que permanecem, depois de explicados os exageros, podem refletir uma influência cristã nas religiões pagãs, e não o contrário.⁵

Concluiu o historiador Michael Grant: “Resumindo, os métodos críticos modernos não apoiam a teoria de Cristo como mito. Repetidas vezes ela foi refutada e aniquilada por acadêmicos de nível elevado”.⁶

Explicação Natural: A Teoria do Sepulcro Desconhecido

Uma das mais antigas teorias apresentadas para refutar a ressurreição é a de que o verdadeiro local do sepulcro de Jesus é desconhecido. Essa teoria é defendida ainda hoje por alguns estudiosos.⁷ Basicamente, os que propõem essa interpretação afirmam que o corpo de Jesus foi lançado a uma tumba comum para executados, e não colocado em um sepulcro novo. Uma possível defesa para essa teoria é a crença de que o costume era lançar os crucificados a uma tumba comum. A descoberta, em 1968, dos restos de Yohanan Ben Ha'galgal em um sepulcro familiar fora de Jerusalém desferiu um golpe mortal a essa teoria. Yohanan havia sido crucificado, mas foi sepultado em seu sepulcro. Como mencionamos anteriormente, Josefo também registrou o costume comum dos romanos de permitir que os judeus sepultassem os seus mortos.

Essa teoria também negligencia completamente a narrativa histórica detalhada sobre os eventos envolvidos no sepultamento de Cristo e a cena pós-ressurreição. O registro dos Evangelhos indica que José de Arimateia, como vimos, levou o corpo para o seu próprio sepulcro. O filósofo Stephen T. Davis conclui: “Além disso, a história do envolvimento de José de Arimateia no sepultamento de Jesus parece respaldada de modo tão intenso e inerentemente confiável que torna quase implausível a hipótese de um sepulcro desconhecido”.⁸ Além disso, o corpo de Cristo foi preparado de acordo com os costumes fúnebres dos judeus, com as mulheres do lado de fora do sepulcro, observando. Se, por alguma razão inimaginável, os discípulos e as mulheres não conhecessem a localização do sepulcro, certamente José de Arimateia a conhecia. Além disso, é óbvio que os romanos também sabiam onde era o sepulcro, pois designaram uma guarda para protegê-lo.

A invenção do sepulcro desconhecido deixa de aplicar os dois princípios de investigação histórica mencionados acima. Ela não se encaixa em todos os fatos nem os explica, e impinge sobre os fatos uma conclusão pré-concebida, baseada em um preconceito contra a possibilidade do sobrenatural.

A Teoria do Sepulcro Errado

Esta teoria é similar à anterior, e pressupõe que quando as mulheres retornaram, na manhã de domingo, para honrar a Cristo, foram ao sepulcro errado.

O professor Kirsopp Lake, um dos iniciadores dessa teoria, afirma que as mulheres não sabiam onde Jesus havia sido sepultado, e, por equívoco, foram ao sepulcro errado. Como resultado de chegar a um sepulcro vazio, ficaram convencidas de que Jesus havia ressuscitado.⁹

O professor Lake, em sua teoria, não satisfaz as exigências dos nossos dois princípios de investigação. Em primeiro lugar, ele ignora praticamente todas as evidências. Em segundo lugar, constrói a teoria em total acordo com uma noção pré-concebida.

Na verdade, Lake distorce as evidências para adequá-las à sua teoria. Por exemplo, ele afirma que o jovem varão junto ao sepulcro disse às mulheres: “Ele não está aqui, mas vede o lugar onde foi posto”. O texto bíblico completo é: “Ele não está aqui, porque já ressuscitou, como tinha dito. Vinde e vede o lugar onde o Senhor jazia” (Mt 28.6). Sem nenhuma justificação literária ou histórica, Lake omite a frase do anjo: “Ele não está aqui, porque já ressuscitou”.

A evidência literária em favor da inclusão dessa frase nas Escrituras é tão forte como em favor de qualquer outra frase no Novo Testamento. Embora a teoria do sepulcro errado pareça engenhosa, ela depende da omissão arbitrária da frase “Já ressuscitou”. Essas mulheres tinham observado cuidadosamente onde o corpo de Jesus fora sepultado, menos de 72 horas antes (veja Mt 27.61; Mc 15.47; Lc 23.55). Não era um cemitério público, mas um sepulcro particular. Como qualquer pessoa racional poderia esquecer, tão rapidamente, onde um ente muito amado havia sido sepultado?

Para crer na teoria do sepulcro errado, seria preciso dizer que não apenas as mulheres foram ao sepulcro errado, mas também que Pedro e João foram ao sepulcro errado, e que os judeus, então, foram ao sepulcro errado, seguidos pelo Sinédrio judaico e os romanos. Teríamos, então, que dizer que os guardas retornaram ao sepulcro errado. E, por fim, teríamos que dizer que o anjo apareceu no sepulcro errado. Seria necessária uma grande dose de fé (e uma fé cega) para crer em algo tão absurdo.

Craig ressalta que “se a ressurreição foi um erro colossal, com base no erro

das mulheres, então os inimigos do cristianismo tiveram grande satisfação em expor esse erro, indicando onde se localizava o sepulcro correto ou talvez até mesmo exumando o corpo. A ideia de que a ressurreição derivou do fato de que as mulheres foram ao sepulcro errado, é superficial demais”.¹⁰ Lembre-se, uma teoria alternativa precisa explicar *todos* os fatos. A teoria do sepulcro errado não explica as conversões de Paulo ou Tiago.

A Teoria da Lenda

Alguns afirmam que os relatos da ressurreição são lendas, que surgiram anos depois da época de Cristo.

Na realidade, isso seria impossível. Os relatos da ressurreição circularam e foram escritos pelas testemunhas oculares originais. Paulo narrou que em meados dos anos 50 d.C. havia quase 500 testemunhas oculares ainda vivas. E, como vimos, isso já era conhecido no período entre três e oito anos após a época de Cristo.

Peter Kreeft e Ronald Tacelli observam que “não houve tempo suficiente para que se desenvolvesse o mito [a lenda]... várias gerações teriam de haver passado antes que os elementos mitológicos adicionados pudessem ser equivocadamente considerados fatos. As testemunhas oculares estavam vivas antes disso, para refutar as versões novas e míticas. Sabemos de outros casos em que mitos e lendas de milagres se desenvolveram em torno de um fundador religioso — por exemplo, Buda, Lao-tzu e Maomé. Em cada caso, muitas gerações passaram antes do surgimento do mito”.¹¹

O Dr. J. N. D. Anderson conclui que é “quase sem sentido falar sobre lendas quando estamos lidando com as próprias testemunhas oculares”.¹²

A Teoria da Ressurreição Espiritual

Uma quarta teoria afirma que o corpo de Cristo deteriorou no sepulcro, e que a sua verdadeira ressurreição foi espiritual. Os adeptos das Testemunhas de Jeová adotam uma forma dessa teoria. Em vez de crer que o corpo de Jesus deteriorou no sepulcro, no entanto, eles creem que Deus destruiu o corpo no sepulcro e que Jesus ressuscitou em um corpo não material. Essas duas teorias de “ressurreição espiritual” têm problemas intransponíveis.

Em primeiro lugar, para ter qualquer significado, uma ressurreição precisa envolver o aspecto físico. Na visão do judaísmo palestino, uma ressurreição espiritual sem o corpo físico não seria uma ressurreição. Dan Cohn Sherbock, rabino judeu e professor visitante em Cambridge, observou:

Ou Jesus ressuscitou fisicamente, ou não ressuscitou. É simples. Não há outra opção. A narrativa do Evangelho sobre o sepulcro vazio e o reconhecimento dos discípulos do Cristo ressuscitado apontam para um conceito histórico do evento da ressurreição. Para eles, não faria sentido que o corpo de Jesus revivesse de modo espiritual — e não físico.¹³

O acadêmico inglês N. T. Wright demonstrou que, embora houvesse várias noções da vida após a morte no judaísmo do século I, “ressurreição” tinha um significado particular. Wright explica:

Por mais amplo que esse espectro possa ter sido, e ainda que os judeus possam ter tido várias interpretações diferentes, “ressurreição” sempre indica *uma posição* no espectro. “Ressurreição” não era uma palavra que significa “vida após a morte”, de modo geral. Ela sempre significava uma nova materialização.¹⁴

Wright também demonstra que “não existe evidência de que os judeus... usassem a palavra *ressurreição* para indicar algo essencialmente não concreto”.¹⁵ Se Jesus houvesse ressuscitado em um corpo não material, os discípulos não teriam descrito isso como *ressurreição*.

O próprio Jesus desfez por completo a teoria da ressurreição espiritual.

Quando os seus discípulos, espantados, pensaram que estavam vendo um espírito, Jesus os admoestou: “Vede as minhas mãos e os meus pés, que sou eu mesmo; tocai-me e vede, pois um espírito não tem carne nem ossos, como vedes que eu tenho” (Lc 24.39). Posteriormente, Cristo comeu peixe com os seus seguidores, demonstrando ainda mais a sua carne. Mateus registra que quando eles encontraram Jesus, abraçaram os seus pés e o adoraram (veja Mt 28.9). Não é possível abraçar os pés de um espírito! Alguns afirmaram que Jesus se manifestou temporariamente em um corpo físico para que os discípulos o reconhecessem. Embora essa resposta seja criativa, é arbitrária, e, o que é pior, envolve uma fraude por parte de Jesus, o que é claramente inconsistente com o seu caráter e a sua natureza.

Paulo também contesta a teoria da ressurreição espiritual na sua discussão sobre o corpo da ressurreição, em 1 Coríntios 15.29-58. Tendo sido fariseu, Paulo acreditava com firmeza em uma ressurreição física. Baseando a sua teologia na ressurreição de Cristo, Paulo afirma que nós também ressuscitaremos fisicamente um dia. Embora os corpos ressuscitados sejam fisicamente diferentes de nossos corpos atuais, a diferença envolve melhoria; mas ainda assim os corpos são completamente físicos.

Alguns discordam dessa interpretação, e baseiam a sua argumentação na declaração de Paulo em 1 Coríntios 15.44, de que “Semeia-se corpo *animal*, ressuscitará corpo *espiritual*” (ênfase minha). “Vejam”, dizem eles, “Paulo acreditava em uma ressurreição imaterial!” O que esta objeção não considera é que a palavra *espiritual* nesse contexto não indica *imaterial*. Com frequência, nós nos referimos à Bíblia como um livro “espiritual”, mas certamente não queremos dizer que ela seja imaterial!

Michael Licona realizou um estudo histórico profundo e abrangente sobre os termos gregos traduzidos como “animal” e “espiritual” em 1 Coríntios 15.44 em textos antigos, do período entre o século VIII a.C. até o século III d.C. Ele concluiu: “Embora eu não tenha examinado todas as 846 ocorrências, examinei a maioria delas. E não consegui encontrar uma única ocorrência em que *psuchikon* [a palavra traduzida como *animal* em 15.44] tivesse o significado de ‘físico’ ou ‘material’”.¹⁶ É simplesmente falso afirmar que Paulo estava contrastando um corpo físico com um não físico. Stephen Davis adverte:

Não devemos nos confundir com o uso que Paulo faz da expressão “corpo espiritual”. Ele não está usando essa expressão para indicar um corpo “formado de espírito” nem feito de “matéria espiritual”, o que quer que

isso possa dizer. Paulo se refere a um corpo que foi glorificado ou transformado por Deus, e agora está completamente dominado pelo poder do Espírito Santo.¹⁷

Um bom exemplo disso é quando Paulo fala do “que é espiritual”, em 1 Coríntios 2.15. Está claro que ele não se refere a pessoas invisíveis, imateriais, sem corpo físico, mas aos que são guiados pelo poder do Espírito Santo.

Outros objetam a uma ressurreição física porque, em 1 Coríntios 15.50, Paulo diz que “carne e sangue não podem herdar o reino de Deus”. “Vejam”, dizem eles, “o corpo de Jesus teria que ser imaterial, para que Ele pudesse estar no céu!” Geisler responde a essa afirmação: “A expressão ‘carne e sangue’, neste contexto, significa, aparentemente, carne *mortal*, e sangue, isto é, um mero ser humano”.¹⁸ Essa interpretação é respaldada pelas Escrituras. Por exemplo, em Mateus 16.17, Jesus diz: “Bemaventurado és tu, Simão Barjonas, porque não foi *carne e sangue* quem to revelou, mas meu Pai, que está nos céus” (ênfase minha).

A teoria da ressurreição espiritual ignora completamente os nossos dois princípios de investigação. Os fatos nem de longe se encaixam na teoria, e são impostos a uma conclusão pré-concebida sobre o que aconteceu.

A Teoria da Alucinação

Uma das teorias mais difundidas para contradizer a ressurreição de Cristo é a de que as testemunhas apenas pensaram que tinham visto o Jesus ressuscitado. De acordo com essa teoria, elas estariam tendo alucinações. Também segundo essa teoria, todas as aparições de Cristo depois da ressurreição podem ser refutadas.

A teoria da alucinação foi a teoria naturalista mais popular para a ressurreição de Cristo, até que perdeu a adesão dos estudiosos, há cerca de 100 anos. Hoje em dia, a teoria da alucinação está de volta, parcialmente. No entanto, ela sofre de mais problemas de credibilidade do que qualquer outra teoria naturalista.¹⁹

A palavra “alucinação” deriva da forma anglicizada da palavra *alucination*, do latim, que significa “um devaneio da mente, conversa inútil, tagarelice”.²⁰ O glossário oficial da Associação Psiquiátrica dos Estados Unidos define uma alucinação como “uma falsa percepção sensorial na ausência de um estímulo externo real”.²¹ Observações médicas e psicológicas concordam que uma alucinação é um ato aparente de visão, para o qual não há nenhum ato externo correspondente. As alucinações resultam de causas psicológicas puramente interiores — e não da presença de um objeto externo real. As alucinações são conhecidas, às vezes, como “visões subjetivas”. Em outras palavras, as pessoas que têm alucinações veem algo que não está ali realmente.

Por que a teoria da alucinação é tão fraca? Em primeiro lugar, ela contradiz várias condições que muitos psiquiatras e psicólogos concordam que devem estar presentes para que haja uma alucinação. A menos que as aparições de Cristo correspondam a essas condições essenciais, não faz sentido referir-se a elas como alucinações.

O primeiro princípio é de que, de modo geral, apenas determinados tipos de pessoas têm alucinações — normalmente pessoas paranoicas ou esquizofrênicas, sendo os esquizofrênicos os mais suscetíveis, pessoas à beira da morte ou pessoas sob a influência de drogas. No Novo Testamento, no entanto, temos todos os tipos diferentes de pessoas, de diferentes antecedentes, de diferentes idades, de diferentes profissões, em diferentes estados de espírito e de diferentes graus de instrução, que afirmavam ter visto o Jesus ressuscitado. O Dr. Gary Habermas observa: “O fato de que esses indivíduos diferentes, nessas variadas circunstâncias, fossem todos candidatos a

alucinações realmente força os limites da credibilidade”.²²

Em segundo lugar, as alucinações estão relacionadas ao subconsciente de um indivíduo, e às suas experiências passadas, e é muito improvável que duas ou mais pessoas pudessem ter a mesma alucinação ao mesmo tempo. Cristo apareceu a muitas pessoas, e as descrições das aparições envolvem grande nível de detalhes, que os psicólogos consideram uma indicação de que essas pessoas estavam em contato com a realidade.

Michael Licona observou: “As alucinações são como sonhos. Elas são ocorrências particulares... Você não poderia compartilhar com outra pessoa uma alucinação que estivesse tendo, da mesma maneira como não poderia despertar o seu cônjuge no meio de noite e pedir que ele participasse do sonho que você está tendo”.²³

Se duas pessoas não conseguem iniciar nem sustentar a mesma visão sem um objeto externo ou referência, como poderia isso acontecer com quinhentas pessoas ao mesmo tempo? Isso não só é contrário a esse princípio das alucinações, mas também milita intensamente contra ele.

Cristo também comeu com aqueles a quem apareceu. E não somente mostrou os seus ferimentos, como também encorajou um exame tátil e mais atento deles. Uma alucinação não se senta e come com você, nem pode ser escrutinizada à vontade por vários indivíduos. As muitas supostas alucinações constituiriam um milagre muito maior do que o milagre da ressurreição.

Gary Collins, psicólogo clínico, explica: “As alucinações são ocorrências individuais. Pela própria natureza das alucinações, uma pessoa pode ter apenas uma alucinação por vez. Certamente, as alucinações não são algo que possa ser visto por um grupo de pessoas... Uma vez que a alucinação só existe no sentido subjetivo e pessoal, é óbvio que outras pessoas não podem testemunhá-la”.²⁴

Collins conclui que a evidência contra a hipótese de alucinação é tão convincente que os céticos “teriam de ir contra grande parte dos dados atuais psiquiátricos e psicológicos sobre a natureza das alucinações”.²⁵

Um terceiro princípio das alucinações é o fato de que normalmente elas são limitadas, quanto a quando e onde podem acontecer. Nas situações do Novo Testamento, faltam circunstâncias favoráveis. E as aparições registradas são muito mais que simples vislumbres. O tempo estava envolvido. Temos um registro de 15 aparições diferentes — e uma delas, a mais de 500 pessoas. Considere a variedade de ocasiões e lugares em que essas alucinações teriam ocorrido: Uma foi no início da manhã, às mulheres no sepulcro. Outra foi na

estrada para Emaús, seguida por alguns encontros em particular, em plena luz do dia. Outra foi junto ao lago, certa manhã, bem cedo. Na verdade, a variedade de ocasiões e lugares das aparições de Cristo desafia a hipótese de que foram meras alucinações. O Dr. Habermas conclui: “As narrativas de homens e mulheres, de pessoas práticas ou tolas, igualmente, todas crendo que tinham visto Jesus, tanto em ambientes externos como internos, proporcionam uma barreira intransponível para as alucinações”.²⁶

Um quarto princípio é o de que as alucinações normalmente acontecem a pessoas que têm um espírito de antecipação ou uma expectativa esperançosa, que faz com que os seus desejos se tornem o estímulo para a ilusão alucinatória. A última coisa que esses discípulos desiludidos e desapontados esperavam era uma ressurreição. Eles pensavam que Cristo havia sido crucificado, sepultado e que esse era o fim de tudo.

O falecido teólogo Paul Little fez uma observação pertinente sobre a atitude antecipatória das pessoas que supostamente têm alucinações:

Maria veio ao sepulcro, na manhã do domingo da primeira Páscoa, com especiarias nas mãos. Por quê? Para ungir o corpo do Senhor que ela amava. Obviamente, ela não esperava vê-lo ressuscitado. Na verdade, quando o Senhor finalmente apareceu aos discípulos, eles se assustaram e pensaram que estavam vendo um fantasma.²⁷

Além de não esperarem que Jesus tivesse ressuscitado, os discípulos não creram nesse fato, a princípio. Nem as mulheres nem Pedro, nem Tomé, nem os 11 creram que Jesus havia ressuscitado, quando foram informados disso. Longe de esperar isso, eles ficaram aterrorizados. Pensaram que Ele era um fantasma, e Ele teve que mostrar as suas feridas ou comer alguma coisa para provar-lhes que não era um fantasma.

Um quinto princípio é o de que as alucinações são fenômenos interiores. Peter Kreeft e Ronald Tacelh observam que “as alucinações vêm de dentro, do que já conhecemos, pelo menos inconscientemente”.²⁸ Se isso for verdade, então os discípulos nunca teriam uma alucinação a respeito da ressurreição de Jesus. N. T. Wright ressalta que a ressurreição de Jesus envolveu dois conceitos radicalmente novos para o judaísmo: (1) Foi uma ressurreição de um indivíduo, e não de todo o grupo; e (2) aconteceu durante a história, e não no fim dos tempos.²⁹ De modo eloquente, William Lane Craig afirma que,

mesmo que os discípulos tenham tido uma alucinação:

... nunca teriam concluído que Ele havia ressuscitado, uma ideia que era contrária às noções judaicas da ressurreição; em vez disso, eles teriam concluído que Deus o havia trasladado ao céu, de onde Ele aparecia a eles, e por isso o sepulcro estava vazio. O fato de que os discípulos não proclamaram o traslado de Jesus, como havia acontecido com Enoque e Elias, mas — contrariamente a todos os conceitos judaicos — a ressurreição de Jesus, prova que a origem da crença dos discípulos na ressurreição de Jesus não pode ser explicada como algo que eles tivessem concluído com base no sepulcro vazio e em visões.³⁰

No capítulo 6 de seu excelente livro, *Cross Examined*, Michael Licona estuda os efeitos das alucinações sobre os Navy Seals, membros da Força Especial da Marinha norte-americana. O treinamento de um Navy Seal é extremamente difícil. No início do treinamento, eles têm a “Semana do Inferno”, em que os soldados são forçados a correr dia e noite, durante basicamente uma semana inteira. Eles estão sob constante estresse físico e emocional. Podem ter apenas três a cinco horas de sono, durante a semana inteira.

Durante a Semana do Inferno, muitos dos soldados têm curtas alucinações. Um dos rapazes “viu” um trem vindo em sua direção, outro pensou que estava remando em um muro, e outro acreditou que um polvo saiu da água e acenou para ele! Embora muitos deles tivessem alucinações, todos tiveram as suas próprias experiências individuais. E poucos momentos depois da experiência, todos perceberam que tiveram alucinações. Nenhuma das suas experiências fez com que eles tivessem novas crenças. As alucinações simplesmente não causam novas crenças em pessoas sãs e racionais.

Por fim, as alucinações não têm espectro de realidade. Elas não têm nenhuma realidade objetiva. A teoria da alucinação, de maneira alguma explica o sepulcro vazio, o selo rompido, os guardas e, em especial, as ações subsequentes dos sumos sacerdotes. Para explicar esses fatos, outra teoria naturalista deve ser proposta juntamente com a alucinação.³¹

Considerando todos os fatos com respeito às alucinações, é difícil crer que esse fenômeno fosse o impulso para a crença dos discípulos no Jesus ressuscitado. Licona conclui: “Parece-me que não foi a fé [dos discípulos] que

levou às aparições. Foram as aparições que levaram à sua fé... Nem alucinações nem ilusões explicam o sepulcro vazio, que é um fato histórico”.³²

A Teoria Muçulmana da Substituição

O Alcorão afirma que Jesus não foi crucificado na cruz. Em vez de permitir que Jesus, que era um dos servos de Alá, fosse crucificado, Alá teve respeito pelo seu profeta e o salvou, crucificando, em seu lugar, um espectador que foi transformado em uma pessoa parecida com Jesus. Isso é conhecido como a “teoria da substituição” (Surah 4.157). Tipicamente, Judas Iscariotes ou Simão, o cireneu, é considerado o substituto de Jesus. Em vez de ser crucificado, Jesus subiu aos céus, onde permanece vivo, até o seu retorno à terra, antes do fim dos tempos.

Problemas Históricos com a Teoria da Substituição

A teoria muçulmana da substituição tem sérios problemas históricos. Em primeiro lugar, o Antigo Testamento predisse a morte do Messias (veja Is 53.5-10; Sl 22.16; Dn 9.26; Zc 12.10), e ao morrer, Jesus cumpriu essas profecias (veja Mt 4.14; 5.17,18; 8.17; Jo 4.25,26; 5.39). Não há nenhuma predição, no Antigo Testamento, de que alguém substituísse o Messias; *todas* as referências indicam que Ele morreria pessoalmente.

Em segundo lugar, Jesus predisse a sua própria morte, muitas vezes, durante todo o seu ministério (veja Jo 2.19-21; Mt 12.40; Mc 8.31). Ele nunca predisse que outra pessoa assumiria o seu lugar. Todas as predições da ressurreição de Jesus, tanto no Antigo Testamento como no Novo, estão baseadas no fato de que Ele morreria pessoalmente (veja Sl 16.10; Is 26.19; Dn 12.2; Mt 12.40). É óbvio que Jesus não poderia ter ressuscitado se outra pessoa tivesse morrido em seu lugar. Praticamente não há nenhum estudioso hoje — que já não esteja comprometido com a teologia islâmica — que aceite a teoria da substituição.³³

Problemas Morais com a Teoria da Substituição

A afirmação muçulmana de que alguém substituiu Jesus é vulnerável a três críticas morais. Em primeiro lugar, por que Deus teria permitido que um espectador inocente fosse torturado e sacrificado? Se Deus pretendia preservar a vida de Jesus, levando-o ao céu, então por que alguém teria de ser crucificado? Em segundo lugar, Deus não teria considerado a família e os amigos de Jesus? Maria, a mãe de Jesus, o seu discípulo João e muitos de seus amigos estavam presentes à crucificação (veja Jo 19.25). Se o substituto tornou-se parecido com Jesus, certamente todos teriam crido que Jesus de fato estava na cruz. Por que Deus os fez passar pela angústia de vê-lo torturado e morto, se Ele tivesse sido poupado de tal sofrimento? Por que Deus não permitiu que Maria, a mãe de Jesus — que é reverenciada no islamismo — soubesse do engano? Em terceiro lugar, se a pessoa que foi crucificada tornou-se parecida com Jesus, então podemos culpar os discípulos por crer que realmente era Ele? Eles teriam julgado toda a fé cristã como uma fraude? Se a teoria da substituição fosse verdadeira, então Deus seria o responsável direto por um dos maiores enganos da história.

Diante dessas três críticas, o especialista em islamismo John Gilchrist concluiu:

O evento [a substituição de Jesus por alguém] não teria nenhum propósito aparente, além de sacrificar um homem inocente, traumatizar os seguidores de Jesus, e resultaria na formação de uma religião baseada em uma falácia — inventada e planejada por Alá. Realmente, muito improvável!³⁴

No livro *Paul Meets Muhammad*, Michael Licona surge com outro dilema para a teoria muçulmana da substituição. Em Marcos 12.1-11, Jesus conta a parábola do senhor que arrenda a sua vinha a trabalhadores. Os estudiosos são quase unânimes — incluindo os cétricos — no fato de que Jesus contou essa parábola, em que Ele prediz a sua morte violenta. Licona explica:

Como Jesus predisse a Sua morte violenta, e Maomé o considera um profeta, se Jesus não teve uma morte violenta, isto faz dEle um falso

profeta, um fato que seria anátema, tanto aos cristãos como também aos muçulmanos. O argumento é o seguinte.

1. Jesus predisse a sua morte violenta.
2. Se Jesus teve uma morte violenta, então o Alcorão está errado, uma vez que afirma que Ele escapou à morte por crucificação.
3. Se Jesus não teve uma morte violenta, o Alcorão está novamente errado, uma vez que considera Jesus um profeta, e se Ele não morreu na maneira como predisse, Ele seria um falso profeta.

De qualquer maneira, o Alcorão está errado.³⁵

Neste capítulo, exploramos os esforços mais conhecidos para se explicar os fatos da ressurreição por meios míticos ou naturais. Nesse processo, destacamos as falhas básicas das teorias alternativas, e mostramos que elas não minaram a credibilidade da ressurreição, como a interpretação mais consistente e razoável para os fatos. No capítulo seguinte, exploraremos teorias adicionais e mostraremos como elas também deixam de se adequar aos princípios estabelecidos para a determinação da verdade histórica.

REFUTANDO AS TEORIAS DO SEPULCRO VAZIO

É bastante óbvio que o sepulcro estava vazio na manhã do domingo posterior à crucificação, morte e ressurreição de Cristo. A evidência histórica é forte demais para ser negada.

Como dissemos antes, tudo o que era necessário para mostrar que Jesus não havia ressuscitado, era que as autoridades apresentassem o seu corpo. O conselho e os sumos sacerdotes eram talentosos especialistas em dialética e políticos práticos. Eles foram brilhantes na manipulação de Pilatos. Se os discípulos de Cristo tivessem roubado o seu corpo, teria sido fácil que esses experientes manipuladores ligados com o poder tivessem extraído deles a informação. Se o corpo de Cristo ainda estivesse no sepulcro quando os seus seguidores começaram a pregar a ressurreição, tudo o que as autoridades judaicas tinham que fazer era exumar o corpo, e os discípulos teriam sido silenciados para sempre. Em vez disso, essas autoridades judaicas obrigaram o comparecimento dos apóstolos diante do seu conselho, e os ameaçaram de morte se não deixassem de proclamar um Cristo ressuscitado (veja At 5.17-42).

O Dr. Bill White esteve, anteriormente, responsável pelo Jardim do Túmulo, em Jerusalém, que muitos acreditam ter sido o sepulcro de Jesus. White observou:

As autoridades judaicas estavam furiosas com a pregação da ressurreição, pelos apóstolos. Elas fizeram tudo o que estava em seu poder para impedir que ela se espalhasse, mas os seus esforços foram em vão. Se o corpo de Jesus ainda estava no sepulcro onde José de

Arimateia o havia colocado, o que seria uma refutação mais simples e prejudicial à declaração dos apóstolos do que mostrar à população o sepulcro de Jesus, abri-lo e exumar o corpo crucificado desse que se dizia o Messias?¹

É significativo que os milhares dos primeiros convertidos ao cristianismo — que se converteram pela pregação da ressurreição — eram todos judeus, que viviam em Jerusalém ou que estavam de visita à cidade. Ao se tornarem seguidores de Cristo, estavam aceitando o revolucionário ensinamento que poderia ter sido facilmente refutado por cinco minutos de caminhada a um jardim, logo além dos muros da cidade. Em vez de refutar a ressurreição, eles espalharam a mensagem, levando-a cada vez a distâncias maiores. Cada convertido era uma prova do sepulcro vazio, uma vez que os oponentes poderiam ter extinguido o cristianismo simplesmente exibindo o corpo de Jesus.

O Dr. Paul Maier observa a questão de uma perspectiva histórica:

Se toda a evidência for pesada e considerada de maneira justa e cuidadosa, é realmente justificável, de acordo com os cânones da investigação histórica, concluir que o sepulcro de José de Arimateia, em que Jesus foi sepultado, realmente estava vazio na manhã daquela Páscoa. E nenhum vestígio de evidência ainda foi descoberto, em fontes literárias, na epigrafia ou na arqueologia que pudesse refutar essa declaração.²

Os que estão decididos a não crer na ressurreição encontraram várias maneiras de lidar com o fato óbvio do sepulcro vazio. Neste capítulo, exploraremos essas teorias e mostraremos por que elas não funcionam. Ao começar a nossa análise, vamos recordar os dois princípios essenciais da investigação histórica: (1) Qualquer explicação precisa levar em consideração todos os fatos e adequar-se a eles; e (2) não se deve forçar a evidência para se encaixar em uma conclusão pré-concebida, mas permitir que os fatos falem por si mesmos.

A Teoria da Conspiração: O Corpo Foi Roubado pelos Discípulos

A primeira e uma das mais famosas teorias do sepulcro vazio é a de que os seguidores de Jesus roubaram o corpo e inventaram a história da ressurreição. Essa teoria foi notada até mesmo por Mateus (veja 28.11-15). Como vimos, os guardas do sepulcro foram até o sumo sacerdote judeu para contar o que havia acontecido no sepulcro. O sumo sacerdote subornou os guardas romanos e lhes ordenou que espalhassem a mentira de que os discípulos haviam roubado o corpo de Jesus. Por sua vez, o sumo sacerdote protegeria os guardas, amenizando a situação com Pilatos.

Justino Mártir, em sua obra *Dialogue Against Trypho* #108 (130 d.C.), fala da história que ainda era contada: “Certo Jesus, um enganador galileu, a quem crucificamos; mas durante a noite os seus discípulos o roubaram do sepulcro onde Ele foi colocado depois de descido da cruz, e agora enganam os homens, afirmando que Ele ressuscitou dos mortos e subiu ao céu”.³

Essa teoria de conspiração foi, no início, refutada pelo grande historiador Eusébio, em sua obra *Demonstratio Evangelica* (314-318 d.C.). Eusébio afirma que é inconcebível que uma conspiração tão bem planejada e pensada pudesse ter tido sucesso. Eusébio apresenta um discurso irônico, que ele imagina que fora feito pelos discípulos, em um esforço para motivar uns aos outros:

Vamos nos unir e inventar todos os milagres e as aparições de ressurreição que nunca vimos, e vamos sustentar essa fraude até a morte! Por que não morrer por nada? Por que evitar a tortura e o açoite infligidos sem nenhuma razão? Vamos sair a todas as nações e derrubar as suas instituições e expor os seus deuses! E mesmo que não consigamos convencer a ninguém, pelo menos teremos a satisfação de atrair sobre nós mesmos a punição pela nossa própria mentira.⁴

A conclusão de Eusébio é que, se deixarmos de confiar nos discípulos, então deveremos deixar de confiar em todos os escritores da história!

Os meios de comunicação nos mostram continuamente que as conspirações acabam sendo descobertas. Ou os oponentes descobrem a verdade ou alguém

de dentro comete algum deslize ou cede à pressão. Chuck Colson, conselheiro especial do presidente Nixon durante o escândalo Watergate, sabe muito bem como é difícil sustentar uma conspiração. Colson explica: “Sei como é impossível que um grupo de pessoas, até mesmo algumas das mais poderosas do mundo, sustente uma mentira. O encobrimento de Watergate durou apenas algumas poucas semanas, antes que o primeiro conspirador cedesse e se convertesse em uma prova do Estado”.⁵ Quando a pressão aumentou e os conspiradores perceberam que poderiam ser punidos, cederam. Mas nem um dos discípulos, embora todos enfrentassem terríveis perseguições e até mesmo a morte, renunciou à sua crença na ressurreição de Jesus.

O Dr. Simon Greenleaf, famosa autoridade legal de Harvard, afirma de modo conclusivo que os apóstolos teriam cedido à pressão se Jesus Cristo não tivesse ressuscitado dos mortos.⁶

Alexander Maclaren, intérprete da Bíblia, escreveu:

Há uma única explicação... Jesus Cristo havia ressuscitado dos mortos. Isso fez com que eles [os discípulos] se unissem ainda mais. Não é possível edificar uma igreja sobre um Cristo morto, e de todas as provas da ressurreição, entendo que não há nenhuma mais difícil para que um incrédulo explique, em harmonia com a sua hipótese, do que o simples fato de que os discípulos de Cristo se uniram depois que Ele estava morto e se apresentaram ao mundo como uma frente unida.⁷

Quem Morreria por uma Mentira?

Cada um dos discípulos, com exceção de João, teve a morte de um mártir. Eles foram perseguidos porque tenazmente se apegaram às suas crenças e declarações. Como escreveu Paul Little: “Os homens morrerão pelo que *creem* ser verdade, ainda que possa ser falso. No entanto, eles não morrem pelo que *sabem* ser uma mentira”.⁸ Se os discípulos tivessem roubado o corpo de Jesus, teriam sabido que a sua declaração de ressurreição era falsa. Apesar disso, eles nunca enfraqueceram nem hesitaram no seu compromisso com o Jesus ressuscitado. Não apenas morreram por essa “mentira”, mas, como um testemunho da força de suas convicções, colocaram a ressurreição de Jesus como o centro de sua pregação.

O Juiz da Suprema Corte dos Estados Unidos, Antonin Scalia, enfatiza como é loucura defender a teoria do roubo e conspiração. Falando com uma pontada de humor sarcástico, ele disse: “Os sábios não creem na ressurreição dos mortos. Isso é, de fato, completamente absurdo. Assim, tudo, desde a manhã de Páscoa até a Ascensão, teve de ser inventado pelos abjetos entusiastas como parte de seu plano para ser martirizados”.⁹ Se a ressurreição era uma mentira, parece inconcebível que nenhum discípulo a desmentisse, diante de tão cruel sofrimento. Mas se era verdade, como os discípulos criam firmemente, então eles tinham toda a motivação do mundo para ir para suas sepulturas proclamando a ressurreição do seu Senhor, Jesus Cristo.

O Dr. Moreland observa: “Eles enfrentaram dificuldades, foram ridicularizados, suportaram hostilidade e tiveram mortes de mártires. Considerando tudo isso, eles nunca poderiam ter sustentado uma motivação tão inabalável se soubessem que estavam pregando uma mentira”.¹⁰

Honrados demais para Enganar alguém

Outro problema significativo com a teoria do roubo e conspiração é o fato de que ela seria contrária à conhecida ética dos discípulos. Eles eram homens de elevada moral e honra. O historiador Edward Gibbon, em sua análise do declínio e queda do Império Romano, destaca a “moralidade mais pura, porém austera, dos primeiros cristãos”¹¹ como uma das cinco razões para o rápido sucesso do cristianismo.

Os proponentes da teoria da conspiração teriam que alegar que os seguidores de Cristo impuseram uma mentira ao povo, o que seria

completamente contrário ao que o seu Mestre lhes ensinara. J. N. D. Anderson, autoridade legal britânica, comenta que essa teoria “teria sido totalmente contrária a tudo o que conhecemos sobre os discípulos: o seu ensinamento ético, a qualidade de suas vidas, a sua determinação em meio ao sofrimento e à perseguição. Essa teoria sequer explica a sua dramática transformação de escapistas tristes e desanimados em testemunhas que nenhuma oposição poderia amordaçar”.¹²

O filósofo e teólogo John Stott conclui que a teoria da conspiração “simplesmente não soa verdadeira. Ela é tão improvável, a ponto de ser praticamente impossível. Se há alguma coisa que fica clara, com base nos Evangelhos e no livro de Atos, é que os apóstolos eram sinceros. Eles podem ter sido enganados, mas não eram enganadores. Os hipócritas e os mártires não são feitos do mesmo material”.¹³

Os Guardas Evitaram o Roubo

Mesmo que os discípulos desejassem roubar o corpo, não teriam sido capazes de executar seu plano, por causa dos guardas romanos. A guarda havia sido colocada junto ao sepulcro com o propósito de impedir o roubo do corpo. A existência da guarda apresenta três problemas essenciais, para a declaração de que os discípulos roubaram o corpo de Jesus:

1. Considerando a notável disciplina do exército romano, que mencionamos anteriormente, é ridículo crer que os guardas de fato adormeceram em serviço. Por isso, eles não teriam nenhum problema em deter os discípulos.
2. Se a guarda romana tivesse adormecido em serviço, como teriam sabido que foram os discípulos que roubaram o corpo?
3. É ultrajante crer que os discípulos pudessem se esgueirar entre os guardas, romper o selo, rolar a pedra que pesava entre uma e meia e duas toneladas, e roubar o corpo — tudo isso, enquanto os guardas dormiam tranquilamente!

Um problema adicional para a teoria do roubo e conspiração é o fato de que ela não explica as aparições de Cristo a outras pessoas, além dos discípulos. Como podem ser explicadas as aparições a céticos como Tiago, Tomé e Paulo? E a aparição aos 500? E, finalmente, por que os discípulos roubariam o corpo, mas deixariam para trás as vestes sepulcrais? Por que despiriam o corpo antes?

As Autoridades Roubaram o Corpo

Outra teoria de corpo roubado é a de que as autoridades romanas ou judaicas levaram o corpo do sepulcro de José de Arimateia para outro sepulcro, por questões de segurança. Assim, os discípulos encontraram o sepulcro vazio, e se convenceram de que Jesus havia ressuscitado.

Isso não Está de Acordo com os Fatos

Essa teoria parece possível, até que alguém pergunte: Por que as autoridades fariam exatamente aquilo que lhes causou todos os seus problemas? Se as autoridades judaicas ou romanas tinham roubado o corpo, por que, então, acusaram os discípulos de roubá-lo? Essa acusação não faria sentido. Por que os soldados teriam informado o desaparecimento do corpo? Por que o suborno para encobrir o que os soldados viram? Se as autoridades estivessem com o corpo, seria de bom grado que o teriam apresentado para deter o movimento da ressurreição.

Quando os discípulos começaram a pregar a ressurreição, por que as autoridades não disseram: “Isso é uma bobagem! Nós demos ordens para remover o corpo!” Por que não levaram os que duvidassem ao novo local onde estaria o corpo, permitindo que as coisas se acomodassem, de uma vez por todas?

O muito respeitado acadêmico Raymond Brown conclui:

Em tudo isso, a apresentação clara e unânime do Evangelho é que Jesus teve um sepultamento digno em um lugar que poderia ser lembrado. O seu sepultamento não foi do tipo comunitário, em que os cadáveres poderiam ser confundidos; nem foi sepultado e então sepultado outra vez, de modo que as mulheres fossem ao sepulcro errado na Páscoa, e por isso o encontraram vazio.¹⁴

Brown diz que a tese do sepultamento e novo sepultamento “não encontra respaldo no texto dos Evangelhos nem na tradição dos cristãos primitivos”.¹⁵

A respeito do paradeiro do corpo, poderíamos concluir que o silêncio dos judeus fala mais alto do que a voz dos cristãos. O Dr. John Warwick Montgomery explica: “Parece uma crença exagerada a de que os primeiros

cristãos pudessem ter inventado tal fábula, e pregado essa história entre aqueles que poderiam tê-la refutado com facilidade, simplesmente apresentando o corpo”.¹⁶

A Teoria da Ressuscitação: Jesus Desmaiou e Reviveu

Embora a teoria do desmaio tenha sido adequadamente refutada pelos acadêmicos, continua a aparecer na literatura popular, na internet e nos *campi* de universidades. Na verdade, uma seita muçulmana influente, conhecida como os *Ahmadiyas* defende essa teoria.

Essa teoria foi proposta, pela primeira vez, por H. E. G. Paulus em sua obra *Das Leben Jesu* (1828), mas apareceu em publicações recentes, como *The Passover Plot* (1965), de Hugh Schonfield, além de *The Jesus Scroll* (1972), de Donovan Joyce e, mais recentemente, *Jesus and the Riddle of the Dead Sea Scrolls* (1992), de Barbara Thiering.

A teoria do desmaio afirma que Jesus não morreu, realmente, na cruz. De acordo com essa teoria, Ele foi pregado à cruz, e sofreu choque, dor e perda de sangue, mas não morreu; apenas desmaiou (perdeu os sentidos) pela exaustão. Ele foi considerado morto, porque naquela época o conhecimento de medicina não era avançado o suficiente para distinguir entre um desmaio e a morte. Assim, Jesus foi sepultado vivo, por equívoco. Ele reviveu no sepulcro frio em que foi colocado. Os seus discípulos, que, por ignorância, acreditaram que Ele realmente estava morto, não puderam crer que a mera ressuscitação o tivesse trazido à vida, e por isso insistiram que se tratava de uma ressurreição dos mortos. Alguns proponentes dessa teoria, como Hugh Schonfield, sugeriram que Jesus até mesmo planejou isso! Em nossa opinião, essa ressuscitação seria mais milagrosa do que a própria ressurreição.

Considere, em primeiro lugar, tudo o que Jesus havia passado: (1) Ele enfrentou seis julgamentos — três romanos e três judeus; (2) foi açoitado até que a sua carne ficasse rasgada e ensanguentada, pelo flagrum romano; (3) estava tão fraco que não conseguiu carregar o seu próprio patíbulo ao local da crucificação; (4) foi colocada uma coroa de espinhos torcida sobre a sua cabeça; (5) foi perfurado por pregos, nas mãos e nos pés, e, suspenso, sangrou durante seis horas; (6) os romanos perfuram o seu lado com uma lança; (7) Ele foi envolto em linho dobrado com um pouco mais de 45 quilos de especiarias — e de alguma maneira, conseguiu respirar através de tudo isso; (8) uma grande pedra foi colocada contra a entrada do seu sepulcro; (9) uma guarda romana se posicionou do lado de fora; e (10) um selo foi colocado, lacrando a entrada.

Então, de acordo com a teoria do desmaio, aconteceu uma coisa incrível. O ar frio no interior do sepulcro, de alguma maneira, o reviveu e energizou. Ele saiu de suas vestes, empurrou, sem ajuda, a pedra, lutou com os guardas ou, de alguma maneira, rompeu o selo e moveu a pedra sem que os guardas se dessem conta, andou nu e descalço, com os pés terrivelmente feridos, por uma cidade que despertava pela manhã, e apareceu aos seus discípulos como o Senhor da vida.

David Strauss, teólogo do século XIX, foi um dos mais amargos de todos os oponentes aos elementos sobrenaturais nos Evangelhos, e um homem cujas obras fizeram muito para destruir a fé em Cristo. Esse homem, apesar de todas as suas críticas obstinadas e negações firmes a qualquer coisa que envolvesse algo milagroso, disse o seguinte, sobre a teoria de que Jesus reviveu de um desmaio:

É impossível que uma pessoa que foi roubada semimorta do sepulcro, que rastejou pela cidade, fraca e doente, necessitando de tratamento médico; que precisava ter suas feridas enfaixadas; que precisava ser fortalecida; que precisava de complacência, e que, no mínimo, se entregou aos seus sofrimentos, pudesse ter dado aos discípulos a impressão de que era um Vencedor sobre a morte e o sepulcro, o Príncipe da vida, uma impressão que está na base do futuro ministério dos discípulos. Essa ressuscitação poderia ter apenas enfraquecido a impressão que Ele havia causado sobre eles, na vida e na morte, e na melhor das hipóteses poderia apenas ter dado um tom lamentoso a eles, mas de maneira alguma poderia ter convertido a sua tristeza em entusiasmo, ter elevado a sua reverência à adoração.¹⁷

O teólogo Albert Schweitzer diz que a crítica de Strauss desferiu um “golpe mortal” e eterno à teoria do desmaio.¹⁸

A Certeza da Morte de Jesus

Provavelmente o problema mais importante para essa teoria é o fato de que ela subestima demais a gravidade dos ferimentos de Jesus e a evidência em favor da sua morte. Raymond Brown observou:

Com exceção dos poucos românticos que pensam que Jesus não morreu

na cruz, mas despertou no sepulcro e fugiu para a Índia com Maria Madalena, a maioria dos acadêmicos aceita o testemunho uniforme dos Evangelhos, de que Jesus morreu durante a jurisdição de Pôncio Pilatos sobre a Judeia, que normalmente é datada no período entre 26 e 36 d.C.¹⁹

Aqui estão alguns dos fatos que levaram os acadêmicos a crer que Jesus morreu durante a sua crucificação: (1) A natureza dos seus ferimentos — o espancamento, o açoitamento, a falta de sono, a coroa de espinhos, o seu colapso a caminho da crucificação, enquanto carregava a cruz — indica que tamanho sofrimento contribuiu, e muito, para a sua morte. (2) A natureza da crucificação praticamente assegura a morte. (3) A perfuração no lado de Jesus, de onde saíram “sangue e água” (Jo 19.34), é uma prova médica de que Jesus já havia morrido. (4) Jesus disse que estava morrendo na cruz: “Pai, nas tuas mãos entrego o meu espírito” (Lc 23.46). João escreve que Ele “entregou o espírito” (Jo 19.30). (5) Os soldados romanos, que eram matadores treinados, foram incumbidos de se certificar de que Ele havia morrido. Embora fosse costumeiro que os soldados quebrassem as pernas das vítimas, para apressar a morte, eles nem mesmo tiveram que quebrar as pernas de Jesus, pois o seu exame determinou que Ele já estava morto (veja Jo 19.33). (6) Pilatos mandou chamar o centurião para ter a certeza de que Jesus realmente havia morrido, antes de entregar o corpo a José para o sepultamento (veja Mc 15.44,45). (7) O corpo de Jesus foi envolto em cerca de 45 quilos ou mais de tecidos e especiarias, e colocado em um sepulcro selado durante três dias (veja Jo 19.39,40; Mt 27.60). Se Jesus não tivesse morrido em consequência da tortura que sofreu e da própria crucificação, teria morrido no sepulcro, por falta de comida, água e tratamento médico. (8) Especialistas médicos, que estudaram as circunstâncias envolvidas no fim da vida de Jesus concluíram que Ele realmente morreu na cruz. (9) Historiadores não-cristãos dos séculos I e II, como Tácito e Josefo, registraram a morte de Jesus de Nazaré. (10) Os autores cristãos antigos, posteriores à época de Cristo, como Policarpo e Inácio, comprovaram também a sua morte por crucificação na cruz.

Não apenas as evidências históricas julgam que a teoria do desmaio não tem credibilidade, mas o seu respaldo à crucificação e morte de Jesus é, como já vimos, esmagador. Até mesmo o acadêmico ateu alemão Gerd Ludemann observou: “O fato da morte de Jesus, como consequência da crucificação, é indiscutível, apesar da hipótese de uma pseudomorte ou um mentira que às vezes são apresentadas”.²⁰ Concluiu o acadêmico liberal Marcus Borg: “O

fato mais assegurado sobre o Jesus histórico é a sua execução como um rebelde político”.²¹

Jesus Foi um Enganador?

Outro problema significativo para a teoria do desmaio é o fato de que ela faz de Jesus um enganador. William Lane Craig explica:

A consequência necessária da teoria é que Jesus era um charlatão, que enganou os discípulos, fazendo-os crer que Ele havia ressuscitado dos mortos. Este retrato de Jesus é uma invenção da imaginação. Jesus foi o mais excelente dentre os maiores professores morais que o mundo já teve, um homem profundamente religioso, mesmo que alguém tente dizer que Ele não foi nada mais. É impossível atribuir a Ele o papel de um embusteiro.²²

Até mesmo Hugh Schonfield, autor de *The Passover Plot*, admite: “Em lugar nenhum estamos afirmando... que [a sua interpretação da teoria do desmaio] represente o que realmente aconteceu”.²³ No entanto, ele ofereceu a teoria como uma possibilidade. O Dr. Samuel Sandmen, da Hebrew Union College, resume melhor a criação de Schonfield: “A reconstrução imaginativa de Schonfield não apresenta a menor fagulha de prova... Em minha opinião, esse livro deve ser descartado, como a mera curiosidade que ele é”.²⁴ O Dr. Gary Habermas diz que a teoria do desmaio, apresentada em *The Jesus Scroll* “contém uma coleção de improbabilidades ainda mais inacreditável do que a de Schonfield”.²⁵ O professor Luke Timothy Johnson, da Emory University, considera a versão apresentada por Barbara Thiering para a teoria do desmaio, “a mais pura bobagem, o produto de uma imaginação fervilhante, em vez de uma análise cuidadosa”.²⁶

Em resposta às várias teorias de desmaio apresentadas, o professor David Stanley diz: “De modo geral, a maior parte dessas histórias pertence à categoria de jornalismo sensacionalista”.²⁷ Afirmar que Jesus sobreviveu aos rigores da crucificação e então convenceu os seus discípulos de que Ele era o Senhor da vida — como sugere a teoria do desmaio — seria um milagre ainda maior do que a própria ressurreição!

Qual É a Teoria que melhor se Encaixa nos Fatos?

As mais disseminadas teorias do sepulcro vazio foram cuidadosamente examinadas levando em consideração as detalhadas precauções tomadas no sepulcro pelas autoridades romanas e judaicas. A questão permanece: Qual é a teoria que melhor se encaixa em *todos* os fatos?

O Dr. Gregory Boyd resume a questão:

A explicação mais simples, e a única que explica todos os dados, é admitir que o sepulcro de Jesus estava vazio, e que alguns dos seus discípulos creram que o viram em um estado pós-morte, pouco depois da sua morte. Se não se admitir isso, os observadores terão que ser muito especulativos e complexos em suas explicações. Pois não mais podem construir a sua teoria *sobre* os dados disponíveis: eles devem, em vez disso, construir a sua teoria *ao redor* dos dados disponíveis. E isso, já vimos, é ilegítimo, como metodologia histórica e, em muitos casos, é extremamente difícil de fazer.²⁸

O acadêmico inglês N. T. Wright conclui:

Só nos resta a conclusão histórica: o sepulcro estava vazio, e vários “encontros” ocorreram, não somente entre Jesus e os seus seguidores (incluindo pelo menos um cético inicial) mas também, em pelo menos um caso (o de Paulo e possivelmente também o de Tiago), entre Jesus e pessoas que não se incluíam entre os seus seguidores. Considero esta conclusão como pertencente ao mesmo tipo de categoria de uma probabilidade histórica a ponto de ser praticamente garantida, como a morte de Augusto, em 14 d.C., ou a queda de Jerusalém, em 70 d.C.²⁹

Somente uma conclusão leva em consideração todos os fatos, e não os ajusta a noções pré-concebidas. É a conclusão de que Cristo realmente ressuscitou — um ato sobrenatural de Deus na história.

A EVIDÊNCIA CIRCUNSTANCIAL

Existem evidências adicionais da ressurreição física de Cristo. Elas são chamadas evidências circunstanciais. A “evidência direta” lida com o fato em questão, como “Cristo realmente ressuscitou dos mortos?” *The Random House Dictionary of the English Language* define o significado de “evidência circunstancial” como “prova de fatos oferecida como evidência, da qual outros fatos devem ser deduzidos”.

Evidência Direta versus Evidência Circunstancial

Em um julgamento de roubo, o relato de uma testemunha que viu o homem sacar uma arma e atirar na pessoa que estava trabalhando no caixa é uma evidência direta. Ela lida diretamente com o fato. Mas a evidência de que (1) o homem foi visto entrando na loja imediatamente antes do tiroteio; (2) um recibo de venda que mostrava que ele havia comprado a arma; (3) as suas impressões digitais na arma e na caixa registradora; e (4) um relatório de balística que mostrava que a bala havia saído da sua arma — todas estas são evidências circunstanciais. As evidências circunstanciais não lidam diretamente com o disparo da arma que atingiu o caixa, mas com fatos que podem ser usados para deduzir que o réu atirou na pessoa que estava trabalhando no caixa.

A incapacidade de que uma única evidência circunstancial prove um fato não torna essa evidência menos importante. Várias evidências circunstanciais podem ser combinadas para formar um caso convincente. Como observou C. T. McCormick em *Handbook of the Law of Evidence*, um tijolo não é uma parede, mas vários tijolos podem fazer uma parede. Pequenas evidências se somam para formar uma prova substancial.¹

Em um tribunal, as evidências circunstanciais são tão importantes como a

evidência direta. E frequentemente uma evidência circunstancial forte é mais confiável do que a evidência direta, porque não pode ser inventada com a mesma facilidade. Na verdade, alguns réus foram condenados por homicídio em primeiro grau apenas com base em evidências circunstanciais.²

Neste capítulo, vamos considerar rapidamente seis áreas de evidência circunstancial que apontam para o fato da ressurreição, porque nada mais pode explicá-las.

Evidência Circunstancial Número 1: A Igreja

O sucesso inicial e a existência continuada da igreja cristã é um fenômeno histórico que deve ser explicado. Em um curto período de tempo, depois da morte de Jesus, a fé cristã se espalhou rapidamente por toda a Palestina e então além dela, até que por fim permeou todo o Império Romano. A sua origem pode ser atribuída à cidade de Jerusalém na Palestina, por volta do ano 30 d.C. Ela criou raízes e prosperou na mesma cidade onde Jesus foi crucificado e sepultado.

Você acredita, por um momento, que a Igreja Primitiva pudesse ter sobrevivido durante uma semana nesse ambiente hostil se Jesus Cristo não tivesse ressuscitado dos mortos? A ressurreição da igreja sobre quem a igreja estava sendo fundada foi pregada a poucos minutos de caminhada do sepulcro de José de Arimateia. Como resultado do primeiro sermão, em que Pedro afirmava que Cristo havia ressuscitado, três mil pessoas creram (veja At 2.41). Pouco depois, mais cinco mil pessoas creram. Todos esses convertidos teriam sido reunidos se Jesus não tivesse ressuscitado dos mortos?

O Dr. J. N. D. Anderson conclui, com base na evidência, que a igreja devia a sua origem à ressurreição de Jesus Cristo dos mortos. Ele pergunta: “Existe, realmente, alguma outra teoria que se encaixe nos fatos?”³

O Dr. Daniel Fuller observa que “tentar explicar isso [a igreja] sem referência à ressurreição é algo tão inútil quanto tentar explicar a história romana sem se fazer qualquer referência a Júlio César”.⁴

Evidência Circunstancial Número 2: A Adoração aos Domingos

O fato número 2 é o fenômeno sociológico do domingo cristão. A decisão de mudar “o dia de adoração” do sábado judeu para o primeiro dia da semana (o domingo) é provavelmente uma das decisões mais significativas feitas por um grupo de pessoas na história. Isso é verdadeiro, em particular, quando consideramos as consequências que resultariam, segundo acreditavam os

judeus, se estivessem errados.

Os primeiros cristãos eram judeus devotos que eram fanáticos na sua observância do sábado. Os judeus temiam infringir o sábado crendo que iriam incorrer na ira de Deus se violassem as rígidas leis a respeito dessa observância. Mas alguma coisa aconteceu que fez com que esses homens e mulheres dessem suas costas a todos os seus anos de treinamento religioso e tradição.

Eles mudaram o seu dia de adoração para o domingo, em honra ao aniversário da ressurreição de Jesus Cristo. Você consegue pensar em algum outro evento histórico que é celebrado 52 vezes por ano? A explicação mais racional para esse fenômeno é que Jesus apareceu pessoalmente às pessoas após ressuscitar, convencendo-as da verdade da ressurreição.

Evidência Circunstancial Número 3: O Batismo

O batismo dos crentes é praticado desde a Igreja Primitiva. É um testemunho público, feito por um novo crente, da fé em Jesus Cristo, e simboliza que no momento da salvação ele morre com Cristo na crucificação (entrando na água, como se fosse sepultado) e é ressuscitado com Ele, em novidade de vida (saindo da água, como Jesus saiu do sepulcro), pela ressurreição. O sacramento do batismo encontra o seu significado no fato da ressurreição histórica de Jesus Cristo. O Dr. J. P. Moreland observa: “A prática do batismo, na Igreja Primitiva, provavelmente foi uma adaptação do batismo dos prosélitos, realizado no judaísmo. A mudança no significado do ato do batismo pela igreja aponta para a ressurreição como uma condição prévia, necessária para tal mudança”.⁵

Evidência Circunstancial Número 4: A Santa Ceia

A Santa Ceia é outro sacramento, em que o cálice e o pão simbolizam a morte de Cristo na cruz e o derramamento do seu sangue pelos pecados da humanidade. Quando os crentes participam em comunhão, reconhecem com grande alegria que Cristo morreu por eles, pessoalmente. O Dr. Moreland explica o significado da Ceia do Senhor:

O que é estranho é que esses primeiros seguidores de Cristo não se reuniam para celebrar os seus ensinamentos nem o quanto Ele era maravilhoso. Eles se reuniam regularmente para ter uma refeição de celebração, por um motivo: recordar que Jesus fora assassinado em

público, de maneira grotesca e humilhante. Pense nisso em termos modernos. Se um grupo de pessoas amasse John F. Kennedy, poderia se reunir regularmente para recordar o seu confronto com a Rússia, a promoção que ele fez dos direitos civis e a sua personalidade carismática, mas não iriam comemorar o fato de que Lee Harvey Oswald o assassinou!⁶

Como pode uma grande alegria acompanhar o reconhecimento da horrível morte do fundador de uma religião, a menos que essa morte fosse seguida por uma subsequente ressurreição que oferece a redenção pessoal? A celebração da Santa Ceia só faz sentido com base na convicção de que Jesus verdadeiramente ressuscitou dos mortos no terceiro dia depois da sua morte, como registram as Escrituras.

Evidência Circunstancial Número 5: A Mudança na Estrutura Social

Os judeus têm sobrevivido ao longo dos séculos, diferentemente de qualquer outro povo na história. Apesar de calamidades nacionais, perseguição e grandes massacres de genocídio, os judeus ainda existem e prosperam como um grupo distinto de pessoas. Muitos outros grupos que viveram antes dos tempos de Jesus — como os babilônios, assírios, jebuseus e moabitas — deixaram de existir. Alguns foram esmagados militarmente, ao passo que outros fizeram casamentos inter-raciais e perderam o seu senso de distinção nacional. O Dr. Moreland explica:

Por que isso não aconteceu com os judeus? Porque as coisas que tornaram os judeus, judeus — as estruturas sociais que lhes deram a sua identidade nacional — eram inacreditavelmente importantes para eles. Os judeus transmitiam essas estruturas a seus filhos, celebravam essas estruturas nas reuniões na sinagoga todos os sábados e as reforçavam com seus rituais, porque sabiam que, se não fizessem isso, logo não sobraria nenhum judeu. Eles seriam assimilados nas culturas que os capturavam.

E há outra razão por que essas instituições sociais eram tão importantes: eles acreditavam que essas instituições lhes foram confiadas por Deus. Eles acreditavam que abandonar essas instituições significaria arriscar as

suas almas à condenação no inferno depois da morte.

Agora um rabino chamado Jesus aparece, vindo de uma região de classe baixa. Ensina durante três anos, reúne um grupo de seguidores de pessoas de classe média e baixa, entra em conflito com as autoridades e é crucificado, juntamente com trinta mil outros judeus do sexo masculino que são executados durante esse período.

Mas cinco semanas depois da sua crucificação, mais de dez mil judeus o estão seguindo e declarando que Ele é o iniciador de uma nova religião. E veja isso: eles estão dispostos a abrir mão ou alterar... as instituições sociais que lhes haviam sido ensinadas, desde a infância, como sendo de extrema importância, tanto sociológica quanto teologicamente.⁷

O Dr. Barry Leventhal, reitor acadêmico e professor do Southern Evangelical Seminary, demonstra quatro das mudanças sociais radicais de que os primeiros judeus convertidos ao cristianismo desistiram para seguir Jesus.⁸ Em primeiro lugar, os novos crentes em Cristo nunca mais ofereceram outro sacrifício animal depois da cruz, uma vez que a morte de Cristo foi suficiente para expiar todo pecado (veja Jo 19.30; Hb 10.26-31). Em segundo lugar, os novos crentes se sentiram livres para deixar de considerar certos aspectos cerimoniais da Lei Mosaica, que era o elemento essencial que os identificava como o povo escolhido de Deus (veja At 15.14-29; Ef 2.11-22). Em terceiro lugar, embora os novos crentes permanecessem monoteístas, também se tornavam trinitários. Em vez de crer meramente em Deus como uma pessoa, passaram a crer que há um Deus que existe em três pessoas, de forma simultânea (veja Mt 28.19). Em quarto lugar, a comunidade judaica esperava um libertador político e militar, e não um Messias sofredor. No entanto, depois da ressurreição de Cristo, os primeiros convertidos entenderam que as Escrituras ensinavam que o Messias deveria vir, primeiro, e sofrer pelos pecados do povo antes de entrar na glória (veja Lc 24.25, 44-48).

Diante dessa evidência circunstancial, o Dr. Leventhal conclui:

A evidência comprobatória citada acima aponta para a ressurreição única, em espaço e tempo, de Yeshua, o Messias? Qualquer que seja a nossa resposta, não se pode negar que a comunidade messiânica primitiva

assim pensava — e muitos deles deram suas vidas, em vez de negar qualquer parte delas. O fato da ressurreição de Jesus era a esperança da sua própria ressurreição. O impacto de Jesus, como o Messias ressuscitado, parece tão certo como qualquer fato pode ser.⁹

O fato de que esses judeus rígidos e obedientes à Lei estivessem dispostos a modificar a sua estrutura social e religiosa indica, de maneira contundente, uma crença firme de que Jesus verdadeiramente havia ressuscitado dos mortos, dando-lhes uma razão para superar o seu temor de desagradar a Deus, abandonando leis e tradições observadas por tanto tempo em favor das práticas de adoração da religião cristã.

Evidência Circunstancial Número 6: Vidas Transformadas

As vidas radicalmente transformadas dos primeiros crentes cristãos estão entre os mais reveladores testemunhos do fato da ressurreição. Uma das mudanças mais significativas foi a sua disposição em ir a todos os lugares, proclamando a mensagem do Cristo ressuscitado. Devemos perguntar: O que poderia ter motivado tal mudança?

Se tivesse havido benefícios visíveis que lhes resultassem de seus esforços — como prestígio, riqueza ou melhoria de posição social — poderíamos explicar os seus atos de uma forma lógica. Como recompensa, no entanto, pela sua sincera, fervorosa e total lealdade ao Cristo ressuscitado, os primeiros cristãos foram espancados, apedrejados até à morte, atirados aos leões, torturados, crucificados, e sujeitados a todos os métodos imagináveis para silenciar a sua mensagem. No entanto, eles eram os mais pacíficos homens e mulheres, que continuamente demonstravam amor e nunca forçavam suas crenças a qualquer pessoa. Em vez disso, davam a sua própria vida como a prova suprema de sua completa confiança na veracidade de sua mensagem.

Uma evidência de vidas transformadas estava nos próprios discípulos. Quando as autoridades capturaram Jesus no jardim do Getsêmani, a Bíblia nos diz que “todos os discípulos, deixando-o, fugiram” (Mt 26.56; veja Mc 14.50). Durante o julgamento de Cristo, Pedro saiu e três vezes negou até mesmo que conhecesse Jesus (veja Jo 18.15-27; Mc 14.66-72). Depois que Cristo foi crucificado, os temerosos discípulos se esconderam em um cenáculo e trancaram as portas (veja Jo 20.19). Esses discípulos também foram céticos quando ouviram as notícias sobre o sepulcro vazio. Um deles se recusou a crer, até que tivesse tocado pessoalmente os ferimentos de Jesus. E dois

discípulos, na estrada para Emaús, duvidaram, enquanto conversavam com Jesus!

Mas com o passar dos dias, alguma coisa aconteceu, que transformou por completo esse grupo de covardes seguidores em um grupo ousado e corajoso de entusiastas, que estavam dispostos a enfrentar uma vida de sofrimento pela causa de Cristo. O que aconteceu? Como dissemos anteriormente, a explicação mais lógica é que, depois da ressurreição de Jesus, Ele “foi visto por Cefas [Pedro] e depois pelos doze. Depois, foi visto, uma vez, por mais de quinhentos irmãos, dos quais vive ainda a maior parte, mas alguns já dormem também. Depois, foi visto por Tiago, depois, por todos os apóstolos” (1 Co 15.5-7).

A Ressurreição Explica todos os Fatos

Simon Greenleaf, professor de Direito de Harvard que ensinou durante anos como examinar um testemunho e determinar se uma testemunha está mentindo, conclui:

Os anais das guerras militares dificilmente apresentam um exemplo da constância heroica, paciência e coragem inesgotável. Eles tinham todos os motivos possíveis para revisar cuidadosamente as bases para a sua fé, e as evidências dos grandes fatos e verdades que declaravam... Era, portanto, impossível que pudessem ter persistido afirmando as verdades que narravam se Jesus realmente não tivesse ressuscitado dos mortos, e se eles não tivessem sabido desse fato com a mesma certeza com que conheciam qualquer outro fato.¹⁰

Escrevendo sobre a importância histórica da mudança ocorrida nos apóstolos, o Dr. George Eldon Ladd diz:

O historiador também deve admitir que a crítica histórica ainda não encontrou uma explicação histórica adequada para esses fatos: que, para o historiador, a transformação na vida dos discípulos é um problema não solucionado. Ele também deve admitir que a teoria de que Jesus realmente ressuscitou dos mortos explicaria todos os fatos.¹¹

Cada ponto deste capítulo lhe fornece um novo tijolo que acabará construindo um novo muro de verdade, tão sólido e resistente que você perceberá que a ressurreição é a explicação mais plausível para todos os fatos registrados no Novo Testamento e confirmados pela história secular. Os crentes em Jesus hoje em dia podem ter a confiança completa, como aqueles primeiros cristãos, de que a sua fé está baseada não em mitos ou lendas, mas no fato histórico e sólido do sepulcro vazio e do Cristo ressuscitado.

Conclusão

E AGORA, O QUE FAZER?

Como você avalia as evidências históricas em favor da ressurreição de Jesus Cristo apresentadas neste livro? Qual é a sua decisão a respeito do fato documentado do sepulcro vazio de Cristo? *O que você pensa sobre Cristo?*

Quando eu (Josh) me deparei com a esmagadora evidência em favor da ressurreição de Cristo, tive que fazer a pergunta lógica: “Que diferença faz, na minha vida, se creio ou não que Cristo morreu na cruz pelos meus pecados e ressuscitou?”

Para responder a essa pergunta, é preciso considerar as palavras que Jesus disse aos seus discípulos: “Eu sou o caminho, e a verdade, e a vida. Ninguém vem ao Pai senão por mim” (Jo 14.6). O apóstolo Pedro enfatizou a corajosa declaração de seu Mestre, quando disse: “Ele [Jesus] é a pedra [o Messias]... E em nenhum outro há salvação, porque também debaixo do céu nenhum outro nome há, dado entre os homens, pelo qual devamos ser salvos” (At 4.11,12).

Jesus afirma ser o único meio de um relacionamento com Deus Pai. Com base na esmagadora evidência em favor da ressurreição de Cristo, e considerando que Jesus oferece perdão dos pecados e um relacionamento eterno com Deus, quem seria tão insensato para rejeitá-lo?

Cristo está vivo! Ele está vivo hoje! A resposta mais lógica para esta realidade é confiar a sua vida a Jesus Cristo, e experimentar a transformação pessoal que somente Ele pode realizar.

O Poder de Cristo

Não importa o que possam dizer os críticos, o Cristo do Novo Testamento pode transformar vidas. Milhões de pessoas, criadas das mais diversas maneiras, de todas as nacionalidades, de todas as raças e de todas as profissões, durante mais de vinte séculos, são testemunhas do poder destruidor que o perdão de Deus tem sobre o pecado, por intermédio de Jesus Cristo. E. Y. Mullins escreve:

Um bêbado redimido, com a lembrança vívida das lutas desesperadas do passado e uma nova sensação de poder, por Cristo, estava respondendo à acusação de que a sua religião era uma ilusão. Ele disse: “Agradeço a Deus pela ilusão; ela deu roupas aos meus filhos, e pôs sapatos nos seus pés, e comida em suas bocas. Ela fez de mim um homem, e trouxe alegria e paz à minha casa, que antes era um inferno. Se isso é uma ilusão, que Deus possa enviá-las para que os escravos a bebam, em todas as partes, pois a sua escravidão é uma terrível realidade.

Eu também sou uma testemunha viva de que a Bíblia é verdadeira e de que Jesus Cristo ressuscitou dos mortos e vive hoje. A minha vida foi transformada pelo poder de Cristo. Como resultado, eu cheguei a uma conclusão: Um relacionamento com o Cristo vivo transforma as pessoas. Jesus Cristo pode transformar você. Se você pedir a Ele que assuma o controle da sua vida, comece a ser uma pessoa mais cuidadosa com as suas atitudes e ações, porque o Cristo do Novo Testamento tem a função de perdoar os pecados, remover a culpa, transformar vidas e construir novos relacionamentos.

O Ponto Focal da Experiência Cristã: Jesus Cristo

Muitas pessoas têm a impressão de que a conversão cristã é uma experiência psicologicamente induzida, produzida por uma lavagem cerebral com palavras persuasivas e apresentações emocionais de “mitos” cristãos. Um evangelista é considerado como um psicólogo que manipula mentes fracas e impotentes para deixá-las em conformidade com as suas próprias opiniões.

Alguns chegaram a sugerir que a experiência cristã pode ser explicada com base em reflexos condicionados. Eles afirmam que qualquer pessoa, depois da repetida exposição ao modo de pensar cristão, pode ser presa em um tipo de

“hipnose espiritual” em que ela reagirá mecanicamente de determinadas maneiras sob determinadas condições.

Em seu livro *Know Why You Believe*, Paul Little conclui que “explicar toda a experiência cristã com uma base psicológica não se encaixa com os fatos”. Ele acrescenta que “a experiência cristã pode ser descrita psicologicamente, mas isso não explica por que ela acontece, nem nega a sua realidade”. O *porquê* da experiência cristã é a pessoa de Jesus Cristo. Este fato distingue o cristianismo de todas as outras religiões, pois apenas o cristianismo proporciona uma fonte totalmente nova de poder para a vida.

Robert O. Perm comenta sobre a unicidade da conversão cristã: “Para o cristão, este novo centro de energia é a pessoa de Cristo. A diferença entre o cristão e o não cristão, na realidade, não é a diferença em sintomas psicológicos, mas no objeto em que a nova personalidade é integrada. O que torna diferente a conversão cristã, então, é Cristo”. Como escrevi em meu livro *Evidence that Demands a Verdict*:

[Este] objeto de... fé não é alguma invenção filosófica da mente humana, mas uma realidade física, histórica. O Deus do cristianismo não é um Deus desconhecido e imperceptível, mas um Deus que tem atitudes e características específicas, que são reveladas nas Escrituras. Diferentemente de algumas das religiões devotadas a um deus místico, os cristãos depositam a sua fé em um Deus que pode ser identificado, e que se fez conhecido na *história*, enviando seu Filho, Jesus Cristo. Os cristãos podem crer que os seus pecados foram perdoados, porque o perdão foi obtido e registrado na *história* pelo derramamento do sangue de Cristo, na cruz. Podemos saber que Cristo agora vive neles, porque Ele ressuscitou dos mortos na *história*.

Como Você Pode Responder ao que Jesus Fez por Você

Você pode responder pessoalmente, por meio de oração, ao que Jesus Cristo fez por você com a sua morte e ressurreição. A oração é simplesmente falar com Deus. Deus conhece o seu coração e não está tão interessado nas suas palavras quanto está nas atitudes do seu coração. Se você nunca confiou em Cristo, pode fazer isso agora mesmo, em oração. Aqui estão quatro importantes princípios para entender, ao se dirigir a Deus em oração.

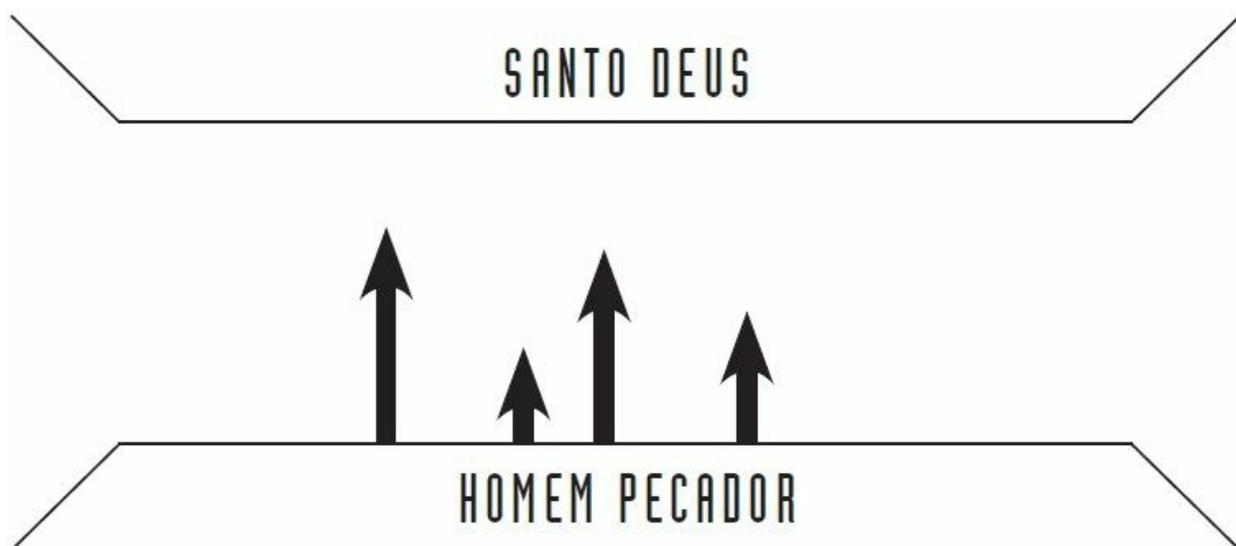
Em primeiro lugar, *Deus ama você, e oferece um plano maravilhoso para a*

sua vida. O amor de Deus é evidente em João 3.16: “Porque Deus amou o mundo de tal maneira que deu o seu Filho unigênito, para que todo aquele que nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna”. João 10.10 nos mostra o plano maravilhoso de Deus para as nossas vidas.

Jesus disse: “Eu vim para que tenham vida e a tenham com abundância”.

Em segundo lugar, *o homem é pecador e está separado de Deus, e por isso ele não pode conhecer e vivenciar o amor de Deus e o seu plano para a sua vida.* Romanos 3.23 diz: “Porque todos pecaram e destituídos estão da glória de Deus”. A humanidade foi criada para ter comunhão com Deus, mas por causa do nosso livre-arbítrio obstinado, decidimos seguir o nosso próprio caminho independente, e a comunhão com Deus foi rompida. Esse livre-arbítrio, caracterizado por uma atitude de ativa rebelião ou indiferença passiva, é uma evidência daquilo que a Bíblia chama de pecado. Romanos 6.23 diz: “Porque o salário do pecado é a morte”, e a morte significa a separação espiritual de Deus.

Esse diagrama mostra que Deus é santo e o homem é pecador. Há um grande abismo entre os dois. As flechas mostram que o homem está continuamente tentando alcançar Deus e a vida abundante, com seus próprios esforços, tentando viver uma vida de bem ou por meio da filosofia ou religião.



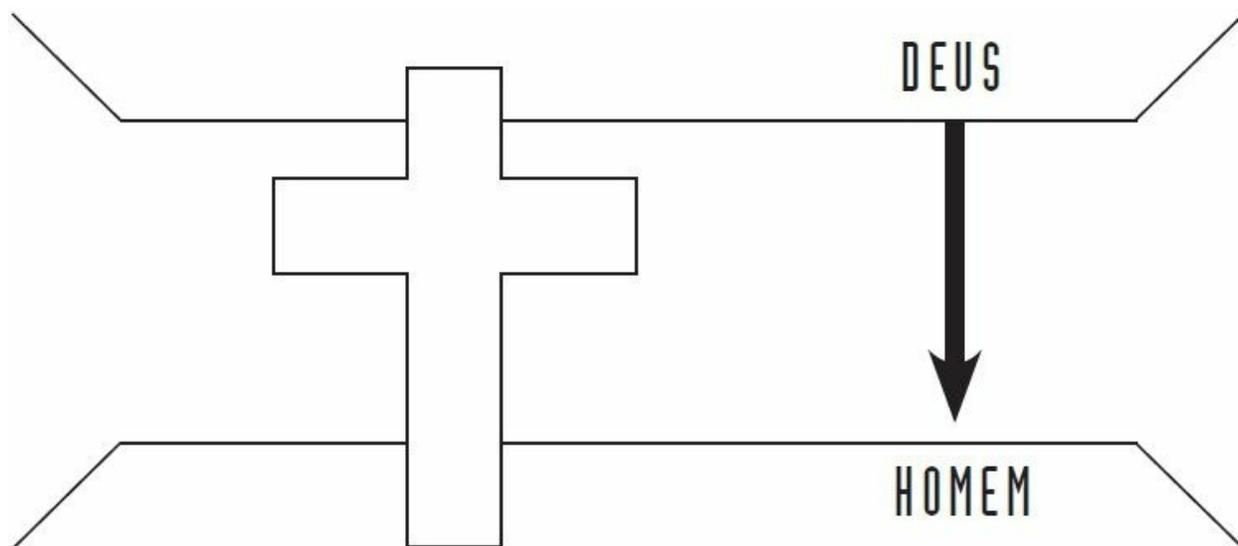
Em terceiro lugar, *Jesus Cristo é a única provisão de Deus para o pecado do homem.* Por intermédio dEle, você pode conhecer e experimentar o amor de Deus e o plano que Ele tem para a sua vida. Jesus morreu em seu lugar. Segundo Romanos 5.8, “Deus prova o seu amor para conosco em que Cristo

morreu por nós, sendo nós ainda pecadores”. Jesus ressuscitou dos mortos. Em 1 Coríntios 15.3-6 lemos: “Cristo morreu por nossos pecados... foi sepultado, e ressuscitou ao terceiro dia, segundo as Escrituras, foi visto por Cefas e depois pelos doze. Depois, foi visto, uma vez, por mais de quinhentos irmãos”.

Jesus é o único caminho para Deus. Ele disse: “Eu sou o caminho, e a verdade, e a vida. Ninguém vem ao Pai senão por mim” (Jo 14.6).

Esse diagrama mostra que Deus cobriu o abismo que nos separa dEle, enviando o seu Filho, Jesus Cristo, para morrer na cruz em nosso lugar, para pagar a pena pelos nossos pecados.

Não é suficiente conhecer esses três primeiros princípios, nem concordar intelectualmente com eles. O quarto princípio define como você pode conhecer e experimentar o amor de Deus e o seu plano para a sua vida: *recebendo individualmente a Jesus Cristo como Salvador e Senhor*. A Bíblia nos diz que devemos receber a Cristo: “Mas a todos quantos o receberam [a Cristo] deu-lhes o poder de serem feitos filhos de Deus” (Jo 1.12). Nós o recebemos pela fé: “pela graça sois salvos [por Deus], por meio da fé; e isso não vem de vós; é dom de Deus. Não vem das obras, para que ninguém se glorie” (Ef 2.8,9). Quando você recebe a Cristo pela fé, experimenta o novo nascimento (veja Jo 3.1-8).



Você recebe Cristo pela fé, por meio de um convite pessoal. Jesus disse: “Eis que estou à porta e bato; se alguém ouvir a minha voz e abrir a porta,

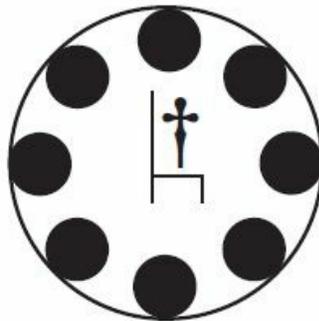
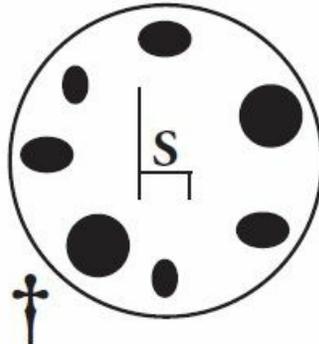
entrarei em sua casa” (Ap 3.20). Receber a Cristo envolve afastar-se de si próprio e voltar-se para Deus (arrependimento), e confiar que Cristo entrará na sua vida para perdoar os seus pecados e fazer de você o tipo de pessoa que Ele deseja que seja. Não é suficiente apenas concordar intelectualmente que Jesus Cristo é o Filho de Deus e que Ele morreu na cruz pelos nossos pecados. Nem é suficiente ter uma experiência emocional. Você recebe Jesus Cristo pela fé, como um ato de sua própria vontade.

Qual é o círculo que melhor representa a sua vida?

Qual círculo você gostaria que representasse a sua vida?

VIDA DIRIGIDA PELO PRÓPRIO INDIVÍDUO

- S= O próprio indivíduo está no trono
- †= Cristo está fora da vida
- = Os interesses são dirigidos pelo próprio indivíduo, com frequência resultando em discórdia e frustração



VIDA DIRIGIDA POR CRISTO

- †= Cristo está na vida e no trono
- S= O indivíduo cede a Cristo
- = Os interesses são dirigidos por Cristo, resultando em harmonia com o plano de Deus

Você está preparado para confiar em Cristo? Caso afirmativo, você pode fazer a seguinte oração:

Senhor Jesus, preciso de ti. Obrigado, porque morreste na cruz pelos meus pecados. Eu abro a porta da minha vida e te recebo como meu Salvador e Senhor. Obrigado, porque perdoaste os meus pecados e me deste a vida eterna. Assume o controle do trono da minha vida. Faze de mim o tipo de pessoa que desejas que eu seja.

Essa oração expressa o desejo do seu coração? Se expressa, faça essa oração agora mesmo, e Cristo virá à sua vida, como prometeu.

Você orou para receber a Cristo em sua vida? Então, de acordo com a sua promessa em Apocalipse 3.20, onde está Cristo agora mesmo em relação a você? Cristo disse que entraria na sua vida. Ele o enganaria?

Não! Você pode ter certeza de que Deus atendeu a sua oração, porque Ele e a sua palavra são dignos de confiança.

A Bíblia promete que, ao receber a Cristo, você terá a vida eterna: “E o testemunho é este: que Deus nos deu a vida eterna; e esta vida está em seu Filho. Quem tem o Filho tem a vida; quem não tem o Filho de Deus não tem a vida. Estas coisas vos escrevi, para que saibais que tendes a vida eterna e para que creiais no nome do Filho de Deus” (1 Jo 5.11-13).

Agradeça a Deus agora mesmo, porque Cristo está na sua vida, e porque Ele nunca o deixará (veja Hb 13.5). Você pode saber, com base na promessa dEle, que Cristo vive em você e que você terá a vida eterna, a partir do primeiro momento em que o deixar entrar. Ele não o enganará.

E agora? Você não deve viver sozinho a vida cristã. A palavra de Deus o incentiva a se encontrar com outros cristãos para crescer e permanecer forte (veja Hb 10.25). Vários pedaços de madeira ardem brilhantemente juntos, mas coloque um deles de lado, no chão frio, e o fogo se extingue. Assim é o seu relacionamento com outros cristãos. Se você não pertence a uma igreja, não espere ser convidado. Tome a iniciativa. Visite o pastor de uma igreja próxima onde Cristo é honrado e onde a sua Palavra é ensinada. Comece nesta semana, e faça planos para comparecer regularmente.

NOTAS

Introdução: A Ressurreição de Cristo — A Única Esperança do Mundo

¹ “SuperNinjette”, mensagem publicada em www.atheistnetwork.com, em 16 de julho de 2007.

Capítulo 1: Como as Coisas Ficaram tão Confusas?

¹ Michael Green, *The Empty Cross of Jesus*. Downers Grove, IL: InterVarsity Press, 1984, p. 73.

Capítulo 2: Estamos Condenados?

¹ David Kinnaman, *unChristian: What a New Generation Really Thinks About Christianity*. Grand Rapids, MI: Baker Books, 2007, p. 128.

² Chap Clark, *Hurt: Inside the World of Today's Teenagers*. Grand Rapids, MI: Baker, 2004), p. 50, 69.

³ Ibid., p. 51.

⁴ *Merriam-Webster's Collegiate Thesaurus*, 10 ed. Springfield, MA: Merriam-Webster, 1996, verbete “bemaventurança”.

⁵ Dennis Prager, *Happiness Is a Serious Problem*. Nova York: Harper Collins, 1999, p. 44.

⁶ J. P. Moreland e Klaus Issler, *The Lost Virtue of Happiness*. Colorado Springs, CO: NavPress, 2006, p. 17.

⁷ Christian Smith, *Soul Searching*. Nova York: Oxford University Press, 2005, p. 149. Uso com autorização de Oxford University Press, www.oup.com.

⁸ Geoffrey Cowley, “The Science of Happiness”, *Newsweek*, 12 de setembro de 2002, p. 48.

⁹ J. P. Moreland, *Love Your God with All Your Mind*. Colorado Springs, CO: NavPress, 1997, p. 81, 82.

Capítulo 3: O Incrível Amor de Deus

¹ John R. W. Stott, *The Cross of Christ*. Downers Grove, IL: InterVarsity Press, p. 214.

² Philip Yancey, *Disappointment with God*. Grand Rapids, MI: Zondervan, 1988, p. 122.

³ Michael Green, *The Empty Cross of Jesus*. Downers Grove, IL: InterVarsity Press, p. 54.

Capítulo 4: A Solução para o nosso Dilema

- ¹ John R. W. Stott, *The Cross of Christ*. Downers Grove, IL: InterVarsity Press, p. 220.
- ² Josh McDowell e Thomas Williams, *The Incredible Rumor*. Dallas, TX: Josh McDowell Ministry, 2007, p. 96.
- ³ Stott, *The Cross of Christ*, p. 244.
- ⁴ N. T. Wright, *The Challenge of Jesus*. Downers Grove, IL: InterVarsity Press, 1999, p. 126.
- ⁵ Gerd Ludemann, *What Really Happened to Jesus: A Historical Approach to the Resurrection*, tradução de John Bowden. Louisville, KY: Westminster John Knox Press, 1995, p. 1.

Capítulo 5: A Libertação do Temor da Morte

- ¹ Esses pontos foram desenvolvidos por Stephen T. Davis, *Risen Indeed*. Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1993, p. 203, 204. Reimpressão com autorização do editor. Todos os direitos reservados.
- ² Gary Habermas, *The Risen Jesus and Future Hope*. Lanham, MA: Rowman and Littlefield, 2003, p. 173183.
- ³ Randy Alcorn, *Heaven*. Carol Stream, IL: Tyndale, 2004, p. xx.
- ⁴ Ibid, p. 21.
- ⁵ Habermas, *The Risen Jesus and Future Hope*, p. 182.

Capítulo 6: As nossas Esperanças e os nossos Desejos Serão Satisfeitos

- ¹ N. T. Wright, citação em Randy Alcorn, *Heaven*. Carol Stream, IL: Tyndale, 2004, p. 409.
- ² Mark Twain, *Letters from the Earth*. 1962; reimpr., Greenwich, Connecticut: Fawcett Crest, 1966, p. 16.
- ³ Alcorn, *Heaven*, p. 10-12.
- ⁴ Ibid, p. 241.
- ⁵ C. S. Lewis, *Miracles*, direitos autorais © C. S. Lewis Pte. Ltd. 1960. Fragmento reimpresso com autorização.

Capítulo 7: A Restauração de todas as Coisas

- ¹ Dwight L. Moody, “Shall We Meet Our Loved Ones Again?” Sermão em <http://www.jesus-is-savior.com/Books,%20Tracts%20&%20Preaching/Printed>

[%o20Sermons/DL_Moody/loved_ones.htm](#)

- ² Dan Kimball, *They Like Jesus but Not the Church*. Grand Rapids, MI: Zondervan, 2007, p. 69.
- ³ David Kinnaman, *unChristian: What a New Generation Really Thinks about Christianity*. Grand Rapids, MI: Baker Books, 2007, p. 27, 185.
- ⁴ Kimball, *They Like Jesus but Not the Church*, p. 112.
- ⁵ Kinnaman, *UnChristian*, p. 219.

Capítulo 8: A nossa Nova Vida Começa Agora

- ¹ “Chris Farley: 1964-1997”, *Rolling Stones*, editado por Erik Hedegaard, 5 de fevereiro de 1998, p. 42.
- ² Francis S. Collins, *The Language of God*. Nova York: Free Press, 2006, p. 19, 20.
- ³ Henri Nouwen, *Here and Now: Living in the Spirit*. Nova York: The Crossroad Publishing Co., 1997, p. 35.
- ⁴ Erik Segalini, “Dying to Tell You”, *Worldwide Challenge.*, julho/agosto, 1998, p. 25.
- ⁵ Liz Halloran, “Moving On”, *US News & World Report*. 26 de março-2 de abril de 2007, p. 26.
- ⁶ N. T. Wright, *Evil and the Justice of God*. Downers Grove, IL: InterVarsity Press, 2006, p. 143.
- ⁷ Jean M. Twenge, *Generation Me*. Nova York: Free Press, 2006, p. 110.
- ⁸ Marya Mannes, citação em “Wit and Wisdom”, *The Week*. 9 de fevereiro de 2007, p. 17.
- ⁹ David Wilkerson, Surfing the Current, “Turning the Other Xbox”, *The Journal of Student Ministries*, janeiro/fevereiro de 2007, p. 16.
- ¹⁰ Wright, *Evil and the Justice of God*, p. 98, ênfase minha.

Capítulo 9: É Verdade? É Digno de Crédito?

- ¹ George Barna, *Real Teens*. Ventura, CA: Regal Books, 2001, p. 92.
- ² Christian Smith, *Soul Searching*. Nova York: Oxford University Press, 2005, p. 144.
- ³ Nancy Pearcey, *Total Truth*. Wheaton, IL: Crossway Books, 2004, p. 20.
- ⁴ Citação em “Youth Culture Update”, *Youth Worker Journal*. Julho/agosto de 2006, p. 9.

- ⁵ Walt Mueller, *Youth Culture 101*. Grand Rapids, MI: Zondervan, 2007, p. 59.
- ⁶ Smith, *Soul Searching*, p. 138.
- ⁷ Ibid., p. 1. 45.
- ⁸ N. T. Wright, *Evil and the Justice of God*. Downers Grove, IL: InterVarsity Press, 2006, p. 30, 31.
- ⁹ Dan Kimball, *The Emerging Church*. Grand Rapids, MI: Zondervan, 2003, p. 86.
- ¹⁰ Extraído de James W. Sire, *Why Good Arguments Often Fail*, © 2006 por James W. Sire. Publicado com autorização de InterVarsity Press, P. O. Box 1400, Downers Grove, IL 60515, www.ivpress.com, p. 150-152.
- ¹¹ Ibid., p. 151.
- ¹² Smith, *Soul Searching*, p. 74.
- ¹³ Stephen T. Davis, *Risen Indeed*. Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1993, p. 197. Reimpressão com autorização do editor. Todos os direitos reservados.

Capítulo 10: A Confirmação da História

- ¹ Wolffian: Pannenberg, “A Dialogue on Christ’s Resurrection”, *Christianity Today*, vol. XII, 12 de abril de 1968, p. 10.
- ² Stephen T. Davis, *Risen Indeed*. Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1993, p. 24, 25.
- ³ William Lane Craig, *Assessing the New Testament Evidence for the Historicity of the Resurrection of Jesus*. Lewiston, NY: Edwin Melien, 1989, p. 418, 419.
- ⁴ Richard J. Evans, *In Defense of History*. Nova York: W. W. Norton and Company, 1999, p. 189.
- ⁵ Veja Lucas 24.9-11, Lucas 24.13-32, e João 20.24-31 para exemplos dos discípulos narrando incidentes que os colocam sob uma luz negativa. O incentivo mais provável que teriam para registrar esses incidentes é o fato de serem verdadeiros. Que outro motivo teriam para fazer com que fossem considerados de maneira negativa?
- ⁶ N. T. Wright, *The New Testament and the People of God*. Mineápolis, MN: Augsburg Fortress, 1992, p. 89.
- ⁷ Michael Licona, *The Historicity of the Resurrection of Jesus: Historiographical Considerations in the Light of Recent Debates*. Uma tese de doutorado concluída na Universidade de Pretoria (2008).

- ⁸ Norman L. Geisler, *Baker Encyclopedia of Christian Apologetics*. Grand Rapids, MI: Baker Books, 1999, p. 531.
- ⁹ Ronald Sider, “A Case for Easter”, *His*, abril, 1972, p. 27-31.
- ¹⁰ Ethelbert Stauffer, *Jesus and His Story*, tradução de Dorothea M. Barton. Nova York: Knopf, 1960, p. 17.
- ¹¹ Philip Schaff, *History of the Christian Church*, vol. 1. Nova York: Charles Scribner’s Sons, 1882, p. 175.
- ¹² F. F. Bruce, *The New Testament Documents: Are They Reliable?* 5 ed. Downer’s Grove, IL: Intervarsity Press, 1960, p. 119.

Capítulo 11: As Narrativas dos Milagres Minam a Credibilidade?

- ¹ Craig Blomberg, *The Historical Reliability of the Gospels*. Downers Grove, IL: InterVarsity Press, 1987, p. 73.
- ² Richard Purtill, “Defining Miracles”, extraído de *In Defense of Miracles*, editado por R. Douglas Geivett e Gary R. Habermas. © 1977 por R. Douglas Geivett e Gary R. Habermas. Publicado por InterVarsity Press, P. O. Box 1400, Downers Grove, IL 60515, p. 62, 63.
- ³ Antony Flew, “Negative Statement”, *Did Jesus Rise from the Dead?* Editado por Terry L. Miethe. São Francisco: Harper & Row, 1987, p. 4.
- ⁴ Norman Geisler, “Miracles and the Modern World”, *In Defense of Miracles*, editado por R. Douglas Geivett e Gary R. Habermas. Downers Grove, IL: InterVarsity Press, 1997, p. 77, 78.
- ⁵ Ross Clifford, *Leading Lawyers’ Case for the Resurrection*. Edmonton, Alberta, Canadá: Canadian Institute for Law, Theology & Public Policy, Inc., 1996, p. 104, 105, ênfase minha.
- ⁶ Michael Goulder, “The Explanatory Power of Conversion-Visions”, *Jesus’ Resurrection: Fact or Figment?* Editado por Paul Copan e Ronald K. Tacelli. Downers Grove, IL: InterVarsity Press, 2000, p. 102.
- ⁷ **N. do E.:** Mais alta combinação de cartas que se pode fazer em uma partida de pôquer.
- ⁸ C. Stephen Evans, *The historical Christ and the Jesus of Faith*. Nova York: Oxford University Press, Inc., 1996, p. 22.
- ⁹ John P. Meier, *A Marginal Jew: Rethinking the Historical Jesus*, vol. 2. Nova York: Doubleday, 1991, p. 509-534.
- ¹⁰ Blomberg, *The Historical Reliability of the Gospels*, p. 75, 76.

- ¹¹ Norman L. Geisler, *Miracles and Modern Thought*. Grand Rapids, MI: Zondervan, 1982, p. 58.
- ¹² William Lane Craig, *The Historical Argument for the Resurrection of Jesus During the Deist Controversy*. Lewiston, NY: Edwin Mellen Press, 1985, p. 516.
- ¹³ Gregory Boyd, *Cynic, Sage, or Son of God?*. Wheaton, IL: Bridgepoint, 1995, p. 120, 121.
- ¹⁴ Wolfhart Pannenberg, “History and the Reality of the Resurrection”, *Resurrection Reconsidered*, editado por Gavin D’Costa. Rockport, MA: Oneworld Publications, 1996, p. 66.
- ¹⁵ John Warwick Montgomery, *Where Is History Going?*. Mineápolis, MN: Bethany Fellowship, 1967, p. 71.
- ¹⁶ William Lane Craig, *Reasonable Faith*. Wheaton, IL: Crossway Books, 1994, p. 151.
- ¹⁷ Gary Habermas e Michael Licona, *The Case for the Resurrection*. Grand Rapids, MI: Kregel Publishers, 2004, p. 1. 36.
- ¹⁸ Francis J. Beckwith, “History and Miracles”, *In Defense of Miracles*, editado por R. Douglas Geivett e Gary R. Habermas. Downers Grove, IL: InterVarsity Press, 1997, p. 87, 88.
- ¹⁹ Richard Swinburne, “Evidence for the Resurrection”, *The Resurrection*, editado por Stephen Davis, Daniel Kendall e Gerald O’Collins. Nova York: Oxford, 1998, p. 198.
- ²⁰ Veja J. P. Moreland, *Scaling the Secular City: A Defense of Christianity*. Grand Rapids, MI: Baker Academic, 1987; William Lane Craig, *Reasonable Faith: Christian Truth and Apologetics*. Wheaton, IL: Crossway Books, 2008; e Frank Turek e Norman Geisler, *I Don’t Have Enough Faith to Be an Atheist*. Wheaton, IL: Crossway Books, 2004.
- ²¹ Craig, *The Historical Argument for the Resurrection of Jesus During the Deist Controversy*, p. 505.

Capítulo 12: Evidências a Favor da Confiabilidade de Documentos

- ¹ Federal Rules of Evidence 901(b)(8).
- ² John Warwick Montgomery, “Legal Reasoning and Christian Apologetics”, *The Law Above the Law*. Oak Park, IL: Christian Legal Society, 1975, p. 88, 89.

- ³ Pamela Burnings Ewen, *Faith on Trial*. Nashville, TN: B&H Publishers, 1999, p. 29.
- ⁴ Veja Josh McDowell, *The New Evidence That Demands a Verdict* (Nashville, TN: Thomas Nelson, 1999) para obter informações detalhadas sobre as várias descobertas manuscritas.
- ⁵ William F. Albright, *Recent Discoveries in Biblical Lands*. Nova York: Funk e Wagnalls, 1955, p. 136.
- ⁶ John A. T. Robinson, *Time*. 21 de março de 1977, p. 95.
- ⁷ Colin J. Hemer, *The Book of Acts in the Setting of Hellenistic History*, editado por Conrad H. Gempf. Tubingen: Mohr, 1989, p. 376-382.
- ⁸ John Wenham, *Redating Matthew, Mark and Luke*. Downers Grove, IL: InterVarsity Press, 1992, p. 223-244.
- ⁹ Craig Blomberg, "Where Do We Start Studying Jesus?" *Jesus Under Fire*. Grand Rapids, MI: Zondervan, 1995, p. 29.
- ¹⁰ *Ibid.*, p. 29, 30.
- ¹¹ Frederick G. Kenyon, *The Bible and Archaeology*. Nova York: Harper and Row, 1940, p. 288.
- ¹² John A. T. Robinson, *Can We Trust the New Testament?*. Grand Rapids: Eerdmans, 1977, p. 36. Reimpressão com autorização do editor. Todos os direitos reservados.
- ¹³ Gary R. Habermas e Antony Flew, *Did Jesus Rise from the Dead? The Resurrection Debate*, editado por Terry L. Miethe. São Francisco: Harper and Row, 1987, p. 66.
- ¹⁴ F. F. Bruce, *The New Testament Documents: Are They Reliable?* 5 ed. Downer's Grove, IL: Intervarsity Press, 1960, p. 15.
- ¹⁵ Louis Gottschalk, *Understanding History*, 2 ed. Nova York: Knopf, 1969, p. 150, 161, 168.
- ¹⁶ John Ankerburg e John Weldon, *Knowing the Truth About the Resurrection*. Eugene, OR: Liar-vest Flouse, 1996, p. 20.
- ¹⁷ Blaise Pascal, *Pensees*. Nova York: Penguin Books, 1995, primeira tradução por A. J. Krailsheimer em 1966.
- ¹⁸ John Warwick Montgomery, "Legal Reasoning and Christian Apologetics", p. 88, 89.
- ¹⁹ Bruce, *The New Testament Documents: Are They Reliable?* p. 43.
- ²⁰ Stan Gundry, *An Investigation of the Fundamental Assumption of Form*

Criticism, tese apresentada ao Department of New Testament Language and Literature, Talbot Theological Seminary, junho de 1963, p. 43.

- 21 Gottschalk, *Understanding History*, p. 168.
- 22 McDowell, *The New Evidence That Demands a Verdict*, p. 62-64.
- 23 William F. Albright, *The Archaeology of Palestine*, edição revisada. Baltimore, MA: Penguin Books, 1960, p. 141.
- 24 Bruce, “Archaeological Confirmation of the New Testament”, em *Revelation and the Bible*, editado por Carl Henry. Grand Rapids, MI: Baker Book House, 1969, p. 329.
- 25 Markus Bockmuehl, *This Jesus: Martyr, Lord, Messiah*. Downers Grove, IL: InterVarsity Press, 1996, p. 70, 71.
- 26 Millar Burrows, *What Mean These Stones?*. Nova York: Meridian Books, 1957, p. 42.
- 27 Gary R. Habermas, *The Historical Jesus: Ancient Evidence for the Life of Christ*. Joplin, MO: College Press, 1996, p. 224.
- 28 Gary R. Habermas, “Why I Believe the New Testament Is Historically Reliable”, em *Why I Am a Christian: Leading Thinkers Explain Why They Believe*, editado por Norman L. Geisler e Paul K. Hoffman. Grand Rapids, MI: Baker Books, 2001, p. 150.
- 29 Edwin Yamauchi, “Jesus Outside the New Testament: What Is the Evidence?” em *Jesus Under Fire*, p. 221, 222.
- 30 Craig Blomberg, “Where Do We Start Studying Jesus?” em *Jesus Under Fire*, p. 41.
- 31 Gary R. Habermas, “Why I Believe the New Testament is Historically Reliable”, em Geisler e Hoffman, *Why I Am a Christian*, p. 157-158.
- 32 Paul Johnson, “An Historian Looks at Jesus”, en *Crisis in Christology: Essays in Quest of Resolution*, editado por William R. Farmer. Livonia, MI: Dove Booksellers, 1995, p. 33.
- 33 William F. Albright, *From the Stone Age to Christianity*, 2 ed. (Baltimore, MA: John Hopkins Press, 1946), p. 297, 298.
- 34 Blomberg, “Where Do We Start Studying Jesus?” em *Jesus Under Fire*, p. 33, 34.
- 35 Josh McDowell, *The New Evidence That Demands a Verdict*. Nashville, TN: Thomas Nelson, 1999.

Capítulo 13: As Discrepâncias Minam a Confiabilidade Histórica?

- ¹ John S. Feinberg, “The Incarnation of Jesus”, extraído de *In Defense of Miracles*, editado por R. Douglas Geivett e Gary R. Habermas. © 1977 por R. Douglas Geivett e Gary R. Habermas. Publicado por InterVarsity Press, P. O. Box 1400, Downers Grove, IL 60515, p. 229, ênfase minha.
- ² R. Raymond E. Brown, *The Death of the Messiah*, vol. 1. Nova York: Doubleday, 1994, p. 8.
- ³ Murray J. Harris, *Raised Immortal*. Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1983, p. 68. Reimpressão com autorização do editor. Todos os direitos reservados.
- ⁴ Norman Anderson, *A Lawyer Among Theologians*. Londres: Hodder and Stoughton, 1973, p. 111.
- ⁵ John Wenham, *Easter Enigma*. Oxford, UK: Paternoster Press, 1984, p. 10, 11. Para outra tentativa de harmonização, veja *Jesus Christ: The Greatest Life Ever Lived*, compilado e traduzido por Johnston M. Cheney e Stanley Ellisen (Eugene, OR: Paradise Publishing, Inc, 1994), revisão de *The Life of Christ in Stereo* (Portland, OR: Western Baptist Seminary Press, 1969).
- ⁶ Stephen T. Davis, *Risen Indeed*. Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1993, p. 69, ênfase minha.
- ⁷ Craig Blomberg, *The Historical Reliability of the Gospels*. Downers Grove, IL: InterVarsity Press, 1987, p. 113.
- ⁸ N. T. Wright, “The Transformation of the Bodily Resurrection”, em *The Meaning of Jesus: Two Visions*, Marcus Borg e N. T. Wright. Nova York: Harper San Francisco, 2000), p. 121, 122.
- ⁹ Paul Maier, *In the Fullness of Time: A Historian Looks at Christmas, Easter, and the Early Church*. Grand Rapids, MI: Kregel, 1998, p. 180, ênfase minha.
- ¹⁰ William Proctor, *The Resurrection Report*. Nashville, TN: B&H Publishers, 2000, p. 41.
- ¹¹ Simon Greenleaf, *An Examination of the Testimony of the Four Evangelists by the Rules of Evidence Administered in the Courts of Justice*. Grand Rapids, MI: Baker Book House, 1965, reimpressão da edição de 1874 (Nova York: J. Cockroft & Co.), p. 17, 18.

Capítulo 14: Fatos Cruciais sobre a Crucificação de Cristo

- ¹ N. T. Wright, *Jesus and the Victory of God*. Mineápolis, MN: Augsburg Fortress Press, 1997, p. 551, 552.

- ² James Montgomery Boice, *The Gospel of John: Triumph Through Tragedy*. Grand Rapids, MI: Baker Book House, 1999, p. 1472.
- ³ Raymond E. Brown, *The Death of the Messiah*, vol. 1. Nova York: Doubleday, 1994, p. 531-532.
- ⁴ Haim Cohn, “Reflections on the Trial of Jesus”, em *Judaism*, vol. 20, 1971, p. 11.
- ⁵ Craig A. Evans, “What Did Jesus Do?” em *Jesus Under Fire*. Grand Rapids, MI: Zondervan, 1995, p. 29.
- ⁶ Wright, *Jesus and the Victory of God*, p. 552.
- ⁷ Na obra *The Antiquities*, Josefo se refere ao julgamento e à crucificação de Jesus, sob Pôncio Pilatos. Embora a passagem em que aparece essa informação seja acaloradamente debatida, muitos acadêmicos concordam que Josefo escreveu um texto básico (que inclui as referências a Pilatos) ao qual cristãos posteriores fizeram acréscimos.
- ⁸ Filo, *Logation and Gaium*.
- ⁹ Wright, *Jesus and the Victory of God*, p. 545, 546.
- ¹⁰ Brown, *The Death of the Messiah*, vol. 2, p. 946.
- ¹¹ Cícero, *Vin Verrem*.
- ¹² Will Durant, *Caesar and Christ*. Nova York: Simon and Schuster, 1944, p. 572.
- ¹³ Flávio Josefo, *De Bello Judaico*, vol. 7.
- ¹⁴ O Dr. Alexander Metherell foi entrevistado por Lee Strobel em *The Case for Christ*. Grand Rapids, MI: Zondervan, 1998, p. 197, 198.
- ¹⁵ William D. Edwards, Wesley J. Gabel e Floyd E. Hosmer, “On the Physical Death of Jesus Christ”, *Journal of the American Medical Association*, vol. 255, n. 11, 21 de março de 1986.
- ¹⁶ Professor Dr. B. Smalhout, *The Terrible Easter of A.D. 33*. Publicado pela primeira vez em *De Telegraaf*, 25 de março de 1985. Também aparece em *Bijbelse Tijdgenotentrans* (Holanda: Het Spectrum, 1997) traduzido por Brenda Vaughan, p. 10.
- ¹⁷ Tradução ao inglês de Michael W. Holmes, em Michael W. Holmes, *The Apostolic Fathers: Greek Texts and English Translations*, 2 ed. Grand Rapids, MI: Baker, 1999, p. 227.
- ¹⁸ Smalhout, *The Terrible Easter of A.D. 33*, p. 4.
- ¹⁹ J. W. Hewitt, “The Use of Nails in the Crucifixion”, *Harvard Theological*

Review, vol. 25, 1932, p. 29-45.

- ²⁰ N. Haas, “Anthropological Observations on the Skeletal Remains from Giv’at ha-Mivtar”, *Israel Exploration Journal* vol. 20, 1970, p. 57.
- ²¹ Cícero, *Orations*, Sermão 13, 12:27; Evangelho de Pedro 4.14.
- ²² Veja William D. Edwards, Wesley J. Gabel e Floyd E. Hosmer, “On the Physical Death of Jesus Christ”, p. 1462, 1463; C. Truman Davis, “The Crucifixion of Jesus”, *Arizona Medicine*, março de 1965, p. 185, 186; Stuart Bergsma, “Did Jesus Die of a Broken Heart?” *The Calvin Forum*, março de 1948, p. 165; Alexander Metherell em Lee Strobel, *The Case for Christ*, p. 199.
- ²³ Michael Green, *Man Alive*. Downers Grove, IL: InterVarsity Press, 1968, p. 33.
- ²⁴ *Ibid.*, p. 573.
- ²⁵ John Ankerburg e John Weldon, *Knowing the Truth About the Resurrection*. Eugene, OR: Harvest House, 1996), p. 12.
- ²⁶ Paul L. Maier, *First Easter*. Nova York: Harper and Row, 1973, p. 112.
- ²⁷ Gary R. Habermas, “Why I Believe the New Testament Is Historically Reliable”, em *Why I Am a Christian: Leading Thinkers Explain Why They Believe*, editado por Norman L. Geisler e Paul K. Hoffman. Grand Rapids, MI: Baker Books, 2001, p. 150.
- ²⁸ John Dominic Crossan, *Who Killed Jesus?*. Nova York: Harper Collins, 1996, p. 5.

Capítulo 15: Fatos Cruciais sobre o Sepultamento de Cristo

- ¹ William Lane Craig, *Assessing the New Testament Evidence for the Historicity of the Resurrection of Jesus*. Lewiston, NY: Edwin Mellen, 1989, p. 185, 186.
- ² *Ibid.*, p. 186.
- ³ *Ibid.*, p. 187.
- ⁴ John Dominic Crossan, *Jesus: A Revolutionary Biography*. São Francisco: Harper and Row, 1994, capítulo 6.
- ⁵ William Lane Craig, “Did Jesus Rise from the Dead?”, *Jesus Under Fire*. Grand Rapids, MI: Zondervan, 1995, p. 142.
- ⁶ Gary R. Habermas, *The Historical Jesus: Ancient Evidence for the Life of Christ*. Joplin, MO: College Press, 1996, capítulo 7.

- ⁷ R. Raymond E. Brown, *The Death of the Messiah*, vol. 2. Nova York: Doubleday, 1994, p. 1240.
- ⁸ John A. T. Robinson, *The Human Face of God*. Filadélfia, PA: Westminster Press, 1973), p. 131.
- ⁹ Flávio Josefo, citado em *The Works of Josephus: Complete and Unabridged*, traduzido por William Winston. Peabody, MA: Hendrickson, 1996, 1987, S. Wars 4. 317.
- ¹⁰ Seder Nezikin, “Sanhedrin 46A”, *The Babylonian Talmud*. Londres: The Sancino Press, 1935, p. 304.
- ¹¹ A. P. Bender, “Beliefs, Elites, and Customs of the Jews, Connected with Death, Burial, and Mourning”, *The Jewish Quarterly Review*, vol 7, 1895, p. 259, 260.
- ¹² Flávio Josefo, *Antiquities of the Jews*, vol. 3, capítulo 8, seção 3.
- ¹³ Bender, “Beliefs, Rites, and Customs of the Jews, Connected with Death, Burial, and Mourning” p. 261.
- ¹⁴ Ibid.
- ¹⁵ João Crisóstomo, *Homilies of St. John*. Grand Rapids, MI: Eerdmans, reimpressão 1969, p. 321. Reimpresso com autorização do editor. Todos os direitos reservados.
- ¹⁶ *The Mishnah*, tradução de Herbert Danby. Londres: Oxford University Press, 1933, Middoth 1.1-1.2.
- ¹⁷ Alfred Edersheim, *The Temple: Its Ministry and Services*. Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1958, reimpresso por Hendrickson Publishers, 1994.
- ¹⁸ A. T. Robertson, *Word Pictures in the New Testament*. Nashville, TN: Broadman & Holman, 1930, p. 239.
- ¹⁹ Brown, *The Death of the Messiah*, vol. 2, p. 1295.
- ²⁰ John Wenham, *Easter Enigma*. Oxford, UK: Paternoster Press, 1984, p. 74.
- ²¹ Brown, *The Death of the Messiah*, vol. 2, p. 1311.
- ²² Flávio Vegítio Renato, *The Military Institutes of the Romans*.
- ²³ T. G. Tucker, *Life in the Roman World of Nero and St. Paul*. Nova York: Macmillan, 1910, p. 342.
- ²⁴ Dr. George Currie, que fez a sua dissertação de doutorado sobre a custódia romana (Graduate Council of Indiana University, 1928); Dr. William Smith, editor do *Dictionary of Greek and Roman Antiquities*, edição revisada (Londres: James Walton and John Murray, 1870); e, mais recentemente,

Lawrence Keppie, *The Making of the Roman Army: From Republic to Empire* (Baltimore, MA: Johns Hopkins University Press, 1991).

- ²⁵ Paul L. Maier, *First Easter*. Nova York: Harper and Row, 1973, p. 111.
- ²⁶ Wenham, *Easter Enigma*, p. 79.
- ²⁷ William Lane Craig, citado em entrevista a Lee Strobel, *The Case for Christ*. Grand Rapids, MI: Zondervan, 1998, p. 212.
- ²⁸ William Lane Craig, *Assessing the New Testament Evidence for the Historicity of the Resurrection of Jesus*. Lewiston, NY: Edwin Mellen Press, 1989, p. 207.
- ²⁹ Lawrence Keppie, *The Making of the Roman Army*. Londres: B. T. Batsford Ltd., 1984, p. 38, 57.
- ³⁰ Wenham, *Easter Enigma*, p. 72, 73.
- ³¹ Henry Summer Maine, *Ancient Law*. Nova York: Henry Holt and Company, 1888, p. 203.
- ³² Maier, *First Easter*, p. 119.
- ³³ Ibid, p. 118, 119.
- ³⁴ Norman L. Geisler, *Baker Encyclopedia of Christian Apologetics*. Grand Rapids, MI: Baker Books, 1999, p. 48.

Capítulo 16: Fatos da Ressurreição que Devem Ser Considerados

- ¹ Paul L. Maier, “The Empty Tomb as History”, *Christianity Today*, vol. 19, 28 de março de 1975, p. 5.
- ² Stephen T. Davis, *Risen Indeed*. Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1993, p. 79, 80.
- ³ Maier, “The Empty Tomb as History”, p. 5.
- ⁴ Ronald Sider, “A Case for Easter”, *HIS Magazine*, 29 de abril de 1972, p. 17-31.
- ⁵ J. P. Moreland, *Scaling the Secular City*. Grand Rapids, MI: Baker Book House, 1987, p. 163.
- ⁶ A. J. M. Wedderburn, *Beyond Resurrection*. Peabody, MA: Hendrickson Publishers, 1999, p. 63.
- ⁷ Edwin Yamauchi, “Easter—Myth, Hallucination, or History?” *Christianity Today*, vol. 4, 15 de março de 1974, p. 4-16.
- ⁸ Eusébio, *Hist. Eccl.* 2. 23. 18, conforme citado em Wedderburn, *Beyond Resurrection*, p. 63.

- ⁹ Frank Morrison, *Who Moved the Stone?*. Downers Grove, IL: InterVarsity Press, 1969, p. 94.
- ¹⁰ Moreland, *Scaling the Secular City*, p. 161.
- ¹¹ Davis, *Risen Indeed*, p. 72, 73.
- ¹² Dale C. Allison, *Resurrecting Jesus: The Earliest Christian Tradition and Its Interpreters*. Nova York: T. & T. Clark, 2005, p. 332.
- ¹³ Paul L. Maier, *First Easter*. Nova York: Harper and Row, 1973, p. 98.
- ¹⁴ William Lane Craig, entrevistado por Lee Strobel em *The Case for Christ*. Grand Rapids, MI: Zondervan, 1998, p. 220.
- ¹⁵ William Lane Craig, *The Son Rises*. Eugene, OR: Wipf and Stock Publishers, 2000, p. 88.
- ¹⁶ Michael Grant, *Jesus: An Historian's Review of the Gospels*. Nova York: Charles Scribner's Sons, 1977, p. 176.
- ¹⁷ George Currie, *The Military Discipline of the Romans from the Founding of the City to the Close of the Republic*, uma parte da sua dissertação, publicada sob os auspícios do Graduate Council of Indiana University, 1928.
- ¹⁸ Bill White, *A Thing Incredible*. Israel: Yanetz Ltd., 1976.
- ¹⁹ Michael Green, *The Empty Cross of Jesus*. Downers Grove, IL: InterVarsity Press, 1984, p. 22, 23.
- ²⁰ Reginald H. Fuller, *The Foundations of New Testament Christology*. Nova York: Scribner's, 1965, p. 142.
- ²¹ Gary R. Habermas, *The Historical Jesus: Ancient Evidence for the Life of Christ*. Joplin, MO: College Press, 1996, capítulo 7.
- ²² Hans von Campenhausen, "The Events of Easter and the Empty Tomb", em *Tradition and Life in the Early Church*. Filadélfia, PA: Fortress, 1968, p. 44.
- ²³ Craig, *The Son Rises*, p. 94.
- ²⁴ C. H. Dodd, "The Appearances of the Risen Christ: A Study in the Form Criticism of the Gospels", em *More New Testament Studies*. Manchester, UK: University of Manchester Press, 1968, p. 128.
- ²⁵ Norman L. Geisler, *Baker Encyclopedia of Christian Apologetics*. Grand Rapids, MI: Baker Books, 1999, p. 654.
- ²⁶ Craig, *The Son Rises*, p. 94, 95.
- ²⁷ Merril C. Tenney, "The Resurrection of Jesus Christ", em *Prophecy in the*

Making, editado por Carl Henry. Carol Stream, IL: Creation House, 1971, p. 59.

²⁸ Josefo, *Antiquities* 20:200; veja Gary Habermas e Michael Licona, *The Case for the Resurrection*. Grand Rapids: Kregel Publishers, 2004, p. 68.

²⁹ Este comentário foi feito em uma conversa com Josh McDowell, em janeiro de 1981.

Capítulo 17: Esforços para Refutar a Ressurreição

¹ John Ankerburg e John Weldon, *Knowing the Truth About the Resurrection*. Eugene, OR: Harvest House, 1996, p. 17.

² J. N. D. Anderson, *Christianity: The Witness of History*. Carol Stream, IL: Tyndale, 1970, p. 105.

³ Philip Schaff, *History of the Christian Church*, vol. 1. Nova York: Charles Scribner's Sons, 1882, p. 175.

⁴ Exemplos de pessoas que recentemente defenderam essa teoria: Evan Fales, "Successful Defense? Uma revisão de *In Defense of Miracles*", em *Philosophia Christi*, série 2, vol. 3, n. 1, novembro de 2001, p. 16-35; Dan Barker, *Losing Faith in Faith: From Preacher to Atheist* (Madison, WI: Freedom from Religion Foundation, Inc, 1992), p. 373.

⁵ Para uma refutação abrangente da teoria do mito, veja Gunter Wagner, *Pauline Baptism and the Pagan Mysteries* (Londres: Oliver and Boyd, 1967); Ronald H. Nash, *The Gospel and the Greeks* (Richardson, TX: Probe Books, 1992); J. Gresham Machen, *The Origin of Paul's Religion* (Nova York: Macmillan, 1925), reimpr. (Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1970); William Lane Craig, "On the Empty Tomb of Jesus", e Gary Habermas, "On the Resurrection Appearances of Jesus", em *Philosophia Christi*, série 2, vol. 3, n. 1, nov. 2001, p. 67-87. Reimpressão com autorização do editor. Todos os direitos reservados.

⁶ Michael Grant, *Jesus: An Historians Review of the Gospels*. Nova York: Macmillan, 1992, p. 200.

⁷ John Dominic Crossan, *Jesus: A Revolutionary Biography*; Charles Alford Guignebert *Jesus*. Nova York: New York Univ. Books, Inc., 1956, p. 500.

⁸ Stephen T. Davis, *Risen Indeed*. Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1993, p. 81.

⁹ Kirsopp Lake, *The Historical Evidence for the Resurrection of Jesus Christ*. Nova York: Putnam's Sons, 1907.

¹⁰ William Lane Craig, *The Son Rises*. Eugene, OR: Wipf and Stock

Publishers, 2000, p. 42.

- ¹¹ Peter Kreeft e Ronald K. Tacelli, *Handbook of Christian Apologetics*. Downers Grove, IL: InterVarsity Press, 1994, p. 190, 191.
- ¹² J. N. D. Anderson, “The Resurrection of Jesus Christ”, *Christianity Today*. 29 de março de 1968, p. 6.
- ¹³ Dan Cohn Sherbock, “The Resurrection of Jesus: A Jewish View”, em *Resurrection Reconsidered*, p. 200.
- ¹⁴ N. T. Wright, “Christian Origins and the Resurrection of Jesus: The Resurrection as a Historical Problem”, *Sewanee Theological Review*, vol. 41:2 (Páscoa 1998), p. 111, ênfase minha.
- ¹⁵ N. T. Wright, “The Transforming Reality of the Bodily Resurrection”, em *The Meaning of Jesus: Two Visions*, de N. T. Wright e Marcus Borg. Nova York: HarperCollins Publishers, 1999, p. 115.
- ¹⁶ Michael Licona, “Paul on the Nature of the Resurrection Body” em *Buried Hope or Risen Savior? The Search for the Jesus Tomb*, editado por Charles L. Quarles. Nashville, TN: B&H Academic, 2008, p. 177-198.
- ¹⁷ Davis, *Risen Indeed*, p. 56.
- ¹⁸ Norman L Geisler, *Baker Encyclopedia of Christian Apologetics*. Grand Rapids, MI: Baker Books, 1999, p. 662.
- ¹⁹ Gary Habermas e J. P. Moreland, *Beyond Death*. Wheaton, IL: Good News Publishers, 1998, p. 119.
- ²⁰ Theodore R. Sarbin e Joseph B Juhaz, “The Social Contact of Hallucinations”, *Hallucinations: Behavior, Experience and Theory*, editado por R. K. Siegel e L. J. West. Nova York: John Wiley & Sons, 1975, p. 242.
- ²¹ Ibid.
- ²² Habermas e Moreland, *Beyond Death*, p. 120.
- ²³ Licona, *Cross Examined*. Virginia Beach, VA: TruthQuest Publishers, 1998, p. 90.
- ²⁴ Gary Collins, PhD, em correspondência pessoal com Gary Habermas. Registrado em Gary R. Habermas, “The Recent Revival of Hallucination Theories”, em *The Christian Research Journal*, vol. 23, n. 4, 13 de agosto de 2001, p. 48.
- ²⁵ Ibid.
- ²⁶ Habermas, “The Recent Revival of Hallucination Theories”, p. 47.

- ²⁷ Paul Little, *Know Why You Believe*. Wheaton, IL: Scripture Press, 1967, p. 68, 69.
- ²⁸ Kreeft e Tacelli, *Handbook of Christian Apologetics*, p. 187.
- ²⁹ N. T. Wright, “The Transforming Reality of the Bodily Resurrection”, *The Meaning of Jesus: Two Visions*, de N. T. Wright e Marcus Borg. Nova York: HarperCollins Publishers, 1999, p. 114, 115.
- ³⁰ Craig, *The Son Rises*, p. 133.
- ³¹ Para uma refutação em profundidade da teoria da alucinação, recomendamos a obra de William Lane Craig e Gerd Ludemann, *Jesus’ Resurrection: Fact or Figment?* Editado por Paul Copan e Ronald K. Tacelli. Downers Grove, IL: Intervarsity Press, 2000.
- ³² Licona, *Cross Examined*, p. 94.
- ³³ Para uma excelente resposta às declarações do islamismo, veja a obra de Norman L. Geisler e Abdul Saleeb, *Answering Islam: The Crescent in Light of the Cross* (Grand Rapids, MI: Baker, 1993) e answeringislam.org.
- ³⁴ John Gilchrist, *Facing the Muslim Challenge*. África do Sul: MERCSA, 1999, p. 122.
- ³⁵ Michael Licona, *Paul Meets Muhammad: A Christian-Muslim Debate on the Resurrection*. Grand Rapids, MI: Baker Books, 2006, p. 55.

Capítulo 18: Refutando as Teorias do Sepulcro Vazio

- ¹ Bill White, *A Thing Incredible*. Jerusalém: Yanetz Ltd, edição revisada, 1976, p. 9.
- ² Paul L. Maier, *First Easter*. Nova York: Harper and Row, 1973, p. 120.
- ³ Justino Mártir, *Dialogue Against Trypho #108*.
- ⁴ Eusébio, *Demonstratio Evangelica*.
- ⁵ Charles Colson, *How Now Shall We Live?*. Wheaton, IL: Tyndale House Publishers, 1999, p. 275, 276.
- ⁶ Simon Greenleaf, *The Testimony of the Evangelists: The Gospels Examined by the Rules of Evidence*. Grand Rapids, MI: Kregel Classics, 1995, p. 31-33.
- ⁷ Alexander Maclaren, *Expositions of Holy Scripture*, vol. 7, “Gospel of St. John”. Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1959, p. 340. Reimpressão com autorização do editor. Todos os direitos reservados.
- ⁸ Paul Little, *Know Why You Believe*. Wheaton, IL: Scripture Press, 1967, p.

173.

- ⁹ Justice Antonin Scalia, citado em William Proctor, *The Resurrection Report*. Nashville, TN: B&H Publishers, 2000, p. 181. Este artigo foi publicado pela primeira vez no *Washington Post* e foi citado em *Palm Beach Post*, 10 de abril de 1996, p. 3A.
- ¹⁰ J. P. Moreland, *Scaling the Secular City: A Defense of Christianity*. Grand Rapids, MI: Baker Academic, 1987, p. 172.
- ¹¹ Edward Gibbon, *The History of the Decline and Fall of the Roman Empire*. Chicago: William Benton, Publishers, reimpresso em 1952, p. 179.
- ¹² J. N. D. Anderson, *Christianity: The Witness of History*. Carol Stream, IL: Tyndale, 1970, p. 92.
- ¹³ John Stott, *Basic Christianity*, 2 ed. Downers Grove, IL: InterVarsity Press, 1971, p. 50.
- ¹⁴ R. Raymond E. Brown, *The Death of the Messiah*, vol. 1. Nova York: Doubleday, 1994, p. 1.206, 1.207.
- ¹⁵ Ibid.
- ¹⁶ Montgomery, *History and Christianity*. Downers Grove, IL: InterVarsity Press, 1964; reimpressão 1971, p. 35.
- ¹⁷ David Friedrich Strauss, *The Life of Jesus for the People*, vol. 1, 2 ed. Londres: William & Norgate, 1879, p. 412.
- ¹⁸ Albert Schweitzer, *The Quest of the Historical Jesus: A Critical Study of Its Progress from Reimarus to Wrede*, tradução de J. W. Montgomery a partir da versão alemã de 1906. Nova York: Macmillan, 1968, p. 56-67.
- ¹⁹ Brown, *The Death of the Messiah*, p. 1.373.
- ²⁰ Gerd Ludemann, *What Really Happened to Jesus*. Louisville, KY: Westminster John Knox Press, 1995 p. 17.
- ²¹ Marcus Borg, *Jesus: A New Vision: Spirit, Culture, and the Life of Discipleship*. São Francisco: Harper Collins, 1987, p. 179
- ²² William Lane Craig, *The Son Rises*. Eugene, OR: Wipf and Stock Publishers, 2000, p. 39.
- ²³ Hugh Schonfield, *The Passover Plot*. Nova York: Bantam Books, 1965, p. 165.
- ²⁴ *Saturday Review*, 3 de dezembro de 1966, p. 43.
- ²⁵ Gary Habermas, *The Verdict of History*. Nashville, TN: Thomas Nelson Publishers, 1988, p. 56.

- ²⁶ Luke Timothy Johnson, *The Real Jesus*. São Francisco: HarperSanFrancisco, 1996, p. 30.
- ²⁷ *Newsweek*, 8 de agosto de 1966, p. 51.
- ²⁸ Gregory Boyd, *Cynic, Sage, or Son of God?*. Wheaton, IL: Bridgepoint, 1995, p. 293.
- ²⁹ N. T. Wright, *The Resurrection of the Son of God*. Mineápolis, MN: Augsburg Fortress Press, 2003, p. 710.

Capítulo 19: A Evidência Circunstancial

- ¹ *McCormick's Handbook of the Law of Evidence*. St. Paul, MN: West Publishing Company, second edition, 1972, p. 435-437.
- ² Pamela Binnings Ewen, *Faith on Trial*. Nashville, TN: B&H Publishers, 1999, p. 7, 8.
- ³ J. N. D. Anderson, "The Resurrection of Jesus Christ", *Christianity Today*, 29 de março de 1968, p. 9.
- ⁴ Daniel Fuller, *Easter Faith and History*. Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1965, p. 259. Reimpresso com autorização do editor. Todos os direitos reservados.
- ⁵ J. P. Moreland, *Scaling the Secular City: A Defense of Christianity*. Grand Rapids, MI: Baker Academic, 1987, p. 180.
- ⁶ J. P. Moreland, citado na obra de Lee Strobel, *The Case for Christ*. Grand Rapids, MI: Zondervan, 1998, p. 253.
- ⁷ *Ibid*, p. 250.
- ⁸ Barry R. Levanthal, "Why I Believe Jesus Is the Promised Messiah", em *Why I Am a Christian: Leading Thinkers Explain Why They Believe*, editado por Norman L. Geisler e Paul K. Hoffman. Grand Rapids, MI: Baker Books, 2001, p. 216, 217.
- ⁹ *Ibid.*, p. 218.
- ¹⁰ Simon Greenleaf, *The Testimony of the Evangelists: The Gospels Examined by the Rules of Evidence*. Grand Rapids, MI: Kregel Classics, 1995, p. 32.
- ¹¹ George Eldon Ladd, *The New Testament and Criticism*. Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1967, p. 188. Reimpresso com autorização do editor. Todos os direitos reservados.

SOBRE OS AUTORES

Josh McDowell, quando jovem, considerava-se um agnóstico e acreditava que o cristianismo fosse algo sem valor. Entretanto, depois de ser desafiado a examinar intelectualmente as reivindicações do cristianismo, Josh descobriu evidências estimulantes e surpreendentes relacionadas à confiabilidade da fé cristã. Ele começou a crer em Jesus Cristo, e a sua vida foi totalmente transformada à medida que passou a experimentar o poder do amor de Deus.

Após sua conversão, houve uma mudança nos planos de Josh: ele passou a considerar a possibilidade de cursar um seminário bíblico, em vez da faculdade de Direito. Sentiu o desejo de proclamar a verdade de Jesus Cristo a um mundo duvidoso. Josh concluiu o Ensino Médio no Wheaton College, e mais tarde foi graduado com o título Master of Divinity no Talbot Theological Seminary. Em 1964, Josh passou a integrar a equipe da Campus Crusade for Christ International. Pouco tempo depois, o Ministério Josh McDowell foi fundado com o objetivo de alcançar jovens em todas as partes do mundo, levando a eles a verdade e o amor de Jesus Cristo.

Conhecido como um orador bem articulado, Josh já falou a mais de 10 milhões de jovens através de mais de 23.000 palestras que proferiu em pelo menos 115 países. À medida que viajava por várias nações, Josh percebeu rapidamente que onde os jovens estavam enfermos, sem moradia e famintos, as palavras, sozinhas, não eram o bastante. Assim, em 1991 ele fundou a Operation Carelift com a finalidade de ajudar a atender às necessidades físicas e espirituais nos orfanatos, hospitais e prisões nos países que formavam a antiga União Soviética. Desde o início de suas atividades, essa organização já distribuiu, a nações além-mar, mais de 46 milhões de dólares em forma de ajuda humanitária (alimentos, roupas e suprimentos médicos).

Durante os seus 47 anos de ministério, Josh foi autor ou coautor de 112 livros, incluindo *Mais que um Carpinteiro*, que foi traduzido para mais de 85 idiomas, e *Novas Evidências que Exigem um Veredicto*, que foi reconhecido pela revista *World Magazine* como um dos livros mais influentes do século XX. Josh foi indicado 36 vezes para o prêmio Gold Medallion Award, e

escolhido 4 vezes para receber esse prêmio importante.

Josh e sua esposa, Dottie, estão casados há 40 anos, e têm 4 filhos e 2 netos preciosos.

Sean McDowell é diretor do Departamento Bíblico da Capistrano Valley Christian Schools, onde leciona os cursos de Apologética, Teologia e Bibliologia do Antigo Testamento. Sean possui a graduação summa cum laude do Talbot Theological Seminary, com dupla graduação, em Teologia e Filosofia. Sean recebeu o prêmio de Educador do Ano da San Juan Capistrano em 2008, e o seu treinamento em Apologética foi premiado com o título de “Exemplary Status” pela Association of Christian Schools International.

Sean é um palestrante conhecido, ministrando em campus de universidades, igrejas, escolas e também em conferências realizadas em todas as partes dos Estados Unidos. Ele já foi palestrante para várias organizações como Focus on the Family, Campus Crusade for Christ, Youth Specialties, Wisdom Works e também para a Association of Christian Schools International. Sean é o palestrante nacional e palestrante conferencista para a Wheatstone Academy (www.wheatstoneacademy.com), uma organização que se dedica a treinar jovens, fornecendo-lhes uma perspectiva bíblica de mundo. Sean também já participou, como convidado, de programas de rádio como *The Bible Answer Man*, *Family Life*, *Focus on the Family*, *Point of View*, *The Frank Pastore Show*, *The Michael Reagan Show*, *Converse with Scholars* e *Stand to Reason*.

Sean é coautor da obra *Understanding Intelligent Design* (junto com William A. Dembski). Também é autor das obras *Ethix: Being Bold in a Whatever World* e *Apologetics for a New Generation*. É o editor geral da obra *The Apologetics Study Bible for Students*. Também já colaborou com o *YouthWorker Journal*, com a revista *Decision Magazine* e com o *Christian Research Journal*, além de colaborar regularmente com os blogs da www.conversantlife.com.

Em abril de 2000, Sean se casou com a mulher que amava desde o colegial, Stephanie. Eles têm dois filhos, Scottie e Shauna, e vivem em San Juan Capistrano, na Califórnia.

INFORMAÇÕES PARA CONTATO COM OS AUTORES

Você pode contatar Josh McDowell pelo seguinte endereço: Josh McDowell
Ministry P.O. Box 131000
Dallas, TX 75313
972-907-1000
josh@josh.org

Visite também:

www.josh.org

www.new.facebook.com/pages/JoshMcDowell/14589320545

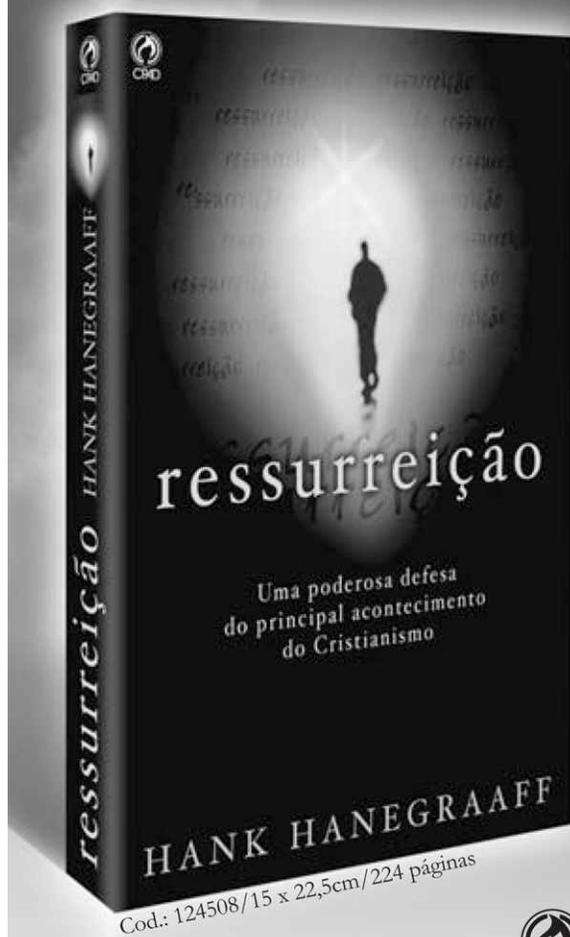
Myspace.com/joshmcdowellministry

www.Joshmcdowell.blogspot.com

www.Youtube.com/joshmcdowell

Para mais informações a respeito de Sean McDowell e seu ministério, ou para contatos e informações a respeito de seus livros, por favor acesse:
www.seanmcdowell.org

Três dias após a morte de Jesus na cruz,
um fato mudou para sempre
a história da humanidade



Cod.: 124508/15 x 22,5cm/224 páginas

Ressurreição

Hank Hanegraaff

A ressurreição é mais certa do que a própria morte. Sem ela, não há esperança, nem mesmo cristianismo. Esta é a convicção de Hank Hanegraaff em seu mais recente livro, no qual expõe os erros dos ataques contra a ressurreição de Jesus desferidos pelas mais variadas correntes de pensamento. O autor responde bíblicamente às falsas visões acerca da ressurreição e também algumas das mais frequentes perguntas sobre este importante tema.

Autor:

Hank Hanegraaff é o presidente do *Christian Research Institute* nos EUA, participa do programa "*Bible Answer Man*" com uma audiência de mais de 120 milhões de pessoas e é o autor dos livros

Cristianismo em Crise e **A Oração de Jesus**, lançados pela CPAD.



www.cpad.com.br